COLETÂNEAS *de*

Aconselhamento Bíblico

Volume 3

Neste volume:

A PALAVRA DO EDITOR
Palavras confiáveis em tempos difíceis

ACONSELHAMENTO
Aconselhamento é a igreja
Uma filosofia bíblica para o ministério de aconselhamento: entrevista com Steve Viars
O rio do discipulado
As manhãs corriqueiras de domingo e o dia-a-dia
Interprete a Bíblia, interprete a pessoa: uma entrevista com John Street
Conversa entre vizinhos: um diálogo entre a psicologia secular e o aconselhamento bíblico
Quando conselheiros e aconselhados se defrontam com o sofrimento
Com o destino em vista: ajudando os aconselhados a verem a vida pela perspectiva do Salmo 73
Palavras de esperança para aqueles que lutam com a depressão
A ambiguidade na cura da alma
Motivação: por que faço o que faço?
"Eu não consigo me perdoar"
Irado com Deus
Matando o dragão: uma luta contra a pornografia

PERGUNTAS E RESPOSTAS
Os diagnósticos psiquiátricos para a depressão são válidos e úteis?
Quais os limites da confidência no aconselhamento?

RESENHAS
As cinco linguagens do amor
Conexão: o poder dos relacionamentos humanos - o plano de Deus visando a cura emocional

Christian Counseling & Educational Foundation
RESTORING CHRIST in COUNSELING & COUNSELING in the CHURCH

SEMINÁRIO BÍBLICO PALAVRA DA VIDA
SBPV
ATIBAIA/SP - BRASIL

COLETÂNEAS DE Aconselhamento Bíblico

Volume 3

A PALAVRA DO EDITOR

02 Palavras confiáveis em tempos difíceis - *David W. Smith*

ACONSELHAMENTO

04 Aconselhamento é a igreja - *David A. Powlison*

11 Uma filosofia bíblica para o ministério de aconselhamento: entrevista com Steve Viars - *David A. Powlison*

27 O rio do discipulado - *Steve Viars*

31 As manhãs corriqueiras de domingo e o dia-a-dia - *Timothy Lane*

46 Interprete a Bíblia, interprete a pessoa: uma entrevista com John Street - *David Powlison*

57 Conversa entre vizinhos: um diálogo entre a psicologia secular e o aconselhamento bíblico - *Edward Welch*

77 Quando conselheiros e aconselhados se defrontam com o sofrimento - *John Piper*

91 Com o destino em vista: ajudando os aconselhados a verem a vida pela perspectiva do Salmo 73 - *Paul D. Tripp*

113 Palavras de esperança para aqueles que lutam com a depressão - *Edward Welch*

125 A ambiguidade na cura da alma - *David Powlison*

134 Motivação: por que faço o que faço? - *Edward Welch*

146 "Eu não consigo me perdoar" - *Robert Jones*

153 Irado com Deus - *Robert Jones*

163 Matando o dragão: uma luta contra a pornografia - *David Powlison*

PERGUNTAS E RESPOSTAS

173 Os diagnósticos psiquiátricos para a depressão são válidos e úteis? - *Edward Welch*

178 Quais os limites da confidência no aconselhamento? - *George Scipione*

RESENHAS

183 As cinco linguagens do amor - resenha por *David Powlison*

196 Conexão: o poder dos relacionamentos humanos - *o plano de Deus visando a cura emocional* - resenha por *Winston Smith*

Palavras Confiáveis em Tempos Difíceis



David W. Smith[1]

Tempos difíceis! Corrupção e apostasia nos lugares mais inesperados. O próprio chefe do governo "não fez o que era reto perante o Senhor seu Deus..." (2Rs 16.2). Problemas angustiantes permeiam a sociedade, mas uma busca desesperada de soluções nas filosofias humanas mais sofisticadas não traz mais do que um alívio ilusório. Os próprios fiéis ao Senhor estão desnorteados.

O profeta Isaías, por volta de 735 a.C., ofereceu aos seus discípulos um grito de guerra que muito bem dirige-se aos nossos tempos: "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles" (Is 8.20). Com estas palavras, Isaías explica o tipo de conselho que devemos buscar e o tipo de conselho que devemos rejeitar. "Acaso não consultará o povo ao seu Deus?" (Is 8.19). Diante dos problemas humanos mais complexos, busque o conselho que estiver de acordo com a Palavra de Deus e busque ser um conselheiro digno de confiança – aquele que fala "segundo esta palavra".

Com o lançamento do terceiro volume das Coletâneas de Aconselhamento Bíblico, esperamos enviar uma nova coleção de artigos que sirva de "luz" para a igreja brasileira no campo do aconselhamento – artigos que falam "segundo esta palavra" e orientam o corpo de Cristo na prática ministerial em geral e em assuntos específicos como o sofrimento, a depressão, o passado, o perdão, a pornografia, entre outros.

[1]Dr. David Smith integra a equipe do centro médico Trinity Medical Associates em Knoxville, Tennessee, como conselheiro bíblico. Ministra na área de aconselhamento bíblico há quarenta anos, trinta dos quais foram investidos no Brasil, em ensino no Seminário Bíblico Palavra da Vida em Atibaia, SP. No Brasil, participou do ministério de Capelania Hospitalar no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e ensinou no Seminário Servo de Cristo, em São Paulo. De volta aos Estados Unidos, deu continuidade ao ministério de ensino na área do aconselhamento em The Master's College (2001-2007) na Califórnia, incluindo viagens a Portugal e Austrália com foco no treinamento de conselheiros bíblicos.

Nossa oração continua sendo que o Senhor fortaleça sua confiança no poder e nas riquezas da Palavra de Deus – a espada do Espírito – a fim de que você seja "perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3.17).

Na graça sobre graça do nosso amado Senhor Jesus.

Aconselhamento é a Igreja



David A. Powlison[1]

Jesus dá para Seus discípulos uma grande missão. Aquilo que faz o Maravilhoso Conselheiro tão maravilhoso inclui uma grande quantidade de "atributos comunicáveis". Certamente há atributos que o Senhor guarda para Si mesmo, Seus atributos incomunicáveis: onisciência e onipotência, para começo de conversa. Estes atributos – conhecer todas as coisas e ser capaz de usar todas estas informações – fariam o aconselhamento brilhar!

No entanto, o Senhor nos dá generosamente tudo quanto necessitamos para aconselhar bem. Ele nos ensina a tratar as pessoas com o amor sábio que é capaz de perscrutar cada faceta da condição humana. O Redentor produz *sub-redentores* que podem socorrer outros de forma eficaz naquilo em que precisam de ajuda. O discernimento, o amor e a destreza necessários podem estar presentes em nossas vidas individual e coletivamente. O amor sábio, a alegria com entendimento, a compreensão pacífica, o compromisso paciente com pessoas e problemas a longo prazo também? Sim, o aconselhamento é uma expressão primordial dos frutos que representam o que a Igreja é por definição e aquilo que ela está se tornando pelo processo redentor. O aconselhamento é aquilo que *define* a Igreja – os estagiários do Maravilhoso Conselheiro.

Esta afirmação levanta milhares de perguntas. Neste artigo não vou focalizar a nossa "fé e prática" (o equivalente cristão de "teoria e terapia"), mas as nossas estruturas institucionais. Parece entediante? Não é. Somos criaturas sociais por natureza, nem porcos-espinhos nem elefantes selvagens. As criaturas sociais formam comunidades organizadas de uma forma ou de outra. O aconselhamento é uma atividade que envolve diferentes estruturas organizacionais e funções. Discutire-

[1]Tradução e adaptação de *Counseling is the Church*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.20, n.2, Winter 2002. p. 2-6.

David Powlison é editor de *The Journal of Biblical Counseling*.

mos aqui dois grupos de perguntas acerca das nossas instituições.

O primeiro conjunto de perguntas indaga: "Qual *deve* ser a estrutura social para o aconselhamento se desejamos agradar ao Pastor?" Como deve ser organizada a cura das almas? Quais estruturas institucionais devem estar disponíveis para equipar e supervisionar o ministério um a um? Como deve ser exercido o cuidado pastoral fundamental? Quais credenciais e características definem a liderança e validam o profissionalismo na cura das almas? Qual é o papel do "uns aos outros", da amizade e do discipulado? Como devemos desenvolver e dirigir a fé e a prática, os conceitos e os métodos do nosso aconselhamento para que cresçamos fielmente e permaneçamos fiéis a Deus?

O segundo grupo de perguntas indaga: "Como *tem sido* o desempenho da Igreja no aconselhamento?" Qual é a viabilidade e validade das nossas organizações institucionais atuais? Atendemos às necessidades? Estamos ao menos cientes daquilo de que precisamos? Quais são as implicações decorrentes do fato de que a Igreja carece atualmente de vários componentes institucionais necessários para praticar a cura das almas?

A Bíblia trata não apenas de ideias e práticas, mas também de estrutura social: instituições, comunidades, organização e programas. O Espírito Santo tenciona que desenvolvamos organismos sociais para a cura das almas? A resposta é "Sim". A Igreja – conforme definida na Bíblia – encerra em si uma extraordinária união de papéis de liderança e mutualidade, de papéis especializados e não especializados, de verdade e amor, de sabedoria para viver, de flexibilidade para alcançar uma série de problemas que os pecadores e os sofredores enfrentam. O povo de Deus, funcionando como tal, constitui-se na instituição ideal e desejável para tratar os problemas que nos afligem. Esta instituição pode se adaptar para lidar com milhares de problemas diferentes.

O cuidado e a cura das almas – confortar os sofredores e transformar os pecadores – é um componente do ministério integral da Igreja de acordo com a Bíblia. No entanto, talvez estejamos fazendo a obra com deficiência. O Senhor, cuja vontade está revelada na Bíblia, insta-nos à cura das almas. Se o aconselhamento diz respeito de fato à compreensão e solução da condição humana, se ele lida com os problemas reais de pessoas reais, se menciona o nome de Jesus Cristo (ou deveria, mas não o faz), então ele trafega entre a teologia e a cura das almas. O "aconselhamento" deveria expressar e estar sob a autoridade e ortodoxia da Igreja.

O que a Igreja tem feito com respeito à cura das almas? Para aqueles que compartilham a visão bíblica, não é suficiente proclamar "a Igreja, a Igreja, a Igreja". Esta declaração soa bem e, evidentemente, é verdadeira – na teoria. Mas a Igreja não tem plenamente disponíveis, no atual momento, as declarações de compromisso, os recursos educacionais, os sistemas de treinamento, os mecanismos de supervisão e os locais de ação necessários para corresponder às expectativas. Existem alguns bons começos e sinais promissores – mas ainda resta *muito* espaço para crescimento. A autonomia funcional e o potencial de confusão e erro não são problemas apenas do profissionalismo da saúde mental. Dentro da própria Igreja, a cura das almas opera como uma imagem refletida do

mundo secular, com autonomia e potencial para problemas teológicos e práticos.

Deixe-me dar um exemplo concreto do problema. Pertenço à Presbyterian Church in America (Igreja Presbiteriana na América). Um dos líderes em nossa congregação, que chamarei de André, está no processo de ordenação. Para ser ordenado, reconhecido como competente para pastorear o povo de Deus, André será testado em muitas áreas significativas. Seu caráter pessoal deve preencher os requisitos de maturidade cristã e fidelidade a Cristo experimentadas. Ele precisa passar por exames de conhecimento bíblico, teologia própria (conceito de Deus), soteriologia (conceito de salvação), exegese (sua habilidade de extrair o que a Bíblia diz), história da Igreja (como chegamos onde estamos), governo de igreja local (como que a máquina funciona) e pregação (sua habilidade de falar à multidão e comunicar a ortodoxia verdadeira de maneira graciosa).

E com respeito à cura das almas e o aconselhamento? André não será examinado quanto àquilo que ele acredita e como ele pratica o ministério pastoral. Ele não apresentará um estudo de caso de um casamento em processo de se desfazer, de uma mulher com comportamento bulímico ou de alguém no abismo da depressão. Não existe uma tradição de sabedoria para a cura das almas em que André tenha sido intencional, necessária e sistematicamente instruído. Não existe um sistema institucional - incluindo declaração de fé, educação, qualificação e supervisão - para ajudá-lo a pensar biblicamente sobre o aconselhamento assim como sobre soteriologia, pregação e evangelismo. Sua perspectiva sobre o aconselhamento será uma questão de opinião e consciência. O aconselhamento é um campo ainda desconhecido. André pode crer e fazer o que quiser na área do aconselhamento, desde que seja capaz de dar a resposta correta às perguntas técnicas e teológicas sobre santificação.

Imagine então que André precise lidar com Rogério, um membro problemática da igreja. Rogério é emocionalmente instável, dado a acessos de raiva, surtos de depressão e ansiedade generalizada constante. Seus relacionamentos com outros são distantes e seu histórico no trabalho está manchado. Como pastor da Presbyterian Church in America, André poderia escolher uma entre muitas abordagens essencialmente diferentes para tratar esse membro do rebanho de Cristo. Rogério poderia ser encaminhado a um psiquiatra secular para um tratamento com Prozac para estabilizar seu humor. Ou poderia ser encaminhado a uma clínica de psicologia cristã, para além de tomar Prozac, ser ensinado nos princípios da psicologia unidos a alguns princípios bíblicos. Talvez o próprio André pudesse aconselhar Rogério, investigando a dor e os desapontamentos causados anos atrás por aqueles que deveriam ter cuidado dele, com o propósito de redirecionar os seus anseios profundos por relacionamento para um relacionamento com o Senhor. Ou André poderia tratar Rogério como alguém frustrado na busca de significado, que precisa olhar para Jesus para ganhar o significado que tanto deseja: "Deus não faz lixo, e Jesus o escolheu porque Ele o ama. A criação e a redenção podem ajudá-lo a sentir-se bem consigo mesmo". André poderia tentar identificar e expulsar os demônios da ira, que se ligaram à linhagem familiar de Rogério pelos pecados das

gerações passadas e agora o escravizam. Rogério poderia ser enviado a um psicólogo secular para uma reorganização cognitiva-comportamental que o discipularia em um racionalismo estóico, baseado em um referencial de escolha pessoal, e não no relacionamento com o Salvador vivo. André poderia dar a Rogério um curso de doutrinas cristãs básicas ou uma dose concentrada de sua doutrina favorita. Na verdade, André não precisa nem mesmo acreditar em aconselhamento, mas poderia defender a idéia de que sentar-se e ouvir uma pregação da Palavra, participar do culto e cultivar uma vida devocional mais consistente são suficientes para curar o que aflige a Rogério. Ou ainda André poderia procurar compreender e aconselhar Rogério de acordo com a teoria e a prática do aconselhamento bíblico, com base no que ele entende ser o aconselhamento bíblico (o que, em alguns casos, poderia também incluir componentes das alternativas mencionadas acima). Seja qual for o caso, o tipo de cura e cuidado que Rogério receberá depende da escolha de André. E André não será ensinado, provado, questionado, supervisionado, encorajado ou corrigido no que diz respeito a essa escolha.

Como este problema pode ser resolvido? Quero identificar aqui cinco necessidades. Primeiro e mais importante, o povo cristão ("a Igreja") precisa se tornar *sábio na cura das almas*. Não podemos articular, praticar, ensinar ou regular aquilo que não sabemos como definir ou fazer. A sabedoria bíblica, que inclui entendimento, *insight* perspicaz, habilidade de discernir, amor paciente e generoso, eficácia, receptividade ao ensino, coragem, é altamente atrativa e persuasiva. Estes traços adornam as verdades professadas. É fácil discutir com alguém que apenas agita uma bandeira de compromissos declarados, mas não tem instrução, é ignorante e pretensioso. É mais difícil demolir a perspectiva daqueles que estão sujando suas mãos e fazendo a diferença ao falarem com sabedoria bíblica. A realidade prática é que a Igreja tem sido medíocre no entendimento do processo de mudança e na capacitação para o aconselhamento, o que faz com que as psicoterapias se tornem aceitáveis a muitos, tanto fora como dentro da Igreja. A sabedoria precisa ser articulada conceitualmente, precisa se tornar habilidosa metodologicamente para, então, ser uma realidade institucional. Deixe-me frisar o *institucional*. Quando as pessoas estão com problemas ou transtornadas, *quem* irá ajudá-las? *Onde* está o local social para tal ajuda? *Quanto* irá durar? *Que formas* de ajuda serão oferecidas? Visto que qualquer ministério custa dinheiro, como a ajuda será *financiada*? À medida que um aconselhamento bíblico maduro caracterizar as estruturas e a prática da Igreja, soará cada vez mais plausível que Jesus e a Palavra têm algo fundamental e determinante a nos dizer sobre aconselhamento. Faremos o que precisa ser feito?

Segundo, precisamos de *padrões doutrinários* na cura das almas ou ao menos de um corpo de teologia prática documentado, amplamente reconhecido. Um sistema de teologia prática serve como um documento que podemos subscrever, uma referência que podemos ter como alvo educacional e um padrão por meio do qual podemos ser supervisionados e desafiados com relação à nossa fé e prática. Um credo é um ponto de partida, orientando uma trajetória subsequente de desenvolvimento.

Atualmente, aquilo que se exige em termos de "fé e prática" não inclui uma perspectiva sobre o aconselhamento (a exceção de extensões e aplicações gerais em questões sobre a natureza do ministério, a natureza humana e a santificação progressiva). Fé e prática precisam se estender para incluir questões como "teoria da personalidade", "metodologia do aconselhamento", "dinâmica de mudança" e "prática da cura das almas." Qual é o padrão para fé e prática em aconselhamento?

Terceiro, precisamos de *instituições educacionais* comprometidas com um modelo bíblico distinto de compreensão do ser humano e mudança. Por muitos anos, os seminários não ensinaram praticamente nada sólido sobre a santificação progressiva e as particularidades da cura das almas. Nos últimos 30 anos, os programas e os departamentos de "aconselhamento" explodiram, mas os resultados são muito inconstantes em termos de um pensamento bíblico consistente. Em geral, as faculdades cristãs possuem um departamento de psicologia. Normalmente, porém, o que se ensina não difere em muito daquilo que uma instituição secular ofereceria. Muitas instituições dão uma versão abreviada de teorias e métodos seculares. Poucos ensinam como entender e aconselhar de maneira harmoniosa com a perspectiva bíblica sobre a cura das almas. Como as pessoas aprendem a ser conselheiros habilidosos?

Quarto, a cura das almas precisa tornar-se parte dos *procedimentos de qualificação* da igreja para o reconhecimento de obreiros dignos de confiança e capacitados. Os padrões para o reconhecimento da verdade, do amor e da habilidade precisam ser estabelecidos em dois níveis. Um dos níveis qualifica a liderança pastoral: ordenação. A habilidade na conversação com indivíduos, casais e famílias precisa se tornar requisito tão importante quanto a habilidade de falar à multidão. Os candidatos ao pastorado não deveriam apenas provar que são ortodoxos e podem discursar diante de uma audiência. Eles deveriam apresentar um estudo de caso que mostrasse como entenderiam e tratariam um caso de conflito conjugal, transtorno alimentar ou depressão. Um segundo nível de reconhecimento qualifica os membros de uma igreja local a atuarem em ministérios diversos debaixo da autoridade do pastor e de líderes. Aqui é onde a maior parte do aconselhamento sábio e contínuo, seja formal ou informal, ocorre. Os líderes de grupos pequenos, os mentores, os conselheiros treinados para atuar junto a mães solteiras, entre outros, deveriam atuar dentro de uma perspectiva cristã distinta. A maioria dos cristãos que atualmente aconselham com credenciais de profissionais seculares são pessoas leigas no aspecto eclesiástico e, como parte de seu próprio compromisso com Jesus, eles deveriam voluntariamente submeter suas teorias, métodos e estruturas à supervisão da igreja, e subscrever o modelo cristão distinto para o entendimento do ser humano e do processo de mudança. Como que a sabedoria e a fidelidade no ministério de aconselhamento podem ser reconhecidos e afirmados?

Quinto, precisamos de *estruturas supervisoras* para a cura das almas na Igreja. As profissões seculares ligadas à saúde mental usualmente oferecem educação continuada, disciplina para ofensas morais (quebra de confiança em questões financeiras, sexuais ou confidenciais) e supervisão de casos para o desenvolvimento

contínuo de habilidades e pensamento. A Igreja tem oferecido, com frequência, uma educação continuada (p. ex., livros, conferências de vários tipos, programas de pós-graduação). A Igreja tem disciplinado, frequentemente, por ofensas morais e doutrinárias. Mas a cura das almas tende a escorrer por entre os dedos. Como já disse, é uma atividade opcional com crenças e práticas opcionais: um campo ainda desconhecido. A supervisão pastoral – supervisão e discussão de casos – é uma necessidade evidente dentro das igrejas locais e outros campos de ministério. É necessário que exista uma interação e uma supervisão extensas com relação à fé e prática da cura das almas. A interpretação que se dá à vida e os conselhos que são ministrados aos aconselhados são *importantes*. Um psicoterapeuta secular tem liberdade para adotar qualquer das muitas orientações teóricas – comportamental, cognitiva, psicodinâmica, existencial etc. – ou pode adotar vagamente uma ou outra teoria e trabalhar de modo eclético. A Igreja não crê nesta diversidade teórica, mas procura aprimorar-se na verdade e no amor para ser coerente com o ponto de vista de Deus e com o caráter e o propósito de Jesus Cristo conforme revelados na Bíblia. Como podemos proteger e aumentar a sabedoria no aconselhamento?

Como tem sido o nosso desempenho? As habilidades, os padrões, as estruturas e as funções atuais estão frequentemente muito distantes daquilo que estou propondo. Talvez pareça até ridículo propor que a Igreja exerça domínio na cura das almas. Em nossa cultura, o aconselhamento renegou a Deus e à verdade; ele é basicamente um desertor mesmo quando está dentro da Igreja. Mas sem sabedoria bíblica na verdade, na prática e na estrutura social, nós não podemos funcionar realmente como povo de Deus. A Igreja *é* aconselhamento, conforme Efésios 4. Nosso chamado diz respeito à verdade e ao amor que transformam vidas.

Com certeza, as teorias das psicologias modernas sobre a motivação humana não resistiriam dez minutos se fossem examinadas em uma aula de teologia sistemática sobre a natureza humana. Mas o sapato calça no outro pé também. O estado atual de muitas das estruturas da Igreja, do desenvolvimento teórico e da prática ministerial para a cura das almas não resistiriam dez minutos em uma aula de aconselhamento secular sobre como se envolver profundamente e perseverar no cuidado de uma pessoa problemática! Nas *páginas da Bíblia* temos um modelo de valor (e o mundo secular faria qualquer coisa para ter ao menos algo parecido!): encontramos ali uma união perfeita de pessoas com habilidades especializadas e de recursos da comunidade, uma união perfeita de funções educacionais e de funções corretivas, uma união perfeita de conforto para aqueles que sofrem e de transformação para aqueles cujas vidas precisam de mudança. Mas na prática atual da Igreja, com frequência, tanto aqueles que são identificados como especialistas na cura das almas como a comunidade ficam lamentavelmente aquém da compreensão e competência bíblicas.

Nós que clamamos por um aconselhamento centrado na Igreja enfrentamos um dilema. Não possuímos muitos dos componentes necessários para definir, capacitar obreiros e regular a prática da cura das almas conforme cremos. As deficiências conceituais e estruturais entre os

psicoterapeutas no campo secular refletem-se nas deficiências conceituais e estruturais entre os pastores e demais obreiros cristãos. É bom chamar os cristãos à cura das almas em submissão à doutrina e à vida da igreja local. Mas a igreja precisa *tornar-se* de longe um lugar melhor para onde ir e sob cuja autoridade se colocar.

Creio que orientar a cura das almas em direção ao modelo profissional da saúde mental é fundamentalmente, e até mesmo desastrosamente, errado. Ao mesmo tempo, o compromisso com um ministério de aconselhamento verdadeiramente sábio e orientado pela Igreja está a anos e décadas de apresentar estruturas institucionais significativas. O que precisamos fazer agora? Jesus nos chama a direcionar nossos remos no rumo certo, ainda que o destino pareça bem distante. Tenhamos o propósito certo. Andemos na direção correta. Trabalhemos em direção aos objetivos corretos. Jesus Cristo, nosso Senhor vivo, irá nos aperfeiçoar juntos na maturidade da Sua sabedoria. Efésios 4 nos dá nosso *modus operandi*, bem como nosso objetivo. Espero que esse artigo sirva como um pequena "verdade falada em amor" rumo ao aperfeiçoamento da sabedoria, do amor e do poder que devem nos caracterizar em conjunto como povo do Deus vivo. Cada um de nós precisa trabalhar para desmontar o profissionalismo autônomo, ao invés de contribuir para solidificá-lo. Cada um de nós precisa trabalhar para fazer com que a nossa lealdade professa à Igreja seja uma realidade significativa, ao invés de ser apenas uma mera confissão de boas intenções.

Uma Filosofia Bíblica para o Ministério de Aconselhamento:

entrevista com Steve Viars[1]



David Powlison

DP: Steve, vou começar com uma pergunta pessoal. Você é um crente em Jesus Cristo. Como isso aconteceu?

SV: Cresci em uma igreja muito boa em Gary, Indiana. Certa vez, meu pai olhou para minha mãe e disse: "Precisamos colocar nossos filhos na igreja". Passamos a frequentar, então, a igreja mais próxima da nossa casa.

DP: Quantos anos você tinha?

SV: Naquela época, eu estava com quatro anos de idade. Não sei o quanto meus pais sabiam sobre denominações ou sobre a Bíblia, mas a igreja mais próxima da nossa casa era a Grace Baptist Church (Igreja Batista da Graça). Na providência de Deus, aquela igreja era pastoreada por Bill Goode. Bill conheceu-me desde criança. Portanto, quando ele me contratou como pastor assistente, várias décadas mais tarde, ele sabia o que estava fazendo. Eu também tinha uma boa ideia do homem com quem iria trabalhar lado a lado, o que acredito ser uma das razões por que trabalhamos tão bem juntos. Grace Baptist Church era uma boa igreja, proclamadora fiel do evangelho, mas creio que só assumi um compromisso pessoal com Cristo no último ano do ensino médio. Minha família mudou-se de Gary para um dos subúrbios de classe mais privilegiada. Comecei a me relacionar com pessoas que tinham mais recursos financeiros e acabei me envolvendo em algumas atividades pecaminosas relacionadas a isso. Busquei popularidade, riqueza e as atrações do mundo. Mas quanto mais eu estava cercado por tudo aquilo, e observava aquelas pessoas, mais desagradável tudo se tornava. Naquela época, eu tinha um emprego como *caddie*[2]

[1]Tradução e adaptação de *A Nouthetic Philosophy of Ministry*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.20, n.3, Spring 2002. p. 26-37.

[2]NDT: rapaz que leva os tacos e outros objetos no jogo de golfe.

em um clube de campo, o que me possibilitou vislumbrar o mundo daqueles que possuíam uma abundância de recursos financeiros. À medida que eu escutava aquelas pessoas falarem de suas esposas, seus trabalhos e suas perspectivas de vida, aquilo tudo se tornou repugnante para mim. Continuamos a frequentar a igreja em Gary, embora morássemos no subúrbio, e fiquei dividido entre aqueles dois mundos. Havia uma contradição entre o que eu estava ouvindo na igreja e o que estava buscando no mundo, e o mundo tornava-se cada vez menos atraente para mim.

No último ano do ensino médio, fui convidado para ir a um torneio de basquetebol com um grupo de jovens em Chattanooga, Tenessee. O Espírito Santo estava realmente trabalhando em minha vida. Eu sabia que não era salvo, mas não sabia exatamente o que fazer a respeito disso. Conversei com um pastor de jovens que me mostrou várias coisas nas Escrituras e terminou a conversa com 1João 5.13: "Estas cousas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus". Ele me perguntou abertamente: "Você tem certeza de que possui a vida eterna?" Eu tomei a decisão de conhecer a Cristo ali mesmo. Voltei para minha igreja e professei minha fé em Cristo publicamente. Fui batizado e a igreja alegrou-se comigo. Aquele acontecimento teve um significado maior. A forma com que aquele pastor de jovens conduziu-me do meu estado de medo e dúvida para as Escrituras causou-me forte impacto. Ele respondeu minhas perguntas sempre apontando para a importância da fé. Saí daquela experiência pensando que eu gostaria de ser capaz de usar as Escrituras para ajudar outras pessoas de uma forma semelhante.

DP: As Escrituras satisfazem as pessoas em suas necessidades específicas.

SV: Exatamente. Não que eu nunca tivesse ouvido as Escrituras antes. Eu participava de uma igreja muito boa, mas não estava ainda preparado para aquela decisão. Quando Deus me levou a estar pronto para ouvir, houve uma pessoa que foi muito hábil em responder minhas perguntas e me mostrar a verdade da Palavra de Deus. A Palavra penetrou meu coração como uma faca afiada. Então pensei que eu gostaria muito de poder dedicar minha vida para levar pessoas à cruz, à verdade das Escrituras, assim como aquele homem fez comigo em 29 de dezembro de 1977.

DP: Desde então, passou-se quase um quarto de século. Dê-nos uma descrição do que este relacionamento com Cristo, esta verdade, significa após vinte e cinco anos de vivência e experiência. Quem é Cristo para você? O que a Sua verdade significa?

SV: Quando penso nestes vinte e cinco anos que se passaram, meu relacionamento com Cristo é o que tenho de mais precioso. Procuro começar cada dia agradecendo a Deus por quem Ele é e pela salvação que posso gozar por meio de Cristo. Se eu tivesse a oportunidade de escolher novamente e tomar uma decisão diferente, eu não o faria. Sou tão grato a Deus pela alegria que existe em conhecê-lO, pela aventura de crescer em Cristo, pela verdade que Deus nos deu em Sua Palavra para nos guiar, e agora pelo privilégio de ser capaz de compartilhar esta verdade com outros em uma variedade de cenários ministeriais. Quero ajudar outros a conhecerem a Cristo assim como aquele

pastor ajudou-me a conhecê-lO. Ele me deu um grande presente vindo do Pai celestial, mas entregue humanamente por meio de suas palavras. Eu também quero estar na posição de entregar a verdade a muitas pessoas, aproveitando as oportunidades que Deus me der.

DP: Dê-nos um breve relato de como você se tornou um pastor.

SV: Não muito tempo depois de ter conhecido a Cristo, tive que tomar uma decisão sobre o que fazer da minha vida. Antes de conhecer a Cristo, eu queria ser um dentista, queria ganhar muito dinheiro. Eu já tinha até um esboço de como seria meu consultório! Eu sabia o tipo de carro que queria dirigir.

DP: E sabia a que clube de campo você queria pertencer.

SV: Exatamente. Não que haja algo necessariamente pecaminoso nessas coisas, mas Deus colocou em meu coração um desejo profundo de ser um pastor. Acho interessante que 1Timóteo 3.1 – "Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja" – use a palavra *epithumia*. Embora eu nunca a tenha visto traduzida desta forma, a ênfase é claramente um desejo profundo. Este desejo estava em meu coração não muito depois que conheci a Cristo. Eu ansiava por ser um pastor. Pedi que a igreja local me avaliasse e ajudasse a determinar se eu era ou não chamado para o ministério. Ao final de meu último ano do ensino médio, se você me perguntasse o que eu queria fazer na vida, esta seria a resposta. Daquele ponto em diante, toda minha formação acadêmica e o meu treinamento foram especificamente planejados para me ajudar a me tornar um pastor. É mesmo verdade que estou vivendo meu sonho. Digo isto às pessoas o tempo todo. Não existe nada que eu preferisse fazer ou ser. Vejo como um privilégio fabuloso e irresistível servir como pastor em uma igreja local. Muitas vezes cruzo a porta do meu escritório agradecendo a Deus por esta honra e oportunidade.

DP: Um pastor pode ser definido de várias maneiras. Qual a definição que melhor capta o que você está fazendo?

SV: A palavra "pastor" reúne para mim toda uma variedade de atividades. Gosto de pregar e de preparar sermões, mas isso é apenas parte do que faço. Também gosto de pastorear pessoas no contato um a um e em pequenos grupos. Não creio na "primazia da pregação", mas na primazia do ministério da Palavra de Deus. Isso me dá a oportunidade de pastorear sete dias por semana. Não é algo que faço apenas nas manhãs de domingo. Ministro a Palavra de Deus a pessoas nos mais variados tipos de ministério ao longo de toda a semana. É uma função pastoral, em que encontro grande prazer.

DP: Como é isso?

SV: Posso dar um exemplo que aconteceu duas semanas atrás. Eu estava pregando sobre a vida do apóstolo Pedro – uma oportunidade fabulosa de percorrer sua vida cronologicamente. O desafio do sermão de domingo começa com fazer uma exegese correta do texto bíblico e depois pensar na aplicação apropriada para todas as pessoas que ouvirão a mensagem. Esforço-me para encontrar aplicações da

Palavra de Deus que sejam corretas, apropriadas e desafiadoras. Nunca sei com certeza o pano de fundo de todos quantos chegam à igreja no domingo, o que as pessoas têm vivido, pelo que elas têm passado, mas me esforço o quanto posso para fazer do sermão algo prático, específico e relevante. Durante todo o processo, confio no Espírito Santo para completar a obra. No dia seguinte, enquanto eu trabalhava com minha esposa do lado de fora da igreja, levantei os olhos e vi uma mulher de pé na calçada. Não havia muito tempo que ela estava frequentando nossa igreja. Ela disse: "Pastor Viars, eu gostaria de falar com o senhor sobre o sermão de ontem. Seria possível?" Agendamos um encontro para o final daquele dia, aproveitando um horário vago em minha agenda de aconselhamento. Ela me disse: "Escutei o que o senhor nos disse da Palavra de Deus. Agora posso lhe contar o que está acontecendo em minha vida? Poderia me ajudar a unir as duas coisas?" Ela me contou as lutas e as dificuldades específicas que estava passando. Também trouxe seu marido para ajudá-la a contar a história. Depois de escutá-la cuidadosamente e fazer perguntas, fui capaz de ajudá-la a aplicar especificamente à sua situação aquilo que eu tinha pregado no dia anterior. Desde então, temos feito isso a cada semana, em um relacionamento de aconselhamento. Ela e seu marido disseram recentemente: "Reconhecemos que estamos crescendo mais rapidamente do que nunca. É tão maravilhoso poder sentar no domingo e ouvir a Palavra pregada, e então vir aqui às segundas-feiras, contar ao senhor o que está acontecendo em nossas vidas e receber ajuda para aplicá-la. Estamos cientes de que chegaremos a um ponto em que teremos maior habilidade para fazê-lo prontamente por nós mesmos ou em um grupo de discipulado na igreja. Mas agora é muito útil ter um encontro com o senhor no domingo e outro na segunda-feira." A verdade é que embora eu ame o que faço no domingo, tenho igual alegria no que faço na segunda-feira.

DP: Costumo dizer aos meus alunos: "Não há nada que se compare à alegria de ver uma vida crescer diante de seus olhos". Você não percebe este crescimento se tudo quanto faz resume-se ao seu tempo de estudo e ao púlpito.

SV: Creio que em certo sentido este trabalho ajuda-me a me tornar mais efetivo no domingo seguinte. Se tenho o privilégio de aconselhar pessoas e conhecer as situações diferentes que estão enfrentando, os tipos de pergunta que fazem e as lutas que passam, isto leva-me de volta ao Senhor e às Escrituras. Quando estou preparando uma mensagem, o aconselhamento ajuda-me a pensar de um ponto de vista que eu não teria ganhado de outra forma. O aconselhamento pode ser difícil, desafiador e frustrante algumas vezes, mas pessoalmente preciso deste tipo de desafio e frustração porque ele me leva de volta à Palavra e me ajuda a estudar os textos bíblicos de forma que eu não estou certo se teria motivação para fazer não fosse o aconselhamento. Existe um relacionamento sinérgico entre aconselhamento e pregação. Um faz com que o outro seja melhor.

DP: Você mencionou os sofrimentos, as provações e as dificuldades que o direcionam para a Palavra. Dê um exemplo.

SV: As segundas-feiras trazem sempre uma variedade de experiências. É dia de aconselhamento. Não sei se já tive alguma segunda-feira em que cada um dos aconselhados que encontrei estivesse indo mal. Também não sei se já tive alguma segunda-feira em que todos estivessem indo bem. O aconselhado das três da tarde pode estar progredindo bem, mas o das quatro da tarde pode ter tido uma semana horrível. Alegre-se com os que se alegram, e chore com os que choram. Pessoas têm lutas frustrantes. O pecado é terrível e afeta não somente o aconselhado, mas também o processo de aconselhamento. Surpreendo-me pensando nessas situações durante o restante da semana. De fato, costumo dizer às pessoas que nunca corto a grama do meu jardim sozinho! Levo duas horas e meia para cortar a grama, e meus aconselhados sempre estão comigo no sentido de que penso neles, oro e planejo. Algumas vezes, para ser franco, preocupo-me com eles. Percebo que pensar e orar pelas pessoas que aconselho ajuda-me a estar preparado para trabalhar com elas no encontro seguinte. Também me ajuda a preparar estudos bíblicos e sermões para grupos maiores de pessoas.

DP: O aconselhamento bíblico tem recebido críticas. Alguns comentam que os pastores não estão equipados para lidar com os casos difíceis, não têm tempo suficiente, paciência, habilidade para investigar e ferramentas para ajudar. Também dizem que eles são bons em proclamar, mas não em conversar. Como que você responde a este tipo de crítica?

SV: Estou convicto de que as nossas fraquezas e imperfeições têm contribuído para esse tipo de críticas. Existem tantas coisas em que eu não sou bom que me surpreende pensar que Deus possa me usar no ministério. Muitos pastores que conheço gastam horas e horas cada semana ouvindo e falando com pessoas. Podemos não ser perfeitos, mas estamos bem treinados nisto. Eu diria também que se um pastor está tentando modelar seu ministério de acordo com os princípios do Novo Testamento, à exemplo do apóstolo Paulo em Atos 20, ele precisa ministrar a Palavra de Deus "publicamente e também de casa em casa....a cada um". Se não nos mostramos habilidosos na conversa, é porque não adotamos a abordagem bíblica de ministério. Se seguirmos as instruções que o Novo Testamento dá aos pastores, cumpriremos ambas as tarefas.

DP: E quanto à parte da crítica que diz: "Está bem, eu concordo com você. Mas o que fazer com os casos difíceis? Eles estão além do seu alcance." Como você responderia?

SV: Creio que *todo* problema de aconselhamento é um problema teológico. Também creio que não existe outra fonte de verdade mais profunda do que a Palavra de Deus. Se estudamos fielmente as Escrituras e tentamos aplicá-las ao coração e à vida das pessoas, na dependência do poder do Espírito Santo, não há nada mais profundo. Creio que a acusação de que este aconselhamento é superficial é ofensiva ao Espírito Santo de Deus. Dependemos do poder, da sabedoria e da capacitação de Deus. Não existe nada mais profundo ou essencial do que isso! Podemos melhorar? Claro que sim, mas eu continuaria a utilizar meu treinamento teológico e a experiência pastoral, a suficiência da Palavra de Deus, o poder capacitador do Espírito Santo, os recursos

do Pai celestial e o trabalho de intercessão de Jesus Cristo como meus recursos todos os dias!

DP: Aplique a uma situação específica aquilo que você acabou de dizer. Por exemplo, as críticas apontam que, embora a Bíblia seja um grande recurso para as "questões espirituais", a salvação e o conforto, ela não se dirige aos problemas difíceis com que as pessoas lidam atualmente como, por exemplo, os abusos sexuais, os vícios e os transtornos da personalidade. Como você responderia, Steve?

SV: Essencialmente, todo problema não orgânico que alguém possa levantar é um problema do coração. A Palavra de Deus está repleta de informações sobre o coração. A palavra coração é utilizada 726 vezes na Bíblia. Os pastores têm investido tempo para estudar cada um de seus usos. Temos trabalhado exegeticamente em cada caso para tentar entender o que as Escrituras dizem sobre o homem interior e o coração. Ninguém oferece uma compreensão melhor do coração do que as Escrituras. Nenhum ser humano ou conjunto de seres humanos pode me oferecer uma verdade mais excelente sobre o homem interior. Estamos diante de uma questão de epistemologia ou fonte de verdade – como você se propõe a adquirir conhecimento.

A Escritura é "viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração". Qualquer abordagem de aconselhamento que não use a Palavra de Deus como sua fonte epistemológica será superficial. Precisei tomar uma decisão em meu treinamento acadêmico. Daria ênfase a um treinamento nos sistemas seculares ou a um treinamento na verdade bíblica e teológica? Partindo de um ponto de vista epistemológico, escolhi o último e dou graças a Deus por tê-lo feito. Muitas vezes, caminho do centro de aconselhamento até o meu carro dizendo: "Senhor, obrigado por ter-me feito um conselheiro bíblico". Tantas coisas poderiam ter acontecido nos encontros durante aquele dia, mas somente a sabedoria das Escrituras foi capaz de ajudar as pessoas. Esta foi a única maneira de receberem esperança, direção, esclarecimento, entendimento ou perspectiva. Se eu tivesse sido treinado academicamente nas teorias inconstantes de homens, creio honestamente que teria desistido há muito tempo. Se não tiverem uma confiança forte na fonte de verdade que usam, os conselheiros podem ficar desencorajados muito rapidamente.

DP: Como você se envolveu no aconselhamento bíblico?

SV: Estudei em uma boa faculdade bíblica e sou muito grato pelo treinamento recebido em línguas originais, teologia, exegese etc. Depois fui para o seminário, pensando que seria importante um treinamento adicional. Até aquele ponto, eu não tinha nenhum interesse em aconselhamento. Pensava que gastaria minha semana no escritório, preparando excelentes sermões para pregar aos domingos. Então, por volta da metade do curso, alguns amigos disseram-me que iriam participar de um programa de treinamento em aconselhamento em uma igreja local. Pensei que fosse mais uma novidade, até descobrir que a igreja de que eles estavam falando era

pastoreada por Bill Goode. O pastor Goode tinha mudado para Lafayette quando eu era ainda adolescente. Havíamos mantido algum contato, mas não tão próximo. Já que não tínhamos aulas no seminário às segundas-feiras, dia em que o treinamento acontecia, e o seminário daria créditos pela participação no programa, pensei que seria bom fazê-lo para completar minhas habilidades ministeriais. Duas coisas importantes aconteceram naquele programa de treinamento. Primeiro, lembro-me de quando sentei pela primeira vez em uma sessão de aconselhamento como observador. Tratava-se de um casal de idosos crentes, que justamente naquela semana havia tido uma discussão. O marido foi para a garagem, pegou um pote de comida de bebê e encheu com gasolina, escondeu-se atrás de uma caixa e quando a esposa apareceu, ele pulou e jogou a gasolina no seu rosto. Lá estava eu, um estudante em seu segundo ano de seminário e com quatro anos de faculdade bíblica, pensando o que aconteceria caso o conselheiro que eu estava observando se sentisse mal, tivesse que sair da sala e, ao sair, dissesse para mim: "Steve, você já se formou na faculdade bíblica e é um estudante de seminário, por favor ajude este casal. E eu tenho que ir". Eu não teria a menor ideia de como ajudar aquelas pessoas. Não demorou muito para eu ficar ciente de quão despreparado eu estava àquela altura da minha vida. Se aquilo que eu acabara de observar era algo próprio do ministério pastoral, eu precisava decididamente de treinamento.

DP: As pessoas carregam mágoas profundas, abatimento, ódio, medo e isolamento que escapam à compreensão humana em sua solução.

SV: O irônico, David, é que naquela ocasião, provavelmente, eu tinha em meu bolso um conjunto de cartões de vocabulário de grego que eu estava tentando memorizar. Eu poderia ter despejado para eles algumas palavras em grego. Poderia ter discutido com eles um bom número de problemas difíceis de teologia. Mas eu não sabia como pegar habilidosamente a verdade da Palavra de Deus e ministrá-la às vidas de pessoas sedentas. Aquela sessão de aconselhamento começou a fazer minha cabeça girar. Mais significativo ainda foi que quanto mais eu escutava a conversa do conselheiro com o aconselhado, mais eu percebia o quanto ela dizia respeito a mim, um dos estagiários. Naquela época, eu estava em meu segundo ano de casamento. Comecei a pensar: "Estou desagradando a Deus nesta área. Preciso crescer naquela outra área. Nunca antes pensei sobre esse versículo do ponto de vista de um marido. Nunca pensei sobre aquele versículo do ponto de vista de um homem". De repente, passei a dirigir para casa nas noites de segunda-feira, acordar minha esposa, Chris, e pedir seu perdão por coisas em que eu nunca havia pensado antes. A viagem de volta ao seminário durava cerca de duas horas e meia, e eu chegava em casa por volta da meia-noite. Tempos depois, Chris costumava dizer que ficou de fato feliz quando o curso acabou porque ela pôde finalmente voltar a ter uma noite inteira de sono! Este estágio de observação e aprendizado do aconselhamento bíblico levou-me a um grande crescimento espiritual. Aos vinte e quatro anos, o impacto da Palavra em minha vida foi tão significativo que saí daquela experiência concluindo que se um dia eu tivesse o privilégio de participar de um treinamento adicional em aconselhamento, eu o faria ainda que com

a única motivação de receber um impacto em minha vida espiritual.

DP: À medida que você olha para os seus dezoito anos de prática e treinamento em aconselhamento, qual seria uma área em que você notou um crescimento significativo em seu entendimento, suas ações ou a maneira de trabalhar as situações?

SV: Espero que as pessoas que me conhecem possam dizer que estou menos orgulhoso e mais desejoso de mudar e crescer. Creio que a santificação progressiva tem me ajudado a ver que isto é mesmo um processo que dura a vida inteira. Cada vez que dou um passo, o Senhor está me ajudando a ver muitos outros passos que precisam ser dados. Espero que isso esteja resultando em uma atitude cada vez menos de "eu sei tudo" e mais de "Senhor, eu preciso melhorar".

DP: Que caso de aconselhamento o ensinou mais ou provocou mais mudanças em sua vida?

SV: Penso no caso de uma senhora que estava significativamente deprimida. Ela tinha dificuldade para formular uma sentença sem chorar, fazia ameaças de suicídio, e estava dominada pelas pressões da vida. Aquele caso ensinou-me muitas coisas. Primeiro, mostrou-me o que o pecado pode fazer em uma vida e como pode devastar o interior e o exterior de uma pessoa. Quanto mais eu falava com ela e conhecia sua história, mais evidente se tornava como ela havia chegado àquele ponto. Ela tinha uma série de pensamentos habituais errados, alvos pecaminosos, ambições e motivações egoístas. A segunda lição que tirei daquele caso em particular foi como as Escrituras trazem simplicidade e clareza a uma situação que parece ser sem esperança e opressiva. Por um lado, estou convencido de como o pecado é corrupto; por outro lado, estou convencido do poder do sangue de Cristo e da suficiência das Escrituras para ajudar uma pessoa a mudar e crescer. No caso dessa mulher, voltamos atrás em sua história trinta ou quarenta anos. Conforme conversávamos sobre os objetivos que ela havia estabelecido, os sonhos que havia alimentado e os desejos ao redor dos quais havia construído sua vida, fomos capazes de ver biblicamente que ela estava funcionando como uma idólatra. Ela havia enchido seu coração com coisas vãs. Em seus anos de velhice, quando aqueles ídolos começaram a se quebrar ao redor dela, não lhe restava nada além de considerar o suicídio. Conforme começamos a identificar aqueles ídolos à luz dos princípios da Palavra de Deus, ela os viu e se dispôs ao arrependimento. Ela estava pronta a adotar uma nova forma de pensamento e vida baseada no evangelho de Jesus Cristo e na alegria de conhecê-lO. Tenho a oportunidade de encontrá-la regularmente agora. Não há nada como vê-la sorrir, ouvir sua risada e vê-la servir a outros alegremente. Esse caso me convenceu de como o pecado é hediondo e destrutivo, mas também de como a Palavra de Deus é poderosa e o sangue de Cristo é suficiente.

DP: Essa mulher pôde reconstruir uma vida inteiramente nova, com um fundamento e um coração novos.

SV: Sim, e como isso é algo agradável de se ver! Ela diz que está mais apaixonada por Deus e sua vida está mais do que

nunca alinhada com os desejos de Deus. Ela também diz que está mais feliz do que nunca, não porque esteja buscando a felicidade, mas porque Deus a tem abençoado com a alegria bíblica, graciosamente, em resposta à sua fé, obediência e mudança. De minha parte, houve momentos durante o aconselhamento em que eu queria fugir. O que ela dizia assustava-me. Conversei várias vezes com outros conselheiros bíblicos para receber conselhos, pois fiquei muito preocupado com ela e com como ministrar adequadamente. Estou feliz por ter persistido. Estou feliz pela maneira escolhida por Deus para ajudá-la a mudar. Isso produziu em mim um nível de confiança que foi útil na vez seguinte, quando uma outra pessoa deprimida entrou em meu escritório.

DP: Por quanto tempo você a aconselhou?

SV: O aconselhamento durou, provavelmente, entre seis a oito meses. Não sei se esta é a experiência de outros conselheiros bíblicos. Em geral, percebo que quando estou trabalhando com uma pessoa fortemente deprimida é preciso um pouco mais de tempo.

DP: Creio que muitos conselheiros diriam o mesmo. O processo de restabelecimento perseverante leva tempo.

SV: Os aconselhados passam por altos e baixos. Descobri que devemos nos comprometer com uma caminhada longa e estar preparados para alguns dias maus. Deus tem sido bom para com aquela senhora e ela está crescendo vagarosamente.

DP: Esta é uma boa maneira de desenvolver paciência. Como as pessoas sabem que você as ama? Como a paciência opera, quer em um caso de aconselhamento ou em um empreendimento ministerial maior?

SV: As pessoas que me conhecem não diriam que o excesso de paciência é meu forte. 2Timóteo 2.24-25 desafia-me: "Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente; disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade". Espero melhorar. Espero desenvolver tais características em minha vida e meu ministério de aconselhamento. Aquilo de que uma situação de aconselhamento menos precisa é mais pecado da parte do conselheiro. Então, acredito que precisamos nos esforçar o quanto possível para sermos pacientes com nossos aconselhados assim como Deus é paciente conosco. Se Deus fosse tão impaciente comigo como eu sou tentado a ser com outra pessoa, onde eu estaria? Em minha vida, preciso confiar na graça e paciência de Deus com muita frequência, e seria hipocrisia não tentar ser paciente com outros. Isso não acontece somente no escritório de aconselhamento. Creio que também se aplica às conversas sobre metodologia do aconselhamento que temos com várias pessoas que ouvem a Palavra de Deus, mas não veem o aconselhamento exatamente como nós o vemos. O Senhor, em Sua soberania, tem-me dado a oportunidade e o privilégio de falar em conferências onde indivíduos como esses estão reunidos. Minha oração é que

o Senhor me ajude a falar e ensinar naquelas situações de forma bondosa, paciente e humilde. Quero adornar a doutrina de Deus com um viver santo, em lugar de desonrar a sã doutrina por meio de um tratamento arrogante e impaciente dirigido àqueles que podem discordar de mim, mas estão tentando aprender ao me darem ouvidos.

DP: Qual o lugar do aconselhamento bíblico em uma visão mais ampla de ministério?

SV: Nossa igreja não quer apenas *ter* um centro de aconselhamento. Queremos *ser* um centro de aconselhamento. As doutrinas da suficiência das Escrituras e da santificação progressiva direcionam tudo aquilo que somos e fazemos. Estou contente por termos nosso centro de aconselhamento. Se o Senhor fosse me colocar em outro lugar algum dia – embora eu não esteja Lhe pedindo isso – estou certo de que uma das primeiras coisas que eu faria seria começar um centro de aconselhamento bíblico. Não por estar procurando algo para fazer às segundas-feiras, mas porque creio que ter um ministério de aconselhamento bíblico é uma bênção maravilhosa para a igreja, que permite um alcance fabuloso entre a comunidade. Cada uma das doze pessoas da nossa equipe aconselha durante seis horas às segundas-feiras, de modo que oferecemos cerca de setenta horas de aconselhamento bíblico gratuito para as pessoas da nossa comunidade. Em vinte e cinco anos, nunca fizemos propaganda deste ministério; no entanto, sempre temos uma lista de espera. Geralmente, esta lista de espera fica em torno de quarenta a sessenta famílias ou indivíduos em busca de ajuda, e isto dentro de uma comunidade relativamente pequena. Um bom percentual destas pessoas não pertencem a nenhuma igreja e não são crentes. Consideramos este ministério como uma grande oportunidade para construir relacionamentos que se caracterizam por amor e ajuda às pessoas que não conhecem o Senhor. Cada ano, verificamos a lista de pessoas que se tornaram membros de nossa igreja. Fazemos a seguinte pergunta: "Como elas vieram à nossa igreja?" A resposta mais comum é: "Por meio do nosso ministério de aconselhamento". Este é um veículo maravilhoso de evangelismo.

Não existe nada melhor do que apresentar o evangelho no contexto do aconselhamento. Você pode fazê-lo de maneira mais pessoal e completa, ficando persuadido de que o aconselhado tem de fato compreensão e compromisso nas decisões que toma. Em seguida, o aconselhamento se transforma em um meio natural de discipulado, pois a pessoa já estabeleceu um relacionamento com você e ganhou o hábito de procurá-lo para conversar de forma honesta. Mantemos um ministério de aconselhamento bíblico pelo seu valor de alcance junto à nossa comunidade. Para dar uma ideia do quanto isso é significativo, minha esposa e eu estávamos ontem em Indianápolis, participando de uma reunião na escola para cegos que nosso filho frequenta. A assistente social estava lá. Antes mesmo que sentássemos, ela disse: "Acabo de chegar de outra reunião em uma das escolas públicas de Tippecanoe. Sua igreja foi mencionada". Eu pensei: "O que será que isso quer dizer!" Ela disse que uma família que participava da reunião estava tendo dificuldades e não tinha condições

financeiras para pagar um aconselhamento. Um dos profissionais presentes disse: "A Faith Baptist Church (Igreja Batista da Fé) tem um centro de aconselhamento e eles atendem gratuitamente. Por que vocês não consideram a possibilidade de procurá-los?" A esposa respondeu: "Oh, eu amo aquela igreja. Eles tiraram a neve de minha calçada no inverno passado quando tivemos aquela nevasca forte". Mais adiante, a assistente social repetiu esta história diante do grupo todo reunido em Indianápolis, destacando como as igrejas locais possuem ministérios de aconselhamento confiáveis, que podem ser uma grande bênção para a comunidade. É atraente que uma igreja possa ter a reputação de prestar serviços para ajudar pessoas aflitas. Francamente, queremos nos destacar nisso. Não queremos ser conhecidos por aquilo que combatemos ou por nossa posição contra ou a favor de certas leis. Queremos ser conhecidos como um lugar que ajuda os aflitos com respostas vindas da Palavra de Deus, que podem fazer diferença real em vidas. Existe um aspecto comunitário no ministério de aconselhamento.

DP: Como o ministério de aconselhamento afeta os demais aspectos da igreja?

SV: Temos um ministério de aconselhamento não apenas para alcançar a comunidade, mas também porque ele afeta e contribui para todo o restante do nosso ministério dirigido à igreja local. O ministério do centro de aconselhamento afeta nossa maneira de pregar e de ensinar os adultos nas aulas de Escola Dominical. Afeta a maneira de conduzirmos o ministério com jovens e os estudos bíblicos para homens e mulheres. Afeta nossos grupos de prestação de contas. Quanto mais aprendemos às segundas-feiras por meio do aconselhamento, mais efetivos nos tornamos no restante da semana em todos os demais ministérios da igreja local.

DP: Você pode me dar um exemplo?

SV: Um bom número de nossos membros passaram por nossos cursos de treinamento em aconselhamento bíblico. Depois, tornaram-se professores de Escola Dominical e líderes de grupos pequenos. Eles diriam que estão apenas praticando o aconselhamento bíblico de modo diferente. Os pequenos grupos que se encontram em restaurantes, por exemplo, são pequenas sessões de aconselhamento em grupo. Há cobrança, estudo, conversas e verdades bíblicas.

DP: A santificação progressiva é o alvo essencial.

SV: Exatamente. A santificação progressiva acontece em uma variedade de níveis na nossa igreja. Não estamos particularmente presos à palavra "aconselhamento". É o *discipulado* que ocorre em diferentes níveis e formas. Talvez essa ilustração o ajude a entender melhor. Uma mulher veio até mim e disse: "Ao longo dos anos, estive em diversas igrejas boas, mas o que parece ser diferente aqui é que vocês esperam realmente que nós cresçamos, não é verdade? É como se vocês acreditassem de fato que vamos crescer". Eu respondi: "É exatamente isso. Nós não estamos aqui apenas para *falar* sobre a Palavra de Deus ou para dar palestras. Estamos aqui para praticar os princípios de santificação progressiva para a glória de

Deus". Creio que qualquer pessoa que tenha participado da Faith Baptist Church por mais de um mês sabe que todos aqui devem estar em crescimento. O pastor e os diáconos devem estar em crescimento. Todos que vêm aqui devem estar em processo de crescimento e mudança. Quando alguém está estagnado, há recursos para ajudá-lo a progredir, que podem ser chamados de aconselhamento ou discipulado específico. Não importa. Queremos ser um instrumento de santificação progressiva, uma usina de discipulado. Queremos ver pessoas mudando e crescendo à medida que atentam cuidadosamente para o homem interior e permitem que a Palavra de Deus e o Espírito as tornem cada vez mais semelhantes a Jesus Cristo. Isso é o que traz honra a Deus.

Temos quatro objetivos primordiais para o ministério da nossa igreja. O *Nível 1* é santificação progressiva e discipulado para todos – de todas as maneiras criativas possíveis. Reunimo-nos aos domingos e adoramos a Deus. Buscamos ser edificados na fé. Estudamos as Escrituras para identificar como podemos mudar e crescer. Temos grupos pequenos, amizades e um centro de aconselhamento. Buscamos princípios que nos ajudam a entender o homem interior e exterior. Procuramos estar equipados para o ministério. Domingos, segundas-feiras, terças-feiras... giram em torno da santificação progressiva por meio de uma variedade de ministérios projetados para ajudar as pessoas a mudar e crescer. O *Nível 2* é evangelismo. Queremos ter paixão por ganhar pessoas para Cristo. Uma das preocupações que ouço de vários pastores é: "Se começarmos este ministério de aconselhamento, nós não seremos mais tão efetivos no evangelismo". Creio que se trata de uma ideia errada. A ferramenta mais efetiva de testemunho é uma vida transformada e em processo de mudança. À medida que as pessoas crescem e se tornam mais semelhantes a Cristo, elas brilham com maior esplendor no trabalho, na vizinhança e nos relacionamentos familiares. Surge, então, uma variedade de oportunidades para contar aos outros sobre Cristo. Uma pessoa que está realmente crescendo e mudando tem uma paixão muito maior por falar aos outros de Jesus. Aquilo que está fazendo uma diferença em sua vida pode ajudar outros também.

DP: Pessoas têm uma história de vida para contar.

SV: Exatamente. Temos então o *Nível 3*, em que atendemos às necessidades da comunidade – as muitas necessidades sociais ao nosso redor. Cremos que uma igreja deva ser o lugar mais compassivo da terra. Procuramos identificar as áreas de carência para que possamos mostrar o amor de Cristo de forma prática. Creio que as igrejas têm, muitas vezes, perdido oportunidades maravilhosas de ministério por não mostrarem muita preocupação em suprir a necessidade humana. Nossa igreja procura todas as oportunidades possíveis para mostrar o amor de Jesus para as pessoas que estão aflitas em nossa cidade. Depois de termos mostrado nosso amor para com elas, contamos sobre a verdade salvadora de Jesus Cristo. Não estou falando do evangelho social. Estou falando em usar as necessidades sociais como uma oportunidade para apresentar o evangelho. Muitas vezes, as igrejas têm sido duras com os pobres, as pessoas divorciadas, as mães

solteiras e os viciados em geral. Como resultado, perdemos oportunidades de fazer a luz das boas novas de Cristo brilhar com maior intensidade em nossa comunidade. Quero que as pessoas que passam por nossa igreja digam algo assim: "Eu ainda não entendo a Bíblia nem conheço o Jesus deles, mas tenho que admitir que as pessoas estão sendo atraídas para aquela igreja, estão recebendo ajuda e sendo transformadas. Alguma coisa está acontecendo naquele lugar. Como resultado, nossa comunidade é um lugar melhor agora". Estabelecida esta base, o *Nível 4* é onde tomamos posição pela justiça em praça pública. Espero que essas ocasiões sejam raras, mas também espero que elas aconteçam somente depois de termos construído uma plataforma sólida de ministério para ser uma bênção junto à comunidade. Creio que a comunidade ouvirá o que temos a dizer se mostrarmos que estamos realmente comprometidos, interessados pelas pessoas necessitadas, dispostos a amar a população da nossa cidade.

Em uma comunidade com a dimensão da nossa, descobrimos que é possível praticar um aconselhamento bíblico comunitário quando as questões públicas estão em pauta. Nossa cidade luta com diferentes questões o tempo todo. O que tenho procurado fazer é escrever vários editoriais, que frequentemente são publicados. Não estou tentando dar mais uma opinião "politicamente correta". Normalmente, não assumo uma posição política. Procuro lançar mão de princípios bíblicos e aplicá-los à questão pela qual estamos nos batendo naquele momento – ou à maneira com que as pessoas estão lutando. É realmente aconselhamento bíblico comunitário. Descobrimos que isso cria outra oportunidade interessante de ministério que nos ajuda a nos mantermos engajados com nossa comunidade. Por exemplo, recentemente escrevi uma carta a respeito dos testes aleatórios de drogas e álcool em nossas escolas locais e também da legislação estadual iminente sobre etiquetagem de barris de cerveja. Não critiquei tais medidas, mas tentei mostrar que essas questões não são a essência. A questão é o coração que quer abusar de tais substâncias. Procurei levantar alguns destes pontos em um editorial. O editor de nosso jornal publica meus escritos e temos, então, aconselhamento comunitário.

DP: É essencialmente um aconselhamento público, escrito, vertendo a sabedoria bíblica em direção à praça pública.

SV: Sim, e nossos jornais publicam tais coisas sem cortes editoriais. Posso falar sobre a ressurreição e a Bíblia. O editor não é cristão; no entanto, ele me dá grandes oportunidades para testemunhar. Existe uma disposição, ao menos em algumas comunidades, para ouvir nossa voz.

DP: Pensando no movimento de aconselhamento bíblico, na Faith Baptist Church e no aconselhamento em geral, quais obstáculos, problemas e necessidades de crescimento você identifica?

SV: Estes são dias muito empolgantes para estar envolvido no movimento de aconselhamento bíblico. Creio que mais do que nunca temos motivos para esperança e otimismo, por um bom número de razões. A necessidade de atendimento em nossas comunidades cresce. Creio que as igrejas que se comprometerem com oferecer aconselhamento bíblico e disponibilizá-lo à comunidade encontrarão as portas escancaradas para o ministério. Há muitos

desafios, tanto para o ministério de aconselhamento da nossa igreja como para o movimento mais amplo de aconselhamento bíblico. A questão é se continuaremos a ter um crescimento pessoal e a amadurecer em nosso entendimento e aplicação das Escrituras aos problemas diários da vida. Como supriremos as necessidades sociais e de aconselhamento de adolescentes, idosos, mães solteiras, mulheres que praticaram aborto, pessoas presas ao homossexualismo, encarcerados, sem-teto? – a lista pode continuar. Procuraremos aprender mais sobre o que as Escrituras dizem a respeito do coração e do homem interior, e pedir que Deus nos ajude a aplicar cuidadosamente estas verdades às necessidades específicas? Sou muito grato por todo o trabalho realizado nos últimos trinta anos do movimento de aconselhamento bíblico, por tudo quanto foi escrito e dito. É maravilhoso. Mas estamos apenas no começo. Há muito trabalho a ser feito. Se o movimento de aconselhamento bíblico pensa que já chegou onde deveria chegar, estamos perdidos! Mas se nos caracterizar-mos pela humildade e pelo desejo de aprender e crescer, estaremos em boa posição para o futuro. Eu identificaria um dos obstáculos como sendo o orgulho, a crença de que não temos mais nada a aprender, sabemos tudo, e aqueles que discordam de nós nada sabem. Muitos daqueles que estão envolvidos no aconselhamento bíblico são motivo de encorajamento para mim. Creio que existe um espírito de humildade, bondade crescente e desejo de aprender e continuar a crescer. Continuaremos a enfrentar o obstáculo do orgulho, mas creio que existem muitos bons sinais.

Outro obstáculo no âmbito maior da igreja é a questão da crença na suficiência das Escrituras. Muitas pessoas creem na inspiração e inerrância, mas não pensam muito sobre a questão da suficiência. Elas encontram uma lógica perfeita em estudar a Bíblia aos domingos e, de segunda-feira a sábado, falar sobre os problemas da vida como o mundo secular fala. Creio que a suficiência das Escrituras é o divisor de águas.

DP: Alguém pode crer na autoridade e inerrância das Escrituras, mas ainda ter uma visão limitada da sua aplicabilidade. Essa pessoa não percebe que a Bíblia fala exatamente sobre os problemas tratados no aconselhamento.

SV: Parece existir uma separação entre o que fazemos no domingo e o que fazemos no restante da semana. Até quebrarmos esta separação, não veremos a Deus em meio aos problemas de aconselhamento nem teremos muito para oferecer ao mundo incrédulo e aos cristãos em suas lutas.

DP: Você está falando da necessidade de aconselhar e dos atos de bondade prática dirigidos às pessoas que sofrem. O evangelismo, então, opera na intersecção do aconselhamento com os atos de misericórdia.

SV: Sim, e isto aponta para uma terceira consideração. As necessidades da comunidade ao nosso redor são inúmeras. Pelo que conhecemos na nossa cidade, as estruturas seculares não conseguem atender a todas as necessidades. As pessoas estão clamando por ajuda e recursos. Com as dificuldades econômicas que muitas comunidades enfrentam, a capacidade de atendimento das instituições governamentais está desfalecendo. Para mim, isso representa oportunidades ministeriais gritantes para as igrejas. Creio que deveríа-

mos olhar para as necessidades sociais que existem ao redor de nós e representam uma oportunidade maravilhosa para o aconselhamento bíblico. Um exemplo disso são os ministérios em nossas prisões e com ex-presidiários. Uma mulher que frequenta nosso estudo bíblico perguntou-me se seu marido poderia fazer as provas na prisão e se eu as corrigiria. Ele estava acompanhando nosso estudo conforme ela levava o material para ele. Iremos nos preocupar com aqueles que estão na prisão? Quando saírem da prisão, estaremos prontos para recebê-los em nossas igrejas? Iremos conduzi-los de volta à vida? Estaremos presentes com o amor e os recursos necessários para cumprir a tarefa? Se a resposta for "Não", então nossos corações estão frios.

DP: Isso pode significar muitas coisas, desde uma mensagem de esperança até abrigo, trabalho.

SV: É o aconselhamento bíblico que sai às ruas. Como o aconselhamento bíblico está atingindo a cidade? O que está fazendo no que diz respeito às responsabilidades sociais? Creio que um dos obstáculos é a indiferença para com as pessoas que sofrem. Não estou certo de quantas pessoas em nossas igrejas querem um ex-presidiário sentado no banco ao seu lado. Não estou certo de quantos de nós querem sentar ao lado de mães solteiras, pessoas que lutam com as drogas e o álcool ou com a homossexualidade ou outro pecado sexual. Creio que existe uma indiferença em nossas igrejas que desagrada a Deus.

Deveríamos dizer às pessoas em nossa comunidade: "Não nos importamos com o tipo de luta que você está tendo. Se você quer conhecer a Deus e ouvir as Escrituras, por favor, junte-se a nós porque somos imperfeitos também. Cresceremos juntos". Em nossa igreja, o percentual de pessoas que trazem uma bagagem de vida pesada está crescendo. Francamente, isso me empolga como pastor. Gosto de ter uma comunidade em que há alguns cristãos maduros e também muitas pessoas que mal têm noção da vida cristã, mas estão realmente dispostas a crescer. Há uma dinâmica viva nisso, que anima e fortalece. A questão é se queremos uma igreja que lida com estas necessidades ou queremos um clube de campo de cristãos maduros que não têm tempo para sujar suas mãos.

DP: Muito bem colocado, Steve. Há algo mais que você gostaria de acrescentar para ajudar a comunicar sua esperança, visão, compromisso e direção ministerial?

SV: Tenho mantido uma troca contínua de ideias por e-mail com o editor da página de opinião de nosso jornal. Ele tem descoberto algumas coisas que a nossa igreja está fazendo e quer escrever a respeito disso. A Bíblia nos chama a um equilíbrio interessante, que não estou certo se sei como alcançar. Por um lado, no Sermão do Monte, Jesus diz: "Vós sois o sal da terra... vós sois a luz do mundo... Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.13-16). Se entendo corretamente o que Jesus diz, os incrédulos que nos observam glorificarão a nosso Pai que está nos céus. Nossas obras brilham diante dos homens e estes, de alguma forma, glorificarão a Deus que está nos céus. Temos a respon-

sabilidade de procurar meios para satisfazer as necessidades ao nosso redor. Por outro lado, o Sermão do Monte diz que não devemos atuar diante dos homens com o fim de sermos vistos por eles e recebermos glória (Mt 6.1). Não podemos ser idólatras que vivem para causar impacto e serem elogiados. Devemos simplesmente amar a Deus e às pessoas. Encontrar um ponto de equilíbrio é desafiador.

Outra área de importância é se igrejas evangélicas de diferentes denominações, mas comprometidas com os fundamentos da fé, estão dispostas a trabalhar juntas em suas cidades. Algumas igrejas talvez não tenham os recursos necessários para gerenciar um centro de aconselhamento, mas será que poderiam se unir para criar um centro? Algumas igrejas não são capazes sozinhas de obter sucesso em um ministério para os sem-teto, mas será que várias igrejas juntas poderiam fazer isso? Creio no trabalho conjunto dos evangélicos em nossa cidade para suprir as necessidades sociais que mencionamos aqui.

Pergunto-me se uma das razões por que o aconselhamento bíblico não tem sido tão efetivo como poderia ser é que nós o escondemos em função de nossa má vontade de trabalhar ao lado daqueles que não concordam conosco em cada pequeno aspecto da nossa doutrina. Certamente não estou dizendo para jogar fora a doutrina em favor da unidade. Há coisas pelas quais vale a pena lutar e nos separarmos. Mas me pergunto se não estamos correndo o perigo de nos indispormos com outros desnecessariamente ou de não trabalharmos junto com pessoas com quem poderíamos fazê-lo. Como resultado, a cidade deixa de conhecer o que seria uma mudança bíblica de alcance comunitário.

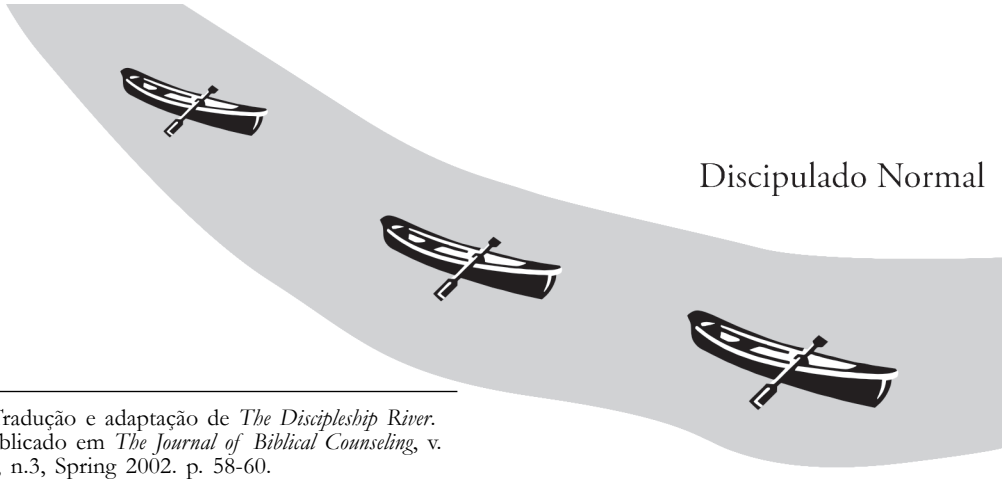
DP: Os frutos da santificação bíblica precisam ser expressos de forma evidente diante do mundo. Aquilo que você está destacando está em João 17 também. O mundo observa, e o que as pessoas veem chama sua atenção.

SV: Se as igrejas fiéis à Bíblia não conseguem manter bons relacionamentos umas com as outras na mesma cidade, o que levaria alguém cujo casamento está se desintegrando a crer que seria possível receber ajuda em uma destas igrejas? As igrejas estão brigando. Os casais estão brigando. É semelhante. Em vez disso, as pessoas da comunidade precisam ver os cristãos evangélicos amando uns aos outros, dando-se bem uns com os outros e solucionando seus problemas; tendo conflitos reais, mas crescendo por meio deles. Alguém com um casamento atribulado guardaria, então, a esperança de que em algum lugar existem princípios sábios ou pessoas sábias que podem ajudar a melhorar seu casamento ou um Salvador que pode nos resgatar dos nossos pecados. Se nós não modelarmos isso em nossos relacionamentos como igrejas, não temos o direito de dizer que podemos ajudar outros em suas crises interpessoais e pessoais.

O Rio do Discipulado

Steve Viars[1]

Muitos pastores e líderes de igrejas locais hesitam em dar início a um ministério de aconselhamento bíblico, por diversas razões. Primeiro, preocupam-se com o fato do aconselhamento exigir um tempo que poderia ser investido em evangelismo e discipulado. Por quererem ser parte de uma igreja missionária, estes líderes cristãos são muito cuidadosos quando se trata de adicionar um novo ministério ou atividade, e não estão errados ao agirem assim. Segundo, acreditam que o aconselhamento requer uma fonte de conhecimento diferente e um conjunto de métodos distintos. Logo, o aconselhamento é visto como algo que escapa ao discipulado e, portanto, um terreno alheio.



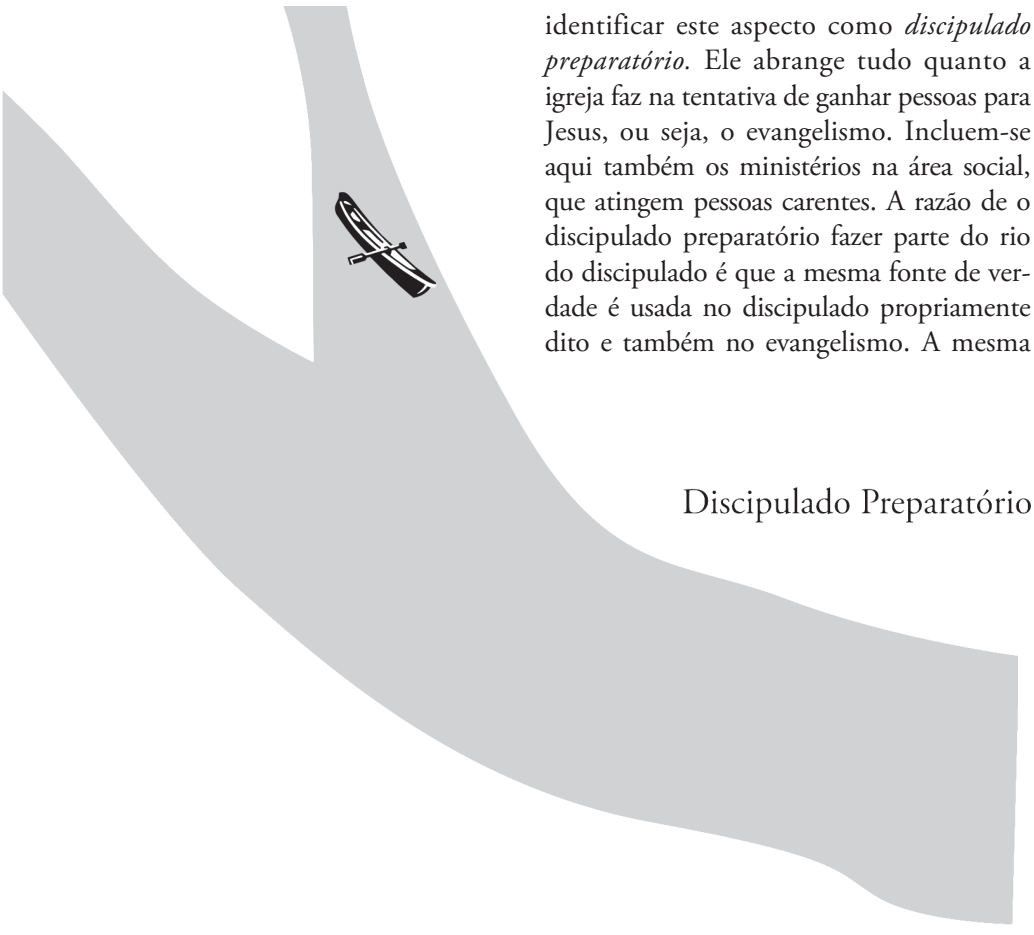
[1] Tradução e adaptação de *The Discipleship River*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 20, n.3, Spring 2002. p. 58-60.

Steve Viars é pastor de Faith Baptist Church em Lafayette, Indiana. É doutor em Aconselhamento Pastoral pelo Westminster Theological Seminary.

O diagrama do rio do discipulado procura responder às duas preocupações, ajudando a perceber como os diferentes aspectos do ministério se complementam e trabalham juntos. A parte central do diagrama representa o discipulado normal. Ele inclui tudo quanto a igreja faz para ajudar homens e mulheres a se tornarem seguidores fiéis de Cristo. Com certeza, os cultos de adoração cabem aqui, bem como a escola dominical. Aqui também estão incluídos os pequenos grupos de estudo bíblico, grupos de prestação de contas, programas de discipulado, grupos familiares e ministérios com jovens. Cada igreja possui uma variedade de ministérios que visam ao *discipulado normal.*

Escolhemos a ideia de um rio pensando no objetivo do nosso ministério, que é glorificar a Deus tendo o máximo de pessoas possível no centro deste rio, onde a corrente é mais rápida, crescendo na velocidade desejada por Deus. Os problemas são tratados e resolvidos. As pessoas encontram respostas para os problemas do cotidiano e têm suas vidas transformadas. Elas crescem espiritualmente e se tornam cada vez mais semelhantes a Jesus Cristo.

O discipulado normal, quando bem conduzido, pode ser excelente na igreja local. Entretanto, as igrejas também precisam se preocupar com outro aspecto do discipulado: a questão de ajudar homens e mulheres a encontrarem o rio. Podemos identificar este aspecto como *discipulado preparatório.* Ele abrange tudo quanto a igreja faz na tentativa de ganhar pessoas para Jesus, ou seja, o evangelismo. Incluem-se aqui também os ministérios na área social, que atingem pessoas carentes. A razão de o discipulado preparatório fazer parte do rio do discipulado é que a mesma fonte de verdade é usada no discipulado propriamente dito e também no evangelismo. A mesma



verdade e amor estão em ação. Também os mesmos obreiros estão envolvidos. Os ministérios se encaixam perfeitamente, como luva.

Nosso diagrama pode ser usado também como um instrumento de avaliação. De modo geral, algumas igrejas parecem ser mais efetivas em um dos aspectos do que no outro. Todos nós conhecemos igrejas que são ótimas em ganhar pessoas para Cristo, mas ficam para trás em prover ministérios que promovam a santificação progressiva. Por outro lado, há igrejas que falam muito sobre mudança e crescimento, mas estão indiferentes ao evangelismo. É raro encontrarmos igrejas que atuam bem em ambos.

No entanto, uma outra questão assoma-se. O que fazer com aquelas pessoas que não estão sendo beneficiadas pelos meios e métodos do discipulado normal na igreja? O que devemos fazer pelo indivíduo que cai em pecado e não consegue se desvencilhar, ou a pessoa que tem dúvidas que precisam de respostas vindas da Palavra de Deus? No nosso diagrama do rio, esta é a pessoa que não sabe muito bem remar. Ela rema em círculos ou acaba presa por galhos de árvores à margem do rio. Várias igrejas, mesmo entre aquelas que atuam bem nos outros dois aspectos do discipulado, falham para com seus membros neste aspecto. Não há ministérios para ajudar



Discipulado Intensivo/Corretivo

tais pessoas ou não há ministérios inteiramente compatíveis com os compromissos doutrinários da igreja.

A esta altura, surge uma lagoa no rio do discipulado. É uma parte mais ampla no leito do rio, onde a corrente não é tão forte. Homens e mulheres podem ser conduzidos para lá e ensinados a remar. É aqui que encontramos o aconselhamento bíblico. Para aqueles que não gostam da palavra aconselhamento, não há problema. Podem chamá-lo de um *discipulado corretivo* ou *discipulado concentrado*. É o discipulado intensivo. O importante é que ele continua a ser parte do rio. Não requer uma fonte de verdade diferente nem um conjunto de métodos completamente distinto. A beleza também está no fato de ser temporário. A pessoa recebe aconselhamento até estar pronta para retornar ao curso normal do rio do discipulado.

As igrejas precisam ter ministérios adequados para ajudar homens e mulheres que não estão prontos para se beneficiarem dos meios e métodos do discipulado normal. Use o nome que preferir, mas tenha certeza de que este ministério está a postos. Por favor, certifique-se também de que ele condiga de modo natural com tudo quanto a igreja crê e pratica.

As Manhãs Corriqueiras de Domingo e o Dia-a-Dia



Timothy Lane[1]

Foi um domingo corriqueiro em que cumpri minhas responsabilidades costumeiras de pregar a Palavra e conversar com vários membros da igreja. Por trás da aparência exterior, porém, Deus tocava e operava em vidas. O texto para a mensagem daquele domingo fora Lucas 13.1-9, a respeito de uma torre que desabara sobre dezoito pessoas e um grupo de galileus que havia sido massacrado por Pilatos. Em resposta às perguntas sobre a causa deste acontecimento, Jesus disse:

> "Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas coisas? Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis. Ou cuidais que aqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, eu vo-lo afirmo; mas, se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis".

A maioria das pessoas ficaria feliz em manter-se bem afastada desta passagem quando em conversa com os eruditos modernos. Pense em todas as questões apologéticas que ela levanta sobre a causa e a natureza do sofrimento. Quem pensaria em encontrar um consolo pastoral aqui? Ainda que existisse, quem estaria disposto a cumprir a tarefa de explicar isso a alguém em uma conversa pessoal? À medida que pregava sobre esta passagem, eu estava interiormente preocupado com a possibilidade de ofender pessoas que haviam sofrido. À primeira vista, a passagem

[1] Tradução e adaptação de *Normal Sunday Mornings and 24/7*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 21, n.2, Winter 2003. p. 7-17.

Timothy Lane é conselheiro e membro do corpo docente da Escola de Aconselhamento Bíblico da CCEF. É professor de Teologia Prática no Westminster Theological Seminary e no Biblical Theological Seminary.

parece ser tão direta e insensível. Logo, porém, descobri que pelo menos para uma pessoa sofredora, Julie, este texto foi naquela manhã como uma brisa refrescante, um raio de esperança, palavras de conforto que demonstram a graça, a misericórdia e a bondade de Deus. Algo difícil de se crer, mas verdadeiro[2].

Após o sermão e a bênção final, Julie aproximou-se discretamente de mim. Evidentemente, tomar a iniciativa de estabelecer essa conversa era um verdadeiro passo de fé para ela. Agitada, ela me disse que o sermão a ajudara muito e que queria saber se poderíamos marcar uma hora para conversarmos. Bem mais adiante, descobri que outras pessoas estavam se relacionando com ela e a tinham encorajado a me procurar para uma conversa. O corpo de Cristo estava trabalhando ativamente bem antes de eu entrar em cena, mas agora cabia-me o privilégio de ter uma pequena participação na grande história de redenção que se desenrolava lentamente na vida de Julie.

Servindo-me da história de Julie como ilustração para alinhavar este artigo, quero mostrar a necessidade vital de *ambos* os ministérios da Palavra – público e pessoal. Enquanto a nossa cultura faz uma distinção entre a pregação (ministério público) e o "aconselhamento" (ministério pessoal), a Bíblia considera ambos sem fazer esta divisão[3]. Este artigo enfatiza a importância do ministério pessoal da Palavra, mas não deve ser entendido como um menosprezo ao lugar crucial que o ministério público da Palavra ocupa na vida da igreja. O que damos a seguir é um exemplo específico dos ministérios público e pessoal da Palavra no dia-a-dia do ministério pastoral.

Como pastor, você tem por alvo mostrar às pessoas de que maneira a verdade que você proclama nas manhãs de domingo deve ser recebida, aplicada e vivida nas manhãs de segunda-feira. Sua tendência é pensar que aquilo que você fala de púlpito em trinta minutos é adequado para as pessoas aplicarem por si mesmas. Afinal, Deus não prometeu abençoar a pregação da Palavra? Embora Deus de fato abençoe a pregação fiel da Palavra, Ele também usa pessoas como Julie para mostrar a necessidade imperativa de fazer aplicações muito mais detalhadas das verdades transformadoras das Escrituras para pecadores os mais

[2] Meses mais tarde, descobri que outra pessoa na congregação ficara ofendida com aquele texto e sermão. Era uma adolescente descrente que estava frequentando a igreja com uma de nossas famílias. O que a ofendeu foram as palavras de Jesus que claramente a colocaram, junto com todos os demais, na categoria de pecadora que merece o julgamento de Deus. Ainda assim, a passagem oferece a riqueza da esperança da misericórdia de Deus à pessoa que reconhece que é pecadora e se arrepende, confiando em Cristo. Cerca de um ano mais tarde, fiquei sabendo que essa adolescente aceitou a Cristo e reconheceu que o texto havia servido para despertá-la de sua "soneca dogmática" de inocência e moralidade! Isso aconteceu devido a conversas pessoais que ela teve a respeito do texto com membros daquela família.

[3] A Bíblia une a pregação e o "aconselhamento" ao assumir que a mensagem graciosa e redentora das Escrituras é suficiente tanto para atingir as audiências grandes como para uma conversa pessoal. A divisão típica entre os ministérios público e pessoal da Palavra reconhece a suficiência das Escrituras para o ministério de púlpito, mas subestima esta suficiência para o ministério pessoal, dando a primazia às pressuposições da psicologia e relegando a Palavra a um papel secundário. Unir intencionalmente os ministérios público e pessoal da Palavra pode também ajudar o pregador a evitar uma pregação puramente "doutrinária", que subestima a importância da aplicação pessoal e consistente como parte do sermão.

diversos. Pensando sobre meu encontro com Julie, fui forçado a me perguntar se a Bíblia tinha algo mais para lhe dizer além dos três ou quatro pontos do esboço de Lucas 13.

Por intermédio de Julie e de muitos outros, meu entendimento do ministério da Palavra tem-se alargado, ampliado e aprofundado. Minha habilidade em aplicar a Palavra tem melhorado também. Isto se deu quando presenciei o poder transformador de Cristo agindo vagarosa e progressivamente na vida da Julie. Aprendi no seminário sobre a *autoridade* das Escrituras e descobri na prática do ministério pastoral a *suficiência* das Escrituras[4]. A exposição bíblica e a aplicação geral dadas de púlpito são apenas o começo do ministério da Palavra. No ministério pessoal você testa os limites do seu entendimento das Escrituras e sua habilidade para estabelecer ligações entre a Palavra e vida pessoal de modo prático, natural, cristocêntrico. Pude ver os ministérios público e pessoal da Palavra agindo juntos e de modo transformador tanto na vida de Julie como também na minha.

Esta ligação dos ministérios público e pessoal da Palavra é um desafio significativo no ministério pastoral, pois é fácil tendermos àquele aspecto ministerial para o qual nos sentimos mais aptos e ignorarmos aquele em que somos menos habilidosos. Estudei em um seminário excelente, onde a cosmovisão cristã e a autoridade das Escrituras eram o carro-chefe e o centro do currículo. Contudo, em termos funcionais, após o ensino da teologia, línguas originais, história da igreja e Bíblia, quase toda a atenção da teologia prática estava voltada para o ministério público da Palavra. Ocasionalmente, na área de teologia pastoral, recebíamos noções de como conduzir casamentos, funerais e visitas hospitalares. Muito pequena, porém, foi a ênfase no ministério pessoal da Palavra e nas questões pastorais muito corriqueiras como depressão, ira, conflitos matrimoniais, transtornos da alimentação, culpa, medo e assim por diante. Como pastor, logo descobri que em uma semana típica de trabalho, 20% do meu tempo era dedicado ao ministério público, enquanto 80% envolvia o ministério pessoal. Encontros pessoais com assistentes, líderes espirituais e membros da igreja tomavam a maior parte do meu tempo, mas durante meu treinamento no seminário eu não recebi muito preparo para este aspecto importante do ministério. No exame de ordenação, somente duas

[4] Por suficiência das Escrituras, não quero dizer que os *insights* de outras fontes que não as Escrituras não possam ser úteis ou instrutivos. Por exemplo, com Julie eu aprendi muito sobre a experiência e as consequências de um abuso sexual. Mas ainda assim, quando olhamos para a sua experiência de vida à luz do poder penetrante e redentor das Escrituras, Julie começou a reinterpretar esta experiência e ganhou um novo entendimento. Os "fatos" precisam ser sempre interpretados à luz das Escrituras. O aspecto que nos mantém humildes neste processo é que a tarefa de "reinterpretar" os fatos não é tampouco um processo objetivo! É a atuação do Espírito e a ajuda da comunidade cristã que nos permitem progredir na hermenêutica. Da manhã à noite, a Bíblia deve sempre funcionar como nosso ponto de partida e chegada embora tenhamos uma grande quantidade de dados a processar nesse ínterim.

entre centenas de perguntas diziam respeito a preocupações com o ministério pessoal/ pastoral[5].

Voltemos a Julie e sua história. Começamos a conversar com regularidade, enquanto minha esposa, Bárbara, ia ao encontro de Julie em um esforço para conhecê-la melhor. Logo Julie tornou-se parte integrante de nossa família e uma das babás favoritas dos nossos filhos. Quando começamos a conhecê-la, os fatos que moldaram sua vida e seus hábitos começam a surgir. Na pré-adolescência, Julie havia sida abusada sexualmente por um parente durante vários anos. Na oitava série, começou a receber aconselhamento. No ano seguinte, ficou internada em um hospital psiquiátrico durante quatro semanas para tratar de depressão e bulimia. Julie contou-nos como a terapia incluiu uma supervisão contínua que envolvia deixá-la em uma sala de observação para ver o que ela faria com o alimento. A terapia, porém, não incluiu nenhuma conversa sobre seu transtorno alimentar e a possível causa. Quando ela voltou para a escola, seus amigos e professores pareciam vê-la como uma "pessoa problemática". Ela se sentiu como uma anormal que todos observavam. Após sua estada na clínica psiquiátrica, ela foi colocada em vários programas de terapia em grupo e acompanhada por um psiquiatra que a manteve sob medicação.

Entre os últimos anos do ensino médio e o segundo ano da faculdade, Julie buscou ajuda com vários conselheiros, foi internada novamente devido ao transtorno alimentar e recebeu os mais variados diagnósticos: transtorno de estresse pós-traumático, transtorno compulsivo-obsessivo, depressão maníaca, transtorno do pânico e bulimia. Sua dificuldade para viver atraiu as melhores ofertas da indústria farmacêutica: Prozac, Paxil, Xanax, Zoloft, Celexa, Klonopin, Anafranil, Tofranil, Ativan e Mellaril. Em meio a essa confusão, Julie também procurou a ajuda da esposa de um pastor. Foi a primeira vez que alguém levantou a possibilidade de que o problema fosse um comportamento errado e não uma doença. Essa esposa de pastor continuou a se encontrar com Julie e a guiou em um estudo para descobrir quais "demônios" a estavam controlando! Julie não pôde terminar a série de estudos, pois foi tomada pelo medo. Quando nos conhecemos, ela havia chegado ao fundo do poço. Ela começara a se cortar, não tinha controle sobre o transtorno alimentar e estava pronta para se suicidar. Estes comportamentos aconteciam sucessivamente em uma espiral descendente.

Julie tinha buscado ajuda durante um período de oito anos. Sua experiência com conselheiros começou quando ela estava no início da adolescência; quando nos conhecemos, ela estava com pouco mais de vinte anos. Três tipos de ajuda tinham prevalecido durante esses oito anos, mas uma ficara de fora. A primeira forma de ajuda, e que mais se destacou, veio dos psicoterapeutas de diferentes escolas. A

[5] Um pastor idoso perguntou-me que texto eu usaria para consolar alguém que tivesse acabado de perder uma pessoa muito querida. Outro pastor perguntou-me que texto eu usaria se um casal estivesse considerando o divórcio. Visto que o exame de ordenação tinha a função maior de ser um guarda pronto a barrar todos quantos tivessem ideias teológicas erradas, e manter tais ideias afastadas do púlpito, ele foi basicamente indiferente a que conselhos eu ofereceria às pessoas no ministério pessoal. Mesmo as perguntas "que texto?" tinham em vista o conhecimento das Escrituras, e não um aconselhamento pastoral habilidoso, esmerado teologicamente e centrado em Cristo.

segunda forma de ajuda veio dos psiquiatras que tentaram o uso de vários medicamentos. A terceira forma de ajuda veio do ministério de libertação que buscou expulsar os demônios que a estavam possuindo. Todas essas formas de ajuda trataram Julie como uma pessoa singular, com problemas muito especiais que precisavam ser tratados por especialistas altamente treinados[6]. Mais tarde, ela reconheceu diante de minha esposa que havia uma satisfação egoísta nisso, pois era um meio dela conseguir atenção.

No conjunto de formas de ajuda disponibilizadas foi notória a ausência de um tipo de ajuda muito mais honesto e efetivo. Faltou uma forma de ajuda que combinasse uma grande sensibilidade para com o sofrimento de Julie com uma profunda confiança no poder do evangelho e das Escrituras para promover mudança por meio de uma fé inteligente e arrependimento no contexto do cuidado do corpo de Cristo. Além de Lucas 13, descobrimos juntos que muitos dos salmos dirigiam-se ao sofrimento de Julie. Os Salmos 77 e 28 foram de grande ajuda para ela desde o começo. O Salmo 77 pareceu ajudá-la a expressar em palavras o seu sofrimento, ao mesmo tempo que a conduzia a ver a misericórdia e o poder de Deus em meio ao sofrimento intenso. O Salmo 28 encontrou eco no coração de Julie devido à sua mensagem maravilhosa de coragem e confiança em Deus diante do medo. Gênesis 50.20 capacitou-a para perceber que nem todo o sofrimento é resultado de um pecado pessoal e Deus está tecendo algo incrível na vida daqueles que Ele ama. Julie pareceu identificar-se com José porque, como ele, ela esperou por anos até começar a ver o que Deus estava fazendo. As passagens que brotaram dos lábios de pessoas reais, que sofreram intensamente, foram de muita ajuda. A Bíblia tornou-se muito mais do que o livro de regras que ela tinha conhecido em sua educação fundamentalista. A Bíblia é uma história de pessoas reais, que viveram em meio à injustiça e clamaram a um Deus gracioso. Julie viu que todas essas passagens apontavam para uma direção incrível: um Deus que havia sofrido pessoalmente e derramado o Seu sangue voluntariamente por pelo menos duas razões: purificá-la de seus pecados e rebeldia, e ajudá-la a compreender e suportar o pecado de outros contra ela. Este era o tipo de ajuda tristemente ausente a princípio, mas que mais tarde despontou no horizonte!

Quero ser bem claro em dois pontos. Primeiro, o ministério verdadeiro não minimiza o sofrimento nem converte em simplista aquilo que é complexo. Ele também não desmerece arrogantemente os esforços compassivos daqueles que ofereceram a Julie várias formas de ajuda ao longo dos anos. Estou convencido que aqueles que se envolveram com Julie preocuparam-se sinceramente com ela e pensavam estar fazendo o melhor para ela naquela ocasião. É como se essas intervenções ao longo de um período de oito anos tivessem preservado sua vida e a guardado do suicídio. Com certeza, Deus estava cuidando soberanamente de Julie e usando os esforços de várias pessoas para o seu bem. Mas nas próprias palavras de Julie,

[6] Isto não significa que qualquer um poderia ajudá-la. Pela gravidade de seus problemas, ela precisava de um conselheiro sábio, habilidoso e experiente. A natureza de seus problemas, porém, não apresentava algo que a Bíblia fosse incapaz de explicar e tratar de forma redentora.

conquanto a ajuda recebida fosse proveitosa, as soluções oferecidas ficavam aquém do esperado. Ironicamente, elas não se dirigiam adequadamente à realidade do seu sofrimento, suas lutas contínuas e sua necessidade desesperada de alimentar a esperança de que a situação poderia mudar. Estava evidente a falta do Redentor sofredor com quem ela pudesse se identificar e que também fosse capaz de ajudá-la a lidar com o pecado cometido contra ela, perdoá-la por suas reações pecaminosas e oferecer promessas de crescimento e utilidade no serviço aos outros. Em lugar disso, a ênfase constante estava em um apelo existencialista à coragem e a encontrar forças em si mesma face à confusão e ao absurdo.

Neste contexto de ministério pessoal com Julie e outros, Deus estava me ensinando também. Como acontece com frequência, o *ajudador* foi *ajudado* por quem ele procurou *ajudar*. O missionário valioso, que vai ajudar os pobres em uma terra distante, descobre a pobreza de sua fé e aprende humildemente junto àqueles a quem procura ensinar e edificar. Julie foi uma professora muito importante entre muitas outras pessoas com quem eu tive o privilégio de aprender.

A interação pessoal é vital para o ministério pastoral. Frequentemente, porém, ela não é enfatizada ou então fica limitada à visitação hospitalar que inclui a leitura de um texto bíblico e uma oração. A visitação hospitalar é parte adequada do cuidado pastoral, mas não é tudo. Há benefícios extraordinários para os pastores e líderes da igreja que se comprometem a atuar com seriedade no ministério pessoal da Palavra. Quais os benefícios colhidos por um pastor envolvido na prática do ministério pessoal da Palavra? O quanto isto é essencial para o ministério em geral e, mais especificamente, para o ministério público da Palavra? Quero sugerir pelo menos seis benefícios que acredito que fazem do ministério pessoal da Palavra algo vital.

Primeiro, os ministérios público e pessoal da Palavra andam juntos – um sem o outro é insuficiente. Em Atos 20.20, Paulo os coloca lado a lado quando diz: "Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo....jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa". Nesta passagem, Paulo não nos oferece uma metodologia rígida de visitação nos lares. Antes, descreve uma filosofia ativa de ministério que combina os ministérios público e pessoal da Palavra. Tanto para Julie quanto para mim, Lucas 13 foi só o começo, abrindo a porta para muitas conversas pessoais sobre o seu sofrimento e a causa deste, a resposta dela ao sofrimento, a misericórdia de Cristo, uma fé funcional diária no evangelho, e a necessidade de amar e servir outras pessoas. Neste processo, criaram-se oportunidades para colocar na mesa aspectos específicos da vida de Julie e as verdades profundas e insondáveis da Palavra para lidar com estes aspectos de modo libertador.

A posição mais comum, que com frequência é simplesmente assumida e raramente examinada, vê a Palavra de Deus como suficiente para a pregação pública com aplicações gerais ao ser humano, mas como insuficiente para o ministério pessoal e aplicações pessoais específicas. Quando é hora de lidar com os detalhes dolorosos e confusos da vida, a Escritura é frequentemente vista como inadequada.

Lembre-se dos problemas predominantes na vida de Julie. Considere como estes problemas foram rotulados. Onde a Bíblia fala sobre transtorno obsessivo-compulsivo, ataques de pânico, bulimia ou depressão? Talvez fale em depressão, culpa e medo, mas os demais problemas *parecem* não estar em lugar nenhum nas Escrituras. Portanto, poderia parecer que as Escrituras e a realidade do evangelho são ambas auxiliares, ainda que importantes, mas insuficientes.

Se tivermos uma confiança absoluta na profundidade e *insight* das Escrituras, os ministérios público e pessoal estarão naturalmente unidos, orientando-se e alimentando-se mutuamente. O ministério público criará oportunidades para o ministério pessoal. Por sua vez, o ministério pessoal intensificará e fortalecerá o ministério público. Este movimento circular continuará a enriquecer ambos os ministérios da Palavra. Na verdade, se o ministério público não estiver despertando, encorajando e incentivando o ministério pessoal da Palavra, é provável que ele esteja deficiente na exegese e aplicação da Palavra de modo a conduzir as pessoas a adorarem a Cristo, entenderem as suas vidas com maior clareza e vivenciarem mudança. Se isto não está acontecendo no contexto dos cultos de adoração em que a Palavra é proclamada à igreja, a possibilidade de que as pessoas acreditem que as Escrituras podem causar mudança no contexto um a um será bem fraca. Pela associação dos ministérios público e pessoal, Julie veio a ser uma discípula de Cristo. Ela ganhou a convicção de que a Bíblia tinha algo a lhe dizer.

O segundo benefício do ministério pessoal da Palavra é que ele cultiva na vida do crente uma apreciação pela riqueza da sabedoria divina contida nas Escrituras. Comprometer-se com entregar um sermão biblicamente fiel, relevante e bem preparado é uma experiência recompensadora, que transforma vidas. Contudo, é diferente da experiência de atuar no ministério pessoal. Quando chama a Bíblia de espelho (Tg 1.22-25), Tiago usa uma metáfora clara para descrever como ela deve ser usada. Mas Tiago menciona algo interessante que vai de encontro ao que costumamos pensar sobre um espelho. Ele diz que devemos nos olhar neste espelho durante o dia todo! É um espelho que devemos levar conosco e onde nunca paramos de nos mirar. Na pregação semanal, costumamos erguer o espelho; contudo, quando as pessoas deixam a igreja, elas podem facilmente partir e esquecer o retrato que viram de si mesma, sua necessidade de mudança e o Redentor que traz esta mudança. Tiago está ciente de que o coração humano tende à perdição. Somos propensos a fugir da verdade e acreditar em mentiras. É no contexto do ministério pessoal que o pastor tem a oportunidade de manter o espelho levantado e ajudar a pessoa para que continue a olhar atentamente para a "lei perfeita que dá liberdade". A revelação redentora de Deus em Jesus está registrada e explicada para nós nas Escrituras. Ela ganha vida à medida que o Espírito de Cristo serve-se dela para atingir as questões mais profundas da vida e para nos levar a buscar a glória de Deus, libertos da busca da glória pessoal.

Tive o privilégio de testemunhar este processo ao acompanhar Julie (e tantas outras pessoas). Escolha um texto bíblico que trate dos problemas da pessoa que está à sua frente. Olhe atentamente para ele,

com atenção e paciência para escavar tudo o que está ali para ser achado. Converse sobre o texto. Faça perguntas. Permita que ele o desafie, confronte e conforte. É aqui que a beleza da sabedoria de Deus contida na Palavra brilha. Tiago usa a expressão "considerar atentamente" para capturar o sentido de cravar completamente o olhar na Palavra de tal forma que a verdade bíblica cresça, brilhe intensamente e se inflame. Tiago vê-nos meditando atentamente na verdade até que não possamos olhar para ela sem ver os nossos nomes nas entrelinhas. Um de meus amigos disse que há conteúdo suficiente em um único versículo bíblico para nos manter deslumbrados e estimulados para o resto de nossas vidas! Quão facilmente desfalecemos e como perdemos rapidamente o senso de admiração e maravilha quando se trata da mensagem do evangelho! No ministério pessoal, você tem a oportunidade maravilhosa de reduzir a velocidade. Você pode ir para frente e para trás estabelecendo relação entre o coração e a Palavra. No ministério pessoal, Julie e eu encontramos nossos nomes particularmente nas entrelinhas do Salmo 77. A primeira leitura que fizemos resultou em lágrimas. Com o tempo, o mesmo salmo produziu alegria e até risadas!

Terceiro, vemos no ministério pessoal como a Escritura é um espelho que transforma por inteiro o corpo de Cristo e não apenas o pastor. Se percebemos o quanto é vital termos este espelho à nossa frente o tempo todo, a mensagem de Colossenses 3.15,16 ganha uma luz diferente. Paulo nos instrui dizendo: "Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos. Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração". Esta passagem é uma aplicação prática de Tiago 1.22-25 para todo o corpo de Cristo. Todos nós somos "seguradores de espelho". Esta responsabilidade é de cada cristão, não só do pastor. É uma prática que deve acontecer entre todos os crentes – diariamente, durante a semana, entre amigos, marido e esposa, pais e filhos e membros em geral do corpo de Cristo. Temos a responsabilidade moral e o privilégio de encorajar e exortar uns aos outros e erguer uns diante dos outros o espelho das Escrituras, que está repleto de promessas redentoras e advertências amorosas para fugirmos do pecado e seguirmos a Cristo a cada momento. Esta perspectiva de ministério pessoal entre cristãos está evidente no pensamento do escritor de Hebreus:

> Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado. (Hb 3.12,13)
> Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima. (Hb 10.24,25)

Para a maioria, estas passagens são bem familiares. Mas elas fazem mais sentido quando unidas a Colossenses 3.

> Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos. Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração.
> (Cl 3.15,16)

Em Hebreus 3 e 10, a importância do corpo de Cristo é notória. Em Hebreus 10, a importância de um trabalho árduo é enfatizada pela frequência com que o escritor usa a palavra "considerar". O termo usado no original para "considerar" (*katanoumen*) implica empenho e premeditação, e está associado ao termo "incitar" (*paraxismos*)[7]. Estas palavras têm a intenção de comunicar algo muito forte sobre quão importante, intencional e agressiva nossa comunhão deve ser. Quando você associa a passagem de Hebreus à de Colossenses 3, a importância da Palavra de Cristo é destacada. Estas três passagens unem o corpo de Cristo à Palavra de Cristo e focalizam em relacionamentos intencionais, bíblicos, cristocêntricos, que têm como propósito o crescimento na graça. [...]

Ironicamente, o ministério pessoal da Palavra não é uma atividade individualista, mas comunitária. Ele floresce particularmente quando as pessoas vivem em relacionamento íntimo umas com as outras. Deve, portanto, levantar perguntas que nos façam ponderar sobre a necessidade de equipar todos os membros para pensarem e falarem de modo consistente com a verdade bíblica. Às vezes, penso o que aconteceria se a liderança de uma igreja tivesse a capacidade de grampear por uma semana e gravar todas as conversas que ocorrem entre as pessoas – amigos, cônjuges, crianças, todos os membros da igreja! Entendo que isso seria ilegal e bastante insensato, mas imagine que tipo de conselhos você ouviria compartilhados entre estas pessoas. Quantos destes seriam verdadeiramente centrados no evangelho e edificantes? Quantos seriam uma heresia total? E quantos seriam um tanto confusos, uma mistura semi-útil de ambos? Poderíamos ficar chocados ao descobrir que a comunicação que acontece entre os membros da igreja, embora tenha a aparência de conselho bíblico, não é um verdadeiro "compartilhar bíblico" de uns com os outros.

Sou grato a várias pessoas que tiveram um papel de destaque na vida de Julie. De fato, meu papel junto a ela começou a diminuir quando outros membros do corpo de Cristo passaram a fazer parte da vida de Julie. Muitas famílias investiram tempo em Julie enquanto ela os servia cuidando de suas crianças. Inúmeras conversas informais moldaram sua maneira de pensar sobre sua vida e seu Deus. Uma família chegou a recebê-la em casa quando ela passou por dificuldades financeiras. Minha esposa encontrou-se com ela para conversar sobre alguns salmos, tratar de alguns problemas específicos e orarem juntas. Julie também se envolveu no ministério infantil da nossa igreja. Ela amava estar com as crianças, pois isso permitia-lhe aproveitar um momento de vida que ela nunca tinha vivenciado. Esta responsabi-

[7]Recomendo a análise exegética de Hebreus 10.24 por F. F. Bruce em seu comentário na série *New International Commentaries on the New Testament*, junto com o comentário de Hebreus por P. E. Hughes.

lidade compartilhada por diferentes pessoas preservou a todos de ter o papel de "salvador" e providenciou para Julie ajuda e prestação de contas com sabedoria e equilíbrio.

Quarto, o ministério pessoal da Palavra informa e fortalece profundamente o ministério público. Quando conheci Julie, ela se tornou uma pessoa singular na audiência, com nome, rosto, detalhes de problemas da vida, em que eu precisava pensar enquanto trabalhava com afinco em textos bíblicos e preparava os sermões. Quando você ganha este senso de conhecimento de quem é a sua audiência e quais são os seus problemas e lutas diárias, você está mais apto para enfocar aplicações definidas que atingirão em cheio pessoas reais. A experiência de sofrimento de Julie, o seu medo, o desejo de controlar o próprio mundo e a culpa, eram todos semelhantes aos problemas que meus demais ouvintes de domingo viviam. A única diferença estava no grau da situação. O ministério público sem o ministério pessoal geralmente caminha em direção a disseminar informações e focar em ideias abstratas sobre exegese, doutrina e moral. A verdade pode estar organizada com clareza e lógica, mas ela é muito antisséptica, sem "vida real".

Por outro lado, o ministério pessoal o mantém conectado com a realidade! Após ter lidado com pessoas durante a semana toda, você não chegará ao púlpito indiferente, racional ou desligado da realidade. Se você lutou ao lado de pessoas nas dificuldades da vida, se você se preocupou, ofereceu conforto verdadeiro e as desafiou com o evangelho durante a semana, então você necessariamente levará paixão, calor e premência para o púlpito.

Por sua vez, isso terá um impacto grande na sua audiência. Cada vez mais, as pessoas responderão buscando oportunidades para um ministério pessoal! Este é um ciclo glorioso em que o poder de Cristo é conhecido, vivido e compartilhado. Uma das coisas marcantes sobre Julie foi perceber como a sua presença na vida daqueles que a ajudaram produziu um pequeno reavivamento tanto nestas pessoas como na igreja. As pessoas viram o poder do Cristo crucificado e ressurreto operando na vida de Julie, foram sacudidas de sua incredulidade e se tornaram mais otimistas quanto às promessas de Deus de transformar vidas. Julie era uma lembrança viva da presença de Deus no meio de Seu povo, um convite a reconhecer a realidade de Deus. Ela se tornou como um daqueles memoriais de pedra que encontramos com frequência no Antigo Testamento, erguidos pelo povo de Deus para ajudá-los a lembrar o poder, a verdade, a fidelidade, a misericórdia e a graça de Deus. Ela era uma lembrança ainda melhor! Este fato, associado a várias outras situações em que Deus estava obviamente atuando, criou um senso de animação e entusiasmo. Pessoas começaram a ser despertadas para o treinamento ministerial.

Quinto, o ministério pessoal da Palavra mantém você honesto, humilde e dependente em aspectos diferentes do ministério público da Palavra. Enquanto a falta de humildade pode dar uma simples arranhada na sua pregação, ela aniquilará seu ministério pessoal. É possível que a responsabilidade de sentar-se frente a frente com alguém que confia aos seus cuidados os problemas delicados da alma seja pesada para você; caso contrário, talvez você esteja enganado pelas respostas prontas e técnicas

de aconselhamento. É preciso pensar sobre como ministrar à pessoa que está à sua frente, o que fazer e dizer. Quando eu estava ajudando Julie, eu era forçado a pensar profundamente sobre sua vida e o que eu iria dizer. Respostas prontas, mesmo que fossem verdadeiras, não serviriam. Para ajudá-la devidamente a ver que Deus é bom, sábio, soberano e gracioso, eu precisava de sabedoria. Naquele exato momento, eu dependia de Deus e sabia que precisava de muita oração!

A sua verdadeira maturidade espiritual é exposta muito mais do que a da pessoa a quem você está ministrando. Você está tão sensível à própria tendência pecaminosa, e adequadamente humilde no que diz respeito ao seu pecado, que é capaz de manter-se afastado da justiça própria e do orgulho quando um pecador obviamente orgulhoso e não arrependido o olha nos olhos e justifica seu comportamento? Em setembro de 2002, foi destaque no noticiário noturno o abuso físico de uma menina praticado por sua mãe e filmado no estacionamento de uma loja. Com certeza, tristeza, ira justa e indignação são emoções bíblicas que um cristão sentiria ao assistir a esta gravação. Mas o que dizer quanto à humildade? O ato registrado naquela fita deveria ser um alerta para mim de que eu poderia muito bem fazer algo semelhante[8]. Se eu não estiver ciente das minhas tendências pecaminosas, minha ira diante deste abuso não será nem um pouco santa, mas fruto de carnalidade e justiça própria.

Recentemente, aconselhei um casal que lutava com ira e frustração com respeito a seus filhos. Por "casualidade", eles estavam sendo aconselhados por alguém que estava passando pelas mesmas lutas naquele momento! À medida que eles contavam para mim suas lutas, elas tornaram patentes minhas próprias atitudes e comportamentos pecaminosos. Quando compartilhei isso, eles se sentiram encorajados. Tornou-se possível uma conversa ampla sobre o quanto nós *três* precisávamos de Cristo. Começamos, então, a buscar quais seriam as expressões adequadas de fé e arrependimento e como precisávamos depender de Cristo justamente naqueles momentos específicos de tentação. Esta é uma grande bênção e um benefício do ministério pessoal da Palavra, que não é um privilégio apenas do pastor. Todo crente deve se engajar nesse tipo de confissão honesta, prestação de contas e encorajamento mútuos. Diferentemente do ministério público, o ministério pessoal permite-lhe estar face a face com pecadores e sofredores. Como resultado, ele testa a sua espiritualidade.

Vejamos um outro exemplo. Como você reagiria diante de alguém que precisa ser confrontado com amor, mas que é um mantenedor significativo da igreja que você pastoreia? Você o evitaria ou o acobertaria por medo de ser rejeitado ou acusado de expulsar aquela pessoa e colocar a igreja em uma crise financeira? Neste caso, aquilo de que você está se dando conta não é justiça própria, mas temor ao homem ou um desejo demasiado de sucesso. No ministério público, as palavras são bem planejadas e o roteiro é preparado com antecedência. Além do mais, você está mais distante das pessoas e é muito mais

[8] Creio que foi John Owen quem disse: "A semente de todo pecado que se possa conhecer está em meu coração".

fácil vestir-se de uma pretensa espiritualidade. Mas no ministério pessoal não há um roteiro preparado com antecedência. O ministério pessoal é um instrumento para mantê-lo humilde e dependente de Deus, e um incentivo à oração mais frequente. Ele revela a profundidade (ou a superficialidade) da sua comunhão com o Pai e a santificação que está (ou não) ocorrendo em sua vida. Se convido outras pessoas a colocarem sua esperança e confiança no Redentor em quem eu não tenho esperança e confiança vivas, isto é falsidade. Se eu estabelecer relação entre os textos bíblicos e as vidas de outras pessoas, colocando-as diante do espelho, mas sem estar animado para ver mudanças em minha própria vida, eu não passarei de um gongo que toca: com muito espetáculo e pouco conteúdo. O que eu disser soará seco, ensaiado, representado, falso. Mas se eu testemunhar de uma experiência rica e persuasiva do evangelho na minha vida, ela irá cantar, encorajar e dar esperança!

Sexto, o ministério pessoal é essencial para garantir a viabilização contínua da igreja em uma cultura que está saturada com centenas de outras vozes. Pessoas secularizadas, psicologizadas, materialistas, desesperadamente autoconfiantes, todas precisam ouvir o evangelho de um modo que supere totalmente as melhores respostas que as perspectivas seculares têm a oferecer, sem contudo abrir mão da verdade eterna das Escrituras. Esta tarefa não é nova para a igreja. Todos os missionários, todos os tradutores da Bíblia e todas as gerações de cristãos defrontam-se com ela. A tarefa envolve concomitantemente contextualização e "desenculturação". É preciso comunicar de maneira que a cultura entenda, ao mesmo tempo que é preciso desafiar a própria cultura. A própria Bíblia é um exemplo vivo. A todo tempo, os autores bíblicos dirigiram-se a cada cultura usando temas e imagens de uso comum, enquanto convidavam radical e revolucionariamente aquela mesma cultura e o povo ao arrependimento e fé[9].

O ministério pessoal da Palavra é apologético e evangelístico em sua natureza. Se não cumprirmos o trabalho árduo de mostrar como a mensagem redentora das Escrituras dirige-se aos problemas da vida, tanto o povo de Deus como as demais pessoas irão em outra direção. Eles concluirão que o evangelho não é *o* poder de Deus para mudança, a Palavra de Deus não é *a* sabedoria para mudança e a igreja não é *a* comunidade redentora onde os pecadores podem encontrar ajuda e esperança. Um dos meus professores no seminário disse certa vez que os problemas que prevalecem na sociedade representam as contas não saldadas da igreja[10]. A falha da igreja no cumprimento do ministério pessoal com sabedoria, profundidade e intensidade deixa as ovelhas suscetíveis a todos os tipos de influências cuja sabedoria não provém de Cristo. Muitas "Julies" sentam nos bancos das igrejas a cada domingo, prontas para ouvir que Deus se dirige com clareza e *insight* profundo a seus mundos confusos e estonteantes.

Enquadro Julie (e outras pessoas semelhantes a ela) na categoria de Hebreus 11: sua fé e sua vida são um testemunho

[9] O apóstolo João fez isto em João 1 quando se referiu a Jesus como o Logos. Temas e ideias de uso comum foram empregados ao mesmo tempo que um significado novo e radical era apresentado.

[10] Palavras do falecido Dr. Harvie Conn, professor de Teologia Prática no Seminário Teológico de Westminster, em Filadélfia, PA.

vivo. Quando Julie e eu nos encontramos pela primeira vez, ela demonstrou uma fé semelhante à de pessoas que Jesus elogiou como, por exemplo, o centurião de Mateus 8.5-13 ou a mulher doente de Mateus 9.20-22. A princípio, estas foram as palavras de Julie: "Procurei ajuda em todos os lugares. Já conheci de perto a psicologia, a psiquiatria e o exorcismo, e agora só quero saber se a Bíblia tem alguma coisa a dizer que possa me ajudar". Este foi um simples pedido de socorro, um grito por misericórdia, que levou Julie ao Salvador que encontra o humilde de coração e o ergue do lamaçal.

Julie contou-me que algo essencial – algo bem "normal", biblicamente falando – começou a acontecer em sua vida. Em palavras simples, ela descobriu que as Escrituras falavam com muita clareza sobre o que ela enfrentava. A Palavra falou de maneira muito mais específica e persuasiva do que tudo quanto ela ouvira antes. Ela também percebeu que Deus estava próximo dela. Olhar para Jesus e a realidade do Seu sacrifício por ela deu-lhe base para lidar com seu sofrimento, vergonha e culpa, e permitiu-lhe ter uma comunhão nova com seu Redentor. Este aspecto estivera ausente durante todos aqueles anos de terapia e medicamentos. Atualmente, Julie encontra grande conforto quando as mentiras que dominam sua vida são confrontadas e desmanteladas pelo Deus das Escrituras. Julie aceitou a verdade libertadora de que a vida, a morte e a ressurreição de Jesus são a base para a sua identidade nova e verdadeira. Ouça o que ela diz:

> Comecei a perceber que as mentiras de Satanás estavam me dominando – mentiras a respeito de quem eu sou, o que sou e a quem pertenço. Por exemplo, havia uma ideia constante em minha mente de que eu ainda tinha que pagar pelos meus pecados, pois de alguma forma a morte de Jesus não era suficiente. Por esta razão eu me cortava. Mais do que outra coisa, esta era uma forma de expiação por meus pecados. Eu sabia que nunca poderia pagar uma penitência suficiente. De alguma forma, porém, cortar-me fazia com que eu pensasse que estava no mínimo relembrando quão pecadora eu era.
>
> Outra mentira consistia em crer que eu era responsável por muitos dos acontecimentos que marcaram minha vida. Conquanto as minhas escolhas tivessem sido algumas vezes ruins e outras vezes pecaminosas, comecei a perceber que eu não era responsável pelo pecado de outras pessoas. Minha pecaminosidade fez-se evidente nas reações que tive a tudo quanto aconteceu, não no pecado cometido contra mim. Esta nova maneira de pensar não me poupou de enfrentar as situações difíceis, mas me ajudou a reconhecer a verdade. Ainda luto com o transtorno alimentar e os cortes, mas eles não têm mais domínio sobre mim. Também aprendi que posso clamar sinceramente a Deus nos momentos de aflição e terror, e Ele me ouvirá e confortará. Ainda posso recorrer ao Ativan para controlar os ataques de pânico, mas raramente o uso. Aprendi a fazer exercícios de relaxamento e, o mais importante, aprendi a orar e buscar conforto nas Escrituras até que

o pânico passe. Ocasionalmente ainda preciso de remédios e talvez leve algum tempo até deixá-los por completo.

A igreja teve grande influência no processo de mudança em minha vida. Estou envolvida no ministério infantil, o que possivelmente ajuda mais a mim mesma do que àqueles a quem eu ensino! Deus colocou estrategicamente muitas pessoas na minha vida para serem representantes tangíveis do Seu amor para comigo. Ainda luto também com alguns problemas ligados ao abuso no meu passado. Estes se manifestaram com maior intensidade ultimamente porque comecei a namorar um rapaz que conheci no verão passado. Ele tem sido um retrato vivo da paciência de Deus para comigo. Está ciente do "entulho" do meu passado, e ainda assim continua ao meu lado. Com este relacionamento tenho aprendido a dar, receber e ser vulnerável. Uma das coisas mais maravilhosas que eu aprendi nos últimos dois anos é como lidar com minhas emoções. Por muito tempo, eu rotulei de maneira errada ou abafei todas as emoções. Estou aprendendo a chorar e dar risada até não poder mais. Estes são dois dos presentes mais preciosos de Deus.

Os temas-chaves da verdade bíblica para mim têm sido que sou uma nova criatura, uma filha do Rei, e Cristo já completou esta obra por mim. Não preciso expiar os meus pecados; nem de longe tenho a capacidade para tanto. Cristo já o fez! É maravilhoso. Quando Deus olha para mim, Ele vê Cristo. Levei bastante tempo para entender de leve esta verdade. Deus não olha para mim e me vê suja, imunda e pecaminosa como eu me vejo. Ele vê a Sua filha, vestida com a beleza da justiça de Seu Filho.

Que testemunho bonito de uma vida transformada e em transformação! Este é o fruto do verdadeiro ministério pastoral. Quem não gostaria de estar na linha de frente de um processo com este? E ainda assim, quando desmerecemos o ministério pessoal da Palavra, ou colocamos um substituto no lugar da Palavra, perdemos oportunidades como esta.

É animador ouvir Julie usar uma linguagem bíblica. Algumas verdades ela já vivenciou e outras ela ainda não compreendeu. O crescimento é algo progressivo, lento em alguns pontos e confuso às vezes. Mas ainda assim ele perdura. O ministério da Palavra não promete uma cura imediata e uma panaceia que faz desaparecer todas as coisas ruins. Pelo contrário, Deus nos dirige em um estilo de vida de humilde dependência da graça de Cristo dia após dia. Tudo tem seu início com a justiça radical que vem de Cristo e nos é imputada, e prossegue pela fé à medida que a Palavra é comunicada. Por isso, Julie necessita continuamente dos ministérios pessoal e público da Palavra, bem como todos nós.

O ministério pessoal da Palavra não é opcional para a igreja. Não é opcional para os pastores. Embora alguns pastores sejam mais dotados para o ministério pessoal da Palavra do que outros, isto não quer

dizer que alguém esteja isento de praticá-lo. Diferentes atribuições de dom não impedem alguns de exercerem o ministério pessoal da Palavra. À luz da história de Julie, como negligenciar este ministério? Ainda que os problemas de Julie sejam mais complexos e exijam ajudadores maduros e sábios, cada crente luta com o pecado, enfrenta tentações e precisa de ajuda para viver a vida cristã. Os pastores e os demais crentes têm inúmeras oportunidades para cumprir o seu papel no processo de santificação uns dos outros. Este não é apenas um aspecto da vida da igreja, é a própria igreja em ação.

Interprete a Bíblia, Interprete a Pessoa:

uma entrevista com John Street[1]



David Powlison

DP: John, por favor, apresente-se e nos conte um pouco sobre a sua igreja.

JS: A igreja que pastoreio teve início como congregação da Igreja Batista de Washigton Heights em Dayton, Ohio. Servi a igreja-mãe como pastor assistente com o objetivo de iniciar, em três anos, uma congregação na área. Em 1985, saí com aproximadamente trinta e cinco adultos que queriam envolver-se no ministério de plantar igrejas como parte de um plano de alcance missionário. O nome da nossa igreja é Clear Creek Chapel.

Desde o início, tínhamos o desejo sincero de construir um ministério inteiramente alicerçado na suficiência da Palavra de Deus. Estávamos comprometidos não apenas com o crescimento numérico da congregação como um todo, mas também com o crescimento de indivíduos. Trata-se de um contraste se comparado ao fato de que fui treinado no seminário para ser um pastor orientado para o púlpito. Quero dizer com isso que meu papel principal costumava ser o de pregador. Ocasionalmente, fazia visitas nos lares e em hospitais, evangelizava pessoas, mas atuava muito pouco junto às pessoas e seus problemas. Os problemas com que eu lidava como pastor eram pequenos desentendimentos ou brigas conjugais. Essencialmente, ensinaram-me no seminário que um pastor não seria capaz de lidar com nada além disto.

Depois de me formar no seminário, já como pastor assistente, recebi um treinamento em aconselhamento bíblico. O Senhor me humilhou e começou a colocar em meu

[1] Tradução e adaptação de *Exegete the Bible; exegete the person: an interview with John Street*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 16, n.2, Winter 1998. p. 7-13.

John Street é coordenador do programa de Mestrado em Aconselhamento Bíblico em The Master's College, na Califórnia. Por ocasião da entrevista, era pastor titular de Clear Creek Chapel. Após 22 anos de atividade no ministério pastoral, atualmente dedica-se ao ensino e é um dos líderes espirituais de Grace Community Church em Sun Valley, California.

coração um peso de responsabilidade por não apenas pregar, mas também pastorear pessoas. Meu treinamento inicial em aconselhamento bíblico deu-me uma visão do pastoreio de pessoas que antes eu não tinha. Em certo sentido, eu até tinha a visão de atingir pessoas, mas ela era muito impessoal e limitada a ministrar de púlpito a Palavra de Deus para um público grande. Um colega e eu costumamos brincar sobre isso agora. Ele diz: "Se você pensar bem, é fácil pregar. Ninguém o contraria durante a pregação. Mas quando você está em uma situação de aconselhamento, face a face com alguém a quem está tentando ministrar a Palavra de Deus, e a feiura da natureza pecaminosa mostra sua face, a pessoa começa a argumentar, contrariar, desculpar-se, culpar a outros e fugir do problema, então é que você está na luta de verdade". A pregação não é a luta maior. Creio que é uma tarefa fácil se comparada à de trabalhar diretamente com as pessoas e seus problemas.

DP: Você pode nos dar um exemplo de como sua perspectiva mudou quando você ganhou uma preocupação pastoral com pessoas? Como isso afetou sua pregação? Como o ministério público ganha uma perspectiva diferente quando você está orientado para o aconselhamento?

JS: Creio que tudo começou quando presenciei um caso de aconselhamento de Bob Smith durante meu treinamento[2]. Foi o primeiro caso de aconselhamento que observei, embora tivesse cursado quatro anos de seminário.

Naquela época, Bob estava aconselhando um rapaz de aproximadamente vinte e cinco anos, que tinha problemas sérios com seu pai. Bob já havia se encontrado com ele várias vezes. Quando o rapaz chegou para este encontro, Bob orou com ele e em seguida perguntou sobre sua tarefa de casa. Estava óbvio que o rapaz não havia feito o que lhe fora pedido. A tarefa era procurar seu pai e, antes de mais nada, reconhecer alguns de seus pecados e lhe pedir perdão. Mas ele também tinha que confrontar o pai por algumas coisas erradas que este havia feito. O rapaz não tinha completado a tarefa. Também não tinha feito algumas leituras pedidas. Eu estava sentado mais atrás e observava o andamento. Pensei comigo mesmo: "Isso vai ser interessante. O que será que Bob vai fazer?"

Depois de conversar com o rapaz por algum tempo, Bob afastou sua cadeira para trás e em seguida (eu nunca esquecerei isso) inclinou-se para frente, levantou-se um pouco e olhou bem firme para ele. Bob disse com determinação: "Rapaz, você está brincando com Deus". O jovem encostou-se na cadeira, chocado. Eu também. Pensei: "Oh, não! Teremos uma briga nesta sala agora mesmo!" Lembro-me dos pensamentos que passaram pela minha mente naquele momento: "Se isso é aconselhamento bíblico, eu nunca serei capaz de tanto!" Mas o que aconteceu foi que o rapaz se derramou em lágrimas e disse: "Você está certo!"

Até este ponto, Bob tinha tido vários encontros com ele. Este rapaz havia dado voltas e feito pequenos progressos, mas ele

[2] NDT. Dr. Robert Smith é membro-fundador de NANC e membro aposentado do Conselho Diretivo de CCEF NANC – National Association of Nouthetic Counselors (Associação Nacional de Conselheiros Noutéticos) CCEF – Christian Counseling & Educational Foundation (Fundação Cristã de Aconselhamento e Educação).

não estava comprometido com nenhuma mudança significativa quanto à amargura com seu pai. Ele queria conversar sobre o assunto e queixar-se de tudo que seu pai havia feito, mas não queria se defrontar com o pai e trabalhar devidamente a questão como um jovem cristão.

Mais tarde, dei-me conta de que eu não teria amado aquele rapaz o suficiente para fazer o que Bob fez. Eu teria ficado muito intimidado. Não sei se eu pensava que como pastor eu deveria ser uma pessoa muito educada ou se isso era parte de minha cultura, mas eu não teria amado aquele jovem a ponto de fazer aquilo. Daquele momento em diante, creio que tivemos apenas dois ou três encontros com aquele rapaz. As coisas mudaram em sua vida rapidamente. Ele completou o aconselhamento com um ótimo desempenho.

De volta ao ministério em Washington Heights, posso me lembrar do meu primeiro encontro de aconselhamento envolvendo uma jovem de dezenove anos que tinha sérios conflitos com seus pais. Os três – pai, mãe e a jovem – frequentavam nossa igreja e procuraram aconselhamento. Naquele encontro, permiti que o pai repreendesse asperamente e ofendesse sua filha. Eu fiquei intimidado por aquele homem e permiti que tudo acontecesse diante de mim. Nós nunca mais vimos a moça. Aquela foi minha primeira tentativa de aplicar o aconselhamento bíblico e acho que falhei de modo lastimável.

DP: O que você deveria ter feito em lugar do que fez?

JS: Eu deveria ter confrontado o pai. Ele era um homem muito dominador e intimidante. Era óbvio que a filha estava muito revoltada contra ele. Eu os deveria ter persuadido a se unirem para trabalharmos juntos na reconciliação. Mas neste processo, ele tomou conta de toda a sessão e feriu sua filha. Aquela moça saiu de meu escritório e até hoje nunca mais a vi. Tentamos estabelecer um contato e ela se recusou. Conversei com ela e sugeri que lidássemos com a questão sob um ponto de vista bíblico. Tenho certeza de que a visão do aconselhamento bíblico que ela tem hoje é a de deixar alguém passar por cima de você.

DP: Ela não tinha noção de que você iria "defendê-la".

JS: Deixei de conter aquele homem. Não importa se algumas das coisas que ele disse sobre sua filha eram verdades; a maneira de apresentá-las foi pecaminosa. Ele investiu contra cada área fraca e acusou com rispidez a filha. Eu permiti que isso acontecesse.

DP: Deve haver muitas pessoas para quem "aconselhamento bíblico" é tentar encontrar áreas fracas na vida das outras pessoas e repreendê-las. Esta é uma caricatura do verdadeiro aconselhamento. Você e eu sabemos que aconselhamento bíblico não é isso. Na verdade, o que acontece? Você enxerga, sim, deficiências nas pessoas. Você não pode deixar de perceber estas áreas fracas em suas vidas. Mas o que faz com que o seu aconselhamento seja radicalmente diferente daquilo que uma família em conflito espera?

JS: Penso que se eu tivesse atuado naquele caso como um conselheiro bíblico coerente, eu teria confrontado aquele pai

com firmeza e pedido que ele se sentasse e ficasse quieto. Eu deveria tê-lo levado diretamente a Efésios 4.29 e falado sobre não deixar sair de sua boca "nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem". Eu deveria teria dito: "Seu papel de pai não invalida de forma alguma estes mandamentos". Creio que ele estava pensando: "Eu sou o pai. Posso dizer qualquer coisa que eu quiser".

DP: Como não fazer com ele o que ele estava fazendo com a filha? Em que aspectos a sua abordagem seria diferente?

JS: Eu o teria confrontado dizendo: "Sua maneira de reagir à sua filha é tão pecaminosa quanto os pecados que você está apontando na vida dela. O que você precisa fazer, tendo em mente o benefício dela, é sentar e lhe comunicar com cuidado e amor não somente o que você acredita serem algumas coisas erradas na vida dela, mas também a sua maneira habitual pecaminosa de responder aos pecados dela – aquilo em que você errou como pai. Ela precisa ouvir isso, pois até aqui você está se pronunciando como se você nunca falhasse".

DP: Mudando um pouco de assunto, sua semana tem 168 horas. Você prega no domingo de manhã e talvez à noite. Como o aconselhamento se encaixa tanto em sua filosofia como em seu ritmo de vida?

JS: Filosoficamente, vejo meu ministério repartido em uma proporção de 50/50. Metade é pregação e a outra metade é aconselhamento, embora as horas não estejam exata e necessariamente divididas desta forma. Em termos de horas investidas no ministério, segunda-feira é o dia que dedico quase que inteiramente ao aconselhamento. Começamos pela manhã e vamos até quase nove ou dez da noite. Mas aqui entra um outro aspecto do ministério. Cerca de cinco anos atrás, um preletor apontou que se você se limitar a aconselhar as pessoas, não estará cumprindo fielmente a tarefa. Você precisa ser constante e fiel no treinamento de pessoas para que elas aprendam a aconselhar. Foi então que decidi separar parte de meu tempo para treinamento. Agora, temos vários membros de nossa igreja que estão bem treinados. Creio que alguns são conselheiros mais habilidosos do que eu. Eles têm muito discernimento e sabem como usar a Palavra de Deus e aplicá-la à vida de pessoas.

DP: Que tipo de programa de treinamento sua igreja tem?

JS: Temos um curso às segundas-feiras. Começamos às nove horas da manhã e temos aulas até meio-dia. Normalmente, temos cerca de trinta pessoas nas aulas.

DP: São pessoas da própria igreja, e também pessoas e pastores de outras igrejas?

JS: Sim. Voltando ao programa, após o almoço, entre uma e duas horas da tarde, apresentamos casos de estudo e os discutimos. Damos as informações essenciais sobre os casos em que os alunos terão participação como observadores. Em seguida, de duas até quase nove horas da noite, temos dois observadores em cada caso de aconselhamento. Temos quatro ou cinco conselheiros atuando. Dois pastores de

outras igrejas usam as instalações da nossa igreja e me ajudam neste treinamento. Temos também vários membros e líderes da nossa igreja que atuam no aconselhamento. Quando necessário, praticamos o aconselhamento em equipe. Por exemplo, minha esposa e eu podemos ministrar a um casal. No entanto, esses casos não são os mais corriqueiros.

DP: Com quantos casos vocês lidam ao todo?

JS: Podemos ter entre vinte e dois a trinta casos às segundas-feiras.

DP: Dê-nos uma noção do tipo de problemas.

JS: Os problemas são os mais variados! Recentemente, ajudei um homem crente e sua esposa que estavam com o casamento arruinado porque o marido mantinha diferentes cartões de crédito e acumulava dívidas com bilhetes de loteria. Ele havia acumulado dívidas de milhares de dólares em dez anos. Era terrível.

A maioria dos casos envolve problemas conjugais. Há casos de conflitos com enteados. Atualmente, estou aconselhando alguns casos de abuso. Em um deles, o marido é quem maltrata esposa; em outro, a esposa é quem maltrata o marido. Na verdade, nos últimos anos, tive mais casos deste segundo tipo. Isto é incomum.

DP: Alguns destes casos têm sido bem-sucedidos?

JS: Sim, alguns. Quando olho para trás e considero alguns dos casos de mulheres que maltratavam seus maridos, percebo que eles tinham em comum o fato de que a mulher havia recebido algum tipo de treinamento em autoafirmação e estava muito irada. A esposa de um rapaz que estou aconselhando atualmente chegou a vir com ele no passado, mas depois não veio mais. Ele me disse: "Creio que algum dia acordarei com uma faca de açougueiro no peito". Conhecendo sua esposa, eu tendo a concordar com ele! Ele costuma acordar no meio da noite recebendo punhaladas. Ela está cheia de raiva! Ele não é um homem perfeito de jeito nenhum, mas Cristo está mudando sua vida radicalmente. Ele quer realmente ter uma atitude de servo. Creio que aquilo que a deixa mais irada agora é que ela não tem mais grandes desculpas para sua ira.

DP: Então, ela se vê forçada a enfrentar o próprio pecado.

JS: Sim, acredito que isso aumente sua ira.

DP: De que maneira o seu envolvimento com aconselhamento durante dez ou doze anos afetou sua pregação?

JS: Creio que me ajudou a interpretar melhor a minha congregação. No seminário, ensinaram-me a ser sempre um intérprete fiel da Palavra. Ninguém nunca me ensinou que eu deveria interpretar as pessoas também. Você precisa interpretar e conhecer as pessoas em seus corações. O que elas estão pensando? Quando você se depara com trechos difíceis da Palavra – e existem os trechos difíceis – se você não está aconselhando pessoas, você desconhece quais serão suas resistências. Quando você costuma aconselhar, e então estuda

para uma mensagem ou sermão, em sua mente você pode quase imaginar qual seria a resposta de um aconselhado à verdade de alguns trechos da Palavra da Deus.

DP: Você pode me dar um "por exemplo"?

JS: Penso em uma de minhas aconselhadas. Ela e seu marido diziam-se cristãos, mas estavam constantemente em conflito. Ela não podia entender o porquê. Creio que tinha sido educada com a ideia de que se ela se casasse com um cristão, eles teriam alguns desentendimentos, mas não conflitos sérios. Fomos a Gênesis 3 e conversamos a respeito da maldição que caiu sobre a mulher e o homem e a luta que ocorreria entre eles. Olhamos para a pecaminosidade de seus corações e a maneira com que as pessoas tendem a fugir, esconder-se e não admitir os seus problemas. Nunca esquecerei como os seus olhos ficaram grandes como melancias. De repente, a questão desvendou-se diante dela. Ela tinha ouvido pregações sobre Gênesis 3 em sua igreja uma dúzia de vezes, mas de alguma forma nunca tinha construído uma ponte ligando o que ela ouvira ao seu conflito conjugal. Em certo sentido, é como se ela pensasse: "Ah, sim, existe pecado no mundo por aí afora. Há pessoas que se revoltam contra Deus, mas eu não sou uma delas". Mas esta maldição estava ali, manifestando-se em seu casamento. Pude ver que ela começou a compreender a questão.

Outro exemplo que me vem à mente é quando ensinei a um homem e sua esposa as quatro regras de comunicação do final de Efésios 4. Ele tinha um problema sério com ira. Costumava ficar irado em lugar de comunicar de maneira apropriada com sua esposa. Quando chegamos a Efésios 4.26, onde diz "não se ponha o sol sobre a vossa ira", enfatizei que ele precisava manter o controle com sua esposa. Nunca vou esquecer o que aconteceu: ele se encostou na cadeira e disse: "Bem, então eu vou mudar para o Alasca". Eu pensei: "O que isso tem a ver com o que estou falando?" Sua esposa entendeu imediatamente. "Lá são seis meses sem sol! Ele não quer lidar com sua ira", ela disse. Eu respondi: "Não. A Bíblia diz que você tem que lidar com os problemas assim que possível". Isso fez toda a diferença! Lembro-me de que quando voltei a pregar sobre esse trecho, a objeção daquele homem veio imediatamente à minha mente. Então acrescentei: "Vocês precisam entender. Este texto significa que vocês devem lidar com seus problemas cada dia. Ele não está dizendo literalmente que enquanto o sol estiver brilhando eu não preciso lidar com os problemas". Não fosse o aconselhamento, eu nunca teria pensado em dar explicações como estas, mas elas acrescentam vivacidade às aplicações.

DP: Agora vamos para o outro lado. De que maneira o fato de você ser um pregador que interpreta a Bíblia, alguém que estuda teologia, afeta o que você faz e diz quando você está sentado com alguém que luta com ansiedade ou um casal que está tendo conflitos matrimoniais?

JS: Creio que aqui está a razão por que me apaixonei pelo aconselhamento bíblico. A teologia e a Palavra sempre foram meu primeiro amor. Ver como a teologia é capaz de alcançar até mesmo os problemas mais difíceis da vida diária foi revolucionário para mim. Para que o aconselha-

mento seja verdadeiramente bíblico, ele deve estar construído sobre um alicerce teológico sólido. A teologia deve direcioná-lo.

DP: Toda vez que você abre a sua boca – seja você um cristão, um cristão não muito firme ou um pagão – você comunica uma cosmovisão teológica. Você coloca a pessoa e o problema dentro de alguma estrutura moral de certo e errado, consequências, quem é Deus, quem é soberano. Todas estas coisas estão implícitas ou explícitas.

JS: Os conselheiros e os aconselhados têm um sistema de crenças e valores que são bíblicos ou não.

DP: Como você responderia a alguém que vê a teologia como um punhado de ideias abstratas? Você está dizendo que a teologia é relevante para o aconselhamento, mas alguém poderia pensar imediatamente que você está maluco!

JS: Se eu estivesse conversando com alguém que recebeu um treinamento teológico, minha resposta seria desafiá-lo quanto à maneira que Deus escolheu soberanamente para revelar Sua teologia. Dizemos que a Bíblia é a revelação inerrante em forma de proposição, mas em certo sentido ela não é uma revelação em forma de proposição porque sua teologia não está em um arranjo sistemático. A Bíblia foi em grande parte revelada em forma de histórias, relatando a interação de pessoas comuns na vida diária. Nossa teologia é revelada em situações. Encontramos na Bíblia declarações diretas: Deus é fiel. Deus é amor. Mas até mesmo estas estão frequentemente inseridas em uma história ou em um contexto de conflito ou problema. A teologia não é uma ciência abstrata. É um ciência muito prática que se aplica à vida diária. Ela tem que ser assim para ter valor para a humanidade.

Creio que eu desafiaria a pessoa a olhar mais uma vez para a Palavra de Deus, honestamente. Ela não é um livro-texto de teologia sistemática. É a revelação do plano redentor de Deus através da história por meio de homens e mulheres chaves e sua interação com pressões sociais, diversidades culturais, sofrimentos e dores. Isso é que faz da teologia algo tão rico.

DP: É também o que estabelece uma ponte direta com o aconselhamento. Em poucas palavras, existe "aconselhamento" por toda parte na Bíblia.

JS: Creio que perdemos essa noção. Ela está ofuscada no cristianismo de nossos dias porque não somente atribuímos rótulos erradamente, como também entendemos as coisas de forma incorreta. Não pensamos biblicamente a respeito dos problemas. Precisamos perguntar aos nossos aconselhados: "Que nome a Bíblia dá a este problema? O que a Bíblia diz? Vamos esquecer tudo quanto você descreveu até aqui com base no que você pensa sobre este problema; pense agora em como a Escritura pensa sobre o assunto". Quando você apresenta as coisas desta forma e o aconselhado para e pensa sobre o assunto, de repente você o escuta dizer: "Você está certo! A Bíblia de fato fala muito a respeito de medo". A Bíblia, com efeito, fala muito a respeito de ansiedade, tristeza, dor, sofrimento, alegria, felicidade, encorajamento, perseverança, persistência, depressão etc. Quais são os termos que a Bí-

blia usa? São estes termos que constroem as pontes de ligação.

Algumas vezes, quando recebo um aconselhado com problemas identificáveis por termos bíblicos, eu o mando para casa com uma concordância bíblica e peço que procure passagens-chaves. Quando ele volta, digo: "Quais são os termos bíblicos que se aplicam diretamente ao seu problema? Quais são as passagens que lhe vêm à mente?" Então, começamos a listar termos e textos bíblicos, e posso acrescentar alguns para completar. Uma vez que o aconselhado tem a terminologia de Deus para o problema, as Escrituras se tornam acessíveis.

DP: Eu gostaria de ouvi-lo falar honestamente, John, sobre o que você identifica no campo do aconselhamento em termos de oportunidades, alegrias, algo que você espera ver acontecer, aquilo que o preocupa e os pontos aos quais você acredita que deveríamos estar alertas.

JS: Acredito que chegamos ao ponto em que as pessoas estão começando a ver que o aconselhamento bíblico tem respostas que elas nunca sequer sonharam que tivesse. Creio que muito disso se deve ao fato de que seguiram o caminho da psicologia e encontraram cisternas rotas. Elas estão acordando para a verdade de que a Bíblia tinha as respostas durante todo esse tempo. Tínhamos a tendência de tratar a Bíblia como se fosse algo arcaico e não a aplicávamos à vida atual. Creio que muito do movimento de aconselhamento bíblico está agora começando a crescer em nosso país porque as pessoas estão acordando para esse fato.

Mais recentemente, fiquei triste ao ver alguns seminários ainda muito relutantes no endossar o aconselhamento bíblico. Os seminários possuem algo de que o movimento de aconselhamento bíblico precisa mais e mais, que é o treinamento teológico avançado. O aconselhamento bíblico precisa tirar proveito deste treinamento, porém é barrado. Eu gostaria de ver os seminários ganhando a visão do que pode acontecer.

DP: O treinamento oferecido nos seminários tende a perpetuar a figura do pastor apenas como pregador, colocando em evidência o ministério de pregação pública da Palavra e esquecendo o discipulado dirigido à solução dos problemas da vida. Isso abre espaço às psicologias?

JS: Certamente! E isso poderá ou não mudar em uma geração. Em relação às demais disciplinas ensinadas nos seminários, é quase como se o aconselhamento bíblico estivesse com uma geração de defasagem. Muitos dos professores mais antigos foram treinados em um sistema diferente, acostumados a ver o aconselhamento como algo que a igreja praticava muito pouco. Os problemas eram encaminhados para fora da igreja. O perigo é que esses professores estão treinando homens para os substituir com a mesma visão. De alguma forma, precisamos quebrar este ciclo. Não sei como isso acontecerá.

Penso que a maior força do movimento de aconselhamento bíblico também é sua maior fraqueza. Sua grande força é estar construído em âmbito nacional com base em pastores e igrejas. Mas isso também é sua maior fraqueza porque estes homens estão muito ocupados no ministério. Muitos deles não têm tempo nem

recursos para empreender programas de pós-graduação, ensinar ou escrever. Estão presos em questões do dia-a-dia de suas igrejas e seus rebanhos. Não temos "pastores-conselheiros profissionais". No entanto, à medida que NANC atrai igrejas grandes, com equipes ministeriais consideráveis, alguns dos homens experientes que estão comprometidos com o movimento de aconselhamento bíblico talvez possam dedicar tempo para escrever nessa área.

No final da década de 80 e início da década de 90, foi de grande benefício para o aconselhamento bíblico quando John MacArthur escreveu seu livro sobre a suficiência de Cristo e endossou o aconselhamento bíblico. Foi um ponto marcante de virada. Muitas pessoas se interessaram pelo assunto. Isso precisa ter continuidade.

DP: Atos 6 fala sobre nos dedicarmos à oração e ao ministério da Palavra. Como você vê a oração, o poder do Espírito Santo e a atuação direta do Senhor Jesus Cristo como o Pastor de ovelhas? O que isso significa em termos de aconselhamento?

JS: Com frequência, minha luta com casos de aconselhamento é fruto de depositar a confiança em minhas próprias habilidades no uso da Bíblia, deixando de clamar a Deus pela capacitação do Espírito e uma mudança de vida no indivíduo. Minha fraqueza é confiar que minhas orações no começo e no fim de cada seção de aconselhamento são suficientes. Creio que um bom conselheiro precisa fazer mais do que isso. Preciso separar tempo para levar esses casos diante do Senhor e orar sobre as lutas.

Quando estou em uma situação de crise pessoal, é fácil clamar a Deus. Quando não faço o mesmo nos casos de aconselhamento, estou deixando de me dedicar a eles com tudo que posso. Não estou de fato chorando ou me alegrando com eles. Caso contrário, estaria orando mais por eles. Isso nos reprova em muito. Devemos nos dedicar à oração e ao ministério da Palavra.

Existe uma outra dimensão a considerar. Creio que quando os cristãos primitivos oravam, eles não oravam apenas por acontecimentos isolados como, por exemplo, um problema entre um indivíduo e outro. Eles também oravam pelo corpo de Cristo em sua extensão mais ampla. Isso também é necessário. Foi certamente a preocupação de Jesus.

DP: O mesmo acontece com um aconselhado, pois aquele casal que você está tentando reconciliar também faz parte do corpo de Cristo. Se eles se reconciliarem, terão forte influência sobre outros relacionamentos – seus filhos, seus vizinhos e as pessoas que sentam perto deles no banco da igreja. Seu bem-estar está de alguma forma relacionado ao corpo como um todo.

JS: É a plena verdade. Sei disso por experiência, pois posso ver algo assim acontecer na minha igreja. Quando ocorre uma reviravolta dramática na vida de alguém, todos percebem a mudança. Todos veem algo diferente no comportamento, zelo e entusiasmo, no desejo de viver uma vida piedosa e na sede pela Palavra. Quando uma pessoa não responde conforme esperado, acontece o contrário. Os corações se endurecem à Palavra.

DP: Vou lhe pedir para escolher uma passagem que fundamenta sua maneira de pensar sobre o aconselhamento como pastor, membro de igreja e cristão. O que sintetiza John Street e sua visão de ministério pessoal?

JS: Creio que seria Atos 20 e as palavras de despedida de Paulo aos líderes de Éfeso. Naquela cena, ele está passando o bastão para a liderança da igreja, uma geração não-apostólica assim como a nossa. Dirigindo-se a eles, Paulo está se dirigindo a mim. É como se ele dissesse: "Aqui está o que eu gostaria que vocês fizessem em termos de ministério". Paulo usa a própria vida como exemplo. Em Atos 20.20, ele diz que ensinou "publicamente e também de casa em casa". Mais adiante ele diz: "por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um". Eu não tinha esta perspectiva quando saí do seminário. Minha visão de ministério era essencialmente de quarenta horas semanais no escritório, com algumas atividades administrativas ocasionais, algumas visitas à noite, visitas em hospitais, pregação e ensino no domingo. Era isso. O restante do tempo era para estudo, solitude e leitura de todos os meus livros. Ah! o ministério parecia tão fácil sob esta perspectiva! Quem não iria querer isso?

Creio que muitos refugiaram-se nisso porque estavam assustados com ter de lidar com os problemas de aconselhamento. Eu estava. Até mesmo depois de meu treinamento eu estava com medo, especialmente depois de falhar a primeira vez. Mas creio que Deus nos dá confiança por meio de Sua Palavra. Em Sua graça, Ele permite alguns resultados bons. Você vê pessoas mudarem radicalmente. Diante de alguns fracassos, você pode pensar: "Rapaz, todo problema de aconselhamento será uma grande luta". Mas então você parte para um novo encontro, compartilha a Palavra esperando pelo pior, e as pessoas mudam radicalmente. Você senta e diz: "Mas eu não fiz absolutamente nada!" O Espírito de Deus atuou em vidas e as pessoas foram transformadas! Deus dá sucessos surpreendentes como esses para o manter motivado.

DP: Algum outro comentário sobre Atos 20? Por que é tão significativo? Você explicou esta passagem apontando para o ponto de vista estrutural de como deveria ser o ministério.

JS: Uso esta passagem para ensinar nossos líderes espirituais sobre seu papel em termos de pastoreio. É muito fácil para nossos líderes tender para o lado da administração funcional, e não do pastoreio: "Vamos manter tudo andando". Atos 20 é chave, e aqui entra o aconselhamento bíblico.

Quase odeio a palavra aconselhamento. Ela tem sido tão banalizada e mal usada. Muitas vezes referimo-nos a ela como um discipulado dirigido. Não se trata de um discipulado no sentido mais amplo do termo; é um discipulado direcionado ou focado, em que você toma a Palavra de Deus e a aplica dirigida a um problema em particular na vida da pessoa. Você mira este alvo e busca mudanças específicas.

DP: A porta de entrada poderia ser um problema acontecido no passado, um conflito ou um problema emocional como ira ou ansiedade, ou algum problema pessoal ou interpessoal de que as Escrituras tratam.

JS: Em Atos 20, Paulo diz que não hesitou em pregar. O meu inteiro conceito de pregação resumia-se a uma perspectiva pública. Mas Paulo via o aspecto público e individual. Trata-se do ministério da Palavra de Deus. Temos a tendência de identificar a pregação com um homem de pé atrás de um púlpito.

DP: E não a apresentação da mensagem de Deus.

JS: O ponto estratégico não é a primazia da pregação. É a primazia do ministério da Palavra. Esta compreensão determinou o ponto de virada em meu pensamento. Creio que a essência do aconselhamento bíblico está na ênfase de Paulo em sermos pastores e supervisores interessados de fato em como as pessoas vivem o dia-a-dia – não querendo apenas saber se elas aceitam crer nas coisas certas, mas se vivem ou não este sistema de crenças.

Conversa entre Vizinhos:

um diálogo entre a psicologia secular e o aconselhamento bíblico



Edward T. Welch[1]

Por favor, olhem para mim como um vizinho. Não vivo na mansão da psicologia, mas estou do outro lado da rua. Sou tecnicamente um psicólogo, um terapeuta profissional, mas não moro com os psicólogos. Certamente, compartilho com eles muitos interesses comuns, mas sou um conselheiro pastoral. Estou interessado especialmente em questões da fé. Mais especificamente, sou um cristão que investe tempo para considerar como a Bíblia, tanto o Novo como o Antigo Testamentos, aplica-se à vida atual.

Com esta apresentação, você pode não encontrar razão alguma para me permitir entrar. Como tendo a ser dogmático em algumas questões, eu poderia ser uma companhia irritante. Talvez eu comece a fazer proselitismo. Ou, ainda pior, a conversa pode ficar enfadonha porque, aparentemente, temos pouca coisa em comum. Ainda assim, creio que há razões para conversarmos.

Quando quero receber um desafio pessoal e intelectual, costumo ir às disciplinas vizinhas ou ler autores que pensam de maneira diferente da minha. As disciplinas próximas de mim no espectro intelectual tendem a usar metáforas, modelos ou paradigmas diferentes. Elas não estão limitadas às tradições do meu meio. Consequentemente, elas me permitem perceber onde a minha estrutura teórica pode estar deficiente, acomodada ou necessitada de mudança. Como um teólogo prático, quando quero ser desafiado, posso recorrer à literatura das disciplinas adjacentes tais como a sociologia, a teologia liberal ou a psicologia clínica. Estas disciplinas vizinhas são suficientemente diferentes para me engajar em uma conversa proveitosa,

[1] Tradução e adaptação de *A Discussion Among Clergy: Pastoral Counseling Talks with Secular Psichology*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling* v. 13 n. 2, Winter 1995. p. 23-34.

Edward Welch é diretor da área de aconselhamento da Christian Counseling and Educational Foundation. Este artigo é forma levemente revisada da palavra dirigida aos estudantes de doutorado em psicologia clínica na Hahnemann University.

resultando em um pensamento mais exato e um entendimento intelectual maior dentro do meu próprio campo.

Creio que o cristianismo pode ter esta mesma função para com a psicologia secular.[2] Ele não é nem tão próximo para ser entediante nem tão distante para ser irrelevante. Alguns psicólogos podem considerar o cristianismo como um estranho, mais distante e desconhecido do que um vizinho, mas eu lhes garanto que temos muito em comum. Por exemplo, compartilhamos um assunto semelhante: as pessoas e como elas mudam. Também compartilhamos problemas semelhantes: somos simultaneamente pesquisadores e sujeitos (o que pode fazer com que as nossas observações sejam tendenciosas), estudamos pessoas que se importam com os resultados das nossas investigações (o que complica ainda mais as nossas observações) e os nossos estudos nunca podem ser cuidadosamente controlados como os estudos do biólogo ou do físico porque as influências no ser humano são por demais numerosas. Com este terreno em comum, a conversa deveria ser relevante para ambos.

Embora este diálogo será um tanto diferente daqueles que aconteceram no passado, não se esqueça de que há uma tradição por trás do encontro entre a religião e a psicologia. Muitas ideias básicas da psicologia vieram da religião. A babá cristã e sua herança judaica exerceram uma influência profunda no pensamento de Freud. O pai de Jung era um pastor da Igreja Reformada Suíça, cuja influência fez com que Jung nunca se distanciasse das questões espirituais. Roger veio de um lar cristão conservador, fez seminário e chegou a pastorear uma igreja antes de se dedicar à psicologia.

Em um plano de maior alcance popular, o psiquiatra M. Scott Peck uniu a psicoterapia à espiritualidade quando escreveu *A Trilha Menos Percorrida*. Este best-seller foi seguido de outro livro ainda mais claramente religioso *People of the Lie* (O Povo da Mentira). Estes livros demonstraram que os paradigmas do Antigo e Novo Testamentos podem trazer uma vida nova ao pensamento da psicoterapia. Eles também revelaram que muitas pessoas estão escutando este diálogo.

Quatro afirmações com respeito aos terapeutas seculares e à terapia

Continuaremos nesta linha, examinando algumas afirmações que provêm do pensamento do outro lado da rua. Embora estas afirmações pareçam bruscas, elas têm o objetivo de estimular o diálogo.

1. Os terapeutas são clérigos seculares.

Minha primeira afirmação tem a ver com a identidade do terapeuta secular. Embora a missão educacional da psicologia continue a ser o preparo de profissionais da ciência, o produto dos programas de formação de psicólogos tem mais a ver, de modo geral, com clérigos. Por exemplo, todos os profissionais psicólogos ministram uma cosmovisão e um conjunto de crenças fundamentais sobre a natureza humana. A suas teorias estão repletas de pressuposições sobre quem somos, por que fazemos o que fazemos e para onde estamos

[2] Com o termo "psicologia secular" quero enfatizar especialmente as teorias sobre o homem e a psicoterapia, embora minhas afirmações sejam relevantes também para áreas de estudo mais científicas como sensação, percepção e neuropsicologia.

indo[3]. Este é o campo de atuação dos clérigos. Talvez uma descrição mais adequada para os psicólogos clínicos pudesse ser "clérigos seculares que se apresentam como profissionais da ciência" (e isso provavelmente incitaria uma nova discussão).

Vinte anos atrás, esta afirmação poderia parecer duvidosa. Afinal de contas, o currículo do curso de psicologia estava (e ainda está) repleto de matérias de estatística e pesquisa. As cobaias corriam por toda a parte nos laboratórios. Alguém poderia perguntar: "O que os labirintos e as caixas de Skinner têm a ver com clérigos?" Mas apesar disto, vários psicólogos de renome mostravam que o casamento entre o trabalho psicológico e os julgamentos morais era inevitável[4]. Perry London, em particular, no seu livro *The Modes and Morals of Psychotherapy*[5] (Os Métodos e a Conduta da Psicoterapia), ofereceu um argumento muito convincente em que ele propôs que os psicoterapeutas tinham mais em comum com os clérigos do que com os médicos. Ele sugeriu que a comunidade de psicoterapeutas era "um clero secular" que oferecia um meio de "salvação".

Estas vozes eram persistentes e eruditas, mas não alcançaram uma influência maior até a publicação do livro de Thomas Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions*[6] (A Estrutura da Revolução Científica). Kuhn sugeriu que *todas* as ciências, não só a psicologia, consistiam de observações que eram vistas por meio de pressuposições ou paradigmas não científicos. Todos os fatos são frutos de interpretação e as linhas de interpretação são proporcionadas pela metafísica e pela religião, não pela observação sistemática. Querendo ou não, dizia Kuhn, todos nós esbarramos na metafísica.

O filósofo Karl Popper falou mais especificamente sobre as disciplinas que estudam a pessoa. Ele observou que os modelos psicoterápicos têm "mais em comum com os mitos primitivos do que com a ciência"[7]. A psicologia, especialmente no que diz respeito às teorias da personalidade e aos modelos terapêuticos, simplesmente não é científica. Popper argumentou que os modelos científicos, para serem chamados de *científicos*, devem ser testados. Por exemplo, uma declaração científica deve ser algo como: "Fumar trinta cigarros por dia diminui a capacidade pulmonar em pelo menos quinze por cento após cinco anos". Isto pode ser refutado. É passível de ser verificado. Entretanto, quando dizemos que os problemas emocionais são causados por ansiedade gerada pelo complexo de Édipo, esta não é uma declaração científica. Não pode ser refutada. Os que acreditam nesta afirmação encontram confirmação em qualquer pessoa com um problema emocional e os céticos nunca podem refutá-la. Assim é a natureza das teorias psicológicas acerca do homem. Para

[3] Por exemplo, H.H. Kendler. "Psychology and the ethics of social policy," *American Psychologist*, 48 (1993), p. 1046-1053.

[4] Por exemplo, M. Lowe, "Values orientations: An Ethical Dilemma, "*American Psychologist*, 14 (1959), p. 687-693. M. B. Smith, "Metal Health Reconsidered: A Special Case of the Problems of Values in Psychology," *American Psychologist*, 16 (1961), p. 299-306. C. Buhler, *Values in Psychotherapy* (New York: Free Press, 1962).

[5] P. London, *The Modes and Morals of Psychotherapy* (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1964).

[6] T. Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions* (Chicago: University of Chicago Press, 1970).

[7] K. Popper, *Conjectures and Refutations* (New York: Harper&Row, 1965).

ser justo, esta também é a natureza da visão cristã do homem.

2. As cosmovisões da psicoterapia não são verificáveis.

Antes de você atender um cliente, você tem teorias: teorias sobre o que é normal e anormal, teorias sobre motivação, teorias sobre o conhecimento, teorias sobre o certo e o errado e, também, teorias sobre Deus. Estas pressuposições não resultaram de uma investigação profunda. Vieram por influência da cultura, família, pano de fundo religioso, professores, programas de pós-graduação e muitos outros fatores. Você foi doutrinado em uma série de pressuposições que não são empiricamente verificáveis. Você as aceita pela fé.

Para você, essas pressuposições são autoevidentes. Como no caso de Freud, as suas pressuposições também são confirmadas pelos clientes que você atende. Por exemplo, se você acredita que todos os problemas são resultado de abuso sexual, você encontrará um abuso sexual por trás de cada problema. Nos casos em que uma história clara de abuso não está aparente, a sua explicação é que o cliente está reprimindo as memórias. Todas as críticas são recusadas. Freud podia explicar tudo, inclusive a razão de você rejeitar a teoria freudiana. Adler, também, podia explicar tudo, mas as suas pressuposições eram diferentes das de Freud. Como podia ser? Dois homens muito inteligentes, estudiosos da natureza humana, discordavam em tantos pontos importantes. Eram bons observadores das pessoas – como muitos pastores também são – mas eles frequentavam igrejas diferentes.

Pegue qualquer texto de teoria da personalidade ou leia qualquer literatura de crédito que lide com a pergunta "Quem é a pessoa?". Você encontrará dúzias de teorias que competem entre si. Por quê? Porque a ciência tem limitações. Ela não pode sentenciar em questões da personalidade. Para estas questões, somos forçados a nos voltar para as pressuposições – aquele mundo obscuro, embora familiar, onde gastamos a maior parte das nossas vidas. Somos bons? Somos perversos? Somos guiados pela libido? Somos guiados pelos nossos pensamentos? Temos uma alma dada por Deus? A lista de perguntas e de pressuposições que as respondem não tem fim. Atualmente, as teorias cognitivas estão em seu momento de glória; mas a história da psicologia, embora breve, indica que elas não durarão por muito tempo. E mesmo as teorias cognitivas não têm, provavelmente, o apoio da totalidade dos terapeutas. "Ecletismo" é a regra do dia. Todos temos nossas próprias pressuposições idiossincráticas.

Suponha que um cliente o procure com o seguinte refrão constante: "Nada tem sentido". O cliente buscou em toda parte por um propósito de vida e toda esta procura provou-se enfadonha, levando a maior desespero. O que você faria? Alguns fariam um diagnóstico de depressão e encaminhariam para um tratamento com medicamentos; outros talvez esperariam que o entendimento das dinâmicas familiares libertasse o cliente das garras do desespero; ainda outros poderiam sugerir que o cliente está certo – nada tem sentido – e então aconselhariam a pessoa a impor o seu próprio significado sobre os acontecimentos. Nenhum psicólogo ou terapeuta, entretanto, consideraria uma abordagem cujo alvo fosse "tema a Deus e guarde os seus mandamentos". No entanto, este é

um elemento essencial na minha abordagem. Observamos o mesmo fenômeno – um desespero existencial aparente –, mas nossas interpretações são diferentes porque temos confissões de fé diferentes.

A sua interpretação está alicerçada em um fundamento mais firme do que a minha? Creio que não. Embora esteja implícito que as interpretações dos modelos psicológicos são consideradas cientificamente corretas, enquanto que as da teologia são consideradas especulativas, as decisões tomadas na psicoterapia são essencialmente religiosas. O tribunal do empirismo não pode discernir a diferença entre a minha cosmovisão e a sua.

3. Os terapeutas raramente examinam suas confissões de fé.

Por várias razões históricas e políticas, a psicoterapia tentou salientar o seu relacionamento com a ciência, e não com o cuidado pastoral. Para manter aquele relacionamento, a psicologia, enquanto profissão, tem relutado em admitir publicamente seus alicerces religiosos. Um dos resultados foi que as pressuposições deixaram de ser examinadas[8].

Nem sempre foi assim. Freud sabia que ele era um especialista em cosmovisão. Ele queria explicar todos os aspectos do comportamento humano sem fazer referência a Deus, mas com referência a um suposto instinto sexual. A sua religião estava sempre em sua mente e ele almejava nada menos que uma conversão. Semelhantemente, aqueles que lideraram as escolas de pensamento básicas na psicologia estavam muito cientes de suas pressuposições. Skinner, talvez, é o exemplo mais notável. Ele estava comprometido com a religião do observável; o conhecimento que ele tinha da fé que declarava, e a sua devoção, eram suficientes para envergonhar o fundamentalista mais zeloso.

Esta tradição praticamente desapareceu. Hoje, são raros os terapeutas conscientes da sua posição filosófica. Embora a maioria deles possa se alinhar com uma escola de pensamento em particular, adotar um rótulo não significa consciência epistemológica. Não é suficiente dizer "eu sigo Hayley" nem "sou um terapeuta de Gestalt". Estes rótulos podem revelar algumas técnicas e guiar princípios, mas eles não esclarecem as pressuposições subjacentes. Kuhn sugeriu: "Embora muitos cientistas falem bem e com facilidade sobre as hipóteses individuais específicas que são base para alguns trabalhos concretos de pesquisa atual, eles são pouco melhores do que um leigo no caracterizar os fundamentos do seu campo, os problemas e os métodos legítimos"[9]. Portanto, misturar e combinar cosmovisões é a norma: sem nos darmos conta, adicionamos uma dose de empirismo, uma dose de existencialismo e duas doses de romantismo para preparar uma cosmovisão experimental.

É aqui que o aconselhamento bíblico pode ter uma influência no aprimoramento da prática da psicologia. Afinal, os conselheiros pastorais são reconhecidamente especialistas em cosmovisão. Isto certamente não significa que eles têm sempre pensamentos lúcidos no que diz respeito às

[8] Uma carta publicada na revista *American Psychologist* faz esta mesma observação e sugere que o estudo da filosofia seja parte do currículo da psicologia. Veja K. L. Pellegrin e B. C. Frueh, "Why Psychologists Don't Think Like Philosophers", *American Psychologist*, 49 (1994), p. 970.

[9] Kuhn, p. 47.

suas pressuposições, mas que investiram *algum* tempo pensando sobre suas crenças básicas. Nisto podemos estar um passo adiante da comunidade psicoterápica secular.

Deixe-me ser arrojado e fazer algumas sugestões. Creio que seria prudente para os teóricos e os praticantes da área da psicologia dar os dois passos seguintes. O primeiro passo é obvio – *conhecer o que você crê, conhecer a sua cosmovisão*. Por exemplo, como conselheiro cristão, eu tenho um conjunto de crenças subjacentes a tudo quanto digo. Creio que Deus falou por meio das Escrituras. Portanto, creio que Deus é o Criador e nós somos criaturas; Deus é independente das Suas criaturas, Ele está no controle soberano dos negócios humanos e nós somos dependentes dEle; Deus é moralmente perfeito, e nós somos moralmente imperfeitos, inclinados ao egoísmo e ao orgulho; Deus mostrou Seu amor aos pecadores em Jesus Cristo, e nós somos chamados a depositar nossa fé em Jesus ao invés de colocá-la em nós mesmos. Esta, resumidamente, é a minha cosmovisão.

Como você reage a estas crenças? Provavelmente, em algum ponto entre os extremos de raiva e apatia. Mas você é capaz de listar as suas pressuposições básicas? E você é capaz de reconhecer que aceita as suas pressuposições somente por fé?

Se você quiser um catalisador para revelar as suas crenças pessoais, os estudos de caso podem expor algumas pressuposições. O que você diria a uma mulher solteira que ficou grávida do rapaz que namora há bastante tempo e está considerando um aborto? Por quê? Ou o que você diria a um homem que não quer continuar casado com sua esposa? Ele diz que tentou – e você acha que ele realmente tentou – mas ele simplesmente não está mais interessado nela. Você diria alguma coisa ao vê-lo dar passos em direção ao divórcio? Por quê? Por que não? Qualquer estudo de caso que contenha um dilema ético revelará algumas das suas pressuposições.

Depois de articular as suas crenças básicas, o segundo passo é *identificar como as suas crenças são influenciadas pela história e pela cultura*. Para mim, isto significa que devo estar disposto a questionar a minha interpretação da Bíblia. Será que a perspectiva que tenho da Bíblia é tendenciosa, influenciada pela minha situação cultural e histórica? De fato é. Meu desejo é entender a intenção original das passagens bíblicas para, então, aplicá-las às situações atuais. Minha prática, entretanto, não alcança este alvo. Por exemplo, sou influenciado pelo individualismo da cultura americana. Tendo a olhar para a Bíblia para me sentir melhor sobre mim mesmo em lugar de aplicar constantemente os princípios do "amor a Deus" e " amor ao próximo". Ou então, por ter pensado e às vezes ouvido que Deus era um Deus punitivo que simplesmente queria obediência estoica, eu tendo a ser lento para ver que a graça de Deus e Sua misericórdia estão em cada página das Escrituras.

Há várias maneiras de ficar alerta às tendências culturais que podem nos cegar. Posso conversar com cristãos de outras culturas, ler material que discorda das minhas interpretações pessoais, estudar a Bíblia nas línguas originais e orar que Deus me ajude a interpretar a Bíblia fielmente. Um outro meio, que é facilmente transferível para a psicologia aplicada, é ser um estudante de história. Um senso do nosso

lugar na história ajuda-nos a aprender com os estudiosos que nos antecederam e a consertar alguns erros teológicos do passado.

Vamos a um breve estudo de caso. Considere a *Psicologia do Self* de Heinz Kohut – um sistema que teve um pequeno grupo de seguidores dedicados. Seu alvo é aliviar o senso penetrante de vazio e fragmentação no interior do ser humano. Kohut pressupõe que a nossa percepção do *self* desenvolve-se a partir de fragmentos do próprio *self* que são exibicionistas e idealizadores. O *self* exibicionista necessita do reconhecimento de sua grandiosidade por parte dos pais. O fragmento idealizador necessita de uma fusão ou identificação com os pais para, mais uma vez, encorajar uma certa autossatisfação. Quando as figuras parentais fracassam como *self*objetos apropriados, o resultado é a *self*patologia. Os terapeutas podem ser chamados, então, para oferecer uma experiência parental que proporcione um senso de *self* coeso. Kohut, como todos os pesquisadores da personalidade, propõe uma teoria que parece eterna e com bases empíricas firmes. Entretanto, suas pressuposições não são científicas no sentido de Popper. Elas não são verificáveis. Têm mais em comum com o mito do que com a ciência. Igualmente, suas pressuposições ignoram o contexto em que ele inventou sua teoria. Isso é, tanto Kohut como a sua teoria são produtos do final do vigésimo século da cultura americana, mas ele não cita esta força modeladora profunda. Ele pressupõe que o individualismo é um fato universal no desenvolvimento pessoal. Desta forma, ele ignora as culturas asiática e africana onde a pessoa é parte de uma estrutura maior. Além disso, ele presume que a sua metáfora subjacente – o *self* psicologicamente necessitado e vazio – seja transcultural e trans-histórica. Kohut ignora o fato de que esta metáfora é moldada por uma economia relativamente afluente, voltada para o consumidor, e uma sociedade orientada mais para a vitimização do que para a responsabilidade.

> Kohut... não só descreve, mas também prescreve ativamente o *self* vazio. Mais especificamente, Kohut... valoriza o mundo interior do indivíduo à custa do mundo exterior, material... o pensamento de Kohut é parte das tradições do contrailuminismo e do romantismo da liberdade de expressão do humanismo moderno.[10]
> Phillip Cushman,

Em outras palavras, Kohut não oferece uma teoria eterna. Ele capta o humor do dia e o veste com o uniforme da psicologia psicodinâmica.

A investigação histórica traz humildade. Ela nos relembra de que as nossas teorias não surgem simplesmente da nossa inteligência e nos mostra que muitas destas teorias morrerão conosco. Qual é o tempo de vida médio das teorias da psicologia? No melhor dos casos, algumas décadas? Onde estão os Freudianos ortodoxos? O que aconteceu com a terapia de Roger? Por que os países do antigo bloco comunista eram indiferentes a estas teorias? Lembra-se de Fritz Perls? A revolução cognitiva também, assim como veio, passará. Novas teorias, reivindicando ser *a* teoria, tomarão o seu lugar.

---

[10]Phillip Cushman, "*Why is the Self Empty*?", American Psychologist, 45, (1990), p. 605.

4. Os terapeutas querem conversões.

Toda esta conversa sobre uma autoconsciência epistemológica tem um propósito muito prático. A psicoterapia é indiscutivelmente uma forma de evangelismo e, com muita frequência, os convertidos tomam decisões na ignorância. Seria simplesmente ético permitir que os clientes e os alunos soubessem ao que eles se convertem.

Talvez o dogmatismo de uma reunião evangelística seja um dos seus assuntos frequentes de discussão. E é verdade que o cristianismo é essencialmente evangelístico. Os cristãos não guardam as suas crenças para si mesmos. E quando o fazem, é provável que se sintam culpados por isso. Pelo contrário, eles pregam o evangelho de Cristo a todas as nações. Eles são ávidos no proselitismo e esperam ver pessoas convertidas por confiarem em Jesus e adotarem um conjunto de crenças a respeito dEle.

Entretanto, creio que psicoterapia – a igreja secular – segue um padrão semelhante. Primeiro, os psicólogos são convertidos. Em seguida, estudam as doutrinas da sua igreja. Por fim, começam a pregar a outros, esperando por conversões. Não é este o meio de promover mudanças na psicoterapia? O sucesso da terapia não é definido, em parte, pelo quanto o seu cliente trabalha confortavelmente com suas crenças?

Esta afirmação tem sido aceita por décadas. Um livro de 1959, escrito por Glad, observou que o relacionamento terapêutico era uma mistura de dois sistemas de valores. Uma melhora neste relacionamento ocorria paralelamente a um compartilhar de valores e significados semelhantes[11]. Esta observação foi testada por vários pesquisadores nas décadas seguintes e o resumo dos resultados encontrados apareceu em *The Handbook of Psychotherapy and Behavior Change.*

> ...estes estudos serviram para desafiar o mito de que psicoterapia é um empreendimento isento de valores. Os estudos iniciais tenderam a mostrar não apenas que os terapeutas comunicam os seus valores aos pacientes, mas também que os julgamentos que os terapeutas e os observadores fazem da melhora dos pacientes submetidos à psicoterapia relacionam-se ao quanto estes pacientes parecem adotar os valores dos terapeutas[12].

Minha própria experiência comprova esta afirmação. Posso pensar imediatamente em uma dúzia de clientes cuja perspectiva cristã estava comprometida pela influência da terapia secular, embora não intencionalmente. Uma mulher diagnosticada como portadora do transtorno da personalidade múltipla foi treinada para desculpar o próprio comportamento como sendo resultado do seu passado. O ódio contra seu marido foi justificado com base em um passado de vitimização pelos pais. Um homem estava em terapia há dez anos, acreditando que seus problemas eram um

---

[11] D. D. Glad. *Operational Values in Psychotherapy* (New York: Oxford Universitty Press, 1959).

[12] M. B. Parloff, I. E. Waskow, & B. E. Wolfe, "*Research on Therapist Variables in Relation to Process and Outcome*", in S. L. Garfield and A. E. Bergin (eds.), *Handbook of Psychotherapy and Behavior Change*, 2nd ed. (New York: Wiley & Sons, 1978), p. 270.

resultado da falta de apoio por parte de seus filhos adultos. Ele nunca foi encorajado a ver sua própria responsabilidade nos relacionamentos. Outro homem estava convencido de que *todos* os seus problemas eram um resultado de necessidades psicológicas não supridas – uma teoria acerca do homem que é contrária à perspectiva cristã.

A influência das pressuposições psicológicas de maior destaque vai além destes poucos exemplos. Em um sentido muito real, todos, e inclusive eu, fomos "psicologizados". Visto que as pressuposições das teorias psicológicas estão no próprio ar que respiramos, ninguém está imune à sua influência. As pessoas estão mais interessadas em uma versão moderna da autoatualização do que em se preocupar com os outros. Elas pressupõem que os sentimentos são a autoridade, as causas do comportamento estão tipicamente fora e não dentro da pessoa, o vazio interior, as necessidades emocionais ou a autoestima são o problema mais importante no universo, Deus é "como você O entende", culpa é uma "culpa falsa" que resulta de instituições repressivas, e não há esperança além das fronteiras desta vida.

Quase todas as vezes que aconselho cristãos, relembro estas pessoas a respeito das crenças psicologizadas que elas aceitaram tacitamente. Os clientes, bem como eu, necessitam ser desprogramados para se tornarem praticantes cônscios da fé cristã.

Quatro afirmações cristãs com respeito às pessoas e à terapia

O passo seguinte no diálogo é apresentar nossas respectivas teorias e suas pressuposições. Eu o escuto e você me escuta. Esta seja talvez a parte mais difícil da conversa e, francamente, é uma área onde é bem possível que você me supere. Uma utilidade do treinamento em psicologia é tornar as pessoas mais aptas para ouvir. O seu ouvir é muito mais do que o simples refletir sobre vários fatos. Você aprendeu a ver o mundo a partir da perspectiva de outra pessoa. É com esta atitude que eu lhe peço para ouvir uma apresentação da cosmovisão cristã, bem como as afirmações sobre a perspectiva cristã a respeito do homem e da terapia.

De início, você já sabe que eu tentarei convencê-lo. Como poderia ser de outra forma? Eu defendo com ardor aquilo em que creio, e penso que o mesmo aconteça com você. Espero que você saia de nossa conversa convertido. Isto ofende sua pressuposição de que não existe uma verdade? Assim como você, eu acredito que meu ponto vista sobre o homem – as pressuposições e tudo mais – seja verdadeiro. Mas eu não desejo convertê-lo simplesmente a algumas convicções. Quero que você conheça a Deus e a Seu Filho Jesus. A paz, a alegria e a paixão que vêm de conhecer a Deus são algo bom demais para não ser compartilhado com outros.

1. A cosmovisão cristã é singular enquanto começa com Deus.

A maioria das afirmações discutidas até agora estavam preocupadas com a natureza religiosa do nosso conhecimento, bem como sua falta de estabilidade. Tenho focalizado especialmente nas questões epistemológicas: Como você sabe que as suas pressuposições sobre as pessoas são reflexos verdadeiros da realidade? Por que você acredita no que acredita? A resposta

lógica a estas perguntas é humilhante: você não sabe. É bem provável que você tenha recebido estas pressuposições como herança de seus pais intelectuais, e que eles ou alguém antes deles as tenha formulado. Como Walter Weimer destacou em sua discussão sobre o método científico, "Por certas razões lógicas, a racionalidade é limitada de maneira tal que todos devem assumir um compromisso dogmático e irracional"[13].

Embora a cosmovisão cristã também seja aceita pela fé, estas perguntas têm enfim uma resposta radicalmente diferente. A resposta é "Deus", o Deus eterno, imutável, autossuficiente, criador, que nos falou pelas Escrituras. Deus é a base para o nosso conhecimento.

A singularidade desta pressuposição pode ser vista com maior clareza na maneira de responder do cristão aos incessantes "por quê" de uma criança de quatro anos de idade.

"Por que tenho que ir para a cama?" pergunta a criança.

"Porque você está cansado e precisa dormir", responde o pai.

"Mas por que preciso dormir?"

"Porque você esteve muito ativo hoje e o seu corpo está cansado. Além do mais, todos precisamos dormir todos os dias".

"Mas por quê?"

"Porque é assim que o nosso corpo funciona."

"Mas por quê?"

"Porque é assim que Deus nos fez".

Deus e os ensinamentos da Sua Palavra são sempre o ponto final do pensamento cristão. Visto que o constante "porquê" de uma criança o levará a finalmente dizer um "eu não sei", estas mesmas perguntas sempre me levarão a "Deus" ou "aquilo que Deus nos fala na Bíblia".

Este ponto de partida muda todas as coisas. Ele significa que somos dependentes de Deus e vivemos por causa da Sua benevolência para conosco. Nosso foco está naquilo que *Deus* fez. Naturalmente, sabendo que sou um conselheiro pastoral, você esperaria ouvir-me dizer tal coisa, mas este é um ponto de partida mais radical do que você pode pensar. Aliás, ele distingue o cristianismo de todos os demais sistemas psicológicos e religiosos.

Em todas as religiões não cristãs e teístas, o coração das crenças é um conjunto de rituais que ensina às pessoas como agradar a divindade. Se as pessoas ofendem um deus, alguns rituais de penitência, centrados na própria pessoa, devem restaurar o favor daquele deus. Em outras palavras, as religiões não cristãs focalizam aquilo que *nós* devemos fazer para satisfazer um deus que se desagradou com nossas ações.

A fé cristã, por outro lado, reconhece que não há nada que nós possamos fazer por nós mesmos para agradar a Deus. Desobedecemos às ordens de Deus e não há nada que possamos fazer para melhorar a situação. O foco, portanto, está naquilo que *Deus* fez. "Isto é amor: não que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou e enviou Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 4.10). O Deus da Bíblia tomou a iniciativa em direção às criaturas desobedientes. Ele lidou com nosso problema pela morte de Jesus Cristo e nós recebemos esta graça pela fé.

Todas as outras religiões focalizam aquilo que as pessoas devem fazer para salvar a si mesmas. A fé cristã focaliza a dádiva graciosa de Deus para pessoas que não podem

[13] W. Weiner, *Notes on the Methology of Scientific Research* (Hilsdale, N.J.: L. Erlbaum Assoc., 1979), p. 6.

fazer nada. Portanto, todas as religiões não cristãs vivem na mesma casa da psicologia, visto que elas focalizam o que podemos fazer para melhorar nossos problemas e nos tornarmos tudo quanto podemos ser. Lembro-me de quando isto foi dito com a maior clareza por um mórmon, professor de psicologia. Ele destacou que o lema mórmon – "Como Deus é, assim pode se tornar o homem" – era essencialmente o modelo da psicologia humanista.

É certo que as crenças cristãs sobre Deus e o homem são aceitas, em última instância, pela fé. Não há nenhum outro meio de crer. Eu não o posso convencer logicamente. Você poderia argumentar que aqueles que acreditam em Deus o fazem por razões psicológicas e você poderia citar estudiosos que dizem que a Bíblia é comparável aos mitos dos egípcios ou romanos. Em resposta, não posso lhe oferecer nenhuma prova conclusiva em favor de Deus e Sua Palavra. No final, eu sairia dizendo "Porque Deus diz assim".

Em lugar de oferecer provas, eu o convido simplesmente a olhar para a minha cosmovisão de um ponto de vista interno. Em seu conteúdo, a Bíblia atesta intrepidamente que ela é a Palavra de Deus: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (2Tm 3.16). Do Gênesis ao Apocalipse, os escritores da Bíblia sabiam que eles estavam escrevendo a Palavra de Deus. Ocasionalmente, para autenticar estas palavras, foram feitas algumas profecias ou realizados alguns milagres. De modo geral, porém, os escritores da Bíblia podiam simplesmente dizer "Esta é a palavra de Deus" e o conteúdo e a autoridade da mensagem autenticavam a si mesmos. Como os observadores disseram de Jesus, "estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina, porque Ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas" (Mt 7.29).

A mensagem continua a autenticar a si mesma. Ao contrário das teorias seculares sobre o homem, que estão em constante mudança, a Bíblia foi tida como verdadeira ao longo de toda a história e superou os limites de nações, raças e culturas. Isto certamente não estabelece a sua veracidade, mas sugere um fundamento mais estável que as areias movediças das pressuposições do iluminismo, romantismo e pós-modernismo.

Você já leu a Bíblia? Muitas pessoas que têm opiniões fortes sobre ela não a leram. Por exemplo, tenho ouvido dezenas de pessoas falarem sobre as contradições na Bíblia, mas eu nunca encontrei alguém que me mostrasse, de fato, onde elas estão. Se você quer dialogar com Freud, precisa ler Freud. Se quer dialogar com um cristão, precisa ler a Bíblia.

2. A cosmovisão cristã dirige-se de modo profundo às observações da psicologia moderna.

A pressuposição radicalmente teísta da cosmovisão cristã pode lhe dar a aparência de algo de outro mundo. Ela pode proporcionar uma estrutura agradável para lidar com alguns mistérios da vida após a morte, mas talvez pareça bem limitada quanto à capacidade para falar aos problemas modernos, especialmente os problemas psicológicos modernos. Curiosamente, até muitos cristãos pensam assim! A realidade, entretanto, é que a extensão das Escrituras não pode ser contida. Ela é a Palavra de Deus permanente para todas as gerações e nem Deus nem Suas palavras

podem ficar obsoletos. Podemos ser fracos no entendimento e na aplicação, mas Deus nos deu um ensino que é relevante para todas as gerações.

Considere alguns temas bastante comuns e observe como a Bíblia responde. Medo e ansiedade estão entre as emoções incômodas mais predominantes. Todas as teorias psicológicas os levam em consideração; algumas, como a teoria psicanalítica, fizeram do medo e da ansiedade o centro da experiência humana. Uma cosmovisão cristã é inteiramente sensível a estas experiências e faz distinção entre aspectos diferentes do medo.

Em harmonia com as suas pressuposições, uma perspectiva cristã declara que o medo tem a ver, essencialmente, com o nosso relacionamento com Deus (e o fato de que nós não somos Deus). Visto que somente Deus é soberano sobre todas as coisas, e nós somos criaturas dependentes, nós não somos soberanos. Nem sequer controlamos a nós mesmos, muito menos o mundo ao redor de nós. Vivemos em um mundo imprevisível: não podemos garantir que os nossos cônjuges estarão ao nosso lado até o fim do dia nem que as nossas crianças estarão vivas. Em meio a esta incerteza, a resposta penetrante e potencialmente libertadora é "Confia em mim". De fato, esta é a Sua resposta final à maioria dos nossos temores. Mas em lugar de pedir uma confiança cega, Deus permite-nos ver, pelos Seus poderosos atos registrados na Bíblia, que Ele é confiável.

Outro tipo de medo que tem algo a ver com o nosso relacionamento com Deus é um medo de julgamento. "Deus assiste na congregação divina; no meio dos deuses, estabelece o seu julgamento" (Salmos 82.1). Deus é um juiz misericordioso, mas também justo. Ele mostra compaixão para com aqueles que confiam nEle, mas julga Seus inimigos. A Bíblia proclama que este julgamento será um dia testemunhado por todas as pessoas. Ela também revela que este conhecimento de Deus como o juiz divino está implantado em todos nós. Não muito distante do nível consciente está o conhecimento de que Deus é santo, moralmente perfeito e Ele chama Suas criaturas à perfeição moral também. Visto que ninguém é moralmente puro em pensamentos e ações, sabemos que transgredimos a lei de Deus e estamos de pé diante dEle como nosso juiz.

O relato bíblico do medo de julgamento começa logo cedo, na narrativa do Gênesis. Por causa de sua desobediência para com Deus, Adão e Eva correram dEle e tentaram cobrir-se ou se proteger com folhas de figueira. Quer você aceite a narrativa de Gênesis como um acontecimento real ou como um conto da mitologia, o ponto é que vivemos sob o olhar fixo do Deus Onipotente e estamos nus. Como resultado, corremos de Deus ou procuramos freneticamente coberturas que nos protejam, nas quais colocamos nossa esperança.

As coberturas podem ser dos mais diversos tipos: ser "bom", ser religioso, ser respeitado na comunidade, ser amado, ser um sucesso ou qualquer outra coisa que acreditemos que nos "salvará". Mas estes substitutos para a confiança em Deus nunca nos cobrem o suficiente. Aliás, seja qual for a folha de figueira escolhida, se confiarmos em qualquer outra coisa, fora Deus, este objeto de adoração nunca será capaz de atender às nossas esperanças nem aliviar nosso medo do julgamento. O resultado é um senso constante de insegurança, uma ansiedade "flutuante" e talvez até a

alucinação de estar sendo observado – um sintoma amplamente registrado[14].

De acordo com a Bíblia, há uma pergunta sempre presente, que confronta todas as pessoas: "Em quem você confia?" ou "Quem (ou o quê) você adora?" Se colocarmos nossa confiança em qualquer outra coisa, fora o Deus verdadeiro, seremos controlados por aquele falso deus. O medo do fracasso, por exemplo, revela que você colocou a sua confiança em sua capacidade de ter um bom desempenho. O temor ao homem (também conhecido como codependência) revela que você pensa que a sua salvação ou esperança está em pessoas.

Talvez você não fique surpreso ao descobrir que a Bíblia fala tão frequentemente sobre o medo. Visto que se trata de uma experiência universal, é possível que todas as religiões e as psicologias com alguma longevidade incluam um paradigma para entender o medo. Mais desafiador, talvez, seja um problema que é discutido com muita frequência na era moderna, a esquizofrenia. O que a cosmovisão cristã diz sobre o grupo de sintomas identificados como esquizofrenia?

De longe, você poderia pensar que a Bíblia diz que todos os transtornos mentais são um tipo de possessão demoníaca. Todas as pessoas afetadas, portanto, deveriam passar por uma expulsão de demônios ou repreensão pelo pecado abominável que permitiu ao demônio entrar. Mas esta não é a posição bíblica. Pelo contrário, a Bíblia tem uma categoria distinta e surpreendentemente sofisticada para reunir muitos dos sintomas dos assim chamados transtornos mentais. A categoria é, simplesmente, o corpo. Este aspecto tangível da nossa condição de seres humanos pode ser forte e saudável, mas está sujeito à fragilidade, ao enfraquecimento, à doença e, finalmente, à morte. Dentro desta categoria podem estar as "fraquezas" tais como esclerose múltipla, obstruções pulmonares e problemas cardíacos. Mas ela não se limita às doenças tradicionais. Também inclui a categoria, em expansão, de fraquezas do cérebro: problemas de memória, afasias, alucinações e outros transtornos neuropsicológicos.

Quando aplicamos isto à esquizofrenia, os seus sintomas encaixam-se facilmente na descrição bíblica de problemas do corpo. As alucinações e ilusões, o afeto embotado e a desorganização cognitiva são sintomas físicos. Eles surgem a partir da substância material da pessoa e são "fraquezas" ao invés de pecados. A Bíblia nunca sugere que uma pessoa deve ser repreendida ou responsabilizada por tais sintomas. Mas a Bíblia não pára neste ponto. Aliás, ela parece ir além da literatura atual.

O corpo, de acordo com a Bíblia, não resume a totalidade da nossa humanidade. A pessoa é corpo e alma (também chamada de espírito ou coração). O corpo é a parte material da pessoa; a alma, a imaterial. Isto não quer dizer que a alma não seja mediada pela substância física do cérebro, mas quer dizer que o cérebro não *determina* a alma. Embora unida ao corpo, a alma é distinta no fato de que, enquanto o corpo é apresentado como forte ou fraco, ela é sempre mencionada em termos distintamente morais – boa ou má, certa ou errada, adoradora do Criador ou adoradora da criatura.

É moralmente errado ter um entorpecimento do afeto ou alucinações auditivas?

[14] Ronald Siegal registra esta experiência transcultural em *Fire in the Brain* (New York: Plume, 1992).

Não. Do ponto de vista bíblico, estes sintomas são uma forma de sofrimento e a medicação pode ser um tratamento possível. Entretanto, equipados com uma teoria que entende as pessoas como corpo e alma, os conselheiros pastorais podem oferecer conselho essencial para aqueles que lutam com os sintomas esquizofrênicos. Eles podem encorajar a pessoa afetada a "fazer o certo" mesmo durante um episódio agudo, difícil, porque a esquizofrenia nunca pode ser uma desculpa para o mau comportamento. A culpa por desrespeito aos pais, palavras duras ou qualquer infração da regra áurea, nunca pode ser atribuída a problemas físicos. Remover a responsabilidade moral das pessoas seria tratá-las de modo subumano e roubar sua esperança de mudança.

Mas isto não é tudo o que a Bíblia tem a oferecer. Sabendo que as pessoas são responsáveis perante Deus, os pastores podem estar alertas para os sintomas que as categorias modernas de diagnóstico ignoram. Por exemplo, os conselheiros pastorais encontram, com frequência, uma culpa profunda e debilitante como parte do grupo de sintomas esquizofrênicos. Este é um fenômeno da alma, muito óbvio no medo do esquizofrênico paranoico, mas também visível na maioria das pessoas diagnosticadas como esquizofrênicas. A culpa pode inclusive ser considerada como fonte de muitas alucinações, especialmente se você acreditar que as alucinações podem ser uma manifestação daquilo que a pessoa pensa a respeito de si mesma. A cosmovisão cristã permite aos conselheiros a identificação dos problemas espirituais como a culpa e também oferece um tratamento distinto.

Os sintomas do corpo podem ser tratados com medicação, mas a alma ou os sintomas espirituais estão imunes à medicação ou outros tratamentos somáticos, e respondem à confiança no Deus que perdoa. Se você oferecer um tratamento sem o outro, não estará proporcionando à pessoa uma cura abrangente.

Estas duas ilustrações sugerem que a Bíblia não é ingênua quanto aos problemas reais que afligem as pessoas. Pelo contrário, as suas categorias oferecem uma grande extensão teórica e respostas práticas.

3. A cosmovisão cristã dirige-se aos fenômenos psicológicos críticos raramente tratados nas teorias seculares.

Minha terceira afirmação é esta: a cosmovisão cristã não apenas observa e registra observações que são feitas tradicionalmente no trabalho psicoterápico, mas ela também faz observações que raramente são feitas, e muito menos registradas, nos sistemas seculares. Visto que as pressuposições da psicoterapia proporcionam a você um meio de ver (ou não ver), as pressuposições radicalmente diferentes do aconselhamento bíblico podem levar a observações diferentes das que você faz. E isto, de fato, acontece.

A observação mais óbvia na cosmovisão cristã é o sentido aparentemente universal de Deus. Alguns podem explicá-lo como a evidência de uma dinâmica psicológica interior em lugar de um conhecimento muito real, embora ofuscado e distorcido, do Deus verdadeiro. Mas não deveriam ser tão superficiais ou desatentos em suas explicações. O senso de Deus é muito difuso e resistente.

Considere alguns exemplos:

- Um soldado que participou do Dia-D, na Segunda Guerra Mundial, não tinha treinamento religioso e declarou não ter nenhum interesse religioso real. Mas quando ele atingiu com segurança a Praia de Omaha, imediatamente soube que havia um Deus e esse Deus tinha protegido a sua vida. Mais que isso, ele rompeu em orações de agradecimento.
- Na sociedade americana, cada vez mais secularizada e orientada para a tecnologia, a vasta maioria ainda acredita que há um Deus.
- Quando o bloco dos países orientais e a China abriram as suas fronteiras, os ocidentais encontraram um senso de Deus persistente naquelas áreas ativamente ateístas. Atualmente, os missionários encontram ali quase que uma fome de Deus. Por que encontramos em todas as culturas conhecidas religiões que tentam transmitir um conhecimento de Deus?
- Quando enfrentam sofrimentos pessoais, muitas pessoas que antes não eram religiosas culpam a Deus.
- Os Alcoólatras Anônimos tornaram-se mais brandos na insistência de que Deus é Deus. Mas a convicção de que existe um poder maior do que nós não foi abandonada. Por que AA insistiu no teísmo, embora diluído?

A Bíblia diz: "o que de Deus se pode conhecer é manifesto... por meio das coisas que foram criadas" (Rm 1.19-20). O conhecimento de Deus não é o resultado de um artifício psicológico com a intenção de apoiar um ego frágil. Há uma consciência de Deus em todos nós e a persistência desta consciência é um resultado da existência de Deus.

"Então, por que alguns são ateístas?", você poderia perguntar. Talvez a melhor pergunta seja: "Por que são tão poucos?" A maioria dos ateístas declarados são agnósticos. Quanto a estes poucos que se agarram ao ateísmo, a Bíblia revela que eles detêm a verdade da existência de Deus porque o conhecimento de Deus não serve aos seus interesses. A ideia de que há um Deus pessoal pode restringir o seu desejo de não ter ninguém acima deles mesmos. Aldous Huxley parecia estar ciente deste dilema quando declarou que tinha que fazer uma escolha quanto à vida ter ou não sentido. Se a vida tivesse sentido, então ele não poderia ignorar a realidade de Deus nem a possibilidade de um julgamento diante de Deus. Se não houvesse sentido na vida, haveria um desespero de baixa intensidade durante toda a sua existência, mas ele se sentiria livre. Ele escolheu a ausência de sentido, pois não queria prestar contas diante de Deus.

O dilema de Huxley levanta uma segunda observação que é inquestionável: há um sentido universal de certo e errado. Existir como um ser humano é compartilhar valores ou "deveres". Por exemplo, considere a ira. Na maioria dos casos, a ira é melhor entendida não como uma emoção isenta de valores, mas como um julgamento moral. Ficamos indignados diante de um abuso sexual ou outras formas de vitimização porque são errados! Quando um outro motorista nos corta, ficamos irados porque aquela pessoa está errada.

Ou considere a contraparte da raiva no campo voltado para o interior da pessoa, a culpa. Ela também é um julgamento

moral, mas seu alvo é o nosso próprio comportamento mais do que o dos outros. Quando nos sentimos culpados, acreditamos que *nós* agimos errado. Toda a literatura sobre valor pessoal e autoestima está relacionada a este julgamento moral. Uma baixa autoestima, por exemplo, é um julgamento moral que eu faço de mim mesmo: "Eu não estou OK".

Estes julgamentos tácitos diários não são de forma nenhuma idiossincráticos. Antes, há uma uniformidade espantosa. Crianças, aposentados, estudantes e retardados mentais, todos concordam com eles, assim como os registros de várias culturas antigas. Os escritos do Antigo Testamento são os mais acessíveis a nós, mas o Antigo Testamento certamente não está só. Faz parte de um grupo maior de escritos que inclui as culturas do Egito Antigo, Norse, Babilônia, China Antiga, índios das Américas, e a maioria das demais culturas. O resumo destes princípios morais é essencialmente a regra áurea: "Faça aos outros o que você quer que eles lhe façam". Estes documentos são os registros da consciência humana.

A consciência é um aspecto fascinante do ser humano que pode se manifestar quando menos queremos ouvi-la, talvez interferindo naquele caso extraconjugal tão desejado. Às vezes, ela parece estar silenciada ou insensibilizada como no caso dos chamados sociopatas. Muitas vezes, ela é falível e nos concede permissão para fazer algo que é realmente errado. Outras vezes, como acontece com os vícios, seus sinais de certo e errado estão evidentes, mas parece haver uma incapacidade de agir de acordo com eles. A consciência tende a ter uma má reputação porque ela "acusa" mais do que "desculpa", mas ela também tem uma ênfase mais positiva enquanto um mapa moral, tecido na fábrica do homem interior, que oferece propósito e direção para nossas vidas. De fato, é uma característica nossa que o "eu" e o "deve/não deve" sejam quase inseparáveis[15].

A cosmovisão cristã mostra que a consciência faz parte do relacionamento com Deus. Ele é santo ou moralmente perfeito. A consciência é um presente de Deus que ecoa o Seu padrão de santidade. Como todas as capacidades humanas, ela não funciona perfeitamente e pode ser dessensibilizada quando há violações crônicas das leis de Deus. Mas ela faz parte da vida humana de modo permanente. As nossas vidas e a nossa sociedade seriam inconcebíveis sem a consciência.

Uma terceira observação sobre a cosmovisão cristã provém do senso de certo e errado. Embora conheçamos o certo, nem sempre fazemos o certo. Em outras palavras, nós pecamos; e as teorias seculares, em geral, têm um entendimento muito inadequado deste fenômeno.

Antigamente, esta doutrina cristã era uma fonte de escárnio, mas recentemente tornou-se quase moda. No século XX, o pecado ou o mal passaram a fazer parte da conversa popular quando, no fim de Segunda Guerra Mundial, o nome de Hitler veio a ser um sinônimo de anticristo. Mais recentemente, a tentativa de assassinato do Presidente Reagan expôs uma crença um tanto dormente de que há erros indesculpáveis. Quando o pretenso assassino John Hinckley não foi considerado culpado por razão de insanidade, isto

[15] Esta conexão estreita reflete-se também na história universal. O termo latino *conscienta* e o termo grego *syneidesis* significavam "percepção" antes de serem usados mais precisamente com referência a uma percepção moral ou consciência.

pareceu acordar um público que tinha ouvido o suficiente sobre transferência de culpa e desculpas psicologizadas. Tempos depois, a mudança foi visível no julgamento de Jeffrey Dahmer, que cometeu assassinato em massa e canibalismo. Embora a natureza bizarra dos crimes pedisse uma defesa por insanidade, tanto Dahmer quanto o júri estavam convencidos do contrário. Ele era responsável pelo crime e o que ele fizera era verdadeiramente mau.

A psicologia não sabe bem o que fazer com estas observações. Por um lado, ela quer manter a responsabilidade pessoal pelo comportamento; caso contrário, seríamos vítimas que precisam contar com uma mudança das circunstâncias para uma mudança pessoal. Por outro lado, as teorias mais preeminentes encontram a causa do comportamento em nossa história ou em nossa genética, e quando estas teorias são levadas à sua conclusão lógica, é injusto responsabilizar qualquer pessoa por essas causas.

Uma cosmovisão cristã anda nesta corda fina com diligência. Seu entendimento do pecado é que ele vitima a todos nós. Isso é, todos sofremos pelo pecado de outros e as Escrituras dizem claramente que Deus tem grande compaixão das vítimas. Entretanto, o cristianismo revela que somos vítimas bem como vitimamos a outros. A causa da nossa orientação pecaminosa encontra-se dentro de nós, não fora de nós. Nós pecamos não por causa dos nossos pais, mesmo que eles possam contribuir para que fiquemos inclinados a certos padrões pecaminosos. Nós pecamos porque somos pecadores. Parece que somos piores do que aparentamos inicialmente. Alguém está interessado, por exemplo, em ter a sua vida íntima ou os seus pensamentos expostos?

Acreditar no ponto de vista cristão a respeito do pecado não é dizer que somos todos destruidores perversos que só precisam da provocação certa para serem assassinos de massa. É dizer que a perfeição moral nunca é possível. Como disse o apóstolo Paulo, podemos saber o que é certo, mas fazemos o errado de qualquer jeito. Estamos mais preocupados com os nossos desejos do que com a obediência a Deus e a consideração pelos outros. Há uma tendência em todos nós para caminhar em direção ao egoísmo e se afastar da confiança em Deus.

Se tudo isto lhe parece distante, separe alguns minutos para pensar sobre si mesmo como um pecador. Para a maioria, este conceito está evidente, mas para outros a sugestão soa como um julgamento. De qualquer forma, considere-a por um momento. Se você não pode pensar imediatamente em algumas poucas dúzias de comportamentos pecaminosos, pergunte a seu esposo ou a um bom amigo. Procure lembrar as vezes em que você mais exige do que ama. Olhe especialmente para os pecados mais corriqueiros: fofoca, ciúme, discussões em que você quer fazer prevalecer o seu lado, amargura em lugar de perdão, quebra da sua palavra, queixas em lugar de contentamento, comparação com outros, ver os outros como objetos sexuais, cobiça por dinheiro, fama ou poder, transferência de culpa ("É *sua* culpa"). Tudo isso vem de *nós*. Como você pode constatar na criança que bate no irmão porque não quer largar o seu brinquedo, nós não precisamos de um modelo nem da crueldade dos pais para sermos pecadores.

Uma implicação terapêutica interessante desta pressuposição é que as abordagens

atuais sobre amor-próprio estão enganadas. O problema não é que amamos muito pouco a nós mesmos, mas que pensamos que merecemos demais e amamos as *outras* pessoas muito pouco. De acordo com a Bíblia, as terapias baseadas no amor-próprio estão destinadas ao fracasso, visto que alimentam nosso problema mais básico em lugar de curá-lo.

Um bom número de terapeutas seculares e pesquisadores ecoa a preocupação bíblica a respeito dos ensinamentos sobre amor-próprio. Muitos de nós temos visto o egoísmo e egocentrismo sancionado que pode resultar destes ensinamentos. Ou vimos o vazio que resulta de um foco voltado para si à custa do interesse por outros. Suspeito que muitos terapeutas diriam que nossa *abundância* de amor-próprio e preocupação com a nossa própria pessoa pode ser um problema maior do que a *falta* de amor-próprio. Mas talvez a profissão de terapeuta poderia nem existir, não fosse pela preocupação pecaminosa com a nossa própria pessoa. Elimine nossa vitimização (um resultado do pecado de outros), elimine nosso egoísmo, substitua por amor aos outros e a Deus, e os terapeutas poderiam procurar outra atividade.

Um aspecto do pecado deve ser sublinhado. Você já reagiu aos erros de outra pessoa – talvez uma gafe social ou um ato criminoso narrado no jornal – dizendo "Eu nunca faria isso!". A cosmovisão cristã proíbe absolutamente uma atitude de "eu sou melhor do que você". Jesus ensinou que o coração de um assassino não é diferente do coração da pessoa que rebaixa os outros verbalmente nem da pessoa convencida de si mesma. Ele deu por certo que cada um dos Dez Mandamentos corretamente interpretados revelam que todos nós transgredimos cada um deles. A Bíblia mostra que somos todos pecadores que pecam. Solzhenitsyn, em *O Arquipélago de Gulag,* fez a mesma observação: "Se houvesse pessoas cometendo maldades apenas em algum lugar pérfido, seria suficiente separá-las do resto de nós e destruí-las. Mas a linha divisória entre o bem e o mal atravessa o coração de todo ser humano".

Eu poderia prosseguir com outras observações que ficam evidentes do ponto de vista cristão, mas são geralmente ignoradas ou deixadas sem explicação do ponto de vista secular. Como as teorias seculares explicam o amor e o desejo de ser amado à parte de Deus como amor? Como as teorias não cristãs explicam nosso sentido de justiça independentemente de Deus como o juiz justo? Por que há tão pouca discussão a respeito da morte nas teorias psicológicas quando a morte é uma preocupação tão óbvia? Por que percebemos que fomos criados para a dignidade e, simultaneamente, sentimo-nos tão inseguros, pequenos e indignos? Por que ainda estabelecemos a aliança conjugal? Por que estamos fascinados pelas pessoas?

Talvez você considere a cosmovisão cristã como psicologicamente ingênua. Entretanto, estes e muitos outros fenômenos ficam totalmente expostos quando vistos pela cosmovisão cristã. Uma cosmovisão bíblica ou cristã não somente considera muitas das observações das teorias seculares, mas sugiro que ela também considera mais dados do que as teorias seculares. Aliás, para continuar nossa discussão (e ser um pouco provocativo), eu sugeriria que aquilo que há de bom na psicoterapia secular vem de fragmentos significativos tomados

por empréstimo da Bíblia. À parte de Deus, como Ele se revelou a nós na Bíblia, nossas teorias e nosso viver não têm nenhuma coerência. Eles não fazem sentido.

4. O mundo não faz nenhum sentido à parte da cosmovisão cristã.

O escritor de Eclesiastes contemplou um mundo sem Deus. Sua reposta não foi diferente da resposta de Huxley. "Sem sentido! Sem sentido!", diz o Pregador. "Completamente sem sentido! Tudo é sem sentido." O prazer é sem sentido porque é temporário. O trabalho e as riquezas são sem sentido porque o rico e o pobre, o diligente ou o preguiçoso, todos têm o mesmo fim. Não haverá nenhum fim para a injustiça: a opressão sempre esteve conosco e não diminuirá. Os prazeres da mocidade são seguidos pelo declínio da saúde no envelhecimento, que é seguido pela morte.

A conclusão do Pregador, entretanto, não parou com o exame bidimensional do seu mundo. Depois de considerar o mundo sob o ponto de vista do prazer e do significado, sua conclusão foi simplesmente "Teme [sê reverente] e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más". Um mundo que gira somente em torno da minha pessoa e de outros é sem sentido; um mundo onde eu e os outros estamos diante do Deus vivo dá sentido mesmo ao pensamento mais banal. À parte de Deus, a vida é sem propósito e repleta de desespero. Com Deus, não há nada que deixe de ter sentido.

No entanto, este significado tem um custo. Se você reconhece a Deus, você reconhece que é responsável perante Ele. Você reconhece que Ele é quem pode remover a sua folha de figueira e o expor. Reconhece que transgrediu a Sua lei santa e se coloca diante dEle como culpado. Reconhece que somente Ele define a justiça. Contudo, estas realidades assustadoras produzem esperança quando reconhecemos que a Sua justiça nunca está separada de Seu imenso amor.

Nesta combinação de amor e justiça é que encontramos o coração da cosmovisão cristã. O que os clientes da psicoterapia procuram e o que as sociedades humanas buscaram ao longo de todas as eras – justiça e amor – a cosmovisão cristã oferece no nascimento, vida, crucificação e ressurreição de Jesus Cristo, o Deus encarnado. Jesus era justo no lidar com as pessoas, mas Seu amor desprendido é manifesto tanto para o crente como para o cético. Ele não hesitou em expor o pecador, mas estava cheio de compaixão para com o pobre, o "pobre de espírito" e o oprimido. A crucificação, o ponto de convergência das Escrituras, pronunciou o julgamento de Deus contra o pecado e, simultaneamente, proclamou o Seu plano para salvar os pecadores. A ressurreição oferece-nos grande esperança de que a justiça e o amor persistirão por toda a eternidade.

Esta é a cosmovisão cristã. Ela inclui doutrina, declaração de fé e afirmações, mas é ainda muito mais. É fé *em* Jesus. É conhecer e amar uma Pessoa. A verdade certamente vem da pessoa de Jesus e Seu ensino, mas apenas crer em uma série de afirmações verdadeiras fica aquém da cosmovisão cristã. Por detrás de todas as perguntas epistemológicas está Jesus que diz:

"Confia em mim". Na cosmovisão cristã, o conhecimento segue a fé.

Você já leu a respeito de Jesus? Se não leu, não seja um estudante medíocre, que confia em informação de segunda mão. Leia por si mesmo. Estas coisas são importantes demais para confiar nas opiniões de outros que também podem não ter lido sobre Ele de primeira mão!

Esta pode parecer uma maneira até certo ponto estranha de terminar uma conversa. O que teve início em forma de algumas simples proposições caminhou para algo interpessoal. As perguntas abstratas sobre o conhecimento levaram àquilo que é muito concreto. Essencialmente, a pergunta que permeou nossa conversa foi: "Em quem você confiará?" É inevitável. Nosso conhecimento é em última análise um conhecimento muito pessoal. Você confiará no Deus que falou, ou confiará em si mesmo ou em alguns ícones culturais que proporcionam pequenos fragmentos de significado?

Talvez você não esteja ciente destas questões profundas, subjacentes ao seu trabalho; ou talvez esteja *muito* ciente delas. Mas como Marie Jahoda disse certa vez, "parece tão difícil, a ponto de que alguns são quase tentados a reivindicar o privilégio da ignorância"[16]. De uma maneira ou de outra, não podemos permitir que estas discussões fiquem à margem de nossa teoria e prática.

O que você pensa? O que faz com isto? Agora é minha vez de escutá-lo.

[16] M. Jahoda. *Current Concepts of Positive Mental Health* (New York: Basic, 1958), p. 77.

Quando Conselheiros e Aconselhados se Defrontam com o Sofrimento



John Piper[1]

Antes de mais nada, quero apresentar cinco pressuposições. Sem elas, o que tenho a dizer a respeito de aconselhamento e sofrimento não teria base.

1. O aconselhamento é uma manifestação de alegria na multiforme misericórdia de Deus que se expressa em forma de conversa.
2. O aconselhamento mútuo é normativo nas conversas e relacionamentos do corpo de Cristo.
3. O alvo do aconselhamento genuíno é a glória de Deus mediante Jesus Cristo.
4. Deus é glorificado em nossas vidas principalmente quando encontramos nEle toda nossa satisfação.
5. O sofrimento é uma experiência humana universal, planejado por Deus para Sua glória, embora coloque à prova a fé de cada cristão.

Se o alvo do aconselhamento sábio é a glória de Deus mediante Jesus Cristo, se Deus é glorificado em nós principalmente quando encontramos nEle toda nossa satisfação e se a experiência humana universal de sofrimento ameaça minar a nossa fé no tocante à bondade de Deus, e consequentemente a nossa satisfação na Sua glória, então as nossas conversas uns com os outros precisam ter como alvo, dia após dia, a ajuda mútua para que encontremos satisfação em Deus enquanto sofremos. De fato, precisamos ajudar uns aos outros a considerarmos o sofrimento como parte da razão por que deveríamos encontrar nossa satisfação em Deus.

Temos que formar em nossas mentes e corações uma visão de Deus e de Seus caminhos que nos ajude a enxergar o sofrimento não apenas como uma ameaça à nossa satisfação em Deus (o que de fato

[1] Tradução e adaptação de *Counseling with Suffering People*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.21, n.2, Winter 2003, p. 18-27.

John Piper é pastor da Bethlehem Baptist Church, em Minneapolis, Minnesota.

ele é), mas também como um meio para nossa satisfação em Deus (o que também ele é). Nossa fala deve fazer o sofrimento parecer normal e com propósito, algo que não deve nos surpreender neste mundo caído. As forças da cultura ocidental estão quase todas dirigidas para formar em nossas mentes uma cosmovisão oposta – maximize o conforto, o bem-estar e a segurança; evite toda e qualquer escolha que possa trazer desconforto, problemas, dificuldades, dor ou sofrimento. Acrescente este incentivo da cultura ao nosso desejo natural de gratificação imediata e prazeres passageiros, e então o poder conjunto para minar a satisfação mais elevada da alma na glória de Deus mediante o sofrimento torna-se muito grande.

Se tivéssemos como o valor supremo, o tesouro maior e a mais profunda satisfação das nossas vidas, ver a Pessoa de Deus honrada na vida uns dos outros, então cada um de nós deveria se esforçar ao máximo para viver e mostrar o sentido do sofrimento, ajudando os demais a enxergarem a sabedoria, o poder e a bondade de Deus por trás do sofrimento – ordenando-o, acima do sofrimento – governando-o, por baixo do sofrimento – sustentando-nos, à frente do sofrimento – preparando-nos para ele. Esta é a tarefa mais árdua no mundo: mudar as mentes e os corações de seres humanos caídos e tornar Deus tão precioso para nós que tenhamos por motivo de toda alegria passarmos por provações, exultemos em nossas aflições, regozijemos-nos na pilhagem de nossos bens e possamos dizer no fim que "o morrer é lucro".

Eis a razão por que o bom aconselhamento não é uma mera técnica terapêutica e as "teorias da personalidade", bem como a aquisição de graus acadêmicos em "psicologia", estão tão distantes da essência do aconselhamento. O aconselhamento tem a ver com fazer o impossível: levar o jovem rico a perder seu encanto por um estilo de vida confortável e se apaixonar pelo Rei dos reis a ponto de vender "alegremente" tudo quanto tem a fim de ganhar esse tesouro (Mt 13.44). Jesus disse com a maior simplicidade: "Isto é impossível aos homens" (Mt 19.26). O alvo do nosso ministério uns para com os outros é impossível. Nenhuma técnica resultará em sucesso. "Mas para Deus tudo é possível".

Em nenhuma outra ocasião isto fica mais claro do que quando o aconselhamento se defronta com o sofrimento. Como podemos alcançar o grande propósito dos nossos relacionamentos interpessoais face ao sofrimento? Ir a Cristo significa mais sofrimento, não menos, neste mundo. Estou persuadido de que o sofrimento é normal, não excepcional. Todos nós sofreremos; todos nós temos que sofrer; e a maioria de nós não tem a mente nem o coração preparados para crer ou experimentar isso. Portanto, a glória de Deus, a honra de Cristo, a estabilidade da Igreja e a força de comprometimento com missões mundiais estão em jogo. Se as nossas conversas não ajudarem as pessoas a encontrarem satisfação em Deus em meio ao sofrimento, então Deus não será glorificado, Cristo não será honrado, a Igreja será um fracasso em um mundo escapista que busca conforto a qualquer preço. O cumprimento da Grande Comissão, que requer às vezes o martírio, falhará.

Há uma certeza de sofrimento para as pessoas que abraçam o Salvador. "Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores" (Mt 8.19). Verdade?!

- "As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8.20).
- "Muitas são as aflições do justo" (Sl 34.19).
- "Não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros" (Jo 15.20).
- "Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?" (Mt 10.25)
- "...também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos" (1Pe 2.21).
- "Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo" (1Pe 4.12).
- "...através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus" (At 14.22).
- "... ninguém se inquiete com estas tribulações. Porque vós mesmos sabeis que estamos designados para isto" (1Ts 3.3).
- "Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados" (Rm 8.17).
- "Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2Tm 3.12).
- "Dia após dia, morro! Eu o protesto, irmãos, pela glória que tenho em vós outros, em Cristo Jesus, nosso Senhor" (1Co 15.31).
- "Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens" (1Co 15.19).

Vamos sofrer – isto é certo. E quando esta vida de sofrimento necessário chegar ao fim, ainda resta o último inimigo, a morte. "E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo..." (Hb 9.27). Para os amados de Deus, o morrer será o sofrimento final. Para a maioria de nós será algo terrível. Ao longo de vinte anos de pastorado, tenho andado com muitos santos pelos últimos meses e dias de suas vidas e no momento da morte. Poucos desses têm sido fáceis. Cada pessoa com que você e eu conversamos morrerá se Cristo retardar a Sua vinda. Você e eu morreremos também. Todos nós temos que sofrer e morrer.

> "Tu os arrastas na torrente, são como um sono, como a relva que floresce de madrugada; de madrugada, viceja e floresce; à tarde, murcha e seca. Pois somos consumidos pela tua ira e pelo teu furor, conturbados. Diante de ti puseste as nossas iniquidades e, sob a luz do teu rosto, os nossos pecados ocultos. Pois todos os nossos dias se passam na tua ira; acabam-se os nossos anos como um breve pensamento. Os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta; neste caso, o melhor deles é canseira e enfado, porque tudo passa rapidamente, e nós voamos. Quem conhece o poder da tua ira? E a tua cólera, segundo o temor que te é devido?

Ensina-nos a contar os nossos dias,
para que alcancemos coração sábio"
(Sl 90.5-12).

O que um coração pastoral sábio faz quando ele descobre que a morte é certa, a vida é curta e o sofrimento é inevitável e necessário? A resposta, também, está no Salmo 90. É uma oração ao Senhor: "Tem compaixão dos Teus servos. Sacia-nos de manhã com a tua benignidade, para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias" (Sl 90.13b-14). Em face do labor, da aflição, do sofrimento e da morte, os amigos e conselheiros sábios clamam junto com o salmista: "Sacia-nos de manhã com a tua benignidade". Esta é a oração que fazem por eles mesmos e por outros: "Oh, Deus, permite que estejamos sempre satisfeitos com o teu amor leal, e nada mais necessitaremos". E, então, eles vivem e falam visando este fim.

Por que insistem? Porque se os conselheiros permitirem que as pessoas fiquem onde estão – buscando satisfação na família, no emprego, no lazer, nas brincadeiras, no sexo, no dinheiro, na comida, no poder e na autoestima – então, quando o sofrimento e a morte os roubarem disso tudo, elas ficarão amargas, iradas e deprimidas. E o valor, a beleza, a bondade, o poder, a sabedoria e a glória de Deus, desaparecerão em uma nuvem de murmuração, queixa e maldição.

Se, porém, o conselheiro orar adequadamente, pedindo que Deus nos satisfaça com Ele mesmo; se o conselheiro tiver amado e falado corretamente, mostrando aos outros que precisam sofrer, mas que Deus é mais desejável que o próprio conforto e o Seu amor leal é melhor do que a vida (Sl 63.3); se o conselheiro estiver vivendo de modo apropriado, regozijando-se em sofrer por amor aos outros, e se o conselheiro permanecer o tempo suficiente em um lugar de ministério, estabelecendo relacionamentos significativos com muitas pessoas, então essas pessoas sofrerão de modo adequado e morrerão bem, considerando isso como ganho pelo fato de encontrarem satisfação somente em Deus. Com isso, Deus será grandemente glorificado e o grande alvo do ministério de aconselhamento será alcançado.

O aconselhamento e o sofrimento do conselheiro

Se o alvo final do bom aconselhamento é a glória de Deus mediante Cristo Jesus, se Deus é glorificado principalmente quando nós estamos mais satisfeitos nEle, e se o sofrimento ameaça essa satisfação em Deus e é inevitável, então devemos falar e escutar a fim de ajudar os outros a dizerem como o salmista, de coração: "O teu amor é melhor do que a vida!" (Sl 63.3 NVI), e dizer como Paulo: "Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo" (Fp 3.8). Os conselheiros devem ter uma paixão por produzir pessoas cuja satisfação em Deus seja tão sólida, tão profunda e tão inabalável que o sofrimento e a morte – a perda de tudo que esse mundo possa nos oferecer – não fará com que elas murmurem nem amaldiçoem Deus, mas descansem em Sua promessa: "Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (Sl 16.11).

Mas, como é que podemos aconselhar assim? A resposta é que o conselheiro precisa sofrer e se regozijar nesse sofrimento.

O conselheiro precisa experimentar a dor e, ao mesmo tempo, ser feliz em Deus.

Quero que me acompanhe enquanto percorro três gerações – de Cristo, passando por Paulo, até Timóteo. Jesus Cristo veio ao mundo para sofrer. Ele se fez carne para que pudesse ser crucificado (Hb 2.14). O sofrimento era o âmago do Seu ministério.

- "Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10.45).
- "...pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos" (2Co 8.9).
- "Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia" (Lc 24.46).
- "Então, começou ele a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse" (Mc 8.31).

Quando Jesus falava com as pessoas – pregando à multidão ou conversando com um indivíduo – Ele falava como alguém cujo sofrimento encarnava a Sua mensagem. Ele é absolutamente singular neste sentido. Seu sofrimento era a salvação da qual Ele falava.

Embora Jesus tenha sido singular (o sofrimento de um conselheiro nunca será a salvação de outras pessoas), Ele nos chama para nos unirmos a Ele neste sofrimento. Cristo faz com que o sofrimento seja parte do nosso ministério e, em grande medida, seja a força da nossa mensagem. Quando as pessoas queriam segui-lO, Ele disse: "As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8.19-20). Em outras palavras, "Será que vocês realmente querem Me seguir? Sabem para que foram chamados?"

- "Não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros" (Jo 15.20).
- "Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?" (Mt 10.25)
- "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20.21).
- "Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos" (1Pe 2.21).

Falando especificamente do apóstolo Paulo, o Cristo ressurreto disse: "Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome" (At 9.16). Paulo compreendeu os seus sofrimentos como sendo uma extensão necessária dos sofrimentos de Cristo por amor à Igreja. Portanto, ele disse aos colossenses: "Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja" (Cl 1.24). Os sofrimentos de Paulo não completaram o valor expiatório dos sofrimentos de Cristo. Não há meios de completar aquilo que já é perfeito. Eles completaram, contudo, a extensão daqueles sofrimentos em um sofrimento pessoal

representativo por aqueles por quem Cristo sofreu.

Paulo precisou sofrer no ministério do evangelho. Foi uma extensão essencial dos sofrimentos de Cristo. Por quê? Além de ser uma extensão dos sofrimentos de Cristo a favor dos outros, há outros motivos. Um de seus testemunhos oferece uma outra resposta: "Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos" (2Co 1.8,9). Note o propósito deste sofrimento: "para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos". Este não é o propósito de Satanás nem tampouco o propósito dos inimigos de Paulo. É o propósito de Deus. Ele mesmo ordenou o sofrimento do apóstolo Paulo para que ele estivesse radical e totalmente dependente de nada além do próprio Deus. Tudo está para se perder nesta terra. Se nos resta qualquer coisa em que podemos confiar, é Deus somente, que ressuscita os mortos. Nada mais. Os sofrimentos de Paulo são destinados a levá-lo de volta a Deus somente, vez após vez, como sendo sua esperança e seu tesouro.

Mas esse não é o fim do propósito de Deus. O texto de 2Coríntios 1.8,9 inicia com a palavra "porque". Os sofrimentos de Paulo têm a intenção de apoiar o conteúdo que encontramos no contexto, ou seja, o conforto da igreja. Paulo diz isso de várias maneiras. Por exemplo, lemos no verso 6: "Mas, se somos atribulados, é para o vosso conforto e salvação; se somos confortados, é também para o vosso conforto, o qual se torna eficaz, suportando vós com paciência os mesmos sofrimentos que nós também padecemos". Portanto, as aflições de Paulo, como conselheiro da Palavra, são destinadas não apenas a induzi-lo a buscar conforto exclusivamente em Deus, mas também a levar esse mesmo conforto e salvação para as pessoas a quem ele serve. O seu sofrimento é por amor àqueles a quem ele ministra.

Como isso funciona? Como os sofrimentos de Paulo ajudam seu povo a encontrar conforto e satisfação somente em Deus? Paulo explica isso da seguinte maneira: "Temos, porém, este tesouro [o evangelho da glória de Cristo] em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos" (2Co 4.7-9).

Em outras palavras, estas coisas terríveis aconteceram a Paulo a fim de mostrar que o poder de seu ministério não procede dele mesmo, mas é o poder de Deus (verso 7). O sofrimento de Paulo é destinado por Deus a magnificar a excelência do Seu poder.

Paulo repete a mesma coisa no verso 10: "levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo". Em outras palavras, Paulo participa dos sofrimentos de Cristo a fim de exibir a vida de Jesus mais claramente. O alvo do ministério de um conselheiro sábio e verdadeiro é manifestar a pessoa de Cristo, mostrar que Ele deve ser mais desejável que todos os confortos e prazeres deste mundo. E o sofrimento do conselheiro tem por objetivo deixar claro que Cristo

é de fato muito valioso, precioso. "Eu morro diariamente", Paulo diz, "para que o valor incomparável de Cristo seja manifesto em meu corpo sofredor". É assim que funciona. É assim que os sofrimentos de Paulo ajudam o seu povo a encontrar conforto e satisfação unicamente em Deus. Não é uma questão de técnica; é uma questão de como viver.

De novo, Paulo repete a mesma coisa em 2Coríntios 12.9. Quando ele implorou que o Senhor removesse dele o espinho na carne, Cristo respondeu: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza". E a resposta de Paulo foi: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte" (2Co 12.9, 10). O espinho na carne de Paulo serviu para deixá-lo humilde e magnificar a plena suficiência da graça de Cristo.

Portanto, o sofrimento do apóstolo manifesta a "excelência" do poder de Deus, o triunfo da "vida de Jesus" e a perfeição da "graça de Cristo". E quando as pessoas veem isto no sofrimento do apóstolo Paulo, elas são motivadas a considerarem Cristo como um tesouro mais precioso que a própria vida, o que, por sua vez, produz uma vida radicalmente transformada para a glória de Deus[2].

Paulo explica esta dinâmica em 2Coríntios 3.18: "E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito". Contemplar a Cristo resulta em nos tornarmos semelhantes a Ele. Quando nós O vemos como Ele de fato é em Sua glória, os nossos corações estimam e magnificam ao Senhor; consequentemente, somos transformados. Tudo muda. Este é o alvo do aconselhamento bíblico. E esse é o alvo do sofrimento daquele que almeja aconselhar outros.

Paulo coloca tudo isso em uma sentença misteriosa em 2Coríntios 4.12, quando diz: "De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida". O sofrimento, a fraqueza, a calamidade e a miséria operam a morte em Paulo e, assim fazendo, mostram que a excelência do seu ministério pertence a Cristo, e não a ele. E essa manifestação do valor incomparável de Cristo opera na vida daqueles que observam, pois a vida provém de ver e experimentar a Pessoa de Cristo como nosso maior tesouro.

Portanto, Cristo veio para pregar e sofrer. Seu sofrimento e Sua morte são o âmago da Sua mensagem. Ele apareceu a Paulo e lhe contou o quanto ele teria de sofrer no ministério do evangelho – não porque o sofrimento e a morte de Paulo fossem o conteúdo da mensagem do evangelho – Cristo é âmago. No entanto, por meio do sofrimento de Paulo, o sofrimento de Cristo poderia ser vistos e apresentado àqueles por quem Ele sofreu, e a Sua glória poderia brilhar com um valor incomparável como sendo o maior tesouro do universo.

Quando Paulo quer ajudar Timóteo (e nós também), o que ele diz? Ele diz, por exemplo, em 2Timóteo 2.10: "Por esta razão, tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna

[2] 2Co 4.7; 2Co 4.10; 2Co 12.9.

glória". A tarefa de Deus para ele, como conselheiro da Palavra, é sofrer pelos eleitos.

Paulo volta-se, então, para Timóteo e lhe confere o mesmo chamado, que eu acredito ser aplicável a nós também: "Timóteo, fazer discípulos terá um custo alto para você". 2Timóteo 2.2-3 diz: "E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros. Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus". Entregue a Palavra a outros, Timóteo! O preço: "Participa dos meus sofrimentos".

Mas, o que dizer a respeito do aconselhamento em particular? Paulo trata desta questão diretamente em 2Timóteo 4.2-5:

> Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério.

Pregue a Palavra[3], suporte os sofrimentos! Fale aquilo que a Palavra diz, Timóteo. O preço? Suporte os sofrimentos.

Precisamos comunicar a Palavra com paixão a fim de produzir pessoas cuja satisfação em Deus seja tão sólida, profunda e indestrutível que nem o sofrimento nem a morte nos obrigarão a murmurar e amaldiçoar a Deus; pelo contrário, o sofrimento será motivo de alegria (Tg 1.2) e diremos com Paulo: "Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fp 1.21). Como chegaremos a este ponto? Eu disse que os conselheiros precisam sofrer – e procurei demonstrar esta verdade até aqui. E, então, o conselheiro precisa regozijar-se. É necessário experimentar o sofrimento no ministério, e é igualmente necessário alegrar-se em Deus.

Com certeza, Paulo ordena isso a todos nós. "Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos" (Fp 4.4). "...e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança" (Rm 5.2,3). É crucial ver como Paulo fala de sua própria experiência em termos de sofrimento no ministério da Palavra. Ele não apenas diz aos colossenses: "Eu estou sofrendo por vocês". Ele diz: "Eu me alegro em meus sofrimentos por vocês". Ele não apenas diz aos coríntios: "Eu me glorio nas minhas fraquezas". Ele diz: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas" (2Co 12.9). Sim, há tristeza; às vezes uma tristeza quase insuportável. Mas, mesmo nestas ocasiões, Paulo diz: "entristecidos, mas sempre alegres" (2Co 6.10). E quando ele escreve aos tessalonicenses, a fim de recomendá-los pela sua fé, ele diz: "Com efeito, vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido a palavra, posto que em meio de muita

[3] A palavra grega traduzida por "pregar", *kerusso*, significa anunciar, proclamar, declarar clara e ousadamente. O escopo da palavra é indiferente quer se esteja falando a uma só pessoa ou a centenas de pessoas desconhecidas. Tanto um sermão do púlpito, como uma conversa ao tomar um cafezinho, deveria conter a verdade ousada das boas novas da graça de Deus.

tribulação, com alegria do Espírito Santo" (1Ts 1.6).

Por que Paulo coloca tanta ênfase em alegria no Senhor, alegria na esperança da glória de Deus, alegria que vem do Espírito Santo, e tudo isso em meio ao sofrimento? A razão é esta: o alvo de todo ministério é a glória de Deus mediante Jesus Cristo. Deus é glorificado em nós principalmente quando encontramos nossa satisfação maior nEle. O sofrimento é uma grande ameaça à nossa satisfação em Deus. Somos tentados a murmurar, queixarmo-nos, culpar e até mesmo amaldiçoar e desistir do ministério. Portanto, a alegria em Deus em meio ao sofrimentos faz com que a excelência de Deus – a glória de Deus que satisfaz completamente – brilhe ainda mais do que brilharia em qualquer outro momento de alegria. A alegria, quando o sol brilha, destaca o valor do brilho do sol. Mas a alegria em meio ao sofrimento destaca o valor de Deus. O sofrimento e as adversidades aceitos com alegria enquanto trilhamos a senda da obediência a Cristo, mostram a supremacia de Cristo muito mais do que a nossa fidelidade nos dias tranquilos.

Quando um conselheiro articula francamente a alegria e o sofrimento, outros veem o valor infinito de Cristo, valorizam-no acima de todas as coisas e, então, experimentam a transformação de glória em glória. A glória de Deus é magnificada na Igreja e no mundo, e o grande alvo do ministério de aconselhamento é alcançado.

O aconselhamento e o sofrimento de cada um

O sofrimento é inevitável para os crentes. Faz parte do nosso chamado. Em Filipenses 1.29, Paulo diz à igreja de Filipos como um todo: "Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele". Esta é uma dádiva de Deus para todos os crentes. Estamos designados para sofrer. "Porque vós mesmos sabeis que estamos designados para isto" (1Ts 3.3). John Newton escreveu: "Podemos desejar, se isto fosse possível, andar em um caminho coberto de flores quando o caminho dEle foi coberto de espinhos?"[4]

Para que a glória de Deus se manifeste em nossas vidas, temos que nos regozijar no sofrimento em vez de murmurar e nos queixar. Eis a razão por que a Bíblia nos diz, vez após vez:

- "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai" (Mt 5.11,12).
- "E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança" (Rm 5.3).
- "Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações" (Tg 1.2).
- "...alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo" (1Pe 4.13).
- "Porque não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuirdes vós mesmos patrimônio superior e durável" (Hb 10.34).

[4] John Newton, *The Works of John Newton* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1983), Vol. 1. p. 230.

- "E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome" (At 5.41).

As pessoas não estão preparadas nem capacitadas para se regozijarem no sofrimento a menos que experimentem uma revolução bíblica tremenda em sua maneira de pensar e sentir a respeito do sentido da vida. A natureza humana e a cultura ocidental praticamente impossibilitam o regozijo em meio ao sofrimento. Este regozijo é um milagre na alma humana realizado por Deus mediante a Sua Palavra. O alvo do verdadeiro aconselhamento é servir de instrumento de Deus para realizar este milagre mediante a Palavra.

Jesus disse a Pedro, no final do Evangelho de João: "Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres. Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus" (Jo 21.18,19). Em outras palavras, Deus designa um tipo de sofrimento e morte nos quais cada um de nós é chamado a glorificá-lO. Visto que o grande alvo de uma conversa honesta é a glória de Deus, temos que aconselhar a fim de preparar as pessoas para sofrerem e morrerem. Portanto, por amor às pessoas que sofrem, é importante para o conselheiro compreender como o seu próprio sofrimento afeta os seus aconselhamentos.

Primeiro, Deus ordenou que nossas conversas se tornem mais profundas e cativantes à medida que as provações em nossas vidas tornam-nos quebrantados, mais humildes e desesperadamente dependentes da graça. Jesus disse o mesmo a respeito de Seu próprio ministério: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma" (Mt 11.28,29). As pessoas virão e aprenderão conosco a sofrer se nós também formos "mansos e humildes de coração". É pela experiência que aprendemos mais sobre como dar ouvidos, o que procurar na fala do outro, como experimentar o luto, como se entristecer, quando e o que dizer, como e quando ficar quieto, como ser ousado. E os nossos sofrimentos têm como objetivo moldar-nos nestas áreas. "Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos" (2Co 1.8,9). Deus tem como alvo quebrar toda a nossa pretensão de autossuficiência e nos tornar humildes e como crianças em nossa dependência dEle. Este é o tipo de conselheiro de quem o sofredor se aproxima.

John Newton escreveu para um pastor, seu colega:

> Faz parte do seu chamado como ministro que você experimente as várias provações espirituais que afligem o povo de Deus, para que por meio disso... saiba transmitir uma palavra apropriada para aqueles que estão cansados; e é igualmente necessário manter-se incessantemente atento à seguinte admoestação

importante: "sem Mim, nada podeis fazer"[5].

É verdade que precisamos ser pessoalmente ousados, livres de temor a homens, mas corajosos ao contender pela verdade. Se formos apenas simpáticos, preocupados, genuinamente curiosos, atentos, incentivadores e afirmativos, podemos até ganhar a atenção das pessoas que sofrem, mas nunca as levaremos à vida verdadeira. A graça significa coragem e clareza. Mas é igualmente verdade que a nossa ousadia precisa ser a ousadia de um coração quebrantado, que a nossa coragem precisa ser uma coragem humilde e que devemos contender pela verdade com ternura.

Se formos atrevidos, ásperos, convencidos e sagazes, podemos até ganhar a atenção de pessoas iradas e briguentas, mas afastaremos de nós aqueles que sofrem. Paulo deixa bem claro que podemos ser derrubados, mas também nos é concedido conforto "para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus" (2Co 1.4). Aqueles que aconselhamos devem perceber que dependemos totalmente em nossas vidas do conforto misericordioso de Deus a fim de vencermos cada dia.

Segundo, Deus determinou que quando aconselhamos em meio à fraqueza e ao sofrimento, sustentados pela alegria em Cristo, outros veem que Cristo é nosso tesouro e que eles são amados por nós. Aqui podemos nos confrontar com um tremendo obstáculo cultural. O século XX foi o século do "eu". Praticamente todas as virtudes, em especial o amor, foram reinterpretadas a fim de colocar o "eu" no centro. Isto significa que quase todas as pessoas estão saturadas e moldadas pela convicção de que a essência de ser amado como um ser humano é, na realidade, ser estimado ou valorizado. Isto é, você me ama de tal maneira que seu ato de estima termina focado exclusivamente em mim. Os sofredores são fruto de tal cultura.

Mas Deus ocasiona o sofrimento do conselheiro para expor o valor surpreendente de Jesus ao mostrarmos nossa estima por Cristo enquanto falamos com as pessoas. E se as pessoas perguntam: "Você preza a minha pessoa ou a Pessoa de Cristo?" Eu respondo: "Eu prezo a pessoa de Cristo e desejo prezá-lO ainda mais levando você a prezá-lO também". Sem a obra miraculosa do Espírito Santo, removendo o ser humano do centro, isso jamais satisfará as pessoas. Elas estão tão saturadas de um amor egocêntrico que dificilmente conseguem conceber o verdadeiro amor cristão. O verdadeiro amor não consiste em engrandecê-las, mas em ajudá-las a se alegrarem em engrandecer a Deus. Isto é amor. Se a minha estima termina em pessoas, eu participo na jogada do diabo e da destruição egocêntrica das pessoas. Mas, se tenho a Deus em maior estima, e prezo ver que os outros façam o mesmo, então eu os direciono à única fonte de todo verdadeiro gozo. E esse ato de direcioná-los a Deus, a fonte de esperança, vida e alegria, é o que significa amor.

O nosso alvo no aconselhamento não é ajudar as pessoas a se sentirem muito estimadas por nós, mas ajudá-las a estimarem mais a Pessoa de Deus. Devemos ter como alvo relacionamentos que resultem em pessoas que se sintam amadas não

[5] Idem. p. 255.

quando se tornam o centro do universo, mas quando são ajudadas pacientemente a exaltarem a Deus, mesmo quando são difamadas, ridicularizadas, perseguidas e mortas. Isso é impossível para o homem, mas para Deus tudo é possível. Quando o Espírito Santo age com poder em nossas conversas amorosas, as pessoas veem que Cristo é estimado e que elas são amadas, e que essas duas coisas unem-se em uma só. Deus estipulou que uma das maneiras das pessoas poderem ver Cristo exaltado em nós é sermos sustentados por Ele no sofrimento.

Terceiro, o sofrimento dos conselheiros ajuda-os a encontrar nas Escrituras o que eles têm a dizer aos seus amigos que sofrem. Martinho Lutero destacou esta verdade de modo forte, e diretamente da Bíblia, não apenas a partir de sua experiência. Ele citou Salmo 119.67,71: "Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a tua palavra....Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos". Aqui Lutero encontrou uma chave indispensável para que o crente compreenda o sentido de certos textos bíblicos. "Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos".

Existem coisas a serem vistas na Palavra de Deus que os nossos olhos só conseguem enxergar mediante a lente das lágrimas. Lutero explicou da seguinte maneira: "Quero que saibam como estudar a teologia da maneira certa. Eu mesmo tenho praticado este método... Aqui você encontrará três regras. Estas são apresentadas frequentemente ao longo do Salmo 119 e são estas: *oratio, meditatio, tentatio* (oração, meditação e tribulação)"[6]. Lutero chamava as tribulações de "pedra de toque". Elas "ensinam não somente a saber e compreender, mas também a experimentar quão certa, verdadeira, doce, amável, poderosa e consoladora é a Palavra de Deus; ela é a sabedoria suprema"[7]. Ele provou o valor de sofrimento vez após vez ao longo da própria vida. "Logo que a Palavra de Deus se tornar conhecida por seu intermédio, o diabo o afligirá. Você aprenderá por meio das tentações a buscar e a amar a Palavra de Deus. Pois eu mesmo [...] sou grato aos papistas por terem se chocado tanto comigo, pressionando-me e assustando-me com a fúria do diabo, que eles acabaram me transformando em um teólogo razoável, empurrando-me em direção a um alvo que eu jamais teria alcançado"[8].

Lutero chama isso de teologia. Eu chamo de ministério, seja conversando com um indivíduo ou pregando um sermão. Em outras palavras, o Salmo 119.71 nos ensina que o sofrimento do conselheiro descortina as Escrituras diante dele de uma maneira singular. Os nossos sofrimentos nos mostram nas Escrituras o que dizer aos outros, misturado com como dizer.

A primeira coisa que você aprenderá a dizer às pessoas é que devem sofrer. Esse assunto estará integrado em todas as suas conversas com pessoas doentes, perseguidas, feridas, desapontadas, frustradas e que, por fim, morrerão. Elas precisam ser relembradas dessas coisas vez após vez, pois quase todas as forças culturais acabam empurrando-as para longe dessas realidades em uma tentativa de fazê-las esquecer das mesmas. Consequentemente, as pessoas não estarão prontas para tais eventualidades nem as valorizarão quando vierem.

[6] Ewald M. Plass, *What Luther Says* (St. Louis: Concordia Publishing House, 1959), Vol. 3 p. 1359.

[7] Idem. p. 1360.

[8] Idem. Ibid.

Quando o sofrimento ensina o significado das Escrituras, você aprende e se torna capaz de comunicar que todo sofrimento é comum. Todos os crentes, de uma forma ou de outra, o experimentarão – enfermidade, perseguição, dor e morte. Em Romanos 8.23, você pode mostrar que as pessoas ficarão doentes: "... também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo". Sim, você ensinará as pessoas a orarem pelo próprio restabelecimento e você igualmente poderá orar com preocupação sincera. Mas você também ensinará que a redenção plena e final em Cristo é para o porvir, quando todo pranto, dor e lágrimas não existirão mais (Ap 21.4). Neste meio tempo gememos, aguardando a redenção de nossos corpos. No presente, a nossa natureza exterior está se gastando enquanto a nossa natureza interior está sendo renovada dia após dia (2Co 4.16). Viveremos e falaremos estas verdades, oferecendo uma teologia do sofrimento àqueles que conhecemos e amamos.

Também falaremos a respeito de como a perseguição, seja ela pequena ou grande, virá. "Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2Tm 3.12). Você deve equilibrar este ensino com uma palavra de advertência para que as pessoas não provoquem a perseguição por meio de ofensas pessoais. O evangelho, a senda do sacrifício e a causa da verdade devem se constituir na ofensa, não as personalidades excêntricas dos crentes. O nosso alvo deve ser estimar a Cristo acima de todas as demais coisas e amar as pessoas com a verdade, independentemente do custo. Essa atitude resultará em problemas. As nossas conversas devem conter esta verdade a fim de motivar os demais e prepará-los.

Falaremos a respeito de como sofreremos provações as mais variadas. "Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações" (Tg 1.2). Solidão, mal-entendidos, conflitos, desapontamentos, esperanças frustradas – esse é o contexto real onde desenvolver alegria verdadeira.

E falaremos de como todos nós teremos de morrer. Faremos todo o esforço para ajudar as pessoas a dizerem, quando chegar o momento, que "o morrer é lucro". Se pudermos ajudar as pessoas a valorizarem Cristo acima de tudo aquilo que a morte levará embora, elas serão pessoas mais livres e radicalmente dispostas ao sacrifício.

Não somente devemos conversar sobre o fato de que todos estão sujeitos a enfermidades, perseguição, sofrimento e morte, mas também devemos enfatizar que Deus é soberano e estabelece todo o sofrimento com vistas ao nosso bem eterno. John Newton, mais uma vez, está certo quando ele diz que uma das principais táticas de Satanás contra o povo de Deus é ocultar deles o desígnio do Senhor[9]. O aconselhamento não deveria ocultar estes desígnios, mas revelá-los. É assim que fortaleceremos nossos aconselhados e ofereceremos esperança e gozo no meio do sofrimento. Eles devem conhecer e estimar a verdade de que seus adversários (tanto naturais, como sobrenaturais) planejaram o mal, mas Deus o tornou em bem (Gn 50.20).

Algumas pessoas podem tropeçar na palavra "desígnio", isso é, que Deus planeja

[9] John Newton, *The Works of John Newton*, Vol. 1, p. 233.

o sofrimento de Seu povo e, portanto, tem algo em mira nele. William Barclay (um liberal tradicional da geração passada) representa a muitos quando diz: "Eu creio que a dor e o sofrimento nunca representaram a vontade de Deus para os Seus filhos"[10]. Existem teístas, hoje em dia, que ensinam que "Deus não tem um propósito divino específico para toda e qualquer ocorrência do mal"[11]. Ou, como alguém disse: "Quando alguém inflige dor a uma pessoa, eu não creio que podemos ir à procura do 'propósito de Deus' naquele evento... Eu sei que os crentes falam frequentemente a respeito do 'propósito de Deus' no meio de uma tragédia causada por outra pessoa... Mas eu simplesmente considero isso como uma maneira confusa de pensar de algum devoto piedoso"[12].

Não diga isso àqueles que sofrem, pois minaria a esperança bíblica. A esperança dos que sofrem é que todo sofrimento é uma disciplina do Pai Celestial para o bem de Seus filhos (Hb 12.11); é fogo refinador de sua fé (1Pe 1.7); é o crisol de perseverança, caráter e esperança (Rm 5.3,4); é o preparo de um peso eterno de glória sem comparação (2Co 4.17). E você dirá isso com mais clareza e carinho quando você mesmo o tiver experimentado profundamente. Quando cremos e nos regozijamos, o valor supremo de Cristo manifesta-se ao sermos capazes de dizer: "A tua graça é melhor do que a vida" (Sl 63.3). Não é por acidente, mas por desígnio, que todas as pessoas sábias confessam o mesmo que Malcolm Muggeridge disse ao término de sua vida: "Olhando para trás em meus noventa anos, reconheço que nunca alcancei nenhum progresso nos bons tempos. Eu só progredi nos tempos difíceis"[13]. Quando esta é a nossa experiência, ficamos mais atentos ao sofrimento nas Escrituras e, quando finalmente enxergamos a verdade a seu respeito, queremos comunicá-la aos nossos irmãos que sofrem.

Existe uma última conexão entre o sofrimento do conselheiro e o sofrimento de outros. O seu sofrimento mostrará que a cronometragem do ensino e do toque pessoal é crucial: "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de... chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria... tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar... tempo de estar calado e tempo de falar" (Ec 3.1,4-7).

Uma conversa sábia leva em consideração o momento certo. Temos que viver e comunicar toda a verdade a respeito do sofrimento e da bondade soberana de Deus enquanto ainda é dia. E quando vier a noite, e você se encontrar ao lado de um poço de sangue de algum suicida ou do corpo gelado e sem cor de um menino de um ano, você não precisará falar. Será o momento de abraçar. A esta altura, os crentes que sofrem se alegrarão com o fato de que o seu sofrimento o ensinou a lhes dizer as coisas duras e, então, no momento certo, permanecer em silêncio.

Quando você anda pelo seu próprio vale escuro, você aprende estas coisas. É uma escola que dura ao longo de toda a vida. Se você foi chamado para aconselhar outros, eu lhe peço que não se lamente na escola do sofrimento.

---

[10] William Barclay, *A Spiritual Autobiography* (Grand Rapids, Mich.: William B. Erdmans Publishing Co., 1975).

[11] John Sanders, *The God Who Risks: A Theology of Providence* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1998), p. 262.

[12] Greg Boyd, Letters *from a Skeptic: A Son Wrestles with His Father's Questions about Christianity* (Colorado Springs: Chariot Victor Publishing, 1994), p. 46-47.

Com o Destino em Vista:

ajudando os aconselhados a verem a vida pela perspectiva do Salmo 73



Paul Tripp[1]

Maria sentou-se no meu escritório e disse: "Eu estou desanimada, irada, cheia de inveja". Ela contou como havia visto a vida se desintegrar à medida que perdera seu marido, o lar e até os filhos. Maria vinha de uma boa igreja e conhecia as Escrituras. Contudo, não conseguia encontrar sentido na situação. Ela me disse: "Não encontro razão para levantar da cama de manhã". Falou também sobre o quanto invejava as pessoas que pareciam fazer "o que bem queriam" e, no entanto, tudo ia bem em suas vidas.

Acima de tudo, ela lutava com a ira contra Deus. "Como Ele pode dizer que me ama?", ela exclamou. "A vida abundante que Ele prometeu é esta? Eu realmente pensei que Ele supriria todas as minhas necessidades, mas aqui estou – sem nada! Não consigo ler a minha Bíblia, não consigo orar, não consigo participar de um culto sem lágrimas ou raiva. Olho para a minha vida, olho para as promessas das Escrituras, e elas não parecem fazer sentido. Eu não estou em condição melhor do que um descrente qualquer".

Sim, Maria estava sofrendo. Mas havia também erros cruciais em sua maneira de olhar para a vida. Será que Cristo prometia restaurá-la ao seu antigo modo de vida? Não. Mas Cristo prometia restaurá-la como *pessoa*.

Maria tinha uma brecha crucial em seu pensamento, comum a muitos aconselhados, que a impedia de entender a vida do ponto de vista bíblico. Por causa disto, ela não formulou um plano distintamente bíblico para enfrentar a situação que estava vivendo. A perspectiva crítica que estava ausente no pensamento de Maria era a de *destino* ou *eternidade*. Estou persuadido de que independentemente do conteúdo da sua teologia, a maior parte dos meus aconselhados têm uma visão funcional da vida em que falta o senso de destino. No entanto, é impossível entender a ação

[1] Traduzido e adaptado de *Keeping Destiny in View: Helping Counselees View Life from the Perspective of Psalm 73*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 13, n.1, Fall 1994. p. 13-24. Paul Tripp é diretor do ministério *Changing Lives* de CCEF.

de Deus e responder biblicamente aos problemas e aflições da vida quando a eternidade é deixada de lado na equação.

A vida parece radicalmente diferente quando vista pela perspectiva da eternidade. As palavras e a atuação de Deus são entendidas de maneiras bem diferentes. Esta perspectiva é essencial para o conselheiro bíblico e se torna um ponto crucial de ensino durante o processo de aconselhamento. Sem entender nosso destino, é difícil evitar a dissonância de plano de ação entre o conselheiro e o aconselhado, uma dissonância que pode prejudicar o aconselhamento bíblico efetivo.

O Salmo 73 demonstra a importância de ver a vida do ponto de vista da eternidade. Este salmo provê diretrizes práticas a serem usadas com nossos aconselhados à medida que buscamos ensiná-los a verem a vida biblicamente. Quero começar mencionando dois fatores básicos que moldam nossa maneira de entender os propósitos do Espírito Santo neste salmo.

Primeiro, observe o contexto do Salmo 73. Asafe descreve uma experiência pela qual todos nós já passamos uma vez ou outra. Olhamos à nossa volta e parece que os homens maus prosperam enquanto os homens bons sofrem. As pessoas que não conhecem nem amam a Deus, que não estão preocupadas com viver à maneira de Deus, mas vivem de maneiras diversas como arrogantes e egoístas, parecem aproveitar uma vida livre de fardos. Enquanto isso, os crentes sofrem. Quem de nós, em algum momento, não parou para se perguntar: "O que está errado neste quadro?" Deus é bom para com Seu povo? As Suas promessas são seguras e dignas de confiança? Então, como entender o aparente sucesso dos perversos e o sofrimento dos justos? O Salmo 73 dirige-se diretamente a esta questão crucial e nos oferece diretrizes práticas para ministrarmos às pessoas que lutam para entender suas circunstâncias de vida.

Segundo, lembre-se de que o Salmo 73 é um *salmo*, um poema sobre o relacionamento mais significativo da vida: o relacionamento com Deus. Os salmos revelam uma grande variedade de expressões da alma – de alegria e paz a confusão e ira – à medida que seus autores respondem a Deus em meio às várias circunstâncias da vida. Especificamente, o Salmo 73 é um lamento. O salmista clama pelo socorro de Deus em meio a uma grande aflição e expressa confusão, dúvida, medo, inveja e ira. Os salmos como este equilibram nossa maneira de pensar sobre a bênção e a prosperidade prometidas a nós em outras partes das Escrituras. Eles revelam como as frases do tipo "Esteja sempre alegre" e "Deus está no controle" podem se tornar banalidades entorpecentes ao invés de expressarem uma confiança profunda e adquirida por meio de luta. Os lamentos fazem nosso relacionamento com Deus ser honesto e nos confrontam com nossa própria luta para entender os mistérios da Sua bondade. Eles contribuem para uma integridade humilde ao compartilharmos as promessas de Deus com os que sofrem. A experiência do crente não é sempre maravilhosa. Pelo contrário, a alma responde ao tumulto redentor administrado com amor por um Deus que é realmente bom[2].

[2] Para um estudo mais profundo da natureza dos salmos, recomendo Tremper Longman: *How to Read the Psalms* (Downer Grove, Illinois: Intervasity Press, 1988.)

O Salmo 73 exibe honestamente as lutas da alma e o processo que leva à resolução do conflito e à paz. Ele ensina tanto a nós quanto aos nossos aconselhados como conhecer a Deus. Começaremos com ver como este salmo nos ensina a olhar para a vida pela perspectiva da eternidade. Trabalharemos através dele parte por parte, explorando quatro diretrizes práticas:

1. Ajude seus aconselhados a examinarem seu foco.
2. Ajude seus aconselhados a examinarem suas conclusões.
3. Ajude seus aconselhados a verem a vida pela perspectiva da eternidade.
4. Ajude seus aconselhados a focalizarem as riquezas eternas da redenção.

I. AJUDE SEUS ACONSELHADOS A EXAMINAREM SEU FOCO. (Salmo 73.1-12)

> Com efeito, Deus é bom para com Israel, para com os de coração limpo.
>
> Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos.
>
> Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos.
>
> Para eles não há preocupações, o seu corpo é sadio e nédio.
>
> Não partilham das canseiras dos mortais, nem são afligidos como os outros homens.
>
> Daí a soberba que os cinge como um colar, e a violência que os envolve como manto.
>
> Os olhos saltam-lhes da gordura; do coração brotam-lhe fantasias.
>
> Motejam e falam maliciosamente; da opressão falam com altivez.
>
> Contra os céus desandam a boca, e a sua língua percorre a terra.
>
> Por isso o seu povo se volta para eles, e os tem por fonte de que bebe a largos sorvos.
>
> E diz: Como sabe Deus? Acaso, há conhecimento no Altíssimo?
>
> Eis que são estes os ímpios; e sempre tranquilos, aumentam suas riquezas.

Muitos dos nossos aconselhados interpretam a bondade de Deus com base em seu grau de felicidade temporal, presente e pessoal. Sua visão de felicidade tem a ver com coisas físicas, externas e imediatas. É difícil imaginarem que Deus poderia ser bom e não lhes dar seu tanto de "vida boa". Seu foco não enxerga o longo prazo nem vê um quadro maior.

No caso de Maria, seus olhos estavam em criaturas, na felicidade pessoal e no mundo físico das realidades observáveis. Mas enquanto ela focalizar estas coisas, Maria continuará a lutar. Ela não entenderá o que Deus está fazendo. Terá inveja da vida do incrédulo. Ela estará errada em sua motivação para obedecer.

Para ajudá-la, precisamos olhar mais de perto para os três elementos do foco de Maria.

Criaturas. A tendência de definir a vida com relação às *criaturas* vai direto ao âmago da luta contra o pecado. Romanos 1.25 diz: "Pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!". A palavra

operante no versículo é *mudaram*. Nossa tendência é trocar Deus pela Suas criaturas. Ao fazê-lo, definimos a vida abundante como uma experiência satisfatória com *criaturas* no presente. Quer isso signifique saúde, amizades, família, sucesso financeiro ou um senso de bem-estar emocional, nosso foco tende a se desviar do Criador. Trocamos Seu plano glorioso e Seu propósito pela bênção criada. Trocamos o Criador pela criatura.

Asafe lutou contra isso ao invejar a vida dos perversos: "Para eles não há preocupações, o seu corpo é sadio e nédio. Não partilham das canseiras dos mortais, nem são afligidos como os outros homens. Eis que são estes os ímpios; e sempre tranquilos, aumentam suas riquezas" (versos 4,5,12).

Dentre as pessoas que você aconselha, muitas querem pouco mais do que a felicidade, ou seja, aproveitar uma vida de relativa tranquilidade no mundo criado. Maria resume isto com precisão quando diz: "Eu estou cansada de ouvir você me dizer que Deus me ama. Eu quero um marido que me ame!"

Se eu focalizar a *criatura* e medir minha vida pelo quanto de *criatura* eu possuo e vivencio no presente, a obra de Deus em minha vida simplesmente não fará sentido. O bem-estar do incrédulo será uma fonte constante de desânimo.

Felicidade pessoal no presente. Em quê Deus está operando? Qual é o Seu alvo, o Seu plano, o Seu propósito para mim? Seria eu encarar o dia com um sorriso porque minha vida é tranquila e repleta de experiências felizes com pessoas, lugares e coisas? Qual é o "bem" que Deus está fazendo em minha vida? O que é esta "vida abundante" de que a Bíblia fala?

Privatizamos e temporalizamos o Evangelho com muita facilidade. Reduzimos seu propósito e suas promessas à experiência de felicidade pessoal no presente. Perdemos de vista o grande plano do Evangelho que diz respeito mais a Cristo do que à minha felicidade pessoal.

Em quê Deus está operando? Pedro nos diz em sua segunda carta: "Visto como pelo Seu divino poder nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis coparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo" (2Pe 1.3-4). O principal bem que Deus está operando é me livrar da escravidão aos meus desejos pecaminosos. Estes atraem-me à corrupção do mundo, mas Deus está me fazendo participante da Sua natureza divina[3].

Deus está agindo para mudar radicalmente o meu coração – como vivo e que

[3] O Salmo 73 tem muito a dizer sobre desejo. Não devemos concluir que tudo o que esse salmo diz é que é certo desejar coisas celestes e errado desejar coisas terrenas. Desejar bênçãos de Deus não é errado, muitos desejos terrenos são legítimos e piedosos - no lugar certo. O Salmo 73 (junto a muitas outras discussões sobre desejos celestes e terrenos) chama atenção para questões de ênfase, prioridade, controle e autoridade. O que governa o coração funcionalmente? O desejo tornou-se uma exigência, o bem principal? Aquilo que você exige molda sua maneira de se relacionar com Deus e o homem ou de interpretar a sua situação? Inveja, ira, frustração, desapontamento, medo - e até mesmo felicidade - tudo revela o que governa o coração. O contraste não é simplesmente entre objetos de desejo celestes e terrenos ou entre desejos bons e maus, mas entre um coração governado por Deus e um coração governado por um desejo pela criatura.

frutos dou (2Pe 1.3ss). *Este* é o bem redentor que Ele está operando. Ele me deu tudo aquilo de que preciso para viver uma vida santificada em meio à situação em que Ele me colocou. O foco de Deus é redentor, eterno e espiritual. Na medida em que meu foco for individual, temporal e físico, não estarei me entendendo com Deus. Maria não está se entendendo com Deus em como compreender sua vida.

Quando Pedro diz que Deus nos deu tudo aquilo de que precisamos, ele não quer dizer tudo quanto precisamos para satisfazer nossa definição individual de felicidade! A Bíblia ensina repetidamente (p. ex., Tg 1; 1Pe 1; Rm 5) que Deus coloca obstáculos em nossas vidas para produzir em nós o caráter que Ele tem por objetivo.

Quando os nossos aconselhados concluem que, por serem cristãos, têm maior razão do que um incrédulo para esperar uma felicidade temporal e pessoal baseada em possuir *criaturas* no presente, eles encontram uma dificuldade grande para ver que aquilo que Deus está fazendo é bom.

O mundo visível, externo. Às vezes é quase como se os aconselhados estivessem fazendo uma comparação entre pilhas de bens materiais com a suposição de que a pilha do cristão deveria ser sempre a maior. Certa vez, Maria chegou contando o quão deprimida ela estivera a semana toda. Sua vizinha a convidara para um churrasco onde ela conheceu o marido dessa mulher. Maria disse que ele era uma pessoa maravilhosa. Ela passou a tarde vendo ele se relacionar com seus filhos e ajudar sua esposa com a refeição. Por dentro, Maria ferveu de inveja. Para ela, não fazia sentido que essa mulher descrente pudesse ter aquele marido tão bom enquanto ela esteve casada com um "monstro". Por que sua vizinha incrédula gozava de felicidade conjugal enquanto ela vivia sozinha?

Muitos dos nossos aconselhados são como Maria. Eles fixaram seus olhos no que é visível. Um resultado direto é a sua incapacidade para enfrentar a vida no mundo caído. Paulo tratou deste assunto em 2Coríntios 4.7-18:

> Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida.
>
> Tendo, porém, o mesmo espírito da fé, como está escrito: Eu cri; por isso, é que falei. Também nós cremos; por isso, também falamos, sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco. Porque todas as coisas existem por amor de vós, para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus.
>
> Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso

> homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.

Paulo não fixou seus olhos naquilo que é visível, mas no invisível. A passagem dá três razões fortes pelas quais Paulo foi capaz de agir desta forma.

Primeiro, Paulo não fixou seus olhos no que é visível por causa *do que Deus está fazendo* (versos 7-15). A fraqueza, as provas, as perdas e o sofrimento que enfrentamos não são resultados de alguma omissão divina ou erro! Eles são partes cruciais do plano de Deus. Se eu tendo a trocar a esperança no Criador pela esperança na criatura, então Deus precisa me afastar da segurança que tenho em outras coisas que não Ele. Como Ele faz isto? Ele me faz um vaso de barro. Não sou nada mais que um vaso fraco, suscetível de ser rachado. No entanto, por meio destas próprias rachaduras minha verdadeira fonte de poder aparece. A fonte de poder revelada na fraqueza é o próprio Deus! Além disso, Deus determinou as provações que enfrento. Elas não são acidentais; são o meio de Deus continuar a obra redentora em mim. É em meio a estas provações que a vida de Jesus é revelada. Conforme eu sou posto à morte diariamente, Sua vida é conhecida.

Deus está agindo na produção de mudanças eternas no meu coração, em meus próprios desejos e esperanças. Ele está me levando da esperança no mundo presente para a esperança somente nEle. Ele está revelando perante mim a verdadeira vida, uma vida que consiste do poder insuperável de Jesus Cristo dentro de mim. E Ele usará as coisas deste mundo presente – frequentemente a perda delas – para concretizar Seu grande plano redentor. Seu alvo não é a abundância das coisas terrestres, mas a abundância da esperança em Deus.

Segundo, Paulo não fixou seus olhos no que é visível porque *o mundo das coisas físicas está passando* (versos 16,18). As coisas físicas, visíveis, são temporárias. O corpo saudável de um jovem envelhece e se cansa. A casa nova começa ter rachaduras com o tempo. A planta seca. As instituições perdem a sua utilidade e se dissolvem. As roupas ficam gastas. O mundo está passando.

Precisamos ajudar os aconselhados a lidarem com a ilusão de que as coisas deste mundo são permanentes. A esperança em coisas do mundo presente é, na melhor das hipóteses, uma esperança fútil e temporária. Precisamos pedir aos nossos aconselhados que examinem o quanto de suas vidas está fundamentado em coisas que se consomem por sua própria natureza. Esta pode ser uma maneira de examinar tanto a esperança quanto a falta de esperança de nossos aconselhados.

Finalmente, Paulo não fixou seus olhos no que é visível por causa *da realidade da eternidade* (versos 17,18). O que Deus está fazendo agora, determinando as experiências que enfrento, tem um alvo final: a glória eterna revelada em minha vida. A vida vista pela perspectiva da eternidade parece radicalmente diferente. Paulo caracterizou sua vida neste mundo caído como "uma aflição leve e momentânea". Quantos de

nós olhariam para a vida de Paulo e concluiriam que, sim, sua aflição foi mesmo leve? Ouça Paulo relatar algumas de suas experiências.

> [...] em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas. Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame? (2Co 11.23-29).

No entanto, Paulo olhou para este quadro e o chamou de leve e momentânea tribulação. Ele pôde dizer isto porque colocou todas estas experiências em uma balança e as comparou com outra realidade, uma realidade que pesa muito mais do que todas essas experiências juntas: a realidade da glória infindável da eternidade. Quando comparado à eternidade e sua glória, o que há de mais difícil na vida pode ser visto como leve e momentâneo.

Que contraste significativo existe entre a maneira de ver a vida nos primeiros doze versículos de Salmo 73 e a maneira de descrever a vida que encontramos em 2Coríntios 4! Que contraste há entre aquilo que são as experiências de Maria atualmente e o que elas podem vir a ser! A diferença é o foco. Onde os seus olhos estão focados?

Um plano prático de aconselhamento para examinar o foco

1. Ajude seus aconselhados a entenderem o poder das interpretações que eles estão fazendo.

No Salmo 73, Asafe estabeleceu, inicialmente, uma interpretação para a prosperidade do perverso – uma interpretação que o fez mergulhar em inveja e desespero. Semelhantemente, Maria não está simplesmente vivenciando os acontecimentos. Ela está experimentando também como o coração interage com aquelas situações e como ela interpreta os seus sofrimentos. Como qualquer ser humano, Maria está continuamente pensando e avaliando. Ela está sempre procurando organizar, interpretar e explicar sua vida. Estas interpretações moldam a maneira de Maria vivenciar o que Deus determinou em sua vida. Além disso, as interpretações que ela faz estão baseadas em um sistema de valores. Estes valores organizam as interpretações que moldam as reações de Maria aos eventos de sua vida. Ela vive para algo. Conforme Cristo declara em Mateus 6, Maria tem algum tipo de "tesouro" e "onde estiver o seu tesouro, ali estará também o seu coração". Qualquer que

seja o seu verdadeiro tesouro funcional, ele moldará a sua interpretação da vida e, consequentemente, as suas experiências. Ele também ditará a maneira de responder às circunstâncias.

Maria estava descobrindo a verdade sobre si mesma. Em uma de nossas sessões, ela disse: "Eu pensava que vida abundante significasse meu marido, meus filhos, nossa casa, nosso tempo juntos como família e nossa igreja. Quando todas estas coisas foram tiradas de mim, eu pensei que Deus tivesse quebrado Sua promessa. Pensei que Ele tivesse removido as coisas de que eu precisava para viver. Fiquei irada com Ele e invejava os outros. Eu estava quase sem nenhuma esperança ou razão para ir adiante".

Sugiro que existem apenas dois sistemas de valores que geram a variedade de interpretações que fazemos de nossas vidas. Parece-me que todos os demais sistemas de valores são simplesmente variações de um destes dois sistemas fundamentais. Alternativa número um: a vida consiste de possuir e experimentar coisas visíveis. Alternativa número dois: a vida consiste de possuir e experimentar coisas não visíveis. Obviamente, estes sistemas opostos levam a interpretações da vida e daquilo que Deus está fazendo também opostas e, no final, a planos de ação radicalmente diferentes.

Maria precisava enfrentar o fato de que seu coração é ativo, nunca é neutro, diante de qualquer experiência de vida. Maria sempre traz consigo pensamentos, desejos, motivações e valores do seu coração. A todo momento, o seu coração interage com a vida e molda a maneira dela experimentar e responder à vida. Perguntar "Onde os seus olhos estão fixados?" não é tanto falar sobre o foco dos olhos físicos, embora isso faça parte (Maria viu o marido de sua vizinha). A pergunta diz respeito ao foco dos desejos, pensamentos e motivações do coração. As interpretações que seus aconselhados fazem ativamente são muito poderosas, pois elas dão forma e significado à vida.

2. Ajude seus aconselhados a reconhecerem os sintomas de um foco errado.

O Salmo 73 destaca quatro sintomas de fixar os olhos nas coisas visíveis.

Primeiro, há uma luta contra a inveja. Asafe diz: "Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos" (verso 3). A experiência de Maria no churrasco é um outro bom exemplo. Maria dirigiu o foco para a criatura e, particularmente, a perda. Por causa das suas pressuposições de como deveria ser a bênção de Deus em sua vida, ela foi incapaz de aproveitar aquela tarde. Ela foi incapaz de ser grata porque sua vizinha estava casada com um homem que era um pai e marido amoroso. Antes, Maria ferveu de inveja.

Segundo, há uma luta contra a confusão. Asafe diz: "Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim" (verso 16). Se eu concluir erroneamente que a bênção de Deus tem a ver com a felicidade pessoal presente, com uma vida livre dos sofrimentos e problemas humanos comuns, a obra de Deus em minha vida não fará sentido. Olharei em volta e concluirei que as pessoas erradas estão sendo abençoadas. Maria disse: "Eu busquei obedecer a Deus, estudei Sua Palavra, compartilhei o Evangelho com outras pessoas, e olhe o que me aconteceu. Onde *está* Deus? Pessoas que não se importam nem um pouco com Ele têm vidas melhores do que a minha".

Terceiro, há uma luta contra o desânimo e a falta de motivação para obedecer. Asafe diz: "Com efeito, inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência. Pois de contínuo sou afligido e cada manhã, castigado" (verso 14). Se a bondade de Deus significa que devo experimentar uma vida de felicidade pessoal e bem-estar, eu perco toda a motivação para obedecer quando não experimento tal tipo de vida, mas um incrédulo, sim. A devoção pessoal e oração evaporam. A participação nos cultos cessa. Afasto-me do contato com o povo de Deus. Foi assim que aconteceu com Maria, revelando seu foco e seu coração.

Finalmente, há uma luta contra a ira. Asafe diz: "Quando o coração se me amargou e as entranhas se me comoveram, eu estava embrutecido e ignorante; era como um irracional à tua presença" (versos 21 e 22). Em nossos primeiros encontros, Maria disse muitas coisas teologicamente corretas acerca de Deus, Seu plano, Suas promessas e Sua soberania. Mas esta teologia parecia distante da sua vida cotidiana. Com a continuidade do aconselhamento, o que começou a emergir foi uma amargura profunda e ira contra Deus. Embora Maria nunca tenha exposto isto verbalmente, em seu coração ela estava dizendo: "Eu O sigo, e isto é o que recebo em troca? Eu não creio em Suas promessas nem creio que o Senhor é bom. Eu desperdicei muitos anos da minha vida buscando obedecê-lO! Não me diga que me ama. Devolva meu marido e meus filhos porque se não os devolver, Seu amor não faz sentido nenhum!"

Inveja, confusão, desânimo e ira são todos sintomas de olhos postos em criaturas. Eles providenciam uma janela para o coração do aconselhado.

3. Ajude seus aconselhados a identificarem e confessarem os verdadeiros tesouros de seus corações.

A maior parte das pessoas que você aconselha não o procura para lidar com as questões do coração. Provavelmente, elas nem mesmo pensam em termos do coração, muito menos têm um entendimento das Escrituras sobre a questão. A maioria dos aconselhados tem um foco externo. Eles o procuram para falar sobre as pessoas e situações que fazem parte de suas vidas e como eles se sentem diante disso. Esperam encontrar a felicidade se de alguma forma estas coisas puderem ser consertadas. Não gostam se estar tristes, abatidos, desanimados ou deprimidos nem gostam das situações que provocaram estes sentimentos.

Uma das suas principais funções como conselheiro é voltá-los deste foco externo para um foco interno. Deus deseja capacitá-los a "permanecer sob" qualquer coisa que Ele tenha determinado em suas vidas. Como um conselheiro bíblico, você deseja ser parte deste plano de trabalho.

Identificar o que está realmente acontecendo é uma tarefa essencial porque o coração é enganador. O pecado é enganador. Precisamos da ajuda de outros para podermos romper estas barreiras do engano e ver nossos corações com clareza.

A seguir, há uma série de perguntas que costumo usar com meus aconselhados para ajudá-los a reconhecerem qual é a sua verdadeira razão de viver.

1. Quando o aconselhado tende a experimentar medo, preocupação ou ansiedade?

2. Em que situações o aconselhado luta com desapontamento?
3. Em que situações ele regularmente luta com ira?
4. Quando ele enfrenta problemas em seus relacionamentos?
5. Quais as situações da vida que ele considera particularmente difíceis?
6. O que ele tem o hábito de evitar? O que ele regularmente procura evitar?
7. O que ele espera dos outros? Qual é a sua definição de um bom relacionamento? Quais são as expectativas que ele alimenta com relação aos outros? Que exigências silenciosas ele faz às pessoas ao seu redor?
8. Em quais situações da vida ele luta com amargura?
9. Em quais situações ele luta com remorso e é tentado a dizer: "Se apenas..."?
10. Quando ele tende a ter problemas em sua vida de oração e adoração pessoal? Quando tende a ter problemas em seu relacionamento com Deus?
11. Quando ele tende a lutar com inveja? O que ele tende a cobiçar?

Estas perguntas podem "descobrir os propósitos do coração" (Pv 20.5). Como conselheiro, procuro descobrir os temas do coração, ou seja, temas de pensamento, motivação e desejo. Quero funcionar como um instrumento de Deus para abrir caminho através do engano do pecado, ajudar o aconselhado a ficar ciente dos verdadeiros tesouros de seu coração. Este conhecimento estabelece o andamento do aconselhamento.

II. AJUDE SEUS ACONSELHADOS A EXAMINAREM SUAS CONCLUSÕES. **(Salmo 73.13-16)**

> Com efeito, inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência.
>
> Pois de contínuo sou afligido e cada manhã, castigado.
>
> Se eu pensara em falar tais palavras, já aí teria traído a geração de teus filhos.
>
> Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim.

O que quero dizer com "conclusões"? Quero dizer o sistema funcional de crenças do aconselhado, o sistema operante de pressuposições que moldam a resposta à vida. Conclusões são ideias em que se crê. Todos têm ideias que, por alguma razão, assumem como verdadeiras. Estas pressuposições carregam um plano consigo, um plano comportamental prático. Maria chegava a conclusões que estruturavam ativamente sua maneira de sentir e responder ao que acontecia em sua vida.

Destaquei uma das conclusões de Asafe anteriormente: "Com efeito, inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência" (verso 13). Ele está dizendo: "Perdi meu tempo tentando manter meu coração puro. Foi inútil obedecer a Deus cuidadosamente. O que eu recebi como resultado de toda a minha fé e obediência?"

Maria cria em um silogismo teológico que tinha mais impacto prático em sua vida do que a sua confissão de fé professada:

1. Se Deus é bom, Ele abençoará os justos e punirá os perversos.
2. Os perversos têm sido abençoados por Deus enquanto os justos têm sofrido.
3. Portanto, Deus não é bom.

Maria chegava à conclusão prática de que era inútil adorar e servir a Deus. Ela dizia: "Se aquelas pessoas na igreja tivessem passado pelo que eu passei, elas não estariam tão entusiasmadas com servir a Deus". Como Satanás expressou a mesma conclusão? "Se o Senhor deixar de rodear Jó de bênçãos, ele amaldiçoará a Deus". As pessoas sempre acharam esta conclusão atraente. Mas ela está baseada em uma falta de entendimento básico do que Deus está fazendo.

A maioria dos nossos aconselhados quer ver resultados. Eles querem que seu serviço a Deus resulte em um bom cônjuge, bons filhos e uma boa casa em um bairro bom. Talvez seus sonhos não sejam maiores do que um bom casamento e crianças que possam levar a um restaurante sem ficarem envergonhados. Mas Deus está trabalhando em algo muito maior e mais profundo.

Aqui está uma outra maneira de dizer isto. Tendemos a focalizar os bons resultados. Mas Deus focaliza o processo de nos aperfeiçoar. Somos tentados a julgar Sua fidelidade com base em quantos dos nossos desejos nesta vida Ele cumpriu. Mas Ele está trabalhando para nos libertar da nossa escravidão aos desejos da natureza pecaminosa[4]. O processo de provações e sofrimento não é nenhuma indicação de que Deus desistiu de Suas promessas para nós e, portanto, não é bom. Antes, o processo de provações, perdas e sofrimentos que Ele determina para nós demonstra Seu amor inabalável, fiel e redentor. Ele nos ama tanto que mesmo quando não entendemos o que está acontecendo, vez após vez, Ele não abandona a obra até que ela esteja completa. Estas experiências proclamam a bondade de Deus, pois elas são o canal do Seu trabalho santificador, ou seja, do bem que Ele está operando. Deus está implacavelmente comprometido com este bem. Por estarem comprometidos com alguma outra coisa, nossos aconselhados acham tão difícil chamar de bom um Deus que administra tal plano.

Poucos aconselhados veem o sofrimento desta maneira. Muitos chegam oprimidos pelas provações. Eles são quase incapazes de imaginar que é possível dizer que Deus é bom e ao mesmo tempo afirmar que Ele tem por propósito que enfrentemos certas dificuldades[5]. Muitos aconselhados ficam surpresos com as provações que enfrentam e, ao contrário do que Pedro diz (1Pe 4.12), acham que algo "estranho está acontecendo com eles". Concluem que

[4] Veja Efésios 2.1-3, Romanos 8.5-17.

[5] O Salmo 34 oferece uma das discussões mais claras nas Escrituras sobre esse assunto. Pode ser um estudo bíblico muito útil para aconselhados que lutam com o relacionamento entre a bondade de Deus e a realidade do sofrimento pessoal. O que há de interessante e importante no Salmo 34 é que a declaração da bondade de Deus é colocada ao lado do fato de que o justo tem muitos problemas. O salmista não vê o sofrimento como uma anomalia em um mundo governado por um Deus bom. Talvez o fato de que nós geralmente vemos no sofrimento uma anomalia revela o que está errado em nosso pensamento. Este salmo faz um bom trio de estudo bíblico com os Salmos 37 e 46. Juntos eles oferecem um auxílio valioso para o aconselhado lidar com os assuntos básicos que costumam ser levantados em meio ao sofrimento, tais como o medo (Salmo 37), a bondade de Deus (Salmo 34) e a esperança (Salmo 46).

Deus os esqueceu ou abandonou. Mas Ele não os abandonou! Ou então eles concluem que Deus não é realmente quem eles pensavam que fosse. Ele pode não ser; Ele é melhor. No entanto, as suas conclusões falsas os levam a fugir de Deus ao invés de correr para Ele. Eles concordam com Asafe que seguir a Deus é inútil. E sua resposta a Deus e à situação é diretamente moldada por esta conclusão.

Precisamos ser cuidadosos para não ficarmos descansados diante das perspectivas teológicas que nossos aconselhados professam abraçar. Muitos deles podem ser capazes de nos dar as respostas corretas. Precisamos sondar suas conclusões funcionais, sua teologia funcional, pois este é o sistema que providencia realmente a razão para fazerem o que fazem. Precisamos ensinar aos nossos aconselhados a importância de examinar biblicamente estas conclusões.

Um plano prático de aconselhamento para ajudar as pessoas a examinarem suas conclusões

1. Ajude seus aconselhados a descobrirem e avaliarem as suas conclusões funcionais.

Trabalhei com Maria, ajudando-a a identificar as conclusões que ela estava tirando e como elas moldavam suas respostas. Pedi que ela colhesse várias situações a cada semana e colocasse no papel. Então eu a ajudei a identificar as conclusões a que ela chegou e olhar para como elas condicionaram sua maneira de responder a cada situação.

Há cinco áreas fundamentais de conclusão que compõem a perspectiva de vida de uma pessoa. Procurei destacá-las para Maria conforme trabalhávamos em seu diário.

1. Conclusões sobre seu passado.
2. Conclusões sobre sua situação atual.
3. Conclusões sobre seu futuro.
4. Conclusões sobre ela mesma.
5. Conclusões sobre Deus e o que Ele está fazendo.

Se as conclusões tiradas nestas áreas não são bíblicas, há pouca esperança de que os aconselhados respondam biblicamente às situações em que Deus os coloca.

2. Ajude os aconselhados a entenderem o que significa pensar biblicamente sobre suas vidas.

A esta altura eu queria ajudar Maria a desmascarar todas as suas conclusões não bíblicas e se desfazer delas. Muitos aconselhados não entendem que a Bíblia é o recurso que Deus nos deu para entendermos o sentido da nossa vida. A Bíblia tem por objetivo interpretar a vida para nós. Mas muitos de nossos aconselhados reverteram o processo. Eles usam as experiências da vida para ditar o que eles acreditam sobre Deus, Seu trabalho e Sua Palavra.

Aqui, novamente, existem apenas dois sistemas. Ou a Bíblia explica minha vida, ou outro o faz. A Palavra de Deus é o grande intérprete da vida. Suas conclusões devem determinar minha maneira de organizar e explicar minha experiência de vida. Esta é uma habilidade bíblica essencial para a vida que devemos ensinar para nossos aconselhados. Infelizmente, para muitos deles, as experiências interpretadas erradamente têm maior autoridade. E cada vez que

as suas experiências parecem contradizer as conclusões das Escrituras, a sua confiança e o uso prático da Palavra enfraquecem.

Descobri que um estudo bíblico em particular foi útil para Maria. Pedi que ela estudasse Números 11, o relato de Israel no deserto reclamando sobre o maná e pedindo por carne. Ela deveria identificar as conclusões que Moisés e os israelitas tiraram nas cinco áreas básicas que mencionei acima. Além disso, pedi que ela identificasse que tipo de resposta fluiu logicamente destas conclusões. Este estudo abriu os olhos de Maria. Ela foi capaz de ver a realidade das conclusões baseadas na experiência e não na Bíblia e o poder que elas tinham de moldar as respostas. Em seguida, aplicamos estes insights à sua maneira de responder às circunstâncias.

3. Ajude os aconselhados a reconhecerem e confessarem que eles culparam a Deus pela sua desobediência.

Todas as vezes que uma pessoa que crê que Deus está no controle diz "Se apenas eu tivesse..., então eu seria capaz de...", ela está essencialmente jogando a culpa aos pés de Deus. Nossos aconselhados frequentemente concluem que é impossível fazer o que Deus os chama a fazer devido às dificuldades que eles experimentaram.

Maria estava repleta de "Se apenas". "Se apenas eu não tivesse crescido naquela família compulsiva", ela dizia. "Se apenas eu tivesse tido meios de ir para uma faculdade. Se apenas Deus não tivesse permitido uma gravidez tão cedo. Se apenas eu tivesse um marido amável e compreensível. Se apenas eu fosse membro de uma igreja que ministrasse às minhas necessidades". O que Maria estava dizendo? "Deus, é Sua culpa. Eu estava pronta para obedecer, mas o Senhor não cumpriu a Sua parte no contrato. Se eu tivesse experimentado as bênçãos que meus vizinhos incrédulos receberam, eu seria capaz de ser o que o Senhor quer que eu seja".

Jay Adams trata esta questão com veemência em seu comentário de 1Pedro 3.1-6. Nesta passagem, Pedro dirige-se às esposas de maridos incrédulos. Adams comenta:

> Perceba que Pedro não permite à esposa dizer: "Se apenas eu tivesse um marido cristão, *então* eu poderia viver como se requer de uma esposa cristã". Não! Nenhuma desculpa é admitida em um contexto que pressupõe sofrimento... a ênfase recai unicamente sobre a responsabilidade da esposa. Viver como um cristão *não depende de mais ninguém*. Se seu marido nunca aceitar a Cristo (ou se ele aceitar a Cristo no funeral da esposa!), ela pode viver uma vida frutífera, correta e satisfatória. O ponto central da passagem é que quando ela age desta forma, Deus pode usar isto para levar o marido ao Evangelho; não é o caminho inverso! No entanto, muitas mulheres reclamam continuamente : "Eu poderia ser diferente se apenas...". Deus diz: Esqueça os "se apenas..." e os "se..., então". É possível viver uma vida cristã exemplar com um cônjuge incrédulo – e que a persegue! Este é o ponto vital a ser estabelecido. Um fator-chave no aconselhamento é separar as

responsabilidades. Comportamentos errados não são culpa de outra pessoa[6].

Muitos dos nossos aconselhados tiram conclusões que não apenas culpam outros por seus comportamentos, como também culpam Deus. É muito importante, portanto, chamar a atenção para aqueles esquemas de pensamentos não bíblicos que têm feito sua desobediência ser aceitável para a sua consciência[7].

4. Ajude os aconselhados a se defrontarem com a natureza idólatra de suas conclusões.

Ajude-os a verem que as suas conclusões revelam os seus corações. As conclusões falsas expõem os tesouros da terra.

O problema dos nossos aconselhados com chegar a conclusões erradas não é simplesmente um problema filosófico ou teológico. Ele tem raízes morais. A conclusão prática de que Deus não é bom está fundamentalmente enraizada no amor pelas coisas deste mundo, o desejo de que Ele use o Seu poder para nos dar tais coisas, e o desapontamento quando isso não acontece. Isto é idolatria, cuja raiz é "mudar adoração e culto ao Criador por adoração e culto à criatura" (Rm 1.25) e "amar o mundo e as coisas do mundo em lugar de amar ao Pai" (1Jo 2.15).

É preciso tratar esta questão como um problema mais significativo do que a simples correção de alguma crença errada. Precisamos ver que certas crenças erradas estão enraizadas em um problema mais fundamental. A raiz é constituída de padrões pessoais de idolatria, que precisam ser expostos amorosamente para que possam ser confessados e abandonados.

Para atingir esta questão com Maria, usei Tiago 4.1-10. Tiago trata dos conflitos interpessoais e destaca os desejos que governam o coração como sendo o fundamento dos conflitos. "Cobiçais e nada tendes" (verso 2). Ele passa, então, a descrever como um coração apegado às coisas deste mundo se relaciona com Deus. Estes desejos moldam o relacionamento da pessoa com Deus. O que eu quero de Deus? O que poderá me declarar que Ele é realmente um Deus bom? O fato dEle me dar aquilo onde coloquei o meu coração. Tiago expressa desta maneira: "pedis e nada recebeis porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres" (4.3).

Tiago continua: "Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus?" (verso 4). O inteiro sistema idólatra está enraizado em adultério espiritual. Adultério significa dar o amor que pertence a uma pessoa para uma outra pessoa. Como um todo, o sistema de foco falso, interpretações

---

[6] Adams, Jay E. *Trust and Obey*. Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian & Reformed, 1978. p. 95.

[7] Uma vez que o coração do crente não é mais de pedra, mas de carne, o crente possui uma consciência sensível. Portanto, há apenas duas maneiras pelas quais o crente pode lidar com o pecado em sua vida. Ou ele confessa seus pecados e coloca a si mesmo, mais uma vez, sob a misericórdia justificadora de Cristo, ou ele se envolve em algum esquema de autojustificação. A autojustificação pode assumir várias formas, como, por exemplo, reconstruir o evento na mente alterando certos aspectos, transferir a culpa para alguma outra pessoa, apelar para a dificuldade específica da circunstância, e assim por diante.

falsas e conclusões falsas deixa a pessoa desapontada com a sua vida, desiludida com Deus e desmotivada para obedecer. Por trás de tudo, o sistema é impulsionado pelo adultério espiritual, pela troca do amor a Deus pelo amor à criatura.

O coração de Maria tinha um conjunto bem definido de desejos pessoais que moldavam a sua maneira de pensar sobre Deus e a vida e também de se relacionar com Deus e outras pessoas. Essencialmente, Maria havia desistido de orar. Ela disse que havia orado, vez após vez, e as coisas apenas pioraram. Quando Maria orava, suas orações eram motivadas mais por amor às coisas deste mundo do que por amor a Deus. Suas orações eram exigentes, moldadas por um foco na felicidade pessoal ou, como Tiago diz, "...para esbanjardes em vossos prazeres". Quanto mais ela orava desta maneira, mais o seu desapontamento e ira com Deus cresciam. Ela se juntava a Asafe para concluir que "com efeito, inutilmente conservei puro o coração..." (Sl 73.13).

Não é suficiente simplesmente chamar a atenção dos nossos aconselhados para as conclusões falsas e não bíblicas. Devemos também apontar a idolatria que impulsiona o sistema como um todo. Maria precisava ser confrontada amorosamente em sua exigência egoísta que estava enraizada em trocar Deus e Sua glória por adoração e culto à criatura. Ela precisava encarar de frente a sua idolatria. Para usar a metáfora de Mateus 6, precisei mostrar a Maria os tesouros corruptíveis que ela estava acumulando.

III. AJUDE SEUS ACONSELHADOS A VEREM A VIDA PELA PERSPECTIVA DA ETERNIDADE. (SALMO 73.17-24)

> Até que entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles.
>
> Tu certamente os pões em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição.
>
> Como ficam de súbito assolados, assolados, totalmente aniquilados de terror!
>
> Como ao sonho, quando se acorda, assim, ó Senhor, ao despertares, desprezarás a imagem deles.
>
> Quando o coração se me amargou e as entranhas se me comoveram, eu estava embrutecido e ignorante; era como um irracional à tua presença.
>
> Todavia, estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita. Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória.

Algo marcante com respeito à maneira típica das pessoas pensarem sobre a vida é o fato de que deixam de lado a perspectiva mais crucial: a eternidade. É impossível compreender biblicamente o que acontece com qualquer um dos filhos de Deus, a todo momento, sem levar em conta esta perspectiva essencial. No entanto, minha experiência é que quando introduzo a discussão sobre o destino ou a eternidade, os aconselhados reagem frequentemente como se eu estivesse mudando de assunto. Eles reagem como se eu tivesse parado de falar sobre suas vidas e estivesse falando sobre

algo distante e não relacionado a eles. Mas falar sobre a eternidade é a única maneira de compreender o aqui e agora. É prático. É essencial.

O Salmo 73 faz uma reviravolta dramática no versículo 17. Asafe começa a considerar o destino e olhar a vida por esta perspectiva. Como a eternidade influencia minha maneira de ver a vida? Eis aqui o ponto forte em que este salmo está construído. A eternidade nos confronta com a ilusão da permanência da criatura. Sem esta perspectiva o crente olha para a sua pilha pequena de bens terrenos, compara com a pilha enorme do incrédulo, e fica desanimado. Como é diferente quando ele olha para o mesmo quadro e percebe que aquilo que o perverso adquiriu já está em processo de extinção enquanto o que Deus lhe deu é uma herança que nunca desvanecerá! Quando os nossos aconselhados levam a sério a perspectiva do Salmo 73, o resultado é uma grande diferença na maneira de lidarem com a vida.

Asafe usa duas metáforas para descrever graficamente esta ilusão de permanência. Primeiro, ele diz que os ímpios estão de pé em lugares escorregadios. Eles podem estar de pé agora, mas cairão. É como ver pessoas andarem no gelo usando sapatos comuns, com solas de couro. Você não se surpreende quando elas caem, pois nunca se iludiu pensando que elas estivessem dando passos seguros.

Segundo, Asafe compara a vida do perverso com um sonho ou uma fantasia. Sonhos se parecem com a vida real. Eles são fortes e podem nos deixar abalados. Mas os sonhos não são reais. Eles são fantasias passageiras em nosso sono. A vida real vem logo a seguir e continua. Assim é a prosperidade do incrédulo, nada mais que um sonho. Ela se parece muito com a vida real. Em meio ao sonho, ela parece tão permanente; mas é um *flash* que logo será seguido por aquilo que existe efetivamente na vida real.

A perspectiva de vida de muitos dos nossos aconselhados é exatamente o contrário. A felicidade no mundo criado, aqui e agora, parece-lhes real; falar da eternidade é como falar de um sonho. Eles fazem o oposto do que Asafe e Paulo fizeram. Fixam seus olhos no visível ao invés do invisível. Anseiam pelo sonho, chamando-o de real e permanente. Têm pouca atração pelas glórias da eternidade.

É exatamente neste ponto que Maria estava. Parecia-lhe cruelmente irreal que eu falasse sobre o amor invisível de Deus ou as glórias invisíveis da eternidade – assuntos que costumam ser vistos como as fugas clássicas dos cristãos. Maria acreditara em uma mentira e ficava irada se eu lhe dissesse que Deus estava trabalhando em algo mais maravilhoso do que o marido amoroso que ela tanto desejava. É possível que os nossos aconselhados tenham comprado essa mentira em proporção maior do que imaginamos. Talvez muitos encontrem pouca esperança no que Deus está realmente operando em Seu amor redentor.

Estas duas metáforas nos apontam para o que Deus está fazendo à medida que Ele expressa o Seu amor redentor pelos Seus filhos. Em quê Deus está operando? Ele estaria trabalhando arduamente para nos prover uma pilha maior de bens e experiências felizes deste mundo? Se sim, Ele estaria fracassando miseravelmente. Ainda pior, Ele estaria usando o Seu poder criador e redentor para nos dar apenas o que está condenado a desvanecer. Será que este seria o trabalho de um Deus bom?

Será que um Deus bom nos motivaria a esperar em coisas que por natureza são passageiras? Será que Ele desejaria que ficássemos em uma rampa escorregadia? Será que Ele desejaria que nossas vidas fossem como as fantasias passageiras do nosso sono? Será que Ele seria bom se deixasse de confrontar nossa forte ilusão de permanência neste mundo?

Isto é o que as provações e o sofrimentos, a morte e a perda operam. As provações não mudam as regras. Pelo contrário, as provações nos confrontam com o que foi sempre verdade. Elas destroem o mito de que os bens materiais são tudo quanto existe e o alvo da vida é ajuntarmos o quanto mais conseguirmos. Na provação sou confrontado com o fato de que as situações humanas e as experiências de maior bênção passam, às vezes, repentinamente. E, mais importante, à medida que sofro em meio à provação, percebo quão profundamente acreditei na mentira, quanta esperança coloquei na permanência das coisas criadas e o quanto me apeguei aos bens deste mundo. Ainda mais importante, percebo quem Deus é e qual é o significado do evangelho de Cristo.

Então, ao invés de provações, sofrimentos, desejos e perdas *desafiarem* as verdades do amor e da justiça de Deus, eles a *pregam*! É por causa da Sua justiça e do Seu amor que Deus não me fará acreditar na mentira de que acharei a vida nas coisas deste mundo. É por causa da Sua justiça que Ele procede à recompensa do perverso, cuja prosperidade é amaldiçoada. É o Seu amor que O faz ser sempre fiel para me chamar de volta da esperança nas criaturas para a esperança nEle. Seu amor O faz separar para mim aquilo que é real, um peso eterno de glória que excede de longe qualquer experiência dolorosa desta vida presente.

Deus está trabalhando para nos dar aquilo que é eterno. Deus está trabalhando para mudar nossos corações. Nossas vidas são Sua oficina de trabalho; as experiências dolorosas são Suas ferramentas. Ele ficará na oficina usando Suas ferramentas até que sejamos plenamente participantes da Sua natureza divina. Deixar de fazê-lo seria injusto e uma expressão de falta de amor.

Se nossos aconselhados entendessem tudo isso, será que eles invejariam a prosperidade dos incrédulos? Será que chamariam a Deus de injusto e infiel porque Ele não lhes deu o que os perversos têm? Não. Estabelecer uma ligação entre a perspectiva futura e as circunstâncias da vida presente altera radicalmente a nossa maneira de ver e responder.

Um plano prático de aconselhamento para ver a vida pela perspectiva da eternidade

1. Ajude seus aconselhados a usarem 1Coríntios 10.13-14 como forma de expor como eles creram na mentira da permanência da criatura.

Primeiro, Paulo antecipou a forma como tendemos a pensar em meio às circunstâncias difíceis. "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar". Tendemos a pensar que nossa situação é fora do comum, que fomos escolhidos para

uma dificuldade singular. Tendemos a pensar que Deus foi infiel para conosco; é por isso que estamos na situação em que estamos. Tendemos a olhar para a dificuldade e pensar que é mais do que podemos suportar. E tendemos a procurar meios de escape para nos livrar da situação. Esta passagem provê um diagnóstico útil a ser usado com nossos aconselhados porque ela antecipa bem a nossa maneira típica de pensar a respeito das dificuldades.

Segundo, quando Paulo prossegue dizendo "Portanto, meus amados, fugi da idolatria" (1Co 10.14), ele não está começando um pensamento novo (como pode parecer, visto que as nossas traduções começam um parágrafo novo neste ponto). Antes, ele arremata a passagem! Esta frase dá sentido a tudo quanto ele acabou de dizer. Ela explica o problema de Israel, conforme apresentado no começo do capítulo, e define as tentações comuns que todos nós enfrentamos.

Por que lutamos? Por que perdemos a esperança? Por que questionamos a fidelidade de Deus? Por que pensamos estar enfrentando mais do que podemos suportar? Por que procuramos por qualquer escape que esteja ao nosso alcance? Por que não encontramos conforto na presença e nas promessas de Deus? Por que a esperança futura ainda nos deixa invejosos, irados e amargurados?

A resposta é *idolatria*. À proporção que eu me apego às coisas criadas, pensando que a vida pode ser encontrada ali, qualquer situação que não satisfaz o desejo do meu coração parecerá insuportável para mim. O Deus que me colocou em tal circunstância parecerá infiel e cruel e Sua presença me oferecerá pouco conforto.

Neste ponto, 1Coríntios 10 cruza-se com o Salmo 73. Na verdade, minha luta não é contra o que eu sou capaz de suportar nem é contra a fidelidade de Deus. Minha luta é contra como a idolatria altera a minha maneira de pensar sobre o que eu posso suportar e a minha percepção da fidelidade de Deus. Portanto, em meio à uma situação aparentemente insuportável, eu grito: "Com efeito, inutilmente conservei puro o coração" (Sl 73.13). Eu reclamo, fico irado, abandono a fé, porque vivo por um ídolo.

Será que os nossos aconselhados deixam que a perspectiva da eternidade, do destino, influencie o seu entendimento da vida cotidiana? 1Coríntios 10 pode nos ajudar a lhes mostrar onde eles estão falhando e qual o resultado. Costumo fazer isto com os meus aconselhados usando sete perguntas que derivam do texto.

1. Em que situações você é tentado a invejar as vidas das pessoas ao seu redor porque você pensa ter sido escolhido para uma vida especialmente difícil?
2. Em que situações você é tentado a pensar que Deus é infiel?
3. Quais as circunstâncias que você pensa estarem além do que você poderia suportar? O que você considera ser indispensável para viver?
4. Que falsos "meios de escape" você tende a usar para sair das circunstâncias que você pensa que não poderia suportar? (Controle, manipulação, escapismo, fuga etc.).
5. Quais são as situações difíceis que Deus o chama para enfrentar agora? Que recursos Ele deu para que você as possa enfrentar?

6. Quais são as coisas deste mundo nas quais você tende a colocar a sua esperança? Quais são as coisas deste mundo que tendem a motivá-lo para prosseguir?
7. Que padrões de idolatria pessoal estão por trás de tudo isto?

2. Ajude os aconselhados a reconhecerem, admitirem, confessarem e abandonarem todos os padrões de descontentamento, ira e amargura em relação a Deus que resultam em uma perspectiva de vida que esquece o destino.

Isto foi difícil para Maria. Ela parecia incapaz de enfrentar muitas coisas. Era até mais difícil para ela enfrentar sua própria ira contra Deus. Mas foi um ponto decisivo de mudança quando ela disse: "Eu estava pensando sobre a dificuldade que eu tinha para orar e me perguntava o porquê. Então percebi que não orava porque estava irada com Deus". Esta é uma dinâmica espiritual fundamental que muitos dos nossos aconselhados negam. É importante colocar isto na mesa porque a ira contra Deus revela os interesses pessoais que tomaram o lugar de Deus.

IV. AJUDE SEUS ACONSELHADOS A FOCALIZAREM AS RIQUEZAS ETERNAS DA REDENÇÃO. (SALMO 73.23-28)

> Todavia, estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita.
>
> Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória.
>
> Quem mais tenho eu no céu?
>
> Não há outro em quem eu me compraza na terra.
>
> Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam,
>
> Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre.
>
> Os que se afastam de ti, eis que perecem; tu destróis todos os infiéis para contigo.
>
> Quanto a mim, bom é estar junto a Deus; no Senhor Deus ponho o meu refúgio, para proclamar todos os seus feitos.

Se não devo me concentrar nas coisas deste mundo nem comparar minha pilha de bens terrenos com a do perverso, em que devo me concentrar? Este é o ponto final no Salmo 73. O que eu possuo que me torna rico? Esta questão pode ser respondida com uma única palavra: DEUS! O que me torna rico não é uma circunstância nem a quantidade de bens que possuo. Eu sou rico por causa de um relacionamento com uma Pessoa que está sempre comigo. Seu nome é Emanuel.

Olho para os perversos e posso dizer: "Sim, eles têm circunstâncias livres de fardos. Sim, eles sempre parecem ter suas riquezas aumentadas. Mas eu TENHO DEUS! Eu sou sustentado pela Sua mão direita e guiado pelo Seu conselho. Quando meu coração fraqueja, Ele é a minha força. Ele está me levando à glória eterna. Ele é o que me torna rico. Nada se compara ao que eu tenho. Posso olhar ao redor e dizer honestamente: "Não há nada no mundo que eu desejo além de Ti. Tu és o meu refúgio".

Quantos dos seus aconselhados chegaram a este ponto? Quantos de *nós* chegamos a este ponto? Quantos podem dizer

honestamente: "O que eu quero da vida é Deus". Quantos aconselhados diriam que a diferença importante entre eles e os perversos não está na quantidade de bens deste mundo que cada um possui? Antes, Deus está perto e, portanto, há esperança, enquanto Deus está longe do perverso e, portanto, eles perecerão.

Como conselheiros bíblicos, precisamos confrontar nossos aconselhados com as realidades maravilhosas da redenção. Precisamos desafiar sua avaliação da pobreza com a realidade de que eles são ricos, pois têm Deus. Precisamos chamá-los à única esperança que é realmente uma esperança. Precisamos lhes mostrar que seus pecados foram moldados pelos seus corações governados pelo desejo de coisas deste mundo. Estes desejos estruturaram sua maneira de se relacionar com Deus e o homem. Deus irá transformá-los e lhes dar riquezas verdadeiras. Eles poderão ter alegria em meio à tempestade à medida que passarem a desejar Deus em lugar de usarem Deus como um meio para alcançar outros fins.

Este salmo analisa o desejo com veemência. Ele descreve graficamente como os nossos desejos determinam o nosso projeto de vida. Explica como o desejo pessoal molda as interpretações que faço sobre Deus, eu mesmo e minha situação. Revela como os desejos que me governam me levam a focalizar uma coisa e ignorar virtualmente outras. O Salmo 73 é um aviso enérgico de como a perspectiva de um crente pode estar distorcida. Ele demonstra como a falha em incluir uma perspectiva bíblica essencial – a eternidade – pode alterar radicalmente a aparência da vida. Ele nos confronta uma vez mais com a importância de focalizar o coração em nosso trabalho com os aconselhados.

Será que estamos encorajando nossos aconselhados a serem motivados pelas glórias do relacionamento com Deus? Estamos dispostos a não deixar que nossos aconselhados persistam em sua linguagem de pobreza? Somos zelosos no confrontar amorosamente os "se apenas" dos aconselhados como Maria? Somos fiéis em continuar a dizer: "Mas você tem Deus"? O mundo e tudo que nele há estão passando, mas Deus é eterno; e Ele é meu e eu sou dEle. Estas verdades não são ilusões místicas, como muitos dos nossos aconselhados acreditam. Elas são vida real. O poder do Salmo 73 é que ele nos confronta em quão essenciais estas verdades são para entender a vida biblicamente e moldar respostas bíblicas práticas. Repare na conclusão do salmo. Uma nova maneira de ver a vida sempre leva a ações visivelmente diferentes. Neste caso, palavras que expressam uma fé segura (73.25-28) substituem palavras de queixa e murmuração (73.4-15). À medida que os aconselhados como Maria aprendem a pensar de acordo com a perspectiva da eternidade, as suas palavras e atitudes podem mudar de maneira similar.

Um plano prático de aconselhamento para focalizar as riquezas eternas

1. Ajude seus aconselhados a entenderem o significado e o benefício prático da presença de Deus com eles.

Por exemplo, considere o estudo de casos bíblicos como Moisés (Êx 3-4) e

Gideão (Jz 6) ou passagens como Salmo 46 e Isaías 40-45.

2. Ajude seus aconselhados a entenderem como a Palavra de Deus pode ajudá-los a compreenderem a experiência presente e responderem a ela apropriadamente.

Ensine-os a fazerem interpretações bíblicas práticas. Este foi um trabalho importante para Maria. Para ela, criar interpretações não bíblicas era tão fácil quanto respirar. Eu a encorajei várias vezes a retroceder e perguntar o que a Bíblia tinha a dizer sobre as várias coisas com as quais ela estava lidando. Ela também precisava sempre perguntar que plano de resposta poderia encontrar nas Escrituras.

3. Encoraje seus aconselhados a entenderem sua identidade em Cristo.

Prepare estudos bíblicos adequados a eles em Romanos, Gálatas, Efésios ou Filipenses. Ajude-os a aplicar estas verdades à maneira de entenderem a si mesmos e suas situações. Peça aos seus aconselhados para fazerem uma comparação entre como eles tendem a ver a si mesmos e o que as Escrituras declaram ser sua identidade como filhos de Deus.

Conclusão

O Salmo 73 gera quatro diretrizes práticas para os conselheiros bíblicos trabalharem com as pessoas que Deus coloca em seu caminho:

1. Ajude seus aconselhados a examinarem seu foco.
2. Ajude seus aconselhados a examinarem suas conclusões.
3. Ajude seus aconselhados a verem a vida pela perspectiva da eternidade.
4. Ajude seus aconselhados a focalizarem as riquezas eternas da redenção.

Os objetivos são elevados: nada menos que os corações daqueles a quem você aconselha. O propósito de Deus está estabelecido: recapturar os corações daqueles que O abandonaram por seus ídolos.

Em quê Deus está trabalhando? Ele quer que o Seu povo coloque as esperanças nEle e somente nEle. O que, em última análise, você tem para oferecer ao aconselhado que está sofrendo, desanimado e amargurado? Mais princípios? Uma maneira de fazer a vida funcionar para que eles possam alcançar os bens materiais que querem? Não, você tem muito mais e algo bem diferente. O que você tem a oferecer é o próprio Deus. Ele é a identidade, as riquezas, a força, o futuro e a esperança para os seus aconselhados. É dEle que os seus aconselhados precisam. E Ele está trabalhando para que eles possam dizer como Habacuque:

> Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação.

> O Senhor Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente. (Hc 3.17-19)

Não deixe que a forma poética o engane. Habacuque está falando sobre sofrimento: fome, privação, guerra. Ele está falando sobre o que aconteceu com Maria quando seu marido a traiu.

> Todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação. O Senhor Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente.

Palavras de Esperança para Aqueles que Lutam com a Depressão



Edward T. Welch[1]

Ela é chamada tecnicamente de depressão, apesar de não podermos expressá-la em uma só palavra. Você se sente entorpecido, mas ao mesmo tempo sua cabeça dói; sente-se vazio, mas ao mesmo tempo há gritos no seu interior; sente-se fatigado, no entanto seus medos afluem. Aquilo que antes era prazeroso agora mal lhe chama a atenção. Seu cérebro está como que coberto permanentemente por uma neblina. É como se algo o puxasse para baixo.

Você consegue se lembrar de quando tinha alvos? Coisas pelas quais ansiava? Mesmo que fossem coisas simples como ir ao cinema na sexta-feira à noite ou um trabalho que esperava concluir. Agora lhe restaram poucos alvos. Conseguir chegar ao fim de mais um dia já lhe parece suficiente.

Já percebeu como fica a nossa vida quando não temos alvos? Todos os dias são iguais. Não há um ritmo de antecipação estimulante, satisfação e, logo depois, o descanso. Cada dia traz consigo uma monotonia mortal, e você teme que o dia seguinte seja praticamente igual. A monotonia da vida parece matá-lo aos poucos.

Seu sono? Está uma bagunça. Você nunca consegue dormir o suficiente. É impossível se lembrar de quando foi a última vez em que acordou e se sentiu renovado.

Você já viu os quadros que Pablo Picasso pintou quando estava em seu período mais sombrio? Se você tiver acesso a um livro sobre Picasso, talvez você queira dar uma olhada. Os quadros não são encorajadores, mas você descobrirá, pelo menos, que não está sozinho. Movido por dificuldades em um relacionamento, ele pintou uma série de quadros em que as pessoas parecem sem vida e os tons de azul e cinza predominam. Será que ele estava buscando expressar seus sentimentos por meio da arte ou queria apenas apresentar o mundo como, de fato, o via? De um

[1] Tradução e adaptação de *Words of Hope for Those Who Struggle with Depression*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 18, n.2, Winter 2000. p. 40-46.

jeito ou de outro, não há dias ensolarados para a depressão, mas apenas um céu nublado e um mundo sombrio.

Picasso não foi o único que lutou com o que viria a ser chamado de depressão. Abraham Lincoln, Winston Churchill, o grande pregador inglês Charles Spurgeon, o missionário David Brainerd e o tradutor da Bíblia J.B. Phillips são alguns nomes bem conhecidos que falaram e escreveram sobre suas lutas. Portanto, embora você se sinta sozinho, muitos já trilharam este caminho antes e muitos o estão trilhando neste momento.

Se você está familiarizado com o que foi dito até aqui, continue a ler. Você já tem razões para ter esperança. O fato de estar disposto a ler este artigo já é por si só um passo significativo.

Este artigo pretende ser o mais breve possível – um mapa bem simples para lhe mostrar o caminho através do vale da depressão. Se discordar de alguma coisa, argumente. Se lhe parecer muito pesado, pare, dê um tempo e volte a lê-lo mais tarde.

Mais à frente, você verá que o mapa o levará em direção a Jesus Cristo, rumo a uma Pessoa, mais do que a técnicas. Algumas pessoas dizem: "Jesus não funciona!" ou " Já tentei este caminho e continuo deprimido". Mas considere este fato: Jesus diz ser o caminho, a verdade, a vida, a fonte de esperança, Aquele que ama nossas almas, um servo, irmão e amigo, Aquele que ouve e age, e nunca nos deixará. *Não há nenhum remédio ou terapia que nos prometa isso com tanta clareza.*

Se Jesus e os ensinamentos das Escrituras lhe parecem chavões sem valor, lembre-se de que neste momento *tudo* lhe parece de certo modo vazio e sem valor. O que de algum modo lhe parece banal agora soará profundo mais tarde, quando a certeza desta realidade começar a se tornar mais clara.

Como posso fazer alguma coisa se não sinto vontade de fazer nada?

Aqui está o problema. Em sua maioria, as pessoas fazem alguma coisa porque *sentem vontade* de fazer. Elas se levantam de manhã porque sentem que devem ir para o trabalho, sentem vontade de evitar as perguntas do seu chefe sobre a razão de estarem atrasadas ou sentem vontade de evitar a pobreza. Somos dirigidos por sentimentos mais do que imaginamos.

Quando se está com depressão, os sentimentos parecem ausentes. Ou melhor, seja o que for que você sinta, nunca será algo que o motivará a fazer uma coisa proveitosa. Por exemplo, você sente vontade de morrer, gritar, correr, desaparecer, ignorar. Como as pessoas dirigidas por seus sentimentos podem estabelecer alvos, propósitos, ou serem motivadas, quando elas não sentem?

De início, será necessário aprender uma maneira nova de viver. Precisará ser como aquela mulher cujos músculos continuavam a funcionar, mas haviam parado de transmitir informações sobre os membros. Ela não estava paralisada, mas se fechasse seus olhos não poderia dizer se estava de pé, segurando algo ou deitada. Por vezes, ela se olhava no espelho e percebia que estava com o seu braço direito esticado em direção ao teto sem ao menos percebê-lo. Nem andar lhe era possível, porque não conseguia sentir onde estavam suas pernas. Progressivamente, olhando no

espelho para ver seu corpo em lugar de senti-lo, ela passou a andar novamente. Depois de muito treino, caminhar voltou a ser algo natural. Mas ela precisou aprender uma nova maneira de viver e se movimentar.

Quando se está com depressão, a nova maneira de se viver é *acreditar* e agir de acordo com o que Deus diz, ao invés de sentir o que Deus diz. Isso é viver pela fé. Parafraseando Hebreus 11.1, "fé é a certeza das *coisas que não se sentem*". Em outras palavras, quando há uma luta entre o que seus sentimentos dizem e o que as Escrituras dizem, as Escrituras ganham. Qualquer outro resultado seria como dizer a Deus que é impossível depositar a confiança nEle. "Deus não está dizendo a verdade. Não posso acreditar nEle. Só posso acreditar em mim mesma." Imagino que isso *não* é o que você quer dizer. Provavelmente, você queira dizer que não *entende* o que Deus está fazendo, sem negar que Deus fala a verdade. Negar o que Deus diz seria em si uma mentira. Não acredite nisso. Deus é a verdade.

Aqui está um exemplo dessa nova maneira de viver. Você *sente* como se não tivesse nenhum propósito ou esperança. Não há razão para sair da cama, trabalhar, amar ou viver. Esse sentimento o toma por completo. Deus, no entanto, contraria esse sentimento a cada página das Escrituras. Por exemplo, "amai-vos de coração uns aos outros, ardentemente" (1Pe 1.22). Esta é uma declaração de propósito. É uma razão para se levantar da cama. Você tem que lutar contra os seus sentimentos paralisantes para que possa amar a outra pessoa. Por que se importar com isso? Porque é a ordem pessoal dada pelo próprio Deus, o Rei dos reis.

Se você é um servo do Rei – o que, de fato, você é – e Ele lhe pede algo, você acabou de receber um propósito para viver. Apenas quando o Rei disser que não precisa mais do seu serviço é que você não terá mais um propósito, e isso, claro, nunca acontecerá com o Deus verdadeiro. Ele diz que Seus propósitos para você duram por toda a eternidade.

Colocando o seu propósito em termos bem amplos, a sua tarefa é glorificar e gozar a Deus (1Co 10.31). Glorificar a Deus quer dizer fazer o Seu nome famoso. A honra e a reputação de Deus tornam-se mais importantes do que a sua própria.

Glorificar a Deus. Isso lhe parece ser um clichê? Apesar de parecer impraticável, é na verdade algo muito concreto, que você pode realizar por meio de passos pequenos de fé e obediência. Outros podem nem perceber, mas se você faz *todas as coisas* por causa de Jesus e daquilo que Ele fez por você – desde pentear seu cabelo até vender tudo o que tem e se tornar um missionário – então você está glorificando a Deus.

Quer um incentivo palpável? Há muitas evidências nas Escrituras de que quando você procura a Deus e ao Seu reino, seus problemas ficam mais leves (2Co 4.16,17).

Ouça

Enquanto você trabalha em uma declaração clara de propósito, você precisa de alguém para ajudá-lo a cultivá-la, lembrá-lo dela constantemente e lê-la para você. A esta altura, o seu trabalho será o

de ouvir. Até aqui você tem dado atenção aos seus próprios pensamentos; mas agora você deve ouvir o que Deus diz em Sua Palavra e o que Ele diz por meio das pessoas.

Ouvir parece algo passivo, mas é um trabalho árduo. O livro de Tiago lembra que somos propensos a "simplesmente escutar", como aqueles que se olham no espelho e rapidamente se esquecem de como se parecem (Tg.1.22-24). Então, quando você ler ou ouvir sobre a verdade e o amor, não apenas escute, mas *ouça.*

Sobre o que você irá ouvir? Quando o Deus trino fala, inevitavelmente Ele fala sobre Jesus. Jesus é Aquele que teve compaixão pelos que sofrem, e Ele os entende porque Sua dor excedeu a nossa própria. Você já percebeu que quando ouve sobre o sofrimento de outra pessoa, especialmente quando este sofrimento é intenso e esmagador, os seus próprios problemas parecem mais amenos? Ouvir sobre o sofrimento alheio, no mínimo, desvia a nossa atenção das nossas dores e nos faz perceber que não estamos sozinhos. É isso o que acontece quando olhamos para Jesus e o ouvimos.

Continue a ouvir. Mesmo que você se sinta rejeitado pelos outros, Jesus não o rejeitará (Sl 27.10). Volte-se para Ele com fé – nem que seja um grãozinho de fé – e Ele nunca o deixará nem abandonará (Hb 13.5). Ele promete isso a você.

O amor nem sempre o motiva? Então considere isso. Na presença de Deus há amor que levará toda a eternidade para começar a ser compreendido. Se isso não o motiva agora, mais tarde o fará. O amor de Deus é como o de um bom pai para com seu filho que não entende todos os detalhes do amor paternal. Em outras palavras, a criança pode ocasionalmente pensar que seu pai não é amoroso, mas o amor de um pai é mais profundo e belo do que uma criança pode entender. A criança está desesperada porque não pode mais brincar na lama, mas seu pai a está banhando para levá-la a uma viagem para Disneylândia. Se você não consegue ver este amor, então continue a ouvir o evangelho. Sua mensagem diz que, de acordo com o plano de Deus, Jesus morreu por pecadores como nós. *Este* é um amor maravilhoso e profundo. Se isto não lhe parece maravilhoso, talvez você tenha esquecido que é um pecador. Jesus não morreu por pessoas boas que necessitavam de um encorajamento espiritual; Ele morreu para trazer de volta para a Sua família inimigos alienados e condenados.

Deus ainda diz muito mais, mas é muito fácil se perder em meio a tudo isso e começar a pensar "nada disso está me ajudando". Como foi dito por uma mulher, "Nenhuma quantidade de amor *de* ou *para* alguém – e houve muito amor – poderia me ajudar. Possuir uma família carinhosa e um emprego fabuloso não eram suficientes para que eu superasse a dor e o desespero".

Pense

Se você está deprimido e ouve os seus pensamentos, provavelmente perceberá que eles são sombrios, pessimistas, sem esperança e críticos tanto em relação a você como em relação aos outros. Quando estes pensamentos começam a surgir, é difícil que parem até que você chegue ao desespero mais profundo. Por exemplo, se alguém está falando sobre Papai Noel, você começa a pensar que também é gordo e que todos estão rindo de você pelas costas

por causa do seu peso. Se alguém o elogia por um serviço bem feito, você tem a certeza de que isso foi dito em preparo para a notícia de que será despedido ou, então, se esta pessoa soubesse o tipo de trabalho que você realizou, ela iria despedi-lo imediatamente, e...

Este processo mental é automático. Basta acionar um botão, e ele prossegue em piloto automático. O fato de sentir que sua mente está envolta em contínua neblina significa que você não se sente capaz de fazer uma força digna de Hércules para realizar as correções mentais necessárias.

Você deve começar a pensar – não mais de forma automática, mas de forma proposital. Seus pensamentos devem ser guiados pelas Escrituras. Trabalho duro? Sim. Qualquer esforço mental será trabalhoso. Mudanças imediatas? Provavelmente não as que são óbvias para você. Mas você deve fazê-lo. Seus pensamentos atuais pendem para a falta de esperança e o desespero. Você deve se dispor a entrar em uma briga.

Se você está relutante em trabalhar com seus pensamentos, então precisa *se questionar se realmente quer mudar.* Pode soar estranho, mas muitas pessoas não querem mudar. O trabalho exigido não parece valer a pena, elas odeiam pensar que terão que encarar o fato de não estarem mais deprimidas, ou são tão fiéis ao estilo de vida que vêm levando que preferem que o mundo ao seu redor mude.

Pense. Você realmente quer mudar?

Se achar que está mais relutante à mudança do que pensa, você *deve* voltar e repensar seu propósito. Algumas pessoas usam seus filhos como uma motivação para mudar, mas os filhos não são uma razão suficientemente poderosa. Seus pensamentos sombrios o fariam acreditar que seus filhos e todos os outros a quem conhece se sairiam bem melhor sem você por perto. A única razão suficiente para mudar é que você foi chamado para representar Deus na terra, Ele é o seu mestre amado e você, um filho, servo, embaixador – escolha o que quiser. Você vive por causa dEle.

Se isto não é o suficiente, então talvez deva voltar a ouvir. Peça que alguém lhe diga quem é Deus. Quando sua mente está envolta em neblina, é difícil lembrar-se sozinho da verdade, por isso peça que alguém o ajude. Peça que alguém lhe diga que Deus é o criador, Ele vive e enviou Jesus para morrer pelos pecados de pessoas como nós, que O ignoraram e se tornaram inimigos de Deus. Peça que alguém o convença de que Deus é bom. Peça que repitam a verdade até que ela lhe soe como uma boa nova e você passe a acreditar nela.

Pense nisso. Se não estivesse deprimido, você estaria maravilhado pelo que Deus tem feito. Você se curvaria em adoração, como muitos outros que compreenderam o amor e a presença de Deus, e diria: "Eu não sou digno, mas estou grato". Não desista de ouvir estas verdades. Elas são capazes de mudá-lo. Não desista.

O que diz a sua depressão? O que isto significa?

Enquanto você tenta ouvir sobre Cristo e seu propósito de vida, o próximo passo é perguntar-se: "O que os meus sentimentos querem dizer?". Os seus sentimentos dizem muito sobre você.

É assim com todas as emoções: medo, raiva, ansiedade, receio, e assim por diante. Elas são provocadas geralmente por alguma circunstância, mas são a *sua* resposta e

a *sua* interpretação dos eventos. Em outras palavras, elas revelam quem *você* é. Por exemplo, se inesperadamente você receber uma conta para pagar, isso o levará a se preocupar com sua situação financeira. Mas se você está cronicamente obcecado e temeroso sobre seu futuro financeiro, o medo revela onde está sua confiança: ela está em você e não em Deus. Suas emoções revelam muito sobre *você.*

Moisés disse a mesma coisa aos israelitas quando eles andavam pelo deserto. Ele os ensinou a ver que as dificuldades da vida no deserto os testavam "para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus [de Deus] mandamentos" (Dt 8.2). Quando os israelitas estavam descontentes, e por vezes até com raiva, eles falavam mais a respeito de si mesmos do que do deserto.

O mesmo acontece com a depressão: ela diz algo sobre o seu coração. A pergunta é: O quê? Você deve parar e pensar. Considere algumas destas possibilidades. Qual delas expressa melhor o seu sentimento de desânimo?

- "Estou com medo.". Medo de tomar uma decisão errada, falhar, ser exposto, perder alguém que amo, ser abandonado, perder o controle da situação, morrer, pegar uma doença, que me incapacite ver a Deus, tudo.

- "Sou culpado" ou "Estou envergonhado". Culpado de meu próprio pecado. De não conseguir alcançar *meus* padrões de sucesso ao invés dos de Deus. De não ser aprovado pelas pessoas cujas opiniões são mais importantes para mim do que a opinião de Deus. De viver como se tivesse que pagar a Deus pelos pecados que cometo quando, na verdade, a maneira com que devo glorificar a Deus é concordando que Ele já pagou por tudo. De uma consciência que está fazendo julgamentos sem ter todas as informações (i.e. estou carregando a responsabilidade pelos pecados de outras pessoas).

- "Perdi alguma coisa". A depressão geralmente nos faz sentir vazios, como se tivéssemos perdido alguém ou algo. Talvez possa ser um emprego, a saúde, a juventude, dinheiro ou uma pessoa. É como se alguém próximo tivesse morrido. Mas depressão é muito mais do que uma perda. É uma perda desesperadamente incontrolável. É como se o que se perdeu fosse um deus para você, algo em que estavam depositadas toda a sua esperança e confiança.

- "Preciso de alguma coisa". A depressão está dizendo que você precisa de amor, respeito, valor ou qualquer outro desejo psicológico? Todos gostamos dessas coisas quando as possuímos, mas por vezes elas recebem mais peso do que deveriam. Já percebeu o que acontece quando seus desejos se tornam a coisa mais importante para você? Eles se transformam em necessidades. Você sente como se precisasse deles para viver. Isso é cobiça, e a cobiça sempre nos faz querer mais e mais. Ela nunca se dá por satisfeita. Sempre se sente vazia.
- "Estou com raiva". Geralmente sentimos raiva por não termos conseguido

o que queríamos de alguém ou do próprio Deus. Talvez isso não signifique que você tenha pensamentos homicidas ou arregace as mangas e mostre seus punhos a Deus, embora fosse possível fazê-lo. Procure pelas expressões mais amenas da raiva, como reclamar, murmurar, não perdoar ou ter pena de si mesmo. Se você não encontrar nenhuma delas, olhe de novo. Com certeza elas estão lá.

- "Eu quero fugir de alguma coisa". Pense em qual é a parte desagradável de não se estar mais com depressão. Será que você terá que encarar coisas das quais quer fugir como, por exemplo, alguém, dificuldades financeiras ou responsabilidades que trazem em si a possibilidade de um fracasso? Talvez a neblina mental e a fatiga física da depressão o ajudem a evitar pensar em uma situação ou pessoa específica.

- "Ai de mim!". As pessoas que estão acostumadas a tratar de pessoas depressivas conseguem facilmente identificar a linguagem da autocomiseração. "Se ninguém mais tem pena de mim, eu mesmo o farei." Isso pode ser mortal. Quer dizer que você vive como uma vítima ao invés de viver como alguém que recebeu graça e misericórdia infinitas.

- "Eu não tenho esperança." Se isso lhe soa familiar, então você deve fazer outra pergunta: "Esperança para que?" Esperança de se livrar da depressão? Talvez você esteja esperando por muito pouco.

> ...gloriemo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriemos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado (Rm 5.2-5).

Esta passagem das Escrituras é difícil de ser entendida, mas ela deixa algo bem definido. O apóstolo Paulo, autor da carta, estava sofrendo muito, mas de alguma maneira aquilo não o abalou. O seu trabalho é descobrir o segredo de Paulo, que ele parece muito disposto a revelar. Aqui vai uma dica: "Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas" (Hb 12.3). Paulo manteve seus olhos fixos em Jesus. Quando desviamos nosso olhar de Jesus, a estrada começa a tornar-se interminável. Ficamos convencidos de que não temos forças para enfrentá-la. Mas quando vemos que Jesus – o Conhecedor dos corações – já trilhou esta estrada antes de nós, então ganhamos confiança de que o Espírito nos dará a força necessária para seguirmos em obediência e fé humildes.

E não foi somente Jesus quem trilhou este caminho de esperança, antecipando a glória que está por vir. Como nos indica Hebreus 11, o caminho já foi utilizado e frequentado por santos do passado e do

presente. Embora as pessoas deprimidas se sintam absolutamente sozinhas, elas fazem parte de uma procissão enorme de pessoas que estão indo em direção ao céu.

- "Eu sei que o meu Redentor está comigo, e esperarei humildemente por libertação." Quando a fé é testada, como de fato acontece durante a depressão, às vezes o que se revela é um coração que confia no Senhor. Você tomou a decisão de seguir a Deus não porque Ele o faz se sentir melhor, mas porque Ele é Senhor de tudo, o Pastor amado, o Pai eterno. Não há mais ninguém a quem se possa seguir. Claro que você não entende o que está acontecendo agora, mas sabe que Ele é o Deus que está com você, e isso basta.

O que a sua depressão está dizendo? Essa é uma breve lista de algumas das expressões mais comuns do coração. Há muito mais do que isso. Se você não consegue compreender o significado da sua depressão, ainda há muito o que fazer. Ouvir do Evangelho de Cristo, conhecer Seu propósito e agir de acordo com ele já é um grande trabalho em si. Mas sempre pergunte a você mesmo o que a sua depressão diz.

Confie no Senhor e adore-O com exclusividade

Enquanto você pensa sobre o significado das suas emoções, perceberá que, em vez de ser levado para um desespero cada vez maior, o caminho o levará ao Deus trino. Mais especificamente falando, ele o levará a esta pergunta: Você quer viver para Deus ou viver para si mesmo e para as coisas que costuma adorar? Às vezes leva um tempo até chegar às perguntas mais críticas, mas elas sempre estão presentes na sua vida. Geralmente tudo o que você deve fazer é agir como uma criança de três anos e perguntar os "porquês".

"Não consigo ir adiante."
"Por quê?"
"Porque estou tão cansado que não consigo mais carregar esta dor."
"Por quê?"
"Porque sinto como se estivesse sozinho"
"Por quê?"
"Porque... Não acredito que Deus esteja comigo"
"Por quê?"
"Porque... não confio nEle. Confio nas *minhas* interpretações, que vêm dos *meus* sentimentos".

Ao se perguntar os porquês, você será levado a Deus. Talvez fique cansado das perguntas assim que completar a segunda rodada, mas continue a respondê-las. No final, diga: "Jesus é o meu Senhor, eu confesso minha incredulidade e confio nEle".

Confiar, confessar os pecados e seguir a Cristo em obediência – isso lhe parece familiar? Essas são as bases da vida espiritual. Abaixo da superfície, essas são coisas essenciais. E você perceberá que elas funcionam. Se elas lhe parecerem superficiais, então você está entorpecido e não percebe os segredos do universo, portanto volte a "ouvir". Não acredite no que as suas emoções estão lhe dizendo. Estes passos podem lhe parecer algo simples, mas não é simplista. Eles são fundamentais e constituem os meios principais de respondermos a Deus.

Confesse seu pecado ao Pai Celestial

Confie em Cristo, confesse seu pecado, obedeça Àquele que o ama: dos três, confessar seus pecados pode parecer inicialmente desencorajador. A ideia de lidar com seus pecados pode fazer com que você se sinta pior. Mas pense.

- Se o Espírito de Deus permite que você veja o pecado em sua vida, você tem boas evidências de que é mesmo filho de Deus. Você não pode ver seu próprio pecado se Deus não o revelar.

- Confessar seus pecados deve ser uma parte normal da sua rotina diária, quer esteja ou não deprimido (Mt 6.9-13).

- Confessar seus pecados não coloca em risco o seu relacionamento com Deus. Apenas o fortalece. Se cremos em Jesus, então o julgamento divino do nosso pecado já caiu sobre Cristo, não em nós mesmo. Confessar nossos pecados faz-nos lembrar que Cristo já pagou pelo nosso problema mais profundo e temos razões para ser gratos.

Aqui está a regra. Se você considera o que sua depressão diz e isso o conduz ao relacionamento com Cristo, então não pare esta jornada até ouvir as boas novas. A Palavra de Deus sempre nos ensina a chegarmos a Jesus e às palavras que soam como boas novas para nossos ouvidos. Então, não pare em "Miserável homem que sou..." Com certeza você o é, mas não pare por aí. "Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor..." (Rm 7.24-25). Lembre-se de que se sua fé está em Jesus, você é perdoado, adotado e amado. Você precisa começar a pensar do modo que *Deus* pensa, e não do *seu* modo.

Dê passos práticos de amor e obediência

A lista que segue inclui várias aplicações das Escrituras. A ideia básica é que a fé expressa-se em ações.

1. Escolha um texto bíblico, leia-o atentamente várias vezes e escreva 25 aplicações (ou 5, 10, 50 aplicações). Talvez isso pareça impossível, mas assim que você ultrapassar a décima aplicação, as demais virão com maior facilidade. Não se esqueça, sua mente facilmente perde a direção. Ela está fatigada. Será difícil focalizar em apenas uma coisa, mas com certeza isso o ajudará.
2. Escreva cinco maneiras pelas quais você foi abençoado por um amigo. Envie-as a ele.
3. Escreva sua declaração de propósito de vida. Permita que outros a revisem. Memorize-a e viva-a.
4. Torne-se um *expert* no que Deus diz aos que sofrem. Talvez você queira começar por Hebreus 10-12. Esses capítulos o chamam à fé e esperança, e depois apontam para Jesus. Mas não é apenas isso. As Escrituras também nos apontam para outras pessoas: fé em Deus *e* amor ao próximo. Neste caso, ela diz: "Segui a paz com todos" (Hb 12.14). Como você pode ser um pacificador? A

quem você precisa perdoar? A quem você precisa pedir perdão?

5. Anote os sermões de domingo. Coloque-os em prática.
6. Fale ou escreva cada dia algo que possa servir de encorajamento para outros. Você tem um chamado. Há pessoas para serem amadas, cuidadas e ajudadas.
7. Procure a cada dia, ouvir a Palavra de Deus, músicas que apontem para Cristo ou uma pessoa que tenha sabedoria espiritual. Seja capaz de resumir o que ouviu e contar sobre isso a outra pessoa.
8. Mantenha-se atento contra as reclamações e murmurações. Assim como a fofoca, estes são alguns pecados aceitáveis na nossa cultura, e logo deixamos de perceber suas raízes terríveis. O que significa reclamar e murmurar? Você consegue enxergar porque estes pecados ofendem a Deus?
9. Considere as seguintes perguntas: Será que os benefícios do sofrimento foram esquecidos em nossa cultura? Quais são os possíveis benefícios do sofrimento? (Sl 119.67, 71; 2Co 1.8-10; Hb 5.8; Tg 1.3).
10. Peça que algumas pessoas orem por você e encoraje-as a lhe dizer a verdade. Quando fizer seus pedidos de oração, peça mais do que o simples alívio da depressão. Use isso como a oportunidade de orar *grandes* orações. Procure as orações escritas nas Escrituras. Por exemplo, peça a Deus que você conheça o amor de Cristo (Ef 3), seja mais semelhante a Jesus (Rm 8.29), ame aos outros e seja capaz de discernir o que significa glorificar a Deus.
11. Quando for tomado pela dúvida, mostre amor para com outra pessoa de maneira criativa.

Pensamentos finais

A depressão é trabalhosa. Não é possível eliminá-la sem uma briga. Mas há boas razões para se comprar esta briga. As mudanças são garantidas (Fp 1.6). Você está na presença do "... Pai de misericórdias e Deus de toda consolação!" (2Co 1.3) Você acredita nisso? Pense nisso. Quando você considera que o Pai enviou Seu Filho – Seu amado e único Filho – para morrer por nós quando ainda éramos seus inimigos, não há razão para pensar que Ele será parcimonioso em Seu amor e compaixão por nós, agora que O conhecemos como Pai.

Às vezes, no entanto, insistimos na nossa *própria* definição de compaixão. Compaixão pode significar "fazer com que a miséria desapareça rapidamente". Ao contrário, você deve acreditar que o amor e a compaixão de Deus excedem nossa própria imaginação, deixando para trás nosso entendimento. Ele quer cercá-lo de graça e torná-lo cada vez mais parecido com Jesus.

Portanto, não desista. Sua vida tem um propósito. Deus está agindo. Você é um servo do Rei, um filho que representa o Pai, e logo terá o privilégio de "consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus." (2Co 1.4). O corpo de Cristo precisa de você.

PERGUNTAS COMUNS? O que já ajudou outras pessoas?

Pedimos a algumas pessoas que passaram por momentos de depressão e os superaram que completassem esta sentença: "Vi mudanças na minha depressão quando..."

1. Comecei a falar comigo ao invés de ouvir a mim mesmo. Comecei a citar diferentes versículos das Escrituras ao invés de ouvir as vozes de desespero que havia dentro de mim.
2. Parei de dizer: "Isso não funciona". Eu estava sempre à procura de uma solução mágica. Eu orava (tentando fazer acordos com Deus), olhava para o meu próprio coração (por um ou dois minutos), tentava me envolver com algo espiritual, e quando não funcionava, eu desistia. Agora eu acredito que funciona. Há contentamento, e até alegria a longo prazo, em pequenos passos de fé e obediência.
3. Eu tinha um amigo e um pastor que sempre mantiveram a lembrança da obra de Deus à minha frente. A depressão tornou meu mundo pequeno; quando eu vi que Deus estava ativo, comecei a ter esperança.
4. Minha filha ficou muito doente. Isso forçou-me a olhar além do meu próprio mundo.
5. Uma amiga não desistiu de mim. Ela estava sempre ao meu lado, demonstrando seu amor e me levando em direção à verdade, mesmo quando eu não queria ouvir sobre Jesus.
6. Uma amiga me "emprestou" sua fé. A minha fé era tão fraca, mas eu sempre via que minha amiga tinha certeza da presença e do amor de Deus pela Igreja e até mesmo por mim.
7. Eu perdoei meu pai e entreguei o problema a Deus.
8. Eu percebi que 90% da questão era orgulho. Sentia-me como se merecesse certas coisas das pessoas.
9. Comecei a perceber que estava em uma batalha e vi que tinha que lutar.
10. Percebi que em meu coração eu estava fazendo somente o que queria fazer. Por exemplo, se queria alimentar raiva e reclamar, eu o fazia.
11. Comecei a conhecer a graça de Deus. Comecei a perceber que chafurdar na culpa, conforme eu estava fazendo, era uma expressão mais de justiça própria do que de tristeza genuína.
12. Um dia descobri que era bom ver meu pecado – era uma evidência do amor de Deus e da obra do Espírito na minha vida.
13. Comecei a dar um passo após o outro e a trabalhar com as responsabilidades que Deus me deu para cumprir.

E os recursos para aliviar os sintomas?

E tomar medicamentos antidepressivos? Mudar a dieta? Aderir à cromoterapia? Seguir um programa de exercícios físicos? Fazer uma viagem de férias? Talvez você já tenha tentado algumas dessas coisas que podem às vezes aliviar a severidade de certos sintomas da depressão. Você deve recorrer a elas ou não?

A decisão final é sua. Tome uma decisão sábia e bem pensada. Converse sobre isso com as pessoas. Quais são os riscos e os benefícios? Quais são as alternativas? Faça algumas pesquisas.

Entenda que não há nenhuma cura milagrosa. Se algum destes recursos o ajudar, ainda assim você deve se fazer perguntas sobre o que a depressão está dizendo a seu respeito e deve continuar a buscar crescimento em Cristo. A depressão revela quem nós somos, e não apenas a composição química do nosso cérebro. Portanto, não defina seu problema como somente espiritual ou somente físico. Ao contrário, pense no problema como uma oportunidade para considerar seu próprio coração.

Ao fazer isso, sua depressão tenderá a enfraquecer significativamente. Pode haver um problema físico ou químico? Talvez. Mas qualquer tipo de problema continua sendo uma ótima ocasião para o crescimento espiritual.

A Ambiguidade na Cura da Alma



David Powlison[1]

Quando colocados lado a lado a verdade e o erro, a Bíblia e as filosofias da vida, Cristo e os frutos da imaginação, você consegue identificar a diferença rapidamente. Bem é bem, mal é mal – são diferentes e nunca entrarão em acordo. Deus treina nossos sentidos para discernir o bem e o mal. Na vida real, porém, as coisas geralmente não são tão simples.

Em conjunto, a História da Igreja representa simultaneamente tanto a comédia divina como a tragédia totalmente humana. Tudo termina maravilhosamente bem porque Jesus Cristo está atuando. No entanto, problemas, conflitos, confusões, desvios, retrocessos, distrações e devaneios sempre surgem. Sempre há aquilo de que precisamos nos arrepender, algo que devemos reprovar, reformular e rever.

Individualmente, os anseios e as obras do pecado remanescente em cada santo lutam contra os desejos e o fruto do Espírito Santo (Gálatas 5). Portanto, não deve nos surpreender que na história de cada indivíduo percebamos, com frequência, vozes concorrentes que se atropelam pela palavra final. Trajetórias de vida antagonistas lutam pelo controle. Uma ilustração daquilo que acontece na alma humana assemelha-se a um drama de tribunal em que testemunhas diferentes contam histórias contraditórias sobre o que aconteceu.

O que vimos até aqui são fatos da nossa luta na longa caminhada da regeneração à glorificação. Quero agora considerar um aspecto do problema que, frequentemente, não recebe muita atenção: não se trata do pecado remanescente que luta contra o Espírito pela palavra final, mas do engano remanescente proclamado pelas mesmas bocas que também proferem a verdade do Espírito. A "Sabedoria" e a "Loucura" ambas dizem "Ouça-me" (cf.

[1] Traduzido e adaptado de *The Ambiguously Cured Soul*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. v. 19, n. 3, Spring 2001, p. 2-7.

David Powlison é editor de *The Journal of Biblical Counseling*.

Pv 8-9). A princípio, são vozes completamente diferentes. Mas às vezes, a mesma pessoa – o mesmo livro, o mesmo sermão, a mesma conversa – falam um pouco de *ambas* as vozes.

Tudo estaria belo e em perfeita ordem se você pudesse sempre manter aquilo que é bom distante do que é mau. Geralmente, porém, isto não é possível. A mesma pessoa que é um meio primário de graça para outra pode ser também um meio secundário de confusão – ou um meio primário de confusão e um meio secundário de graça. Nossa intenção é discipular pessoas nas verdades que conhecemos e procuramos viver – mas estas pessoas captam com facilidade também os nossos erros, os pontos fracos e as falhas!

Por exemplo, um homem pode se arrepender de um estilo de vida criminoso e encontrar uma vida nova e genuína em Cristo – mas ao mesmo tempo, em nome de Cristo, ele abraça um esquema escatológico bizarro e uma teoria política conspiradora. Ele pode se desviar genuinamente da violência, do uso de drogas e da imoralidade! Ao mesmo tempo, ele pode se revestir de justiça própria para com os antigos parceiros de crime (ele nunca teve oportunidade de praticar *aquele* pecado antes) e adotar a atitude agressiva da pessoa que o levou a Cristo.

No contexto do aconselhamento, testemunhamos estas ambiguidades com frequência. Os efeitos positivos do aconselhamento bom, verdadeiro e belo coexistem – pouco à vontade, espera-se – com os efeitos negativos do conselho ruim, falso e deformado. Isto contribui para o problema da ambiguidade na cura da alma.

O testemunho a seguir é de uma mulher, Amélia, que lutava com desejos lésbicos. Sua história apareceu no boletim de um centro de aconselhamento cristão. Um pouco do resultado é bom: em Cristo, ela lutou abertamente contra seus pecados, ao invés de se entregar secretamente às inclinações da carne e se lastimar. Mas algumas das ideias que esta história comunica – ou deixa de comunicar – são preocupantes, pois expressam mais o conteúdo de um modelo psicoterápico do que algo nitidamente cristão. Elas se desviam das Escrituras e da verdade sobre o funcionamento psicológico humano – uma verdade que Deus sempre aponta e as teorias psicológicas rebeldes distorcem. O resultado é uma cura ambígua para um problema real. Ouça a história, e depois interagiremos[2].

> §1 Meu nome é Amélia, e por muitos anos lutei contra uma vida íntima secreta que contradizia o meu relacionamento com o Senhor. Finalmente, por volta dos trinta anos, encarei o fato de que eu precisava de ajuda e busquei aconselhamento cristão. Eu era casada há oito anos, tinha dois filhos e estava envolvida ativamente na liderança de estudos bíblicos e nos ministérios de oração e ação social da nossa igreja. Mas eu mantinha uma vida de fantasias lésbicas, que inicialmente brotou na minha infância e se tornou um "jardim secreto" bem estabelecido.
>
> §2 Eu me odiava por isso e sabia que Deus odiava o que eu fazia no palco

[2] Uma versão anterior deste artigo fui publicada em "A Flourishing of Flesh Wisdoms" (Johnson, Gary and Fowler White, eds., *Whatever Happened to the Reformation?*, Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2001, pp. 205-228).

de minha mente. Mas eu também amava soltar a minha fantasia. Quando eu me sentia só e rejeitada, ou quando meu marido ou meus amigos me desapontavam, eu me voltava às "amigas preciosas" que inventara. Eu professava crer – e ensinava aos outros! – que Jesus perdoava os pecados e transformava os pecadores. Mas eu vivia como se o oposto fosse verdade. Eu não conseguia abandonar meu conforto secreto, mas também não conseguia viver em paz comigo mesma. Eu teria de mudar ou teria de me assumir como lésbica e me esquecer de Deus.

§3 A ideia de aconselhamento assustava-me muito. Eu nunca havia contado a ninguém sobre a minha luta. Eu tinha muitos amigos e era sempre popular e jovial. As pessoas gostavam de mim, mas eu sempre pensava: "Se eles realmente me conhecessem, eu seria rejeitada". Então eu nunca deixei ninguém chegar muito perto. Eles teriam me visto como uma pervertida estranha e perigosa, embora eu nunca tivesse praticado minhas fantasias. Eu nunca escolhi conscientemente ter desejos lésbicos. Parecia algo que simplesmente acontecera comigo quando criança, uma decisão pela qual não fui responsável, que eu não "decidi".

§4 O que aconteceu então? Meu terapeuta me aceitou. Aquilo acalmou meus receios. À medida que trabalhamos no aconselhamento durante o ano e meio seguinte, ele me ajudou a entender as razões da minha atração lésbica. Meu pai tinha sido alcoólatra. Quando eu era criança, ele frequentemente batia em mim e às vezes me molestava sexualmente. Sua ira me assustava – e ainda assusta. Eu aprendi a nunca confiar nos homens e a procurar amor junto às mulheres. Na maioria das vezes, porém, minha mãe era impotente e passiva em tudo aquilo, preocupada com seus próprios problemas. Ela nunca conseguiu me proteger ou me confortar realmente. Então eu passei a minha vida procurando como satisfazer minha necessidade de amor que ninguém nunca satisfizera. A combinação de características dos meus pais fez com que eu me tornasse faminta por um relacionamento íntimo e acolhedor com uma mulher, uma "amiga preciosa" que preencheria o espaço interior vazio.

§5 O aconselhamento ensinou-me a considerar o meu passado e ver como a dor e o desapontamento com a minha educação familiar produziram minhas lutas com a fantasia lésbica. Eu aprendi a entender por que eu sou como sou. Estas descobertas sobre o meu passado ajudaram-me a fazer escolhas melhores no presente. Meu conselheiro ajudou-me a aprender que só Deus pode preencher o vazio dentro de mim e saciar minha sede profunda de um relacionamento acolhedor.

§6 Deus tem operado em mim. Jesus foi "tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" e eu aprendi a buscá-lO, cada vez mais, pois Ele "nunca me deixará nem me abandonará". Passei a prestar contas ao meu marido e a algumas amigas da igreja, além do meu terapeuta.

> Aprendi a identificar as situações em que sou tentada a cair nos velhos padrões de fantasia e a resistir mais efetivamente. Louve ao Senhor porque estou mudando!

Quando lemos a história de Amélia, encontramos evidência da boa obra de Deus em sua vida. Em meio a muitas lutas, ela está sendo liberta do pecado que fazia separação entre ela e Deus. Ele está concedendo força para que ela vença a tentação e cresça em alegria e santidade. Louve a Cristo! O parágrafo final, §6, afigura a santificação progressiva normal, para o louvor da glória de Sua graça. É bom que ela não lute mais sozinha, mas conte tanto com Deus como com o corpo de Cristo, tornando-se mais honesta e prestadora de contas. É bom que sua consciência esteja ativa e bem instruída, apontando a sua culpa objetiva perante Deus por meio dos sentimentos de culpa. É bom que ela dependa de Deus e de Suas promessas graciosas. É bom que ela tenha um plano para enfrentar as situações de tentação. É bom que ela tenha estabelecido o alvo de uma mudança real e pareça estar em um processo de mudança pela Palavra e pelo Espírito. E, apesar de ela não o dizer, é fácil imaginar que os seus ministérios de ensino, misericórdia e oração estejam cada vez mais frutíferos.

Ouvimos, porém, outras vozes interpretativas misturadas na história, particularmente nos §4 e §5, que expressam características da orientação do seu conselheiro. Durante o aconselhamento, ele traçou uma determinada estrutura interpretativa para a vida de Amélia, possibilitando-lhe perceber as "razões" pelas quais ela fez o que fez. O aconselhamento ensinou Amélia a identificar a violência de seu pai e a falta de carinho de sua mãe como a *causa* dos seus desejos lésbicos. E o aconselhamento também ensinou que estes desejos surgiram de um vazio interior. Após ensinar que o coração humano é essencialmente passivo, vazio, sofrido e necessitado, o conselheiro também ensinou a "boa nova" de que Jesus satisfaz aquelas necessidades psicológicas.

Como deveríamos avaliar o método interpretativo ensinado a Amélia para que ela lesse a sua vida? Quando olhamos tanto para as Escrituras como para a vida real, fica claro que as experiências dolorosas da vida *nunca* determinam a razão por que as pessoas pensam, querem e agem de determinada maneira. As tentações e os sofrimentos não estabelecem nossos hábitos pecaminosos nem esvaziam nossos corações. Pelo contrário, o passado (bem como o presente e o futuro antecipado) oferece contextos em que o coração ativo e cheio de vontade própria revela-se e se expressa.

Tiago 1 dá um resumo compacto desta perspectiva bíblica. "Várias provações" cercam a todos nós (Tg 1.2). Os sofrimentos da infância de Amélia – junto com as provações e os enganos contínuos que ela, como todo ser humano, enfrenta e enfrentará – certamente se qualificam como provações. Mas a nossa tendência de cair em tentações específicas surge de dentro de nós. Não é algo inserido dentro de nós pela experiência (como se o sofrimento, Satanás ou Deus estivessem produzindo e eliciando nossos pecados). A "própria cobiça" de Amélia a atraiu e seduziu (1.14). Pela obra redentora de Deus, os sofrimentos e os pecados podem resultar em sabedoria, à medida que a verdade frutifica nos Seus filhos (1.2-5,17,18). É possível ler a história de Amélia de acordo com este

modelo bíblico, se for extirpada a perspectiva determinista do passado e do ego vazio e passivo que inspiram os §4 e §5. Infelizmente, as características do aconselhamento que ela recebeu soam como uma nota falsa. Quando o acorde de *Dó* do piano sai desafinado, o som dissonante vibra repetidamente nos ouvidos.

Um fato esclarecedor é que os detalhes da história pessoal de Amélia poderiam estar por trás de uma variedade de estilos de vida radicalmente diferentes. Isto porque a experiência não tem a palavra final nas inclinações dos corações e na formação dos hábitos. O *mesmo* histórico familiar pode estar presente no passado de alguém com [1] desejos lésbicos, como Amélia; [2] um estilo de vida heterossexual imoral; [3] um retraimento antisocial e uma existência de eremita dominada pelo medo; [4] uma vida de indulgência escapista para sentir-se bem temporariamente (comida, sexo, atletismo, TV, bebida, drogas, passatempos, jogos de computador); [5] a escolha de um namorado ou de um marido significativamente parecido com o próprio pai, resultando em um casamento problemático ou [6] um casamento caracterizado por compromisso e amor, unindo-se a um homem amoroso e piedoso. Descobrimos que as consequências da história pessoal são infinitamente maleáveis. A história explica tudo, qualquer coisa... e nada.

Considere brevemente cada uma destas seis cenas. A primeira é aquela adotada pelo aconselhamento que Amélia recebeu: "Meu pai infame e minha mãe ausente fizeram-me não confiar em homens e ansiar por um amor lésbico". Isto parece plausível em uma leitura inicial. Mas uma segunda cena, uma Amélia entregue à fornicação heterossexual, é igualmente plausível: "Minha mãe ausente contribuiu para que eu desconfiasse das mulheres e as considerasse incapazes e distantes, enquanto a sexualidade e o abuso de meu pai atearam minha fome por um relacionamento íntimo com um homem. Sinto-me seduzida pelas próprias práticas e pelos homens que me magoam". E uma terceira cena faz igualmente sentido: "Devido ao meu histórico familiar, acredito que seja mais seguro não me relacionar com as pessoas". Uma Amélia antisocial experimentou relacionamentos interpessoais tão ruins que lhe pareceu melhor retrair-se em um isolamento medroso e protetor. A quarta Amélia, entregue à autogratificação, é igualmente antisocial e desprovida de amor, mas aqui a droga escolhida é o prazer, não o retraimento temeroso: "Minha família criou uma dor enorme, infelicidade e vazio, e eu descobri que quando bebo, como, viajo ou me perco na fantasia, esta dor toda vai embora e eu me sinto bem". Na quinta cena, uma outra Amélia apaixona-se pelo mesmo tipo de homem repetidas vezes, com pouca esperança de redimir o vagabundo e reescrever a história da sua vida: "Mesmo antes de nos casarmos, eu sabia que meu marido tinha uma índole má e gostava de ficar com os amigos, mas eu imaginei que ele sairia disso. Não aconteceu. Sinto como se a minha vida fosse um disco riscado, tocando a mesma música miserável". Finalmente, na sexta cena, o crisol da impiedade ensinou esta Amélia a amar e valorizar a piedade de outros. "Pela experiência da vida, pude ver claramente o que estava errado nos meus relacionamentos familiares e como os caminhos de Deus eram redentores e bons. Pela graça, procurei algo diferente e

busquei ser diferente; quando eu conheci meu futuro marido, eu sabia exatamente o que Deus havia me dado".

Em cada caso, um conselheiro propenso a apontar a história como determinante poderia "encontrar" uma ligação plausível das experiências passadas com o padrão de vida presente! Seis "Amélias" muito diferentes – e estas seis histórias de vida diferentes não são inventadas. Se o mesmo conjunto de experiências pode estar por trás de desejos lésbicos, imoralidade heterossexual, isolamento, amor ao prazer, "queda" por um mau caráter, ou mesmo piedade, então as experiências da vida não explicam nem causam nada previsível quanto à resposta humana. O conhecimento da história de uma pessoa pode ser importante por várias razões: compaixão pelos sofredores, entendimento compassivo, habilidade de locar o presente dentro do desdobramento da história, conhecimento das tentações específicas e assim por diante. Mas a história nunca determina as propensões e inclinações do coração.

Sabemos que o sofrimento e a tentação são reais e costumam receber um tipo ou outro de resposta. Mas por que mal por mal, e não bem por mal? E por que uma forma de maldade e não outra? A história não pode nos dizer. Apenas o coração ativo, adorador, responsável perante Deus, explica e causa definitivamente qualquer estilo de vida. Amélia foi levada a crer que havia adquirido entendimento e uma perspectiva verdadeira sobre a sua história passada. Mas o mito psicodinâmico misturou um engano significativo aos elementos da verdade cristã. Dizer que as suas lutas lésbicas foram causadas pelas circunstâncias infelizes da sua infância deixa de reconhecer o enigma, a insondabilidade e a culpabilidade do pecado. O pecado é a própria razão final. Qualquer teoria que reivindique explicar o pecado cai, na verdade, como vítima dos efeitos intelectuais do pecado e se desvia tanto da verdade teológica quanto da realidade psicológica. O pecado é a explicação mais profunda, não apenas mais um problema que implora por explicações diferentes e "mais profundas".

Um segundo problema, relacionado de perto ao primeiro, está alinhavado na história de Amélia: ensinaram-lhe que o seu coração é um depósito de necessidades não satisfeitas, um vazio não preenchido, um receptáculo passivo determinado por experiências de vida dolorosas. A consciência do "coração ativo diante de Deus", conforme ensinado na Bíblia, parece estar ausente na história e no aconselhamento de Amélia[3]. O que encontramos é seu vazio interior, sua necessidade de amor antes mal direcionada para as mulheres da sua fantasia e que agora precisa ser redirecionada para Jesus. Uma infância sem amor produziu o vazio, assim como determinou o objeto do desejo perverso que preencheu o vazio. O psicoterapeuta de Amélia derivou seu modelo de aconselhamento basicamente de *De Dentro para Fora* de Larry Crabb. A teoria do âmago da motivação – o coração como sendo es-

[3] Veja, por exemplo, Edward Welch, *Quando as Pessoas são Grandes e Deus é Pequeno* (São Paulo: Editora Batista Regular, 2008); David Powlison, "Crucial Issues in Contemporary Biblical Counseling" (in Powlison, *Cousel the Word*, Glenside, PA: CCEF, 1997); "How Shall We Cure Troubled Souls? in John Armstrong, *The Coming Evangelical Crisis*, Chicago: Moody, 1996); "Idols of the Heart and 'Vanity Fair'"(*The Journal of Biblical Couseling*, 13:2, 1995). Veja também, outros artigos no *The Journal of Biblical Couseling*.

sencialmente vazio, necessitado, repleto de desejos ardentes, magoado, desapontado com o amor – deriva sua estrutura da psicologia psicodinâmica secular e corre de encontro à Bíblia e à realidade.

Os diagnósticos e as explicações são sempre sinais que apontam para as soluções propostas. As "boas novas" ensinadas pelo terapeuta de Amélia tinham lógica: Jesus preenche os vazios interiores. O terapeuta procurou fazer com que Amélia mudasse o objeto do seu desejo de aceitação, mas não buscou a mudança do próprio desejo controlador. Se a "necessidade" de Amélia de se sentir amada é um fato imutável (coração passivo), então a mudança envolve apenas voltar-se dos pais que a desapontaram e das "amigas especiais" para aquele Jesus que satisfará as suas necessidades e os desejos mais profundos. Porém, se de fato Amélia ama a afeição humana mais do que ela ama a Deus (coração ativo), então a mudança envolve voltar-se dos anseios idólatras para aquele Jesus que morreu pelos pecadores, que vive para nos transformar em pessoas que amam a Deus e ao próximo, e voltará em glória e alegria para nossa glória e alegria.

O psicoterapeuta de Amélia misturou estes dois mitos no autoconhecimento: uma visão errada da história pessoal e uma visão errada do coração. O conselheiro também deixou de tratar dois outros problemas que aparecem na história de Amélia. Primeiro, a sua afirmação constante de que a atração lésbica era algo que ela "nunca escolheu conscientemente", algo que foi descoberto e não decidido, é significativa. Amélia reitera que ela foi o receptáculo inconsciente dos desejos lésbicos. O conceito do terapeuta de um coração passivo, determinado pela história, mapeou de modo convincente esta experiência – e cegou a ambos para o fato de que a experiência de Amélia precisa ser reinterpretada biblicamente, em lugar de ser considerada pelo valor nominal. Uma falta de entendimento da natureza do pecado, bastante comum, parece ter reforçado a teoria psicológica. Amélia pensa como Pelágio, não como a Bíblia. Presume-se que seu terapeuta pense da mesma forma, pois ele não a ajudou a pensar mais profundamente sobre si mesma e sua experiência. De acordo com o constructo pelagianista, um estilo de vida deve ser resultado da vontade consciente para que ele seja algo pelo qual somos responsáveis. Se "eu tivesse decidido conscientemente ser uma lésbica", então seria uma escolha responsável e um pecado pelo qual sou culpada. Mas se "a decisão não foi tomada por mim", então uma causalidade alheia à minha pessoa explica o meu problema misterioso, compulsivo e profundamente enraizado.

De fato, nossos padrões básicos de pecado raramente surgem apenas de considerações e decisões conscientes. Quem de nós jamais inicialmente *decidiu* ser orgulhoso, bajulador, obstinado em sua vontade própria ou pervertido em seus desejos românticos e sexuais? Não é preciso que a propaganda da Nike nos diga "*just do it*" ("apenas faça"). Pecadores pecam instintivamente. Não deve nos surpreender que Amélia não consiga se lembrar de ter escolhido os desejos lésbicos em algum momento consciente. Algumas pessoas conseguem se lembrar de um momento decisivo; outras não. A luxúria sexual é polimórfica e promíscua. Nos estilos de vida pecaminosos mais significativos, testemunhamos uma combinação de escolhas específicas e aspectos aparentemente

casuais. À medida que o autoconhecimento de Amélia se aprofundar, aquilo que agora soa como "Quem, eu?" e "Por que eu?" se tornará em "Sim, eu. E louvo a Deus pela Sua graça infinita". Mas o seu conselheiro não a ajudou a crescer na verdade e no autoentendimento profundos na presença de Deus.

Um segundo problema, que também não foi tratado, aparece na história de Amélia. Há um tema comum por trás de seu sigilo, da preocupação com popularidade e aceitação, das ocasiões de tentação e fantasias de intimidade, dos medos de rejeição e do alívio diante da reação bondosa do conselheiro: a tendência de orientar a vida ao redor das opiniões e da aprovação de outros, que é chamada na Bíblia de "temor ao homem". Esta configuração típica dos nossos corações pecaminosos não parece ter sido identificada nem tratada. A teoria do coração passivo abraçada pelo conselheiro impediu que ele visse a "necessidade não suprida de amor" como sendo, de fato, o temor ao homem de um coração ativo. O temor ao homem (e seus parceiros cooperativos, orgulho e falta de fé) é um dos desvios do âmago dos nossos corações idólatras e apóstatas. Frequentemente – invariavelmente?! – coabita com a homossexualidade... com o pecado heterossexual e outros pecados. Como o amor ao dinheiro, o temor ao homem é uma raiz de todo o tipo de mal. É uma forma mais profunda e verdadeira de explicar o que motiva Amélia em lugar da necessidade de amor e do determinismo histórico.

A visão bíblica da natureza humana é sutil e penetrante. Por exemplo, a felicidade de Amélia e o seu senso de alívio – "Esta pessoa me aceita!" – é em parte uma alegria natural, uma das alegrias características de um relacionamento franco. Mas assim como os sentimentos desagradáveis da ansiedade social, ela também pode expressar o afastamento do coração com relação a Deus. Alguém que teme ao homem sente-se feliz quando o ídolo é afagado. A escravidão de Amélia à aceitação humana é uma "psicodinâmica" muito mais significativa do que a especulação sobre a causa dos seus desejos[4].

Amélia parece ser uma ovelha sincera, que quer a presença do seu Pastor e deseja eliminar o pecado secreto. Minhas críticas não dizem respeito a ela ou à obra genuína do Deus fiel. Mas é triste que um ano e meio de aconselhamento tenha produzido dois aspectos falsos de entendimento e duas lacunas significativas no autoconhecimento. Parece que o seu conselheiro a nutriu com uma mistura de verdades bíblicas, meias-verdades e ficções. Ainda assim, o Espírito Santo vivificou as verdades bíblicas e produziu frutos em sua vida, pelo que devemos louvar a graça gloriosa de Deus. O fato de que Deus opera apesar de cada uma das nossas falhas como conselheiros é sempre motivo para glorificá-lO. Mas não é razão para que tanto os conselheiros como os aconselhados não coloquem de lado as meias-verdades, as ficções e os pontos cegos mediados pelo sistema terapêutico. Minha intenção ao dizer isto não é depreciar por ninharias aquilo que o Deus vivo tem *realmente* feito na vida de Amélia. Desejo, porém, expressar meu desacordo com a estrutura

[4] *Quando as Pessoas são Grandes e Deus é Pequeno* de Edward Welch (São Paulo: Editora Batista Regular, 2008) oferece uma perspectiva ampla e bíblica deste problema e sua solução.

interpretativa que outros impuseram à experiência de vida de Amélia e na qual ela foi discipulada a pensar e confiar.

Amélia é uma alma curada de modo ambíguo. Sua história capta o sistema terapêutico em ação, quando ele se mistura com o cristianismo em uma psicoterapia sincretista. É com isto que o ministério da Palavra compete. O sistema terapêutico é mais do que algumas ideias a serem criticadas. Ele modela e discipula erradamente os corações das Amélias – ovelhas de Deus que precisam de uma alimentação melhor e mais completa. O ministério da Palavra precisa alcançar as Amélias. Sim, necessitamos de habilidade para um trabalho apologético amplo, filosófico e cultural, mas precisamos de outras habilidades também. Precisamos alcançar os detalhes da vida real. Precisamos alcançar tanto Amélia como o seu conselheiro. Que Cristo permita a cada um de nós ser mais claro, e não ambíguo, conforme crescemos à Sua imagem!

Motivação:
por que faço o que faço?



Edward T. Welch[1]

O ser humano é complexo. Já fomos comparados a *icebergs* (com a maior parte submersa) e cebolas (com camadas múltiplas). Vemos os comportamentos, mas não as motivações por trás desses comportamentos. Um colega parece ser muito agradável, mas usa de você para subir na carreira. Uma amiga parece não corresponder quando você confidencia um sofrimento, mas a verdade é que ela está extremamente preocupada com não dizer algo errado que possa machucar você. Um jogador de futebol caminha pelo campo vangloriando-se como um grande homem quando, na verdade, atua submissamente de acordo com o que aprendeu de seu pai – "nunca dê mostra de fraqueza". Ninguém sabe que ele vive com medo do humor imprevisível de seu pai.

Nossas ações em público dizem uma coisa; nossas intenções íntimas dizem outra. Atrás de "o que fazemos" – nossas palavras e ações – está o "por que fazemos" – nossas motivações.

Talvez você já tenha considerado alguns "porquês" do seu comportamento.

- Por que não pedi informações?
- Por que me casei com essa pessoa?
- Por que acabei de apostar todo o meu salário na loteria?

E, de vez em quando, algumas questões mais profundas lhe vêm à mente.

- Por que estou vivo? Qual é o propósito da minha vida?
- Ou, de uma maneira mais generalizada, "Por que faço o que faço?"

Estas perguntas geralmente surgem quando nos arrependemos de alguma coisa que fizemos. Caso contrário, tendemos a deixá-las de lado.

[1] Tradução e adaptação de *Motives: Why Do I Do The Things I Do?* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. v. 22, n. 1, Fall 2003. p. 48-56.

As motivações são importantes

Mesmo que não pensemos nelas com frequência, nossas motivações são importantes. Por isso gostamos de Robin Hood e detestamos o Xerife de Nottingham. Robin Hood pode ter sido um fora da lei, mas consideramos os seus motivos nobres.

Se um marido fosse se encontrar com a melhor amiga de sua esposa para obter ideias para lhe dar um presente, nós o louvaríamos. Mas se seu motivo fosse testar o terreno para um possível "caso", ele seria um vilão.

Os pais não estão interessados simplesmente na obediência mecânica ou irada de seus filhos, mas nas atitudes que eles manifestam – o que é outro nome para motivação. Os pais se preocupam com aquilo que seus filhos fazem – e por que o fazem.

Ou ainda, consideremos o domínio dos vícios. Independentemente de se tratar de comida, sexo, drogas ou álcool, um vício parece algo automático. A pessoa viciada está presa. Perguntar o porquê seria tão tolo quanto perguntar "Por que você pegou um resfriado?" Mas mesmo aqui os motivos são importantes. Por trás dos vícios estão os desejos e as vontades. Os viciados podem ser escravos; contudo, até certo ponto, sua escolha foi voluntária. Eles estão motivados a dar continuidade a seus vícios porque esses lhes proporcionam conforto, prazer, poder, alívio temporário da dor, vingança, autonomia e assim por diante. Ignorar estas possíveis motivações deixaria as pessoas à mercê de seus anseios dominadores. Mesmo que estejam em abstinência ou pratiquem o autocontrole, seus esforços pessoais não são suficientes para mudar as motivações fundamentais.

Em outras palavras, as motivações não são apenas importantes. Em muitas situações, elas precisam ser expostas e mudadas. Se nossas motivações não mudarem, nós também não mudaremos.

Exemplos de motivações

Uma lista de possíveis motivações seria interminável, mas as mais comuns podem ser reduzidas a mais ou menos dez ou doze. Para descobrir suas motivações, faça a si mesmo as seguintes perguntas: *O que me motiva? Por que faço o que faço?* Ou melhor, pergunte-se: *O que eu realmente quero?* Se eu não tiver_____, serei infeliz. Aqui estão algumas respostas típicas:

- Prazer
- Liberdade/Autonomia
- Poder
- Paz
- Amor/Intimidade
- Felicidade
- Conforto
- Significado/Reputação
- Sentido
- Respeito/Admiração
- Controle
- Sucesso

Você pode ter sido motivado uma vez ou outra por quase tudo que está nesta lista, mas algumas pessoas têm suas motivações preferidas:

- O homem que está sempre atrasado e indisponível quando há trabalho a ser feito pode estar motivado pelo conforto.
- A esposa que fica mortificada porque uma visita surpresa viu sua casa

sem arrumar é motivada pela boa reputação.
- O pai cujas crianças e esposa têm medo dele deseja poder.
- O adolescente que se irrita com o horário estabelecido para estar em casa à noite quer liberdade.
- A mãe que nunca deixa seus filhos com a babá deseja controle.

Para complicar o quadro, um único comportamento pode ter motivações múltiplas. O homem que se ausenta sem permissão quando há trabalho a ser feito pode ser preguiçoso e motivado pelo conforto, mas pode também querer respeito, sucesso e significado. É possível que ele evite o trabalho porque teme fracassar e perder o respeito dos outros.

Considere a adolescente que não quer prestar contas a ninguém a não ser a ela mesma, e resmunga toda vez que seus pais lhe pedem alguma coisa. Sua vida interior não é assim tão simples. Ela anseia ardentemente por independência, pois os outros pensarão que ela é "legal" se não der satisfação aos seus pais. Talvez ela seja orientada pelo desejo de ser amada e, então, queira sair com os amigos para aumentar suas chances de encontrar um namorado. É até possível que ela esteja dizendo a seus pais: "Vocês continuarão a gostar de mim mesmo se eu não for perfeita?".

A esta altura, precisamos de orientação segura. Sabemos que o assunto motivação é importante, mas também sabemos que quanto mais examinamos este assunto, mais complexo ele se torna. Precisamos das Escrituras para nos levar além de onde podemos ir por nós mesmos. Visto que as motivações são parte importante da vida, temos expectativas de que a Palavra de Deus fale sobre elas, e certamente fala. De fato, a Bíblia inteira é um livro sobre motivações.

Tudo está relacionado ao coração

A palavra chave é *coração*. Na Bíblia, o coração é a fonte de toda motivação humana. É a fonte da vida (Pv 4.23), a raiz que determina se o fruto da árvore será bom ou ruim (Jr 17.5-8; Lc 6.43-45). É o nosso eu verdadeiro. Aparecendo aproximadamente mil vezes na Bíblia, a palavra *coração* pode ter uma gama variada de significados, mas na sua essência estão as nossas motivações. Resumindo, a raiz motivadora do coração é "EU QUERO". "Eu quero conforto, poder, prazer, controle... a meu favor, contra Deus". Por natureza, o coração é egoísta. Ele quer o que quer, quando quer. Ele não quer os limites de Deus nem tampouco seu direcionamento. Quando o coração é transformado por Deus, as motivações egoístas e contrárias a Deus não são apagadas, mas gradualmente substituídas pelo desejo de amar a Deus e viver somente para Ele.

À primeira vista, esta descrição pode parecer não se enquadrar na sua experiência pessoal. A vida não parece estar sempre relacionada com Deus. Algumas pessoas nem mesmo ouviram falar do Deus verdadeiro; como pode, então, o seu comportamento ter alguma coisa a ver com Ele? Entretanto, você não precisa estar ciente dos seus pensamentos para estar a favor ou contra Deus.

Quando um adolescente viola uma ordem dos pais, nem sempre é um ato de rebeldia contra eles. O adolescente quer simplesmente fazer o que quer! A

desobediência não é "nada pessoal", no entanto, *é* pessoal. É um desejo de liberdade da autoridade paterna.

Considere a pornografia via internet. Para muitas pessoas, pode parecer apenas uma indulgência pequena, pouco mais que inocente. Pode não ser honroso, mas não parece ser *contra* alguém. Ninguém está se machucando, e é apenas um pequeno prazer. Mas a realidade é mais profunda do que isso: pessoas *ficam* feridas, e *é* contra o cônjuge. Trata-se de uma quebra dos votos feitos à esposa e da transferência temporária da lealdade matrimonial. O amante da pornografia está dizendo que seus desejos não podem ser satisfeitos pela esposa; portanto, ele pode ceder à traição mental para encontrar a satisfação desejada. Indo mais a fundo no coração, tal comportamento é contra Deus. Ele expressa que Deus é cego ou está muito distante. Afinal, quem faria tal coisa se cresse que está na presença do Rei? O amante da pornografia está dizendo implicitamente que Deus é apenas uma pessoa, limitado no que faz e onde pode estar. Além disso, quando Deus diz "Sede Santos como Eu sou Santo", o amante da pornografia responde "Não" ou "Depois". Ele responde ao mandamento do Rei para praticar a pureza sexual como se fosse apenas uma sugestão.

Esses exemplos ilustram o fato de que tudo na vida é pessoal. Quer pensemos ou não de modo intencional neste assunto, o fato é que conhecemos a Deus (Rm 1.21), Aquele que esquadrinha os corações (Jr 17.10). Nós não temos apenas uma vaga ideia de que há um deus ou um "poder superior". A Bíblia diz que em nossos corações temos um conhecimento pessoal do Deus verdadeiro. O problema é que nem sempre gostamos do Seu intrometimento e Suas restrições nas nossas vidas, e tentamos ignorá-lO ou evitá-lO. Nós "detemos a verdade" que conhecemos (Rm 1.18-21).

Nem sempre somos cegos à nossa motivação orientada para Deus. Quando passamos por tempos difíceis, encontramo-nos dizendo: "Deus o que foi que eu fiz para merecer isso? Como o Senhor pode fazer isso comigo?" Os momentos mais difíceis revelam a quem somos leais. Vivemos para Deus ou para nós mesmos? Mesmo no caso de um ateísta, o coração orientado para Deus fica evidente. Os ateístas podem viver com um medo profundo da morte, revelando que, até certo ponto, sabem que um dia estarão face a face com o Deus verdadeiro. Em busca de direção, podem consultar alguém que lhes leia a mão, reconhecendo tacitamente a existência de um plano divino e com medo de que este possa não ser favorável a eles. Esses comportamentos são ecos de suas motivações orientadas para Deus. Em seus corações há um compromisso de fé: "Eu vou viver independentemente de Deus em lugar de reconhecê-lO como Senhor".

Com certeza, não estamos sempre cientes dessas motivações, mas isso não significa que elas não existem. É difícil vermos *todas* as nossas motivações. Considere o caso dos israelitas em Números 14. Eles tinham acabado de ver Deus operar milagres ímpares e haviam sido escolhidos como povo de Deus. Após terem sido libertos da escravidão no Egito e verem destruído o exército do faraó, Deus lhes concedeu uma terra nova e fértil. O problema era que o povo que vivia naquela terra pensava que ela lhes pertencia e não estava disposto a desistir sem luta.

Os espias que foram observar a terra voltaram com relatórios diversos: a terra era ideal, mas o povo era muito poderoso. Ao receber esta notícia, os israelitas reclamaram e murmuraram. "Levantou-se, pois, toda a congregação, e gritou em voz alta; e o povo chorou aquela noite. Todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão; e toda a congregação lhes disse: Oxalá tivéssemos morrido na terra do Egito! Ou mesmo nesse deserto" (Nm 14.1-2).

Nesse caso, a reclamação parece legítima. Moisés e Arão guiaram os israelitas para uma terra cheia de guerreiros poderosos, quando o povo estava mais acostumado a fazer tijolos do que a empreender guerras. Quem não reclamaria? A motivação deles era simples: eles queriam viver! Eles raciocinavam que a vida, mesmo na escravidão, era melhor do que a morte. A maioria de nós concordaria com isso.

Suas motivações, porém, eram mais profundas. "Disse o Senhor a Moisés: Até quando me provocará esse povo e até quando não crerão em mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio deles? Até quando sofrerei esta má congregação que murmura contra mim? Tenho ouvido as murmurações que os filhos de Israel proferem contra mim" (Nm 14.11,27).

Aí está a pergunta sempre presente no coração: "A quem você vai seguir e reverenciar? Em quem vai confiar?" O povo reclamava contra Deus. O próprio Deus era seu Líder, seu Pai, Aquele que havia prometido a terra e que os lideraria na batalha. Ele já havia derrotado os egípcios sem que os israelitas houvessem levantado a espada. Já havia tomado conta de suas necessidades diárias. Nesse contexto, o *porquê* das reclamações dos israelitas tinha tudo a ver com Deus. Conforme Moisés já havia apontado em um episódio anterior, "As vossas murmurações não são contra nós, e sim contra o Senhor" (Êx 16.8).

Podemos parafrasear as motivações por trás das murmurações: "Deus, nós não pensamos que o Senhor seja poderoso. Não achamos que seja bom. O Senhor não nos deu tudo quanto queremos e quando o queremos". Suas motivações eram contra Deus.

O evento pode ser esquematizado da seguinte forma:

Nossas circunstâncias
(As dificuldades do deserto)
▽
Nossas palavras e ações
(Murmurações e reclamações)
▽
Nossas motivações aparentes –
desejos pessoais como significado,
segurança, ou amor
("Nós preferimos viver no Egito a
morrer no deserto")
▽
Nossas motivações profundas –
estamos a nosso favor ou a favor de
outros?
("Como Moisés ousa não nos dar o
que queremos?")
▽
Nossas motivações mais profundas –
estamos a nosso favor ou a favor de
Deus?
("Nós estamos irados com Deus")
▽

Alguns sugerem que o pensamento moderno tem tentado cortar a corda entre Deus e nós. Contudo, por mais que se tente, nada pode nos distanciar do nosso Criador. E isso é algo muito bom.

Ídolos do coração

Note como as Escrituras nos trazem constantemente de volta a variações da mesma pergunta.

- Você ama o mundo ou Jesus? (Dt 6.5; 1Jo 2.15)
- Você confia nas pessoas ou no Deus verdadeiro? (Jr 17.5-8)
- Você adora ídolos ou Deus? (2Rs 17.36)
- Você vai servir ao dinheiro ou a Deus? (Mt 6.24)
- Você obedece ao diabo ou ao Senhor? (1Jo 3.10)
- Você vive para sua própria glória ou para a glória de Deus? (Rm 1.21-23)
- O seu tesouro está no mundo ou em Cristo? (Mt 6.21)
- Você pertence ao diabo ou a Deus? (Jo 8.44)

O coração está sempre fazendo estas perguntas. De maneira bem elementar, estamos a favor de Deus ou contra Ele.

Nas Escrituras, a maneira mais comum de descrever esta escolha é por meio da pergunta "Quem você adora?". A escolha fica entre o Deus verdadeiro ou os ídolos. A história de Israel como um todo foi um conflito entre estas duas possibilidades (Êx 20.2-6; 1Rs 11.9-11; 19.10). Todo pecado pode ser resumido como idolatria (Dt 4.23). Apesar desta maneira de falar parecer antiga para nós, o que motiva nossos corações hoje não é diferente. Uma busca rápida em nossos corações mostrará, com muita probabilidade, ídolos antigos.

A ilustração mais clara da idolatria moderna é a droga e o alcoolismo. Vá a uma reunião de Alcoólatras Anônimos e você ouvirá a linguagem da idolatria. "Antes de eu ser sóbrio, nada se interpunha entre eu e minha bebedeira. A bebida era meu cônjuge e meu melhor amigo. Era a prioridade número um. Era minha vida. Eu a adorava".

A garrafa ou meus filhos? Trata-se de uma questão de lealdade e adoração. Você quase pode ver o viciado pegando seu ídolo adorado e curvando-se diante dele, pedindo-lhe que abençoe o dia, aumente a coragem e liberte da dor.

Aparentemente, o viciado é motivado pelo prazer que tem em sua droga. Olhando mais a fundo, é fácil ver que se trata de uma questão de lealdade pessoal: ele está contra seu cônjuge e filhos e a favor da sua droga. Mas a lealdade vai ainda além: o viciado está a favor de Deus ou dos ídolos? A quem ele adora? O ídolo neste caso é a bebida, mas ela ainda não é o maior problema. O problema fundamental reside no coração.

Por meio dos nossos ídolos, tentamos satisfazer os desejos do coração. A bebida é uma maneira de obtermos o que queremos. O mesmo acontece com o dinheiro. Até mesmo as pessoas podem ser objetos da nossa adoração porque elas podem nos dar o poder, o amor ou o respeito que tanto queremos. Todos os ídolos são objetos de afeições egocêntricas do coração (Ez 14.3). Seja qual for o objeto da nossa confiança e do nosso amor, trata-se de um ídolo que substitui o verdadeiro Deus.

Voltemos à lista das possíveis motivações:

- Prazer
- Liberdade/Autonomia
- Poder
- Paz
- Amor/Intimidade

- Felicidade
- Conforto
- Significado/Reputação
- Sentido
- Respeito/Admiração
- Controle
- Sucesso

Muitas dessas coisas não são más em si mesmas, mas quando as valorizamos mais do que a Deus, elas se tornam ídolos. O problema não está tanto em querermos essas coisas, mas em as querermos demais. Elas se tornam nosso alvo, nossa esperança, nosso propósito. Sentimos que necessitamos delas. Quando estão fora do alcance, a vida parece sem sentido.

Faça a si mesmo as seguintes perguntas para ver se as motivações mais profundas do seu coração começam a emergir.

- Em que momentos a vida parece não valer a pena?
- O que você ama, odeia, espera, quer, anseia?
- Qual é o seu alvo? Quais são os seus sonhos e as fantasias?
- O que você teme? Com que se preocupa?
- O que sente que necessita? Onde encontra refúgio, conforto, prazer ou segurança?
- O que define sucesso ou fracasso para você?
- Quando você diz "Se apenas..." ("Se apenas meu marido fosse...")?
- Em que momentos você acha que Deus o desapontou?
- Em que momentos você luta com amargura e ciúme? O que está querendo?
- O que o dinheiro significa para você? (Note como o dinheiro pode satisfazer temporariamente todos esses desejos.)
- Quando você costuma ficar deprimido (porque seu ídolo o deixou na mão)?
- O que você considera como seus direitos? Quando fica irado?

"Estou furioso", Estevão disse, parecendo um carro superaquecido. "Toda vez que o rapaz do escritório ao lado passa por mim, ele me lança um olhar de superioridade. Posso entender porque as pessoas se tornam assassinas".

Estevão está irado e controlado por seu colega de trabalho. Isso está óbvio. Mas por que Estevão está irado? Sua ira tem a ver com aquilo que ele adora. Talvez ele adore ser respeitado, e não tem recebido o respeito que exige. Como resultado, ele sente raiva do seu colega de trabalho. Ele declara uma guerra! Contudo, mais do que isso, ele resiste ao fato de que Deus usa pessoas difíceis para nos aperfeiçoar. Ao invés de se submeter às decisões soberanas de Deus e aprender a perdoar e amar, Estevão diz: "Eu serei Deus, pelo menos neste caso". Ele deseja governar.

Aqui está o princípio geral: nossa atitude para com Deus fica exposta nos relacionamentos humanos que são mais difíceis para nós. Se você odeia alguém, você odeia a Deus. Se não perdoa, usurpa a autoridade de Deus de agir como juiz.

Por que ídolos?

O caso de Estevão oferece um vislumbre do que há por trás das motivações idólatras. Ele nos lembra que ninguém precisa nos ensinar sobre idolatria: nós a descobrimos por nós mesmos. Como os

israelitas, conhecemos o poder e a glória de Deus. Fomos ensinados explicitamente por Deus a não adorar ídolos, mas ainda assim fazemos a nossa versão do bezerro de ouro (Êx 32). O que nos impulsiona a fazer isso? Como criaturas, fomos planejados para confiar em alguma coisa além de nós mesmos. Mas por que confiamos em coisas que não parecem merecer nossa confiança?

Esteja preparado. As respostas não são bonitas, mas se aplicam a todos nós.

Somos orgulhosos. Isaías 2.6-22 revela que os idólatras são arrogantes. Os idólatras, mesmo quando demonstram reverência, são "arrogantes", "orgulhosos", "altivos". Aparentemente, nossos ídolos exaltam a nós mesmos e nossos desejos; mesmo em nossa idolatria, não queremos nada acima de nós mesmos. Em parte, escolhemos os ídolos porque cremos que eles podem nos dar aquilo que queremos. O deus da droga dá coragem, o deus do sexo promete prazer, o deus da riqueza traz poder e influência. Como os profetas de Baal, somos arrogantes o suficiente para crer que podemos manipular o ídolo – seja por automutilação ou outros meios – para que ele nos sirva.

Ansiamos por autonomia, o que significa que somos nós que damos as cartas. Os idólatras querem estabelecer as regras e não se submetem ao senhorio do Deus vivo. Essa foi a essência do pecado original de Adão. Embora Deus tivesse falado com clareza, Adão quis delinear suas próprias diretrizes. Na idolatria, queremos estabelecer nosso universo paralelo, separado do de Deus.

Queremos ceder aos nossos desejos. Tanto o orgulho como a autonomia apontam para o fato de que somos criaturas que querem alguma coisa. Queremos sempre mais (Ef 4.19). No Antigo Testamento, a idolatria estava sempre associada a orgias, bebedeiras e outras formas de autoindulgência (Êx 32; 1Co 10.7), mas no Novo Testamento, a idolatria é descrita como ganância, cobiça (Ef 5.5) e desejo.

> Digo porém, andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. (Gl 5.16)
>
> ...entre as quais também todos nós andamos outrora, segundo às inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da nossa carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais. (Ef 2.3)
>
> ... os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza. (Ef 4.19)
>
> Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. (Tg 1.14)
>
> Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnais que fazem guerra contra a alma. (1Pe 2.11)

Estes versos nos lembram novamente que EU QUERO é a música do coração humano. A arrogância, a autonomia e o desejo desenfreado habitam no interior do homem. A idolatria diz respeito ao eu – os meus desejos, as minhas vontades. O meu propósito não é exaltar o ídolo acima de mim, mas usar o ídolo para me dar o que eu quero. Quando estou com medo, olho para o ídolo do dinheiro para me dar segurança. Não quero que o dinheiro me governe; quero, sim, usá-lo para obter o que eu quero. Quando quero prazer,

curvo-me diante de ídolos como sexo, comida ou sono. O problema é que nunca me sinto satisfeito, quero sempre mais. Esta é a razão por que os ídolos se multiplicam. Nossos desejos são insaciáveis. Quando colocamos nossa confiança nos ídolos, descobrimos que eles não são capazes de satisfazer nossos desejos ou sustentar nossas esperanças. Estamos sempre em busca de mais. A multiplicação dos deuses na mitologia grega ou no hinduísmo mostra o que vai em nossos corações todos os dias. O coração é, realmente, uma fábrica de ídolos.

Os crentes e os ídolos

Essa conversa sobre ídolos parece estranha para muitos crentes. Afinal, não temos ídolos em nossas casas e já declaramos nossa lealdade a Jesus Cristo. Entretanto, não se esqueça de que a idolatria mora quietamente em cada coração. Os crentes ainda não estão isentos de pecado, o que só acontecerá quando Jesus Cristo retornar. Nesse meio tempo, nós lutamos, especialmente com nossas motivações e imaginações. As advertências contra a idolatria e a hipocrisia são dirigidas diretamente a nós.

A idolatria cristã é mais sutil do que o franco abandono verbal de Cristo. Podemos apenas sentir que Cristo não é suficiente. Nosso raciocínio diz que Ele é suficiente para a salvação eterna, mas será que Ele pode me dar realmente as coisas que eu sinto que preciso como, por exemplo, dinheiro, casamento ou prazeres pessoais? Então, para estarmos seguros, dividimos nossa confiança entre Deus e vários ídolos. É como ter um *porta-fólio* variado em estoque. Enganamos no imposto de renda, desculpamos nossos relacionamentos sexuais pré-conjugais e evitamos as pessoas inconvenientes. Não parece tão ruim já que nós não renunciamos a Cristo, mas esta confiança dividida equivale a um afastamento de Deus.

Mudança de coração

Quando enfrentamos esses fatos, tudo que podemos fazer é dizer: "OK, desisto. 'Enganoso é o coração, mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?' (Jr 17.9). Sou culpado". E agora? Simplesmente esperamos pela volta de Cristo ou há alguma coisa que podemos fazer?

A resposta, evidentemente, é que devemos começar de imediato a lutar contra o pecado. As Escrituras como um todo apontam para isso, e o fato do Pai ter-nos mandado o Espírito Santo indica que temos munição suficiente. Mas como lidar com isso?

Consideremos nossos corações. O caminho para a mudança passa sempre pelo coração. Olhamos para os frutos em nossas vidas – os pecados grandes e pequenos, as ansiedades e os medos, os desapontamentos e os desesperos – e perguntamos o que eles dizem a respeito do nosso relacionamento com Deus. Fazemos a nós mesmos estas perguntas reveladoras: O que quero? No que acredito? Como isso atinge outras pessoas? No que confio? O que estou dizendo a respeito de Deus?

Se ao examinarmos nossos corações encontrarmos pecado sexual, significa que eles estão cheios de desejos. Cremos que Deus não é bom e não se importa com nossas vidas. Cremos em nossos próprios artifícios para encontrar satisfação.

Se encontrarmos ciúmes, significa que nossos corações creem que a vida está naquilo que as outras pessoas têm. Não apenas queremos o que elas têm, mas gostaríamos que elas não tivessem o que têm. Vemos Deus como nosso *office-boy* que não nos entregou o que queríamos ou merecíamos.

Se encontrarmos desrespeito às autoridades, nossos corações estão dizendo que não queremos ninguém acima de nós mesmos: nem pais, nem chefe, nem Deus.

Se as crianças brigam por um brinquedo, a mudança não acontece com descobrirmos quem começou a briga. A mudança ocorre quando as crianças admitem que brigas e contendas vêm dos desejos que lutam dentro de nós.

> De onde procedem guerras e contendas, que há entre nós? De onde, senão dos prazeres que militam na nossa carne? Cobiçais e nada tendes; matais e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Não tendes porque não pedis; pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres. Infiéis, não compreendeis que amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus. (Tg 4.1-4).

Omitir esses passos é alimentar o fariseu que tem boa aparência exterior, mas cujo "coração está longe de Mim" (Mt 15.8). Todos nós podemos fazer o que é certo para proteger nossa reputação, mas Deus quer mais. Ele não quer sacrifícios e ofertas que fazem com que pareçamos bons diante dos outros. "Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado: coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51.17).

Nós nos voltamos para o Deus trino e O conhecemos. Tendo olhado para nossos corações, voltamo-nos para Jesus. A verdadeira mudança tem lugar quando colocamos nosso foco em conhecer Aquele que verdadeiramente merece nossa adoração (2Pe 1.3). Apesar de muitos de nós pensarmos que mudança começa com um plano e uma série de passos, a verdadeira mudança de coração está centrada em conhecer uma pessoa.

Isso é verdade também para os relacionamentos humanos. Se você pensar naquilo que o levou a mudanças em sua vida, é provável que você descubra que algumas pessoas tiveram, geralmente, o papel de catalisadores. Talvez a presença de uma pessoa durante tempos difíceis, uma palavra de encorajamento quando você se sentiu desajustado, um amigo que ficou mais perto que um irmão, a correção branda de um cônjuge ou uma pessoa cujo caráter e vida foram inspiradores. Se as pessoas podem nos influenciar a tal ponto, quanto mais podemos esperar que Deus nos mude!

Esta é a razão do caminho para a mudança passar pelo coração e continuar pelo evangelho, onde Deus escolheu revelar de maneira completa a si mesmo, na morte e ressurreição de Cristo. É em Jesus que Deus mostra enfim a Sua bondade, Seu poder e Sua glória. E é em Jesus que encontramos poder para mudar.

Quando você for a Jesus, espere surpresas. Você não será transformado por alguém comum. Depois de ver um pouco das motivações dos nossos corações, comece por ficar surpreso em saber que Jesus aceita e perdoa todos os que vão a Ele. É isto que a cruz assegura. Não é preciso fazer penitência, pois o perdão vem de Deus e

é recebido como uma dádiva pela fé (Rm 1.17). Se o perdão viesse por meio de algo feito por nós, a glória daquilo que Cristo fez ficaria diminuída. A glória de Deus seria medíocre. Não seria diferente de quando perdoamos as pessoas que fazem uma restituição por uma ofensa cometida contra nós. Mas o perdão divino é diferente de tudo quanto você já experimentou. Ele foi estendido a nós enquanto ainda éramos pecadores contra Deus, e não simplesmente depois que tentamos reformar a nós mesmos. Devido a este amor transbordante, nós podemos nos "achegar, portanto, confiadamente, junto ao trono de graça" (Hb 4.16). E isso é apenas o começo. Esse amor também muda a maneira de respondermos às circunstâncias da vida.

Você costuma resmungar e murmurar? Agora você já sabe que isso é contra Deus. Agora você deve reconhecer que Ele é generoso e dá em abundância. Você se entrega a pecados que pensa estarem escondidos? Agora você sabe que eles também são contra Deus. Você reconhece que Aquele que revela os corações é quem vê toda a criação a todo tempo (Sl 139). Além disso, você O agradece por perdoá-lo e libertá-lo da escravidão do pecado. Você luta com medos? Agora sabe que Ele nunca o abandonará nem esquecerá. Você afirma que Ele é bom.

Você quer dar as cartas em sua própria vida, pelo menos em uma área? Como Adão, talvez você esteja pensando que há vida longe do Doador da vida. Então, olhe para a cruz novamente. Ela não é suficiente para comprovar a misericórdia de Deus e Seu grande amor para com você? Como você pode pensar que, depois de ter dado Seu único Filho, Deus seria mesquinho com você agora?

O poder para mudar vem à medida que conhecemos a Deus. Busque-O. Aprenda a respeito de Deus com outras pessoas. Ore que você possa conhecê-lO. Se você o fizer, irá conhecê-lO porque Deus se deleita em nos revelar a Sua Pessoa.

> "Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da Glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele" (Ef 1.17).
>
> "... a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda plenitude de Deus" (Ef 3.18,19).

Confiamos e obedecemos. O conhecimento crescente de um amigo ou do cônjuge leva-nos a agir com amor. Semelhantemente, nosso conhecimento pessoal de Deus nos compele a agir. Leva-nos a confiar e a obedecer.

Quando Estevão, o homem irado, reconhecer que seu próprio coração está fazendo exatamente aquilo de que ele acusa seu companheiro de trabalho, e após perceber que sua dificuldade está mais na sua falta de confiança em Deus do que no comportamento de seu companheiro, ele poderá dar passos concretos em amor e obediência para corrigir os problemas. Por exemplo, se sua atitude para com seu companheiro chegou a ser pública ele deve pedir perdão. "Eu estive pensando o quanto estou centrado em mim mesmo. Tenho certeza de que você tem visto isto também e quero pedir perdão por isso. Por favor, avise-me se eu me comportar assim novamente". Estevão poderia também

meditar em João 13, onde Jesus lava os pés dos discípulos, como meio de encontrar orientação para a vida cristã. Com esta passagem em mente, ele poderia pedir as orações de outras pessoas. O propósito de considerar as motivações não é apenas adquirir *insights*, mas também crescer e mudar.

O padrão das Escrituras é claro. Suas muitas histórias revelam nossos corações e nos apontam para o Deus que perdoa, persuade, toma iniciativa e persevera. Depois de ter visto quem Deus é e o que Ele faz, encontramos um "pois".

> Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave (Ef 5.1,2).

Uma vez que O conhecemos, queremos segui-lO. Como Ele nos amou tanto, queremos saber como amá-lO de maneira semelhante. Tudo o que acompanha o "pois" é a explicação de Deus a respeito de como podemos amá-lO. Nós O amamos, por exemplo, deixando a mentira e falando a verdade (Ef 4.25), não pecando em nossa ira (Ef 4.26), perdoando aos outros como fomos perdoados (Lc 7.36-50), trabalhando ao invés de roubar (Ef 4.28), amando os amigos e inimigos (Rm 12.9-21), ficando contentes em qualquer circunstância (Fl 4.12), lutando por domínio-próprio e crescendo em paciência, gentileza e alegria (Gl 5.23). De todas essas maneiras, amamos e honramos nosso Pai Celeste.

As pessoas são deveras complexas. Debaixo da superfície da vida existe um coração que está sempre ativo, procurando por objetos em que possa confiar (Lc 24.25; Rm 10.10). O coração tem propósitos (Pv 20.5; Dn 1.18), inclinações (Ec 10.2), intenções (Hb 4.12), imaginações e estratégias (Pv 6.18), desejos (Sl 10.3; Tg 4.1) e cobiça (1Jo 2.16; Ef 4.19). Diante de tanta complexidade, não é surpresa que nossos corações não sejam sempre compreendidos de imediato pelos outros e nem mesmo por nós (Mt 15.8; 1Co 4.5; Pv 16.2; Jr 17.9). Como o fundo de um poço ou as raízes de uma árvore, nossos corações tendem a ficar escondidos e nunca podemos conhecer inteiramente sua profundidade.

No entanto, você não precisa ser um mestre em análise. Precisa apenas de disposição para dizer: "Sonda-me, ó Deus" (Sl 139.23). Não fique tão preocupado se sentir que está somente arranhando a superfície. Mais importante que conhecer suas motivações é conhecer a Deus, e Deus é muito generoso em Se revelar a si mesmo. Ele deve ser seu foco principal. Devemos passar mais tempo olhando para Cristo do que inspecionando nossos próprios corações. Porque se estivermos crescendo no conhecimento de Deus, seremos transformados – no mais profundo do coração.

"Eu Não Consigo Me Perdoar"



Robert D. Jones[1]

Após treze meses de casamento, o relacionamento de Sandra e Carlos[2] estava, na melhor das hipóteses, vacilante. Certo dia, Sandra descobriu que estava grávida. Não querendo interromper sua carreira recém-iniciada na advocacia, e temendo muito a maternidade, ela abortou secretamente. Passado um ano, quando Carlos descobriu, ele desaprovou e pôs fim ao relacionamento. Finalmente, veio o divórcio.

Sandra procurou aconselhamento cinco anos mais tarde. Neste intervalo, ela foi salva por Cristo, mas continuou a lutar com uma pedra de tropeço: "Eu sei que o Senhor me perdoou por ter matado meu filho", ela disse, "mas eu não consigo me perdoar". Como ministrar à vida de Sandra?

O conceito popular

"Perdoar a si mesmo" tornou-se um conceito comum em nossos dias. Há muitas Sandras ao nosso redor, pessoas presas a esta ideia: "Eu não consigo me perdoar". A psicologia popular destaca a importância de perdoar a si mesmo. Muitos cristãos adotam este mesmo conceito.

Mas será que Sandra identificou o seu verdadeiro problema? Ou ela está presa a um sintoma particularmente desagradável de um problema fundamental ainda não identificado? Perdoar a si mesma é a solução? Ou há uma solução mais profunda para um problema mais profundo?

O cristão comprometido em seguir a Cristo e Sua Palavra nunca se contenta com ser levado pelos ventos e ondas dos conceitos do mundo (que refletem os

[1] Tradução e adaptação de *I Just Can't Forgive Myself: A Biblical Alternative to Self-forgiveness* publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.14, n.2, Winter 1996, p. 22-25.
Robert D. Jones é o pastor de Grace Fellowship Church em Hurricane, West Virginia. É doutor em Aconselhamento Pastoral pelo Westminster Theological Seminary.

[2] Os nomes são fictícios e o caso reúne dados de várias pessoas.

conceitos da carne). Ele deseja ardentemente conhecer o que Deus diz a respeito deste e de outros assuntos. Nada aquém disto o satisfaz.

O que a Bíblia diz a respeito de perdoar a si mesmo? Surpreendentemente, nada! Você pode estudar a Palavra de Deus de capa a capa e não encontrará a ideia de perdoar a si mesmo, seja em ilustrações ou preceitos. A Bíblia fala do perdão vertical (o perdão concedido por Deus a uma pessoa) e do perdão horizontal (o perdão concedido por uma pessoa a outra). Efésios 4.32, por exemplo, declara que Deus nos perdoou em Cristo e nos exorta a perdoar aos outros. Mas a Bíblia não diz nada sobre o perdão interior (o perdão concedido por uma pessoa a si mesma). Este ensino simplesmente não consta nas Escrituras.

A ausência de um ensino bíblico sobre perdoar a si mesmo contraria a reivindicação de muitos professores e conselheiros cristãos. O boletim de uma organização cristã construiu um argumento para defender esta teoria baseado em uma sequência de catorze versículos bíblicos.[3] Um pastor recorreu a Mateus 5.7 e 18.21-35[4]. Um livro bastante conhecido sobre depressão usa o Salmo 103.12,14 para sustentar esta ideia[5]. Mas nenhum destes textos bíblicos, quando examinados em seu contexto, fala de "perdoar a si mesmo". Eles falam do perdão vertical e horizontal.

Esta observação é reveladora. Ela sugere que o conceito em questão não surgiu de um estudo sério das Escrituras, mas de alguma outra fonte (i.e., a psicologia secular e as necessidades sentidas dos aconselhados). O conceito foi então apresentado de modo atraente aos cristãos, "apoiado" por versículos bíblicos. A ideia de perdoar a si mesmo não surgiu de uma investigação bíblica cuidadosa daquilo que realmente acontece com as pessoas como Sandra. A experiência de Sandra é tomada ao pé da letra – "Eu não consigo me perdoar" – sem investigar o *porquê* ela diz isso.

Mas o que fazer com Sandra? Não temos como ajudá-la a menos que a levemos a perdoar a si mesma? Não! Ela deve continuar indefinidamente a se debater nesta busca inveterada resultante de um conceito não bíblico? De jeito nenhum! Devemos ignorar o sintoma que mais a incomoda? Também não! A luta de Sandra com a recriminação de si mesma é um problema real. Precisamos ser compassivos para com ela. Mas não seremos de ajuda para ela se diagnosticarmos erradamente o seu problema como falta de habilidade para perdoar a si mesma. Não seria de ajuda para você se uma fratura em seu braço fosse diagnosticada como uma infecção causada por alguma bactéria! A Bíblia vai além do autodiagnóstico instintivo de Sandra.

A Bíblia dirige-se aos pensamentos, sentimentos e experiências de Sandra e de centenas de outras pessoas que estão correndo atrás de perdoar a si mesmas. Ela oferece a Sandra uma maneira diferente de entender seu problema. Somente a Bíblia

---

[3] FELTEN, Ray. *Advice for Today: Forgiving Myself.* In: *Radio Bible Class's Newsletter*. s.d. Os textos citados são: Romanos 8.1; 1João 3.20, João 8.36; Salmo 32.1,2; Mateus 6.14, 18.21,22; Efésios 4.32; Colossenses 3.13; 1Pedro 5.7; Isaías 43.18; Filipenses 3.13,14.

[4] Transcrição da palestra do pastor Hal Helms *Learning to Forgive Yourself*. Lição 2 do nível 2 do curso 3-D: *Diet, Discipline and Discipleship*. Orleans, MA: 3-D, 1984.

[5] MINIRTH, Frank, MEIER, Paul. *Happiness is a choice*. Grand Rapids: Baker, 1988, p. 157.

é capaz de diagnosticar apropriadamente e lidar com os problemas que dizem respeito ao perdão. Somente ela é nossa fonte de verdade prática, eficaz e suficiente para resolver os problemas da vida![6]

Em busca da alternativa bíblica

Como a Palavra de Deus trata a questão diagnosticada erradamente como falta de capacidade para perdoar a si mesmo? Quero sugerir cinco pontos possíveis. Em cada caso, algum ou todos eles podem estar por trás da experiência de "Eu não consigo me perdoar".

1. A pessoa que diz "Eu não consigo me perdoar" talvez esteja expressando uma falta de habilidade ou disposição para entender e aceitar o perdão concedido por Deus.

Esta parece ser a explicação mais comum para a questão. Dizemos que não conseguimos nos perdoar porque, na verdade, duvidamos do perdão de Deus para conosco. Ou não vemos a necessidade de receber o perdão de Deus, querendo fazer a tarefa por nós mesmos. Incertos quanto à solução para o nosso erro, seja ele real ou imaginário, pressupomos uma necessidade de perdoar a nós mesmos para acabar com a culpa persistente ou suplementar o perdão insuficiente de Deus.

Há uma variedade de circunstâncias em que é possível ao crente (verdadeiro ou meramente professo) deixar de receber devidamente o perdão de Deus. Darei alguns exemplos comuns.

É possível que a pessoa não tenha visto o seu pecado como uma ofensa direta contra Deus[7]. Sua consciência não está tranquila porque ela subestimou a gravidade do pecado e suavizou o pecado chamando-o de simples "falha" em lugar de vê-lo como uma ofensa contra o nosso Criador e Rei. Sendo assim, ela não encontra motivação para buscar a graça de Deus, mas fica remoendo seus erros.

Talvez a pessoa não tenha reconhecido a santidade e a ira de Deus contra o pecado[8]. Subestimando o ódio de Deus pelo pecado, ela crê que deve julgar e perdoar a si mesma. O Deus verdadeiro fica fora do quadro.

Talvez a pessoa não tenha ainda uma compreensão da largura e profundidade da graça e do poder de Deus para perdoar[9]. Ela não acredita na verdade de que Deus pode perdoar mesmo o pior dos pecadores. Diante de um Deus tão limitado, ela vê o próprio pecado como imperdoável ou a graça de Deus como "barata", incapaz de quebrar as amarras do pecado.

É possível ainda que essa pessoa nunca tenha conhecido verdadeiramente o perdão de Deus mediante o arrependimento e a fé salvadora em Cristo[10]. Ela pode conhecer os fatos do evangelho, mas talvez nunca tenha tido um encontro pessoal com Cristo. Ou talvez tenha ideias distorcidas a respeito de arrependimento e fé.

---

[6] 2Timóteo 3.16, 17; Mateus 4.4; Salmo 1.1-3, 19.7-11; Salmo 119; 2Pedro 1.3-4.

[7] Salmo 51.3,4; Gênesis 39.9.

[8] Isaías 6.5.

[9] Filipenses 3.13,14; Isaías 43.18; 59.1; João 6.37-40; 1Coríntios 6.9-11; 1Timóteo 1.15-16.

[10] Marcos 1.15; Atos 20.21.

Talvez ela não esteja reagindo devidamente frente aos obstáculos que podem impedir a confiança nas verdades bíblicas e tentar à dúvida: Satanás o acusador[11], acusações humanas, restos ainda vivos do próprio pecado cometido ou de outros pecados do passado (lugares, relacionamentos, cicatrizes físicas, gatilhos auditivos etc.). Diante da tentação, ela pode pensar que ainda necessita de um perdão adicional concedido a si mesma.

Finalmente, é possível que ela não esteja crescendo no processo de se despojar de determinado pecado e se revestir da justiça[12]. Ela duvida do perdão de Deus porque repete o mesmo pecado; e o repete porque, em termos de crescimento, continua a mesma pessoa[13]. O processo de santificação atrofiado resulta em derrotas repetidas, cedendo a pecados habituais. E a sua contínua "falta de capacidade para perdoar a si mesma" é uma entrega disfarçada ao poder escravizador do pecado.

O remédio nestes casos é entender devidamente o evangelho, acreditar em sua mensagem e vivê-la. A compreensão do perdão de Deus em Cristo corta pela raiz estes enganos e remove o risco de diagnosticar erradamente nosso verdadeiro problema (ou seja, a necessidade de sermos libertos da culpa e poder do pecado) como falta de perdoar a si mesmo. Precisamos ajudar estas pessoas a deixarem sua incredulidade e se voltarem para o evangelho da graça!

Sandra, por exemplo, descobriu que vários destes pontos a descreviam. Ela havia subestimado o seu pecado, a santidade de Deus e a Sua graça. Ela não estava percebendo a ação do Acusador. Também não tinha lidado com as lembranças do seu passado e construído novas associações mentais. Sua vida atual de solteira e sem filhos, a vista do prédio da clínica onde havia feito o aborto, e até o seu ciclo menstrual, pareciam acusá-la. Mas as lembranças do pecado do passado podem se tornar lembranças do surpreendente amor de Cristo. Como escreveu o autor de um hino, "Meu triste pecado, por meu Salvador, foi pago de um modo cabal. Valeu-me Jesus, oh, amor sem igual. Sou feliz, graças dou ao Senhor"[14]. No processo de aconselhamento, o desabafo de Sandra "Eu não consigo me perdoar" mostrou-se uma oportunidade não para aprender a perdoar a si mesma, mas para ganhar um conhecimento mais profundo do Deus verdadeiro, do seu próprio coração e do Tentador.

2. A pessoa que diz "Eu não consigo me perdoar" talvez não consiga ver ou não esteja disposta a reconhecer a profundidade da sua depravação.

Com certa frequência, a expressão "Eu não consigo me perdoar" significa "Eu ainda não consigo acreditar que fui capaz de fazer isso!". Ao contrário do que alguns conselheiros ensinam, é interessante perceber que esta maneira de pensar não é uma evidência de "baixa autoestima". Na verdade, é uma alta

[11] Apocalipse 12.10; Zacarias 3.1.

[12] Efésios 4.22-24.

[13] Sobre este aspecto, consulte os livros de Jay Adams *From Forgiven to Forgiving* (Wheaton: Victor Books, 1989) e *O Manual do Conselheiro Cristão* (São Paulo: Fiel, 1982).

[14] Spafford, Horatio G. Sou feliz. Cantor Cristão, hino 398. Juerp: Rio de Janeiro, 1995.

autoestima, uma forma de orgulho em que pensamos que somos incapazes de fazer coisas tão más. A pessoa com uma autoestima correta admite sinceramente o fato de agir de acordo com sua natureza depravada. Falta de capacidade para perdoar a si mesmo expressa um problema básico de justiça própria e falta de autoconhecimento verdadeiro.

Considere o caso de Sandra. Ela não podia se perdoar pelo aborto porque não conseguia conceber o fato de ter feito uma coisa tão terrível: talvez outras pessoas fossem capazes de fazer aquilo, mas ela não! Ela não estava entendendo que nós, como pecadores, não estamos imunes à prática dos atos mais enganosos e corruptos[15].

Nossa habilidade para fazer o mal não nos deve surpreender se entendermos a profundidade da depravação que reina no descrente e subsiste no crente. Tiago 1.13-15 retrata o poder que nossos desejos corruptos têm para nos levar à ruína espiritual. O teólogo puritano John Owen comentou que qualquer tipo de pecado carrega em si as sementes de uma total apostasia[16]. Sandra não devia estar surpresa por ter sido capaz de fazer o que fez.

3. A pessoa que diz "Eu não consigo me perdoar" talvez esteja expressando o seu desapontamento por deixar de concretizar um desejo muito especial.[17]

Em essência, esta pessoa diz: "Eu tive a oportunidade de conseguir algo que eu realmente queria, mas eu a joguei fora! Eu não consigo me perdoar". O desejo que a está dominando pode variar: "Eu quero ficar rico", "Eu quero me casar", "Eu quero receber a aprovação de meu chefe", "Eu quero ser respeitado por meus filhos", "Eu quero ver meu pai encontrar a salvação em Cristo antes de morrer" etc. "Mas em algum momento, pelo meu pecado (real ou suposto) eu lancei tudo para os ares". "Perdi meu dinheiro com um mau investimento", "Coloquei meu namorado (e noivo em potencial) em uma situação embaraçosa no restaurante e o relacionamento terminou", "Eu gelei no quarto do hospital em lugar de dizer uma boa palavra sobre Cristo a meu pai. Agora não posso me perdoar por ter desperdiçado a oportunidade que eu tanto havia desejado", "Eu tinha a felicidade na palma da minha mão, mas a deixei escapar!". Esta pessoa age como se ela pudesse controlar o mundo e ter a garantia de conseguir o que quer. Quando os seus desejos não se concretizam, a reação é recriminar a si mesma e perseguir-se com "se eu tivesse apenas...". Ela está cega à sua ânsia interior de controlar a própria felicidade.

Identificamos esta dinâmica em Sandra e seus desejos fracassados. Ela queria o companheirismo, *status* e segurança de ser esposa e mãe. Ela queria abraçar seu filho e contar histórias para ele. Ela sonhou com passeios com seu marido, empurrando juntos o carrinho do bebê. Mas agora, sozinha, Sandra condena a si mesma por ter jogado fora estas coisas. Cinco anos atrás, o aborto fora conveniente para a carreira profissional que Sandra idolatrava. Mas agora um

---

[15] Jeremias 17.9; 1Coríntios 10.6-12.

[16] John Owen. *The mortificatin of sin in believers*. In: William Goold, ed. *The works of John Owen*. V. VI, cap.2. Great Britain: Banner of Truth, 1981.

[17] Sou grato a David Powlison por sugerir este terceiro ponto e pelas suas contribuições para o artigo.

conjunto diferente de desejos a dominava. Ela queria ser esposa e mãe, e desejava ardentemente aquilo que perdera. Consequentemente, estava mergulhada em culpa e autorrecriminação. Para piorar, os remorsos do passado entrelaçavam-se com a contínua autopiedade, falta de esperança e inveja daquelas mães que tinham seus filhos pequenos. Estes vários frutos de um desejo que não foi crucificado em Cristo ameaçavam o seu relacionamento com Deus.

Mas há esperança para Sandra! Se ela aprender a olhar para si mesma sob uma nova perspectiva, seu problema pode ser redefinido e solucionado. No espelho das Escrituras, ela pode ver o engano e o poder dos desejos que a dominam. Sandra pode confessar a sua idolatria e os vários pecados a que esta idolatria tem conduzido. Mediante arrependimento e fé, ela pode encontrar o perdão no Salvador pronto a perdoar. Sua luta com "Eu não consigo me perdoar" será desfeita à medida que ela descobrir as soluções verdadeiras de Deus para os problemas verdadeiros do seu coração e da sua vida.

4. A pessoa que diz: "Eu não consigo me perdoar" talvez esteja tentando estabelecer seu padrão pessoal de justiça.

Neste caso, a expressão "Eu não consigo me perdoar" equivale a dizer: "Eu não tenho vivido à altura do meu padrão de perfeição" ou "Eu não tenho vivido à altura das expectativas de outras pessoas". O anseio desta pessoa por perdoar a si mesma provém da falta de êxito em estar à altura dos padrões de desempenho que ela mesma estabeleceu e da sua imagem de quão boa ela é ou deveria ser.

Em essência, esta pessoa ergueu orgulhosamente a sua própria lei ou adotou medrosamente a lei de outros. Ela está em busca não apenas de "justiça própria" (Fp 3.7-9), mas de se provar justa diante de seus próprios padrões. A Bíblia, porém, nos diz que Deus é o único Deus a quem devemos agradar, e que a Sua Palavra deve ser o único padrão para medirmos a nós mesmos.

Aqueles que defendem a ideia de "perdoar a si mesmo" observam bem a nossa tendência de criticar a nós mesmos e o fato de que isto é um problema[18]. A resposta, porém, não é perdoar a si mesmo, mas abandonar a nossa propensão de assumir o papel de Deus no estabelecimento e cobrança de leis.

Por exemplo, o homem que não consegue se perdoar quando comete um erro no trabalho estabeleceu um padrão não bíblico: "Eu devo ser um trabalhador perfeito". Ele está assumindo o papel de Deus, rejeitando a lei de Deus e determinando a sua própria lei. A mulher que não consegue se perdoar porque, conforme diz, "Se eu tivesse persuadido meu marido a ir ao médico, ele não teria morrido" também está assumindo o papel de Deus[19].

---

[18] MINIRTH, Frank, MEIER, Paul. Op. cit. p. 157.

[19] É preciso, porém, distinguirmos entre este quarto ponto e a culpa sentida por aquele que viola a sua consciência fraca que ignora alguns dos aspectos da verdade de Deus que o teriam feito livre (Rm 14.14,15). Esta pessoa não precisa perdoar a si mesma, mas receber o perdão de Deus porque ela pecou contra aquilo que sabia ser o certo (Rm 14.22-23). O evangelho é mais poderoso que uma consciência acusadora (1Jo 3.20).

5. A pessoa que diz "Eu não consigo me perdoar" talvez tenha se assentado na cadeira de juiz e declarado o veredito a respeito de si mesma.

Neste caso, a expressão "Eu não consigo me perdoar" equivale a dizer: "Estou no papel de juiz e vou conceder perdão conforme o meu veredito". Esta pessoa intimou a si mesma em juízo, conferiu um veredito de culpa e agora acredita que precisa conceder o perdão necessário! Mas a Bíblia declara que cabe apenas a Deus julgar e perdoar[20], bem como levar a penalidade do nosso pecado em Cristo.

Considerar o papel que esta pessoa está assumindo é algo importante. O que ela está na verdade querendo dizer quando fala em perdoar a si mesma? Quem pecou contra quem? Quem deve perdoar quem? E quem é o juiz que determina até mesmo se esta culpa existe? A noção de perdoar a si mesmo coloca estranhamente a mesma pessoa na posição de ser tanto o ofensor como também o juiz, e ainda conceder perdão! Ela está assumindo o papel de Deus e usurpando a posição de Cristo. É vital que a orientemos a voltar-se de si mesma para o único e verdadeiro Juiz, que pode lhe conceder perdão – nosso Senhor Jesus Cristo.

Conclusão

O que responder a Sandra quando ela nos diz: "Eu não consigo me perdoar"? Devemos reconhecer que ela tem um problema verdadeiro de culpa. Devemos levar a sério o que ela está dizendo e responder com compaixão. Ao investigar a sua vida, devemos estar cientes dos pontos que vimos acima. Um ponto crítico no processo de aconselhamento é ajudá-la a perceber como ela rotulou de maneira errada o problema e como a Bíblia oferece o único diagnóstico exato e útil, que conduz à solução do problema. Que raio de graça precioso isto pode ser na vida de Sandra!

A experiência de recriminar a si mesmo, acusar a si mesmo e remoer seus pecados – que Sandra e outros expressam como "Eu não consigo me perdoar" – escancara uma janela incrível para ganharmos uma percepção mais profunda da pecaminosidade sutil do ser humano. Sandra nunca percebeu o quanto ela age como se fosse um "legislador e juiz justo, e ainda provedor para expiação dos pecados"! Esse conhecimento mais profundo de si mesma abre a porta para que Sandra conheça o amor de Deus em Cristo Jesus com nova relevância e poder.

Será que "perdoar a si mesmo" é meramente um conceito impreciso, mas neutro e inofensivo? Não! Tudo quanto obscurece o perdão de Deus não é inofensivo. E nós que ministramos a Palavra pelo ensino e aconselhamento não temos desculpas para perpetuar este mito. Que Deus nos capacite a corrigir este erro. Que Deus nos capacite a ministrar amorosa e fielmente a riqueza de Sua graça às pessoas que lutam com a culpa.

[20] 1Coríntios 4.3-5; Tiago 4.11-12.

Irado com Deus



Robert D. Jones[1]

É certo ficar irado com Deus? É admissível guardar em seu coração ou expressar com sua voz ira contra Deus? Certamente a Igreja parece estar bem confusa neste assunto.

Por um lado, algumas pessoas plastificam um sorriso em seus rostos quando enfrentam provações difíceis. Elas sustentam o "jogo do contente" de Poliana, com atitude estoica, recusando-se a interrogar a Deus ou a expressar seus medos, dúvidas e conflitos a respeito de como Ele age. Afinal, "um bom crente não se queixa".

Em resposta, muitos psicólogos cristãos contemporâneos aconselham um caminho oposto. Irar-se com Deus não apenas é aceitável, mas é saudável e certo. A ideia é: "Diga a Deus como você se sente. Diga a Ele o quão irado você está. Seja honesto. Não esconda seus sentimentos. Seja transparente com Deus. Ele entenderá. Ele sabe lidar com isso".

Com certeza este conselho trás um certo alívio. Ele libera as pessoas para irem a Deus com seus conflitos. Infelizmente, porém, origina-se de conceitos errados sobre Deus e a natureza da fé. Ele reforça nossa incredulidade e distanciamento de Deus: "Nunca confiarei em um Deus que permite que isso aconteça comigo".

Considere o ponto de vista de um de seus proponentes, Mark P. Cosgrove, no livro *Counseling for Anger*[2]:

> A ira contra Deus é pecado? A resposta a esta pergunta nos orientará no aconselhamento daqueles que estão irados com Deus. Se a ira contra Deus não é necessariamente pecaminosa, e se esta

[1] Tradução e adaptação de *Anger Against God*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 14, n.3, Spring 1996. p. 15-20.

[2] COSGROVE, Mark P. *Counseling for anger*. Dallas: Word, 1988. p. 151-152.

ira pode ser expressa devidamente e contribuir para a comunicação entre Deus e o homem, então precisamos ser cuidadosos antes de condenar aqueles sofredores que expressam diante de Deus seus sentimentos com honestidade. Deus não proíbe nem condena na Bíblia a expressão de ira contra Ele, especialmente em tempos de grande sofrimento. Na verdade, Deus parece encorajar nossos clamores honestos.

Este escritor deixa de fazer uma distinção entre ira contra Deus e "clamores honestos". Além disso, ele sugere que aqueles que entendem a ira contra Deus como pecado não têm sabedoria nem amor para ministrar uma exortação que resulte em vida, mas sabem apenas "condenar" os sofredores.

Será que nos restam apenas duas opções? Devemos escolher entre negar estoicamente os conflitos da nossa alma ou desabafar descuidadamente nossas reclamações perante Deus? Não. A Bíblia oferece uma terceira opção, um meio termo que encoraja a honestidade sem promover a blasfêmia. Podemos expressá-la em duas afirmações que analisaremos a seguir:

- É sempre errado guardar ira contra Deus em seu coração ou expressá-la verbalmente.
- É sempre certo levar suas dúvidas e perguntas a Deus com um espírito humilde, como fruto de um coração que confia em Deus.

Afirmação nº 1: É sempre errado guardar ira contra Deus em seu coração ou expressá-la verbalmente.

Defino ira como uma reação desfavorável, que envolve a pessoa por inteiro, e surge de um julgamento moral contra aquilo que se entende ser errado. Esta definição alerta-nos contra o pensamento popular de que a ira é moralmente neutra ou uma mera emoção não ligada a crenças, inclinações ou motivações. Pelo contrário, a ira é uma função do julgamento. Entendemos que algo ou alguém está errado e respondemos em conformidade com o julgamento.

Estabelecida esta ideia, a resposta para nossa pergunta inicial torna-se evidente. Não, irar-se com Deus não é certo porque equivale a acusá-lO de uma má ação. É enxergar algum mal em Deus e em Seus caminhos.

Kay Arthur[3] mostra uma compreensão do assunto que atinge o âmago da questão. Você fica irado com Deus, ela observa, "porque Deus não fez o que você pensou que Ele deveria fazer ou não agiu como e quando você achou que Ele deveria tê-lo feito". É como se disséssemos a Deus: "O Senhor está errado!". Observe os ingredientes desta observação: acusamos Deus de não fazer o que Ele deveria fazer ou de não agir da maneira ou no tempo que achamos oportunos.

Exemplos Bíblicos

Consideremos alguns exemplos bíblicos de pessoas que ficaram iradas com

[3] ARTHUR, Kay. "But I'm so angry!" in *Lord, heal my hurts*. Sisters, Oregon: Multnomah, 1989.

Deus. Gênesis 4 registra a rejeição de Caim e sua oferta por parte de Deus e a aceitação de Abel e sua oferta.

> Agradou-se o SENHOR de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou. Irou-se, pois, sobremaneira, Caim, e descaiu-lhe o semblante. Então, lhe disse o SENHOR: Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo (Gn 4.4b-7).

Por que Caim ficou irado com Deus? Suas motivações e crenças pecaminosas o levaram à ira. Caim queria que Deus aceitasse seu sacrifício nas condições por ele colocadas e acreditava que Deus deveria fazê-lo. Quando Deus, em sua soberania e santidade, recusou a pretensão de Caim, ele reagiu irando-se com Deus. Ele também manifestou depressão, bem como inveja e ira, e assassinou seu irmão.

A ira de Caim era justificada? Ele estava certo em ficar magoado com o Todo-Poderoso? Deus errou ao recusar o sacrifício de Caim? A resposta é óbvia. A ira de Caim contra Deus era pecaminosa. Ele precisava se arrepender do pecado que procurava dominá-lo, e fazer o certo.

Davi

Em 1Crônicas 13, uma tragédia interrompeu os planos de Davi de retornar a arca de Deus para Jerusalém. No caminho, Uzá tocou na arca para estabilizá-la, desrespeitando a santidade de Deus e transgredindo a ordem de Números 4.15.

> Então Davi com todo o Israel subiu a Baalá, isto é, a Quiriate-Jearim, que está em Judá, para fazer subir dali a arca de Deus, diante da qual é invocado o nome do SENHOR, que se assenta acima dos querubins. Puseram a arca de Deus num carro novo, e a levaram da casa de Abinadabe; e Uzá e Aiô guiavam o carro. Davi e todo o Israel alegravam-se perante Deus com todo o seu empenho... Quando chegaram à eira de Quidom, estendeu Uzá a mão à arca para a segurar, porque os bois tropeçaram (13.6-9).

Deus respondeu com indignação.

> Então a ira do SENHOR se acendeu contra Uzá, e o feriu, por ter estendido a mão à arca; e morreu ali perante Deus (13.10).

Por sua vez, Davi ficou irado com Deus.

> Desgostou-se Davi, porque o SENHOR irrompera contra Uzá, pelo que chamou àquele lugar Perez-Uzá até o dia de hoje. Temeu Davi ao SENHOR naquele dia... (13.11-12a)

O que inflamou a ira de Davi? Provavelmente, como muitos comentaristas sugerem, Davi acreditava que a ira de Deus havia sido muito severa. Poderíamos nos perguntar se a esta altura Davi estava sendo presa da mentalidade de "depois de tudo o que fiz pelo Senhor, é esse o agradecimento que recebo?", a mesma mentalidade de que muitas vezes ficam imbuídos os aconselhados que estão irados com Deus. Tais pessoas acreditam que Deus lhes deve alguma coisa melhor do que os sofrimentos que estão enfrentando.

A ideia operante em todas estas mentiras é: Deus deveria ter... "Com certeza, Deus, o Senhor *deveria ter* desconsiderado o erro bem intencionado de Uzá". Ou "O Senhor *deveria tê-lo* punido mais tarde, ou em particular, para não estragar o moral da missão – que, aliás, permita-me acrescentar, era para o Senhor. Foi uma frustração!"

Conquanto a narrativa não contenha nenhuma condenação explícita, o contexto sugere a desaprovação divina da ira de Davi, especialmente à luz da resposta apreensiva de Davi e de sua decisão, aparentemente injustificável, de abortar a missão. É difícil chegar à conclusão, por este texto, de que é certo irar-se contra Deus.

Jonas

Considere o caso de Jonas. Deus chamou Seu profeta para pregar salvação a Nínive, os inimigos pagãos de Israel. Jonas concordou com relutância. Nínive arrependeu-se, Deus voltou atrás em sua ira e Jonas ficou irado com Deus.

> Viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho: e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez.
>
> Com isso desgostou-se Jonas extremamente, e ficou irado. E orou ao SENHOR, e disse: Ah! SENHOR! não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso me adiantei, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, e que te arrependes do mal. Peço-te, pois, ó SENHOR, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver. E disse o SENHOR: É razoável essa tua ira?
>
> Então Jonas saiu da cidade, e assentou-se ao oriente da mesma e ali fez uma enramada, e repousou debaixo dela, à sombra, até ver o que aconteceria à cidade. Então fez o SENHOR Deus nascer uma planta, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de o livrar do seu desconforto. Jonas, pois, se alegrou em extremo por causa da planta. Mas Deus, no dia seguinte, ao subir da alva, enviou um verme, o qual feriu a planta, e esta se secou. Em nascendo o sol, Deus mandou um vento calmoso oriental; o sol bateu na cabeça de Jonas, de maneira que desfalecia, pelo que pediu para si a morte, dizendo: Melhor me é morrer do que viver.
>
> Então, perguntou Deus a Jonas: É razoável essa tua ira por causa da planta? Ele respondeu: É razoável a minha ira até à morte. Tornou o SENHOR: Tens compaixão da planta que te não custou trabalho, a qual não fizeste crescer; que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais? (Jonas 3.10 – 4.11)

O que produziu a ira de Jonas? Seu coração pecaminoso. Ele almejava a destruição de inimigos mais do que a glória

que Deus ganharia pela conversão em massa dos ninivitas. Jonas não amou a seu próximo como a si mesmo. Ele não se deixou guiar por amor pelos inimigos nem compaixão pelos necessitados. Para Jonas, Deus não havia agido corretamente.

Qual foi a atitude de Deus perante a ira de Jonas? Desaprovação. Deus cortou pela raiz o suposto "direito" de Jonas de irar-se. É difícil concordar com a posição de Crosgrove de que "nada do que Deus disse indica uma censura da expressão desinibida dos verdadeiros sentimentos de Jonas"[4]. Na verdade, a "expressão desinibida" de Jonas nada mais era do que dar vazão à sua natureza pecaminosa, e Deus a expôs nestes termos. Não era certo para Jonas – e não é para qualquer pessoa – ficar irado com Deus.

Poderíamos citar outros exemplos bíblicos de ira contra Deus: os reis rebeldes do Salmo 2, a esposa de Jó, em Jó 2, o rei Asa em 2Crônicas 16 (que se irou contra o profeta de Deus), e a multidão de judeus que se irou contra Jesus em João 7.23. Cada um destes textos revela os mesmos temas das passagens que acabamos de ver. A ira contra Deus sempre é errada por acusar Deus pelo mal.

Acusações contra Deus

A visão pastoral de João Calvino sobre o assunto continua insuperada[5]. Em seu sermão sobre Jó 1.21 ("Em tudo isso Jó não pecou e não culpou a Deus"), Calvino declara:

> Por que os homens se queixam quando Deus lhes envia coisas completamente contrárias aos *seus* desejos, deixando de entender que Deus faz todas as coisas com um propósito e por uma causa justa? Se tivéssemos bem impressos em nossos *corações*: "Tudo o que Deus faz é fundamentado em uma boa razão", certamente nos envergonharíamos por nos irarmos contra Ele, sabendo que Ele determina as coisas no tempo certo. A Bíblia nos diz especificamente que Jó não atribuiu a Deus falta alguma, ou seja, *ele não imaginou que Deus pudesse fazer alguma coisa que não fosse justa e equitativa*. (Ênfase acrescentada)

Aqui está a raiz do problema da nossa ira contra Deus. Nós acusamos a Deus de injustiça. Calvino continua:

> Tão logo Deus não faz aquilo que *desejamos*, nós contestamos e queremos processá-Lo por isso. Não que queiramos dar essa impressão, mas a maneira de agirmos mostra que esta é nossa intenção. A cada desastre repentino, pensamos "Porque isso aconteceu?". Mas com que espírito nos pronunciamos? Com um *coração envenenado*. É como se disséssemos: "Isso deveria ter acontecido de *uma outra maneira*, pois *não vejo razão para o que aconteceu*". Enquanto isso, Deus é *condenado* em nosso meio. Essa é a maneira como os homens se exasperam. O que estão fazendo? Estão *acusando a Deus*

[4] COSGROVE, op. cit, p. 152.

[5] CALVIN, John. *Sermons from Job*: selected and translated by Leroy Nixon. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1952. p. 29-30.

de ser um tirano ou um tolo que busca somente confundir as coisas. Esta *blasfêmia* terrível tem saído da boca dos homens. (Ênfase acrescentada)

É certo ficar irado com Deus? Não. Equivale a chamá-lO de tolo, proferindo assim uma "blasfêmia terrível". Como então podemos nos opor a esta tendência?

> Entretanto, o Espírito Santo deseja nos dizer que, se queremos dar glória a Deus e bendizer Seu nome apropriadamente, *devemos estar persuadidos de que Deus não faz nada sem uma razão*. Então, que não atribuamos a Ele crueldade nem ignorância, como se Ele agisse por maldade ou precipitadamente, mas que tomemos conhecimento de que em tudo Ele procede com justiça admirável, bondade e sabedoria infinita, para que haja *plena retidão e equidade* em tudo que Ele faz. (Ênfase acrescentada)

A solução para a ira pecaminosa contra Deus está em arrependermo-nos continuamente da nossa incredulidade e rebeldia remanescentes. Devemos rejeitar as mentiras que negam a bondade, o poder e a sabedoria de Deus. Devemos reafirmar Sua retidão, amor, soberania e justiça. Devemos nos arrepender, sabendo que "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (Tg 4.6).

Os propósitos soberanos de Deus

Antes de nos voltarmos para nossa segunda afirmação, precisamos considerar aqueles que de fato estão irados com Deus, mas não o percebem. Carla estava constantemente aborrecida com a instabilidade das circunstâncias de sua vida. Facilmente culpava seu ex-marido, seus pais e seu problema de coluna (assim como aos problemas financeiros e físicos resultantes). Ela estava com raiva de todos e "angustiada com a vida como um todo".

Em certo sentido, Carla tinha um compromisso com o Senhor. Ela ajudava regularmente na área de louvor na igreja e procurava orar e ler a Bíblia diariamente. Esta é a razão por que ela protestou quando sugeri que, na verdade, ela estava irada com Deus embora não soubesse disso.

Carla, como muitos, não estava vendo por trás do seu sofrimento a mão de um Deus soberano. Seus problemas não eram meros fatos do acaso. Eles aconteceram pela ação providencial do Onipotente e Soberano Controlador de todas as coisas que "tudo faz como lhe agrada" (Sl 115.3). Carla não havia visto que Deus é a suprema causa final de todo sofrimento e que Ele usa cada provação para nos transformar à imagem de Jesus Cristo (Rm 8.28,29; Gn 50.20; Jó 1-2, 38-42).

O ponto decisivo se deu quando Carla compreendeu a soberania divina. Deus a colocou precisamente onde Ele queria que ela estivesse. O resultado, ironicamente, foi que ela se irou contra Ele por um curto período de tempo. Para Carla, esse foi um passo de progresso: mover-se da ignorância da soberania de Deus e da sua própria ira em direção à compreensão da soberania divina e da ira que ela alimentava contra Deus. O passo seguinte no processo de aconselhamento veio ao estudarmos o propósito de Deus em mandar as provações. Ela percebeu que o Deus soberano, que agia por trás de seu ex-marido, seus pais e a sua dor na coluna, era um Pai amoroso. Foi então que ela se arrependeu de sua ira contra Deus.

Afirmação nº 2: É sempre certo levar suas dúvidas e perguntas a Deus com um espírito humilde, como fruto de um coração que confia em Deus.

Se ficarmos irados com Deus é pecado, então como podemos lidar com nossas incertezas e perguntas a respeito da providência divina, especialmente quando estamos sofrendo? Devemos guardar nossas lutas silenciosa e estoicamente? Felizmente, Deus nos apresenta uma outra alternativa, um caminho apontado pelos lamentos que encontramos nas Escrituras.

Os crentes em Cristo algumas vezes ficam perplexos com os caminhos de Deus, espantados com sua maneira providencial de agir e confusos com Sua aparente inconsistência. No entanto, as Escrituras ensinam-nos a arte de nos lamentarmos piedosamente diante de Deus pelas calamidades que Ele soberanamente permite, guardando nossa fé em Deus.

Encontramos um exemplo de lamento piedoso em Jó 1-2. O estudante cuidadoso não pode fugir da evidência, destacada pelo escritor bíblico e cada um dos personagens principais, de que o próprio Deus foi a causa final do infortúnio de Jó. Nos capítulos que se seguem, ouvimos as queixas amargas de Jó e suas perguntas que nos cortam o coração. Contudo, ele nunca ultrapassou o limite e se colocou na posição de acusar a Deus. O Deus que ele conheceu de forma tão destacada e viva em Jó 42 era o mesmo Deus em quem ele confiou desde o começo.

Vemos algo semelhante no livro de Lamentações de Jeremias. O profeta estremeceu ao se lembrar da mão soberana de Deus, ativa no julgamento de sua própria nação. Ele atribuiu a devastação aos decretos de Deus. No entanto, ele nunca negou a lealdade de Deus às Suas promessas nem Sua bondade fundamental para com Seu povo. Ele não contestou os motivos de Deus nem O acusou de maldade ou capricho. Jeremias descansou nas promessas fiéis de bênção e restauração.

Pense também no profeta Habacuque, às vésperas da invasão Babilônica em 600 a.C. Suas queixas honestas (Hc 1.1-3,12 – 2.1) não surgem de ira contra Deus, mas da convicção de que Deus certamente era tanto um Juiz poderoso e soberano como um Salvador amoroso e compassivo (Hc 3.18-19).

Com certeza, o maior depósito de lamentos bíblicos está nos salmos. Ouça os lamentos de Davi no Salmo 13:

> Até quando, SENHOR? Esquecer-te-ás de mim para sempre? Até quando ocultarás de mim o teu rosto? Até quando estarei eu relutando dentro em minha alma, com tristeza no coração cada dia? Até quando se erguerá contra mim o meu inimigo? Atenta para mim, responde, SENHOR Deus meu! Ilumina-me os olhos, para que eu não durma o sono da morte; Para que não diga o meu inimigo: Prevaleci contra ele; e não se regozijem os meus adversários, vindo eu a vacilar. No tocante a mim, confio na tua graça; regozije-se o meu coração no teu salvamento. Cantarei ao SENHOR, porquanto me tem feito muito bem.

Em meio a um ataque inimigo, Davi luta com uma distância aparente de Deus.

Ele questiona o descuido aparente de Deus para com ele. Queixa-se do sentimento de ausência da presença de Deus. Ainda assim, Davi não acusa Deus. Pelo contrário, seu lamento repetido por quatro vezes "até quando?" (verso 1-2) o leva a uma petição (verso 3-4), que culmina numa declaração de confiança (verso 5) e comprometimento de louvor (verso 6). Davi resolve confiar no amor leal (*hesed*), na salvação e na bondade de Deus.

Lamentos de fé

Que denominadores comuns podemos perceber nestes lamentos bíblicos?

1. Cada um destes homens de fé estava passando por momentos de confusão intensa e espanto devido à contradição aparente entre o caráter revelado de Deus e a providência divina manifesta em Seu agir.
2. Cada um deles dirigiu suas perguntas diretamente a Deus. Estes homens de fé foram a Deus em lugar de se afastarem dEle. Em oração, eles procuraram insistentemente Sua face.
3. Seus lamentos surgiram de uma fé fundamental, embora imperfeita. Enquanto no vale, submeteram-se a Deus e se apegaram às verdades básicas a respeito da Pessoa e da obra de Deus. Na verdade, foi a confiança na soberania absoluta de Deus, bem como em Seu poder, sabedoria e bondade, que produziu primeiramente suas queixas! Sua maneira de pensar pode ser assim expressa:

   Pai, é exatamente por eu saber que o Senhor é inteiramente amoroso e todo-poderoso que estou lutando com a ausência aparente dessas Suas qualidades em Sua maneira de agir na minha vida. Por eu estar convencido de que o Senhor é bom, a Sua mão pesando sobre mim me confunde. Por eu acreditar em Seu amor fiel, a Sua distância aparente me deixa perplexo.
4. Estes homens de fé expressaram seus lamentos em santidade e humildade. Eles evitaram o tipo de blasfêmia e acusação encontrados na literatura religiosa pagã.
5. Estes homens santos alcançaram como fruto de suas lutas uma fé renovada. Os trechos finais de Jó, Lamentações, Habacuque e Salmo 13 ecoam uma fé madura, provada e testada.

O plano de Deus no sofrimento

Apliquemos estas verdades à história de Alex, um obreiro cristão comprometido. Alex procurou aconselhamento bíblico depois de três meses de terapia com um conselheiro cristão integracionista. Ele apresentava um quadro de depressão, retraimento, pesadelos recorrentes e lembranças de um episódio de abuso homossexual ocorrido em sua infância. Esses pensamentos afetavam seu casamento e ministério.

A raiz do problema era que Alex duvidava da bondade de Deus por causa do abuso sofrido. Ele havia interpretado erroneamente o coração de Deus pela providência de Deus. Ao olharmos para sua vida de um ponto de vista bíblico, com base nas histórias de Jó e José, Alex ganhou uma visão mais exata e firme de Deus.

Enquadrar o episódio de abuso na categoria bíblica de provação abriu sua compreensão e deu-lhe esperança. Alex pôde identificar alguns dos propósitos de Deus para esta provação ao estudar Tiago 1.1-12, 2Coríntios 1 e Gênesis 37-50.

A questão de ficar irado com Deus continuava a importunar Alex. O conselheiro integracionista havia tentando lhe vender a ideia de que "é certo ficar irado com Deus". Ele intimara Alex a extravasar sua ira e até mesmo perdoar a Deus. Felizmente, os instintos teológicos de Alex levantaram um sinal de perigo.

Usando o Salmo 77 como modelo, Alex compôs sua oração de lamento, expressando honestamente suas lutas. Por um lado, uma compreensão crescente da bondade e graça de Deus o impediu de acusá-lO pelo mal. Por outro lado, ele pôde levantar as perguntas difíceis, típicas dos lamentos bíblicos: "Onde o Senhor estava, Deus, quando isso aconteceu? E o que o Senhor sentiu em Seu coração? O Senhor poderia me mostrar como reagiu a isso?".

Estas perguntas deram impulso a vários encontros de aconselhamento. Juntos percebemos que Deus esteve soberanamente presente ao longo de toda a vida de Alex. Embora ele ainda não fosse crente, Deus já se importava com Alex. Olhamos para a ira justa de Deus contra aqueles que praticaram o abuso e Sua promessa de julgar esta maldade. Vimos como o coração compassivo de Deus chorou pelo abuso que Alex sofreu e também que Deus tem propósitos bons mesmo em meio a uma provação tão cruel.

Que propósitos graciosos identificamos? Fazia parte do plano divino conduzir Alex a Cristo, ensiná-lo a confiar em Deus e não em si mesmo, desenvolver sua compaixão e equipá-lo para um ministério efetivo junto a outras pessoas.

Conclusão

O que você deve fazer quando é tentado a culpar Deus por seu sofrimento? Como aconselhar aqueles que estão irados com Ele? Como encontrar o meio termo entre a negação estoica e a expressão pecaminosa?

Primeiro, reafirme sua confiança na soberania, no poder, na sabedoria e bondade de Deus para com você conforme manifestados em Cristo. Comece por meditar nas passagens bíblicas listadas na Afirmação nº 2. Livros como *Trusting God: Even When Life Hurts*, de Jerry Bridges e livretos como *Behind a Frowning Providence* de John J. Murray também são recursos valiosos.

Segundo, de acordo com a Afirmação nº 1, rejeite como blasfêmia qualquer tentação de acusar a Deus pelo mal ou difamar Seu caráter ou Seus propósitos. Rejeite as vozes atuais que dizem "É certo ficar irado com Deus".

Terceiro, reconheça sua habilidade limitada para compreender em profundidade os decretos de Deus. Sua mente finita é simplesmente incapaz de compreender a providência divina. Não tente "sondar" o insondável! Sua responsabilidade não é fazer conjeturas a respeito de Deus, mas apenas conhecê-lO, confiar nEle e agradá-lO.

Quarto, aprenda a praticar os "Três As":

1. *Admita honestamente* seus pensamentos e sentimentos perante Deus. Seja honesto diante dEle. "Derramai perante Ele o vosso coração" (Sl 62.8).

Seja transparente em Sua presença. Expresse seus pensamentos e sentimentos, suas dúvidas e perguntas, suas alegrias e tristezas, seus gemidos e suspiros.

2. *Analise biblicamente* seus pensamentos e emoções. Avalie-os à luz das Escrituras. Acerte suas crenças e motivações. Confesse a Deus qualquer ira que possa estar alimentando contra Ele. Não a manifeste inconsequentemente, mas arrependa-se!
3. *Atue obedientemente* apesar de seus pensamentos e sentimentos. Faça o que Deus ordena mesmo que não seja compatível com seus desejos. Considere o conselho sábio dado por D. Martyn Lloyd-Jones em seu sermão intitulado "Emoções"[6].

Deus não nos deixou entregues a extremos de indiferença silenciosa nem blasfêmia impetuosa. Deus abre as portas para que possamos expressar diante dEle nossas preocupações de maneira sábia. Ele inclina Seus ouvidos para nós em meio às nossas lutas. Que o Senhor nos incentive a renovarmos nossa fé, santidade e humildade ao enfrentarmos honestamente nossos problemas com Ele.

[6] LLOYD-JONES, D. Martin. *Depressão espiritual*: suas causas e cura. São Paulo: PES, 1989.

Matando o Dragão:
uma luta contra a pornografia



Entrevista por David Powlison[1]

Fantasias sexuais podem ocupar um espaço amplo na vida mental de uma pessoa. Com frequência, passar repetidamente de uma indulgência excessiva à luta contra tais fantasias torna-se a dinâmica que define a vida cristã de tal pessoa. Apresentamos aqui uma entrevista com um homem a quem chamamos de Roberto. A entrevista foi feita e editada por David Powlison (DP), editor do *Journal of Biblical Counselin*g.

DP: Roberto, você poderia nos contar algo sobre a história da sua luta com as fantasias sexuais?

Roberto: Aos treze ou quatorze anos, fiquei fascinado com o corpo feminino. A revista *Playboy* era o único material de sexo explícito a que eu tinha acesso nos anos 60. Comecei a desenvolver fantasias com todas as modelos fotografadas na revista. Embora eu soubesse que era errado, gostei daquela experiência. Eu gostava da sensação de poder que resultava da apreciação das fotos. A pornografia era inebriante.

À medida que os anos passaram e a nossa cultura tornou-se mais promíscua e permissiva, o material que eu folheava veio a ser extremamente explícito. Desenvolvi o hábito da masturbação e também passei a cultivar fantasias sexuais aprimoradas com mulheres que eu conhecia de verdade. Eu olhava para a pornografia e depois transferia o que eu tinha visto para as mulheres conhecidas. Por fim, construí uma "videoteca" inteira de fitas com fantasias imaginárias com várias mulheres.

DP: Você concretizou as suas fantasias?

Roberto: Pela graça de Deus, nunca cheguei a cometer fornicação nem adultério. Quando me casei, eu era tecnicamente virgem. Fui criado em um lar cristão por pais amorosos que eram ativos no ministério cristão. Cresci em um contexto bom e

[1] Tradução e adaptação de *Slaying the Dragon*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.13, n. 3, Spring 1995, p. 11-15.

recebi uma boa educação. Fiz minha profissão de fé ainda bem jovem. Eu amava realmente o Senhor e queria caminhar com Deus. Quando comecei a lutar com a sexualidade na puberdade, eu sabia que olhar para o material sexualmente explícito e fantasiar era algo errado. Eu carregava uma culpa intensa e lutei muito para vencê-la. Deus foi gracioso; venci muitas tentações. Sou grato por nunca ter levado a efeito minhas fantasias mediante a prática de fornicação. Às vezes, eu conseguia ficar por até seis meses sem ceder à pornografia. Mas a vida de fantasias e a masturbação persistiram por mais de vinte e cinco anos. Foi somente no ano passado que, com a ajuda de Deus, cheguei a colocar um fim nisso e experimentar a alegria de escolher persistentemente a pureza. Ganhei um desejo profundo de vencer o pecado da indulgência no pensamento pornográfico e fechei a porta da "videoteca".

DP: Ao longo dos anos, com que frequência você cedia às suas fantasias?

Roberto: Eu diria que a luta com os pensamentos era quase contínua. A masturbação não era tão frequente, mas eu estava constantemente à espreita de imagens. Eu olhava para uma mulher e colhia retratos mentais para uso futuro. Era uma espécie de caça a uma olhadela para baixo em um decote de blusa ou para cima em uma saia. Eu era um predador sexual em busca de sua presa, procurando as oportunidades no ambiente ao meu redor. Nunca cheguei a cometer adultério ou mesmo insinuar-me para com alguém. Mas minha mente engajou-se em uma vida secreta que eu levava na tentativa de me satisfazer, embora soubesse que ela não poderia nem iria me satisfazer. Eu me sentia tremendamente culpado e arrependido. Em certo sentido, eu procurava andar verdadeiramente com Deus e valer-me de sua graça. Esta é a razão por que busquei aconselhamento cerca de dez anos atrás, embora eu não tenha revelado a profundidade do problema naquela ocasião. A pornografia tinha um poder tremendo e me amarrava de tal forma que eu precisava abastecer constantemente meus olhos e minha imaginação.

DP: Como a sua vida de fantasia afetou os seus relacionamentos com pessoas reais? Todas as mulheres eram igualmente vítimas ou presas?

Roberto: Curiosamente, não. Em certo sentido, eu comprei a imagem e procurava por modelos do tipo *Playboy*. Certos tipos de corpo não eram particularmente atraentes para mim. Mas às vezes eu conseguia captar a imagem de uma mulher que escapava àquele modelo e seduzi-la igualmente em minha mente, embora ela não tivesse as características que normalmente me atrairiam. Eu transferia a pornografia para pessoas reais.

Ao mesmo tempo, havia muitas mulheres das quais eu gostava apenas como amigas. Se eu considerava alguém como amiga, eu a via como uma pessoa e não como um objeto sexual. Eu não sexualizava aqueles relacionamentos. Acredite ou não, eu era capaz de ter uma conversa totalmente honesta a respeito de muitas das minhas lutas, até mesmo sobre lascívia de maneira geral, embora não com a profundidade com que estamos conversando aqui. Havia alguns homens e mulheres com os quais eu me sentia confortável para conversar; eu

os apreciava realmente como pessoas. Aquelas amizades ajudaram a me preservar e proteger de cair mais fundo ainda no pecado. Eu dividia as mulheres em objetos sexuais e amigas, e as duas categorias nunca se misturavam. As primeiras eram objetos sexuais para capturar em videoteipes mentais e fantasiar a respeito. As últimas, apenas amigas.

DP: Como o seu mundo particular afetou o relacionamento com a sua esposa, os filhos e outros membros da família?

Roberto: Eu guardava segredo. Não creio que os meus filhos saibam com o que lutei. Felizmente, Deus me preservou e nunca fiz de minha filha um objeto sexual. Eu a via como minha filha e a respeitava como tal. Ao vê-la crescer, eu odiava a idéia de que os homens fizessem com ela o que eu fazia com outras mulheres e tentei protegê-la e informá-la para que ela não fosse ingênua. Foi livramento de Deus o fato de eu nunca ter olhado para ela como um objeto de cobiça.

Sem dúvida, a influência da pornografia trouxe vagalhões muito fortes no relacionamento com a minha esposa. Desde cedo, pequei por tentar melhorar o seu corpo, tentando fazer com que ela se parecesse mais com as garotas de *Playboy*. Percebi como eu fui tolo e pecador; foi uma tentativa de alimentar o desejo do coração pelo corpo perfeito. Creio que um pecado mais sério ainda foi que, ao termos relações sexuais, eu a usava frequentemente como um trampolim para aventuras sexuais mentais. Ainda hoje, mesmo tendo quebrado o ciclo de indulgência em fantasias, tenho que lutar de vez em quando com minha imaginação. Um pequeno clipe de um filme pornográfico pode saltar em minha mente de repente. Neste momento tenho que pedir a Jesus para me ajudar a fugir disso e a amar a minha esposa pelo que ela é. Tenho que orar muito agora.

DP: A imoralidade sexual também se manifestava quando você estava na igreja?

Roberto: Sim. Quase sempre que eu ia à igreja, meu olhos podiam varrer a fileira de moças solteiras ou outras mulheres na igreja que tinham se tornado parte da minha fantasia. Era uma maneira de checar o meu harém. Eu inventava novas fantasias ou apenas mantinha aquele fogo em minha mente ao olhar para elas, juntando tudo o que eu via para usar depois. Muitas vezes, o culto não era para mim um tempo de adoração a Deus, mas à minha própria cobiça. Ainda assim, sou grato pelo fato de que eu pelo menos tentava lutar contra o meu pecado. Deus me ajudou a reconhecer o meu pecado. Eu conseguia ver o que estava acontecendo e pedia a ajuda de Deus. Ele certamente ajudou-me muitas vezes. Mas outras vezes, eu não pedi a ajuda dEle e o culto tornou-se um tempo para adicionar mais combustível ao fogo interior e alimentar o dragão da minha alma.

DP: O que mudou durante o ano passado, tanto no comportamento como na fantasia? O que está diferente e por quê?

Roberto: No ano passado, eu era responsável pelo ensino de um grupo pequeno de estudo bíblico. Falávamos em geral sobre as lutas e pecados mais frequentes. De modo genérico, expressei preocupação com o meu próprio coração na área de lascívia. Então, por providência de Deus, algo

marcante aconteceu. Um dos homens casados mais jovens do grupo procurou-me e mencionou que ele estava à beira de cometer um adultério. Depois, encontramo-nos para uma conversa mais longa. Em poucas palavras, ele estava pronto a jogar no lixo seu casamento e o relacionamento com Deus por amor à lascívia. Pude me identificar com ele, pois tantas vezes eu tinha seduzido mulheres em minha mente. Mas agora não era fantasia. Era vida real. O homem sentado à minha frente estava realmente a um passo de cometer adultério.

Fiquei arrasado, pois me identifiquei com o predador sexual que eu via à minha frente. Percebi que já tínhamos ultrapassado há muito o ponto em que eu poderia simplesmente dizer a ele: "Bem, você sabe que adultério é errado, e assim por diante. É o que a Bíblia diz…" Tive que fazer um retrato do que significava ser um predador sexual. Não foi uma explicação acadêmica. Usei um tipo de terapia de choque para mostrar a ele o que estava passando na sua mente. Fui explícito. E eu o choquei e ele rapidamente voltou atrás com respeito à possibilidade de cometer adultério.

Depois daquela conversa, ele procurou a ajuda do nosso pastor e o seu casamento está restaurado. Mas creio que fui eu o maior beneficiado naquela situação. Deus estava lidando comigo. Ele me usou para ajudar aquele homem a ver o que ele estava fazendo, mas Deus estava me dizendo: "Por anos, você pensou em adultério e pornografia como prazerosos e você pôde apreciar e acalentar isso em seu coração. Se você acha que isto é tão divertido, então impeça este homem que você conheceu de cometer adultério e destruir sua família". O mais devastador é que eu tive que expor a mim mesmo para salvá-lo. Tive que me dispor a uma inspeção pública. Acho que Deus estava dizendo: "Você não pode servir a dois senhores. Você não pode servir a Mim e à sua idolatria sexual. Você não pode ter os dois". Então, em Sua vontade bondosa e amorosa, Ele permitiu que eu O escolhesse.

DP: O que o ajudou naquele momento a fazer a sua escolha? Você descreveu a situação que Deus proporcionou, mas o que fez dela um marco decisivo? Que verdade foi mais importante?

Roberto: Acho que foi a convicção profunda de que Deus me amava e que Jesus tinha morrido por um pecador, junto com a convicção profunda de que eu estava envolvido em um pecado terrível. Eu estava em um trem expresso que ganhava velocidade em rota de colisão para uma verdadeira tragédia. Jesus me amou e me ajudou.

DP: O que você fez com respeito a Deus?

Roberto: Houve muita oração e arrependimento. Pedi ajuda e conselho; prestei contas a alguém. Eu precisava de proteção contra qualquer tentação de ceder e dar vazão à bagagem pornográfica que eu tinha sempre disponível em minha mente. Investi muito tempo orando que Deus me protegesse. Tomei a iniciativa de prestar contas a outras pessoas e me certificar de que estivesse recebendo bons conselhos. E Jesus me ajudou a fazer a escolha de fechar a porta ao voyeurismo e à fantasia. Isto pode parecer uma coisa pequena, mas foi muito significativo para mim e mostra

realmente de quão longe Deus me trouxe. Recentemente, participei de uma conferência relacionada ao meu emprego. Quando todos estavam prontos para ir embora, uma mulher na fileira em frente à minha se abaixou para pegar sua bolsa. O decote da sua blusa se abriu revelando tudo e, ao invés de olhar, eu me virei, peguei as minhas coisas. . . e louvei a Cristo. Eu jamais teria me virado um ano antes. Você não tem ideia de como isso me faz feliz – mudança!

DP: Alguns podem ficar espantados com o fato de um cristão professo poder ter uma vida dupla com problema de lascívia por tantos anos. Você era cristão?

Roberto: Não tenho dúvidas de que eu era cristão. Eu me apropriei dos meios da graça por muitos anos. Tive momentos de adoração significativa. Odiava meus pecados e me arrependia. Mudei em muitas outras áreas como, por exemplo, integridade financeira e ira. Ao longo de vários anos, cresci na compreensão do que significa ser filho de Deus e deixá-lO controlar e comandar minha vida. Entendi que a providência de Deus é boa. Eu sabia que não estava sozinho. Aprendi de várias formas a amar melhor minha esposa. Todas estas eram verdades em desenvolvimento, que tiveram influência poderosa na minha vida. Mantive-me longe de muitos pecados e várias vezes lutei com sucesso contra a tentação sexual. Mas por diferentes razões, este tipo específico de obsessão sexual me pegou e eu o deixei ficar e crescer.

DP: Você alimentou o dragão.

Roberto: Sim. Quando passei pela puberdade e todos aqueles hormônios começaram a circular em meu corpo, eu sabia que eu não poderia atender a todos aqueles desejos porque eu era cristão. Sabia que era errado. Mas em lugar de dar vazão aos desejos, eu os contive no meu coração. Foi como construir um recipiente para conter um prazer secreto e sedutor. Não cedi abertamente, mas guardei a luta lá dentro e criei um dragão. Isto passou a demandar mais e mais do meu tempo e energia. Mas ainda creio que a mão de Deus estava sobre mim e me protegeu de realmente cometer adultério ou mergulhar em outras formas de pornografia, como a infantil. Ele me deixou lutar para me fazer ver que eu precisava colocá-lO em primeiro lugar. Eu estava disposto a colocar Deus em primeiro lugar em muitas áreas, mas não nesta. O problema era que eu *gostava* da pornografia. E eu ainda gosto, no sentido de que as tentações estão lá e eu poderia ser seduzido. Sei que a vigilância, à medida que caminho com Deus em Seu amor e poder protetor, pode me capacitar a vencer o mal. Percebo minha vulnerabilidade, mas sei que Jesus me ajudou a mudar.

DP: Em um extremo, há os que acreditam que ser cristão eliminaria imediata ou totalmente uma luta como esta. Em outro extremo, há os que acreditam que ser cristão não faz a menor diferença. *Existiu* alguma diferença por você ser cristão? Se sim, qual a diferença? Para o mundo, a cobiça sexual é natural - então por que lutar? Por que se incomodar? Como você sabe que está realmente diferente?

Roberto: Quero usar a metáfora do meu coração erotizado como um depósito de lixo tóxico. Tentei conter a obsessão com a pornografia no depósito de lixo. Mas

os resíduos tóxicos vazaram. Era algo corrosivo, que se infiltrou através das paredes. Em meus relacionamentos, às vezes eu me perguntava se estava agindo de modo sedutor e predatório ou de modo íntegro. Eu cometeria adultério se tivesse a oportunidade? Eu molestaria uma criança? Eu seria despertado para um relacionamento homossexual? Eu percebi que seria capaz de qualquer coisa. Mas agora, embora ainda exista aquela tensão entre a predação e o amor, ela já está consideravelmente enfraquecida. Às vezes, parece que acabou. Quero coisas diferentes no relacionamento com as pessoas. Posso dizer honestamente que a preocupação amorosa me caracteriza muito mais que a caça predatória de oportunidades de deslize.

Desde o ano passado, Deus me permitiu não ceder mais às aventuras sexuais mentais, piadas sujas nem pornografia. Aquela terapia de choque que experimentei ao ver o que eu realmente era e para onde isto iria me levar, e ver como Cristo me amou, colocou simplesmente um ponto final na questão. Isto não significa que não tenho mais aquele impulso de vez em quando, mas que agora tem crescido minha capacidade de dizer: "Não, eu quero o Senhor, e não aquilo. O Senhor é mais importante que tudo e não posso tê-lO com o coração dividido". Não é algo que vem de fora de mim. O amor de Deus quebrou as algemas de escravidão a este ídolo sexual e me fez clamar a Ele por ajuda. Ele continua a me lembrar de que preciso confiar nEle.

DP: Você se descreveu dizendo 'Não' para o pecado e 'Sim' para Deus. Houve outras mudanças comportamentais positivas?

Roberto: Como eu disse, deixar o pecado incluiu não me masturbar mais e não consentir com a fantasia sexual. Tenho prezado conscientemente pelo meu relacionamento com Jesus. Também, de um lado positivo, Deus tem lidado com muito mais do que a lascívia. Tenho aprendido a amar minha esposa. Isto é muito mais do que apenas sexo.

DP: Como são estas mudanças?

Roberto: Significa pedir a Deus para me ajudar a colocar minha esposa acima dos meus interesses pessoais. Significa confiar minha felicidade a Deus quando minha esposa não faz o que eu quero. Significa não exigir que ela mude, não ficar irado com ela nem manipulá-la, em muitos aspectos além do sexual. Posso ver muitos outros pecados que cometo além da obsessão sexual e Cristo está me ajudando lentamente a mudar. Sei que me entrego menos à ira. Não me retraio mais em autopiedade para recuperar-me da decepção. Antes, quando minha esposa me aborrecia, eu me refugiava na autopiedade e a porta para a minha sala de vídeo particular acenava com prazeres solitários. Não cair em autopiedade tem sido mais um dos pregos que mantêm aquela porta bem fechada.

Creio que me tornei mais honesto e construtivo, ao invés de evitar minha esposa ou atacá-la. Eu costumava me autojustificar e até usar versículos bíblicos para criticá-la. Ainda tenho um longo caminho a percorrer, mas posso ver que o contrário daquele mundo egoísta de sensualidade não é apenas a pureza sexual; é aprender o que significa amar realmente alguém. Pedi a Deus para me ajudar a ver

minha esposa como uma pessoa, não como um objeto sexual. Ele me ajudou a fazer isso. Ajudou-me a amá-la sexualmente e a considerá-la em primeiro lugar. Também aprendi a perdoá-la por ofensas que ela comete contra mim. Eu carregava muitos medos e ressentimentos. Entender que Deus me perdoou foi de tremenda ajuda. Cometi alguns pecados terríveis. Portanto, eu quero realmente perdoá-la com liberalidade. Quando não concordamos, eu não me sinto mais tão compelido a me defender porque tenho uma nova consciência do amor de Deus por mim e da Sua obra vitoriosa em minha vida derrotando o pecado. Sinto-me profundamente perdoado. Tudo isso me ajudou muito e me capacitou para não julgá-la.

DP: Por que o aconselhamento não trouxe uma mudança total dez anos atrás? O que houve de errado para que ele fosse apenas parcialmente útil?

Roberto: Quando procurei um conselheiro, eu contei a ele que havia problemas. Mas de alguma forma, falei em código; não fui claro o bastante sobre os meus problemas sexuais. Eu disse que lutava com lascívia, mas todos lutam com ela. Teria sido de grande ajuda se o conselheiro tivesse sido mais específico em suas perguntas. O que exatamente está acontecendo? Você se masturba? Você está envolvido com pornografia? O quanto está envolvido? Em que tipo? Como você trata as mulheres? Quais são as suas fantasias?

O aconselhamento deu-me esperança e me ajudou a ter uma perspectiva mais construtiva do meu casamento naquela época. Mas o que faltou é que nunca cheguei a ver que eu estava tentando servir a dois senhores. O significado da minha luta com a lascívia nunca ficou claro para mim até pouco tempo atrás. No meu caso, a adoração idólatra fundamental se expressava em fantasia pornográfica. Para outra pessoa, poderia ser a carreira profissional, ganhar dinheiro, casar-se ou qualquer outra coisa, sempre colocando a si mesmo em primeiro lugar e tentando controlar o mundo e assumir o papel de Deus. Talvez se as conversas de dez anos atrás tivessem me levado a ver que eu desejava ser realmente o número um, estava colocando a mim mesmo em primeiro lugar e buscando poder e prazer, isto teria me ajudado. Meu desejo de adorar a mim mesmo encontrava a sua expressão na fantasia sexual.

Entrementes, meu pastor pregou que a questão principal no adultério é que você quer alguém que o adore e o sirva, alguém para estar a seu serviço. Aquilo repercutiu em mim. Eu podia ver aquele tema nas minhas fantasias. A pregação do meu pastor foi realmente usada por Deus para me ajudar a ver com maior clareza e definir as batalhas verdadeiras. Durante anos, Deus me preparou para a experiência transformadora de ver a mim mesmo como eu realmente era e aprender a morrer para mim mesmo por meio da graça de Jesus.

Algo mais que o conselheiro poderia ter feito é provavelmente menos importante, mas também teria ajudado. Eu contei a ele que eu pensava existirem algumas coisas no meu passado que poderiam ter contribuído para esta luta, mas não fomos muito longe nisto. Tudo estava muito confuso para mim naquela época. Desde então, comecei a entender melhor algumas coisas do meu pano de fundo. Um episódio em que fui molestado por uma babá, diversas ocorrências de voyeurismo em que

observei mulheres nuas e a leitura de *Playboy* são todos acontecimentos que penso que contribuíram para estabelecer o padrão habitual dos meus pecados sexuais em direção a uma obsessão com seios, sexo oral e loiras. Reconhecer como o meu padrão habitual de obsessão sexual se desenvolveu de forma específica ajudou-me a entender a mim mesmo. Devido ao incidente de molestação, suponho que posso me qualificar como alguém que foi abusado. De certa forma fui vítima, mas sou grato por nunca ter ficado preso a me sentir uma vítima ou pensar que aquilo é que me levou a pecar. Aquele acontecimento não me fez pecar, mas pode ter influenciado o tipo de objetos em torno dos quais minha lascívia gravitava. Olhar para aqueles eventos específicos ajudou-me a entender como algumas das minhas predileções particulares e atrações podem ter tomado forma. Ajudou-me a ficar ciente de como sou tentado.

DP: Quais passagens ou temas das Escrituras mais falam da sua luta e das mudanças que você experimentou?

Roberto: Já mencionei vários fragmentos da verdade que formam um conjunto: o amor de Cristo, o entendimento do pecado sexual como pecado, o entendimento da minha idolatria de poder e prazer sexual, a providência de Deus. Algumas passagens específicas significaram muitíssimo. Tiago 4.6 ganhou realmente vida: "Deus resiste ao soberbo, mas dá graça aos humildes". Este versículo é muito útil porque ele me diz para pedir ajuda sem nenhuma grande explicação de por que preciso de ajuda. Quando estou no calor da batalha, qualquer que seja a minha luta, posso clamar humildemente a Deus: "Socorro! Estou em perigo. Agora mesmo estou sendo seduzido pelo dragão da minha alma. Socorro". Quando tento lutar com minha própria força, acontece normalmente uma tragédia. Na batalha para que minha mente ande com Deus e eu seja santo e puro, preciso estar em comunhão com Cristo o tempo todo. Não é apenas uma questão de tempo devocional. É quando a batalha está acontecendo. Costumo usar as Escrituras na minha conversação com Deus. Muitas vezes, quando caí, eu não tinha feito isso. Não fui honesto com Deus sobre minha necessidade.

DP: Isto expressa perfeitamente o que Tiago diz alguns versículos antes: "Nada tendes porque não pedis". De certa forma, o livro inteiro é sobre isso: "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera".

Roberto: Certo. Preciso pedir a ajuda de Deus para prestar atenção às pequenas coisas que podem se tornar uma bola de neve e ganhar plena força como tentação. Por exemplo, se estou trabalhando onde muitas mulheres jovens estão presentes, preciso lembrar que Deus está ali. "Onde está minha mente? Vou me deleitar com seus perfis? Vou enxergar estas mulheres como pessoas ou objetos sexuais? Senhor, ajude-me a vê-las como pessoas que precisam do Seu amor". Devo vê-las como mulheres que precisam conhecer Jesus, assim como eu, não como curvas que os meus olhos podem devorar.

Outra coisa que significou muito foi ser honesto e prestar contas a algumas pessoas. Era humilhante – muito humilhante – ter que admitir como o meu

mundo interior se tornara torpe. Mas o encorajamento a permanecer na fé e o fato de saber que alguém poderia me fazer uma pergunta penetrante, e eu não poderia mentir, significou muito. Sempre estive inclinado a ser um cristão Cavaleiro Solitário. Como efeito das pregações que ouvi em minha igreja, comecei a compartilhar minha vida cristã com algumas pessoas e isto foi muito útil. Contar com outras pessoas fazia-me lembrar que eu não estava lutando nesta batalha com minhas próprias forças, mas que eu dependia de Cristo.

DP: Hebreus 3.13 diz que devemos nos exortar mutuamente cada dia para que não nos afastemos de Deus e caiamos em pecado. Você está descrevendo aspectos bem básicos da vida cristã, que deixamos frequentemente de colocar em prática.

Roberto: É verdade. Deixe-me dizer mais uma coisa sobre tentações. As pequenas coisas são precursoras das grandes coisas. Se eu deixo a lascívia passar pelo primeiro portão, o portão dos olhos, a batalha torna-se muito maior para mim. Deus tem construído fortalezas sólidas atrás do primeiro portão dos olhos, mas Ele continua a me dizer: "Não deixe que ela atravesse o primeiro portão". Deus removeu muito lixo no ano passado e ocupou o espaço de maneiras novas e maravilhosas. Ele me ajudou a me revestir de Cristo e amor pelas pessoas, não mais buscando em primeiro lugar os meus interesses, meu próprio veneno.

Eu costumava dizer sempre a Deus: "O Senhor pode ter um pouco da minha vida, mas eu quero manter este pequeno prazer. Gosto demais dele. Ele me dá um senso de poder. É um mundo perfeito que posso criar. As coisas sempre acontecem exatamente do meu jeito. As pessoas fazem exatamente o que eu quero. Estou sempre no topo". A fantasia é um grande alimentador do ego.

Lembro-me de um sermão em que o meu pastor perguntou: "Você pode dizer a Deus - 'Faça o que tiver que fazer para me salvar', considerando o pleno sentido desta palavra?" Lembro-me de estar sentado em meu lugar, dizendo a Deus: "Faça o que for preciso. Não aguento mais esta vida dupla". Lembro-me de ter sentido medo ao dizer aquilo, pensando que Deus faria algo como levar um dos meus filhos, mandar uma doença catastrófica ou algo desta natureza. Era o que eu pensava ser o significado de "faça o que for preciso".

Deus foi muito mais sábio! Ele me colheu pessoalmente dentro do fogo do meu pecado e exerceu pressão sobre mim, colocando-me em uma situação que Ele proporcionou em amor. Ele me deu a certeza de que eu fiz a escolha certa ao desmascarar o meu pecado. Quando decidi honrar a Deus naquela noite, tive que admitir publicamente a um irmão em Cristo que aquele pecado sexual era muito, muito errado.

DP: Isto me recorda de um outro trecho de Tiago. Deus colocou um espelho em frente ao seu rosto e o forçou a ver a si mesmo. Quando você articulou claramente o quão abominável a lascívia realmente é, por amor a outra pessoa, aquela convicção de pecado deu início a uma avalanche de mudanças.

Roberto: Isso mesmo. Eu fiz um retrato da minha pessoa à luz tanto daquele outro homem quanto de mim mesmo. A obsessão sexual era minha forma particular de

tentar assumir o papel de Deus em minha própria vida. Um amigo meu disse certa vez: "Ceder à pornografia é como tomar uma dose de cocaína ou alguma outra droga. Você se sente alto. Depois, você se sente tão mal que diz: 'Nunca mais vou fazer isso de novo'. Mas depois você volta a desejar a droga". Entrei nesse ciclo mil vezes: a excitação do pecado, a miséria e depois a volta do desejo. Era poderosamente inebriante, porque era mais do que apenas sexo. Era adoração, autoadoração. Jesus Cristo é mais poderoso. Quando fui honesto, encontrei a graça.

DP: Há algo mais que você gostaria de acrescentar?

Roberto: Não, é só isso.

Os Diagnósticos Psiquiátricos para a Depressão São Válidos e Úteis?



Edward T Welch[1]

Antes de considerarmos os diagnósticos psiquiátricos para a depressão, atente para esta pergunta mais ampla: Existe *alguma* palavra ou termo diagnóstico útil para indicar o conjunto de sintomas a que nos referimos como depressão? É difícil crer que uma única palavra possa comunicar medo, dor emocional, torpor, fadiga, bloqueio cerebral e tantas outras experiências. Forçar todo este conjunto de experiências em apenas uma palavra ou termo de diagnóstico parece homogeneizar a própria natureza da depressão. Não estaríamos menosprezando a extensão e profundidade da vivência de cada pessoa ao encaixarmos todas dentro de um mesmo molde? Afinal, cada experiência de depressão é diferente. Um rótulo, por assim dizer, não subestimaria as queixas de uma pessoa? "Introvertido", "extrovertido", "intuitivo", "emocional" – estes são termos que podem descrever alguns de nossos estilos pessoais, mas ninguém quer ser resumido por uma palavra, especialmente quando essa pessoa se sente mal compreendida.

Existe uma advertência válida aqui. Quando ouvimos a palavra *depressão*, ou seus equivalentes mais técnicos adotados pela psiquiatria, não devemos supor que entendemos o que ela significa individualmente para a pessoa. Um conselheiro pode assumir que depressão significa uma tristeza prejudicial, enquanto o aconselhado vivencia a depressão como um medo que o paralisa. Ou um conselheiro pode pensar que depressão significa "teremos que lutar com todos os recursos espirituais que Deus nos dá", enquanto o aconselhado pode pensar: "Eu tenho uma doença sobre a qual eu não tenho nenhum controle". A presença de um termo diagnóstico nunca deveria se tornar uma desculpa para evitar o trabalho árduo de entender alguém. Geralmente, os conselheiros

[1] Tradução e adaptação de *How Valid or Useful Are Psychiatric Labels for Depression?* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 18, n. 2, Winter 2000. p. 54-56

sábios preferem descrições cuidadosas e concretas a resumos em uma palavra. Se usarmos os termos diagnósticos, queremos ter uma definição para eles que seja igualmente compreendida por todos.

Contudo, uma característica do termo diagnóstico *depressão* sustenta a sua utilidade: muitas pessoas ficam aliviadas por poder dar um nome àquilo que estão vivendo. Um nome significa que outras pessoas já passaram pela mesma experiência. Alguém já se deparou com aquilo anteriormente. Desta forma, a pessoa deprimida não está sozinha como ela antes pensava. Um nome pode não ser útil de imediato para algumas pessoas porque elas rapidamente tomam por certo que têm um problema biológico para o qual as soluções espirituais são periféricas. Ainda assim, para a maioria das pessoas, é quase um alívio ter uma palavra para expressar as suas experiências. O nome em si traz uma certa esperança para muitas pessoas deprimidas.

Dar um nome satisfaz um instinto humano, pois sugere que temos *algum* conhecimento do objeto ou fenômeno. É o primeiro passo para entender, gerenciar, controlar ou conquistar algo. Essencialmente, se você pode dar um nome, é provável que possa, no mínimo, identificar algo. Então, embora qualquer nome dado a esta experiência complexa pareça simplificá-la demasiadamente, qualquer termo de referência tal como *depressão* é um passo à frente, pois sugere que um agrupamento significativo de experiências é reconhecível de uma pessoa para a outra. Em outras palavras, se duas pessoas disserem uma à outra "Eu luto com depressão", elas descobrirão que têm em comum muitas experiências.

Distinguindo entre descrições e explicações

Já que os termos diagnósticos servem a um propósito útil, existem termos para *depressão* que são melhores do que outros? Mais especificamente, existem palavras cujas conotações podem nos desviar de interpretações bíblicas e palavras que são mais propícias a uma cosmovisão bíblica?

O aconselhamento bíblico tem-se mantido sempre alerta à linguagem, especialmente no que diz respeito aos termos psiquiátricos. Isso porque uma palavra pode ser mais que uma simples referência. Uma palavra pode estar densa de significado. Ela pode carregar um inteiro sistema de pensamento, em vez de simplesmente apresentar um fato pequeno ou uma observação elementar.

"A maçã é vermelha" não faz alguém ficar especialmente alerta. A cor "vermelha" é uma simples descrição, que não carrega um grande sistema de crenças implícitas. "João está clinicamente deprimido", no entanto, é mais ambíguo. Em termos de descrição, "clinicamente deprimido" significa apenas que João está *realmente* para baixo. No entanto, parece que "João está clinicamente deprimido" contém hipóteses que transportam a palavra "deprimido" para além do domínio de simples descrição e a colocam dentro do domínio de explicação. Em outras palavras, a frase diz tanto o que João está sentindo como sugere fortemente a razão por que ele sente de tal forma. A palavra "clinicamente" é comprometedora. Ela implica uma causa: a depressão de João é bioquímica. Consequentemente, recomenda uma cura: medicação psiquiátrica.

Definições psiquiátricas

Embora a frase "clinicamente deprimido" seja comum tanto na psiquiatria como, mais recentemente, na conversa popular, ela não é um diagnóstico sancionado oficialmente. A linguagem oficial dentro da psiquiatria é Transtorno Distímico, Transtorno Depressivo Maior ou Transtorno Bipolar.

Esta linguagem está sob a guarda da Associação Psiquiátrica Americana (APA) e seu manual diagnóstico, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana, agora em sua quarta edição (DSM-IV). Embora patrocinado pela APA, ele não é um livro de âmbito restrito. Pelo contrário, a APA levanta dados em comunidades internacionais e de fora do âmbito médico.

A base para a construção de termos diagnósticos como "Transtorno Depressivo" ou "Transtorno Bipolar" é o que o DSM-IV chama de "episódio depressivo maior".

> Cinco (ou mais) dos seguintes sintomas estiveram presentes durante o mesmo período de 2 semanas e representam uma alteração a partir do funcionamento anterior; pelo menos um dos sintomas é (1) humor deprimido ou (2) perda do interesse ou prazer.
>
> (1) Humor deprimido na maior parte do dia, quase todos os dias, indicado por relato subjetivo (por ex., sente-se triste ou vazio) ou observação feita por outros (por ex., chora muito).
> (2) Interesse ou prazer acentuadamente diminuídos por todas ou quase todas as atividades na maior parte do dia, quase todos os dias (indicado por relato subjetivo ou observação feita dos outros).
> (3) Perda ou ganho significativo de peso sem estar em dieta (por ex., mais de 5% do peso corporal em 1 mês), ou diminuição ou aumento do apetite quase todos os dias.
> (4) Insônia ou hipersonia quase todos os dias.
> (5) Agitação ou retardo psicomotor quase todos os dias (observáveis por outros, não meramente sensações subjetivas de inquietação ou de estar mais lento).
> (6) Fadiga ou perda de energia quase todos os dias.
> (7) Sentimento de inutilidade ou culpa excessiva ou inadequada (que pode ser delirante), quase todos os dias (não meramente autorrecriminação ou culpa por estar doente).
> (8) Capacidade diminuída de pensar ou concentrar-se, ou indecisão, quase todos os dias (por relato subjetivo ou observação feita por outros).
> (9) Pensamentos de morte recorrentes (não apenas medo de morrer), ideação suicida recorrente sem um plano específico, tentativa de suicídio ou plano específico para cometer suicídio.
>
> Os sintomas não se devem aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (por ex., droga ou medicamento) ou de uma condição médica geral (por exemplo, hipotiroidismo).[2]

[2] *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. DSM-IV. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 312.

Se alguém passou por um transtorno depressivo maior, o termo diagnóstico apropriado do DSM-IV é Transtorno Depressivo Maior, Episódio Único. Se houve mais de uma ocorrência, o termo diagnóstico é Transtorno Depressivo Maior, Recorrente.

O Transtorno Distímico é uma variante de depressão que dura por um período mais longo – pelo menos dois anos – mas com menor intensidade. Em lugar da lista longa de sintomas do Episódio Depressivo Maior, na distimia alguns dos critérios mais severos são omitidos.

Presença, enquanto deprimido, de duas (ou mais) das seguintes características:

(1) Apetite diminuído ou hiperfagia
(2) Insônia ou hipersonia
(3) Baixa energia ou fadiga
(4) Baixa autoestima
(5) Fraca concentração ou dificuldade em tomar decisões
(6) Sentimentos de falta de esperança

Ao longo da última década, um termo diagnóstico para depressão que tem crescido em popularidade é Transtorno Bipolar. Quando aqueles que estão deprimidos são identificados como bipolares, isto significa que provavelmente, em algum ponto de suas histórias, passaram por um período de humor excepcionalmente elevado.

Uma breve resposta bíblica

Essas definições mais técnicas são uma tentativa válida de padronizar a definição de depressão. Se vamos estudar a depressão, devemos tentar concordar nas definições dos termos cruciais. No entanto, o problema com esta linguagem é que, assim como *depressão clínica*, ela traz um outro tipo de carga. Mesmo que as próprias listas de sintomas sejam relativamente inocentes e descritivas, certas palavras como *transtornos* e *diagnósticos*, que sugerem um problema físico, estão embutidas nas definições mais amplas. Ademais o DSM traz em seu todo a suposição de que a maioria dos diagnósticos corresponde a determinado tratamento com medicamentos.

Basicamente, portanto, os conselheiros bíblicos concordariam que palavras e termos diagnósticos como depressão clínica, Transtorno Depressivo Maior, distimia, podem ser enganosos. Precisamos estar alertas para suas implicações. Aqueles que os usam estão acoplando descrições *e* explicações, implicando que o recurso primário de ajuda está no campo biológico mais do que no espiritual. Como resultado, tais pessoas estão comumente menos propensas a travar as batalhas espirituais inevitáveis, que são parte do processo de mudança. Quando alguém está persuadido de que o problema é fundamentalmente bioquímico, as questões espirituais são consideradas superficiais. É como o exercício físico para um diabético: ele pode ser bom, mas é possível passar sem ele. Desta forma, se a pessoa deprimida der atenção às questões espirituais, ótimo. Será um bom coadjuvante para o tratamento verdadeiro. Poderá até facilitar o tratamento. Mas ainda persiste a ideia de que o processo de mudança não será significativamente impedido se a pessoa deprimida não lidar com as questões do coração.

Presa nesse meio está a própria palavra *depressão*. Uma vez que ninguém possui sua definição segura, seu significado é

determinado pelo contexto. Algumas vezes é uma palavra descritiva, isenta de qualquer explicação. Outras vezes, carrega as mesmas conotações dos termos diagnósticos mais técnicos do DSM. Devemos, então, evitar a palavra *depressão*? De jeito nenhum. Como cristãos, evitamos a linguagem irreverente e grosseira, mas também somos *cuidadosos* e ficamos *alertas* quanto ao uso de uma linguagem que pode conter um significado ambíguo ou questionável. Quando a palavra é ambígua, precisamos revesti-la de significado bíblico.

O que fazer quando uma pessoa fala sobre "depressão" com o sentido de "depressão clínica" ou "desequilíbrio químico"? Em geral, quando alguém usa a palavra *depressão,* e une uma bagagem biológica, *não* é o momento para dar início a uma discussão sobre cosmovisões e linguagem. Em vez disso, é uma oportunidade para conversar sobre a abundância de descrições de depressão encontradas nas Escrituras e surpreender a pessoa deprimida com o conselho perspicaz e gracioso de Deus. Quando escutar a palavra *depressão*, peça à pessoa para descrever a depressão, contar uma história ou escrever sobre sua experiência. A palavra tem várias nuanças de significado e você quer entender tão bem quanto pode a descrição individual de depressão vinda de cada pessoa. Ao reformular a experiência que lhe foi descrita, considere o uso de uma linguagem mais concreta e facilmente relacionável às Escrituras, com palavras como "sofrimento", "angústia", "medo", "desespero", e assim por diante.

Quais os Limites da Confidência no Aconselhamento?



George C. Scipione[1]

"Este não parece ser empolgante. Vou pular para o artigo seguinte". Espere! Antes de passar adiante, este *é* um artigo importante. Recentemente, o diretor de um centro de atendimento à gravidez indesejada demitiu-se por causa desta questão. O comitê diretivo da instituição decidiu que o aconselhamento deveria ser estritamente confidencial – a única exceção seriam as informações exigidas pelo governo. O diretor teve problemas de consciência ao ocultar informações dos pais de uma menor, um marido e uma igreja. Eu já aconselhei pessoas que me pediram para jurar segredo contra ameaça de suicídio. O que dizer destas e muitas outras situações que podem surgir? A Bíblia fala sobre esta questão? Há limites para a confidência? Sim, a Bíblia tem resposta para estas perguntas. Vamos analisar o assunto à luz do que a Bíblia diz, tirar algumas conclusões em forma de princípios gerais sobre a confidência e aplicar estes princípios a algumas das perguntas levantadas na prática ministerial.

O que a Bíblia diz

Não encontramos nas Escrituras o termo confidência. Entretanto, encontramos as ideias centrais que definem este termo. A Bíblia fala sobre segredos, discrição, fidelidade e lealdade. Ela nos dá três conceitos relacionados a esta questão: (1) confidência faz parte de amar ao próximo como a si mesmo, (2) há exceções a esta regra geral de confidência e (3) no caso destas exceções, a confidência compromete o confidente com o pecado.

Primeiro, a confidência faz parte de amar ao próximo como a si mesmo. Lealdade e fidelidade são recomendadas e ordenadas por Deus (Sl 101.6). A fidelidade requer que cubramos questões pessoais

[1] Tradução e adaptação de *The Limits of Confidentiality in Counseling*. Publicado em *The Journal of Pastoral Practice*, v. 7, n. 2, 1984. p. 29-34. George C. Scipione é diretor do Institute of Biblical Counseling and Discipleship em San Diego, California.

(Pv 11.13). Uma qualidade de um obreiro cristão piedoso, sério, equilibrado, é ser fiel a Deus e aos outros não difamando nem fofocando (1Tm 3.11). Inversamente, mexerico[2] e difamação[3] são pecados sérios. O nono mandamento trata deste pecado: não se deve levantar um testemunho falso contra o próximo[4]. O Antigo Testamento está repleto de esclarecimentos sobre os aspectos positivos e negativos deste mandamento. Somos proibidos de espalhar rumores (Êx 23.1). Devemos nos afastar de uma acusação falsa que pode prejudicar nosso próximo (Êx 23.7). A difamação é uma forma de assassinato, ou seja, um assassinato do caráter (Lv 19.16). Ela desqualifica uma pessoa para estar na presença de Deus (Sl 15.3), é um crime sério (Sl 101.5,8), é um disfarce para o ódio (Pv 10.18). Fofocar revela os segredos e é uma forma de infidelidade (Pv 11.13). A difamação espalha contendas e separa os melhores amigos (Pv 16.28), é um prazer perverso (Pv 18.8; 26.22). Fofocar destrói as amizades e arruína a reputação do fofoqueiro (Pv 25.8-10). A difamação é rebeldia contra Deus e frequentemente é acompanhada por outros pecados hediondos (Jr 6.28). A difamação merece punição severa (Dt 19.15-21).

O Novo Testamento ecoa a Lei de Deus nessa área. A fofoca[5] é reprovada (Rm 1.29, 2Co 12.20). A difamação[6] também é reprovada (Rm 1.30; 2Co 12.20; 1Tm 5.13; Tg 4.11; 1Pe 2.1). A Bíblia não somente nos proíbe de fofocar e difamar outros, mas também nos adverte a não darmos ouvidos a este tipo de conversa (Pv 17.4). Não devemos nos associar com pessoas que a praticam (Pv 20.19). Com frequência demasiada a igreja negligencia as violações deste mandamento. Como conselheiros cristãos devemos confrontar e eliminar este mal em nós mesmos e outros (Tg 3). Não é uma questão de pouca importância para Deus. Ele nos dá claramente uma regra de confidência. Em nosso ministério, temos nos esforçado para cumprir este mandamento. Temos tido ocasiões de confrontar outras pessoas, até mesmo pastores, a respeito desta questão. A regra geral é clara: guarde confidências.

Entretanto, Deus nos dá um segundo conceito: há exceções para esta regra geral de confidência. Há tempo de ficar em silêncio e tempo de falar (Ec 3.7). O conhecimento de certos pecados sérios não permite a proteção da confidência ou sigilo. Embora possa haver mais exemplos, estes cinco provam que as exceções existem: conhecimento de apostasia intencional ou praticada (Dt 13.6-18), conhecimento de um assassinato (Êx 21.12-14; Nm 35.29-34; Dt 19.11-13, 21.1-9),

---

[2] A raiz hebraica é *nahgar*, que originalmente significa rolar ou revolver rapidamente. Adquiriu posteriormente o significado de falar rapidamente ou balbuciar. Finalmente, veio a significar tagarelice.

[3] A raiz hebraica é *rahcal*, que originalmente significa viajar de um lado para outro como comerciante. Adquiriu posteriormente significado de viajar de um lado para outro como comerciante de segredos e histórias.

[4] A passagem de Êxodo 20.16 usa *shahkehr*, que significa falsidade ou engano. A passagem de Deuteronômio 5.20 usa *shaveh*, que significa sem valor, vão ou falso.

[5] A palavra grega é *psithurismos*, que originalmente significa assobiar ou cochichar. Note a natureza onomatopeica da palavra. No Novo Testamento, ela é usada somente com sentido negativo de cochicho ou fofoca. Aquele que pratica tais coisas é um *psithuristes*.

[6] A palavra grega é *katalaleo*, que significa falar contra, falar mal de, difamar, caluniar. As palavras relacionadas são *katalalos* e *katalalia*.

conhecimento de fatos sob investigação legal (Lv 5.1), conhecimento de um pecado sem que haja arrependimento por parte do ofensor confrontado (Mt 18.15-17) e conhecimento de um pecado sem que haja arrependimento por parte de um líder da igreja (1Tm 5.19-21). A quebra de sigilo diante de um pecado não deve nos surpreender. Deus, o justo Juiz, exporá a maldade publicamente (cf. Sl 50). Em todas as exceções acima, a necessidade de expor pecados *ocultos* é clara; em várias, expor é um mandamento e, portanto, algo não opcional.

O terceiro conceito é que a confidência, nos casos de exceção, envolve falta de lealdade à Palavra de Deus e é, portanto, pecaminosa. Este conceito tem base em vários princípios bíblicos. Primeiro, em contextos legais, Deus ordena o testemunho honesto (Êx 20.16; Dt 5.20). A justiça é necessária para a vida em sociedade (Dt 16.18-20). O testemunho honesto é pedra angular da justiça (Êx 23.1-3,6-8). Segundo, Deus requer o testemunho em circunstâncias quando se está buscando a justiça; portanto, permanecer em silêncio quando chamados a testemunhar é incorrer em culpa (Lv 5.1). As autoridades instituídas por Deus[7] têm o direito de solicitar e receber testemunho verdadeiro para desempenhar suas atribuições legítimas. Terceiro, Deus requer ação justa contra os malfeitores (Sl 50.16-21; Rm 1.32; Ef 5.11). Associar-se com pessoas que persistem no pecado, aprovar seu pecado, ignorá-lo e não o expor, é pecado aos olhos de Deus. A neutralidade não é uma opção para o povo de Deus, pois Deus esteve sempre em guerra contra o pecado (Êx 34.10-17; Dt 7.1-11; 12.1-4; 2Co 7.14-18). Quarto, Deus requer ação justa para prevenir o pecado potencial (Êx 21.33; Dt 22.8, Pv 24.11; 1Tm 5.22; Jd 22,23). Não procurar impedir o mal é incorrer em culpa (Êx 21.34; Dt 22.8; Pv 24.12; 1Tm 5.22). No Antigo Testamento, em certos casos, era uma ofensa com pena de morte! (Êx 21.29)

O estudo destes princípios e dos textos de onde são extraídos leva-nos à conclusão de que permanecer em silêncio ou apático face a uma ofensa séria (biblicamente definida) é moralmente errado. O conselheiro ou confidente estaria encobrindo um pecado. Em outras situações, a falta de ação pode resultar em amargura (Lv 19.17-18). Se o silêncio é ouro, então aqui é um bezerro de ouro! Deus requer ação. Nestes casos, a confidência implicaria deslealdade a outras pessoas e à justiça ordenada por Deus. Outras pessoas e o próprio Deus têm um direito à lealdade do conselheiro que ultrapassa o direito do aconselhado. A confidência inadequada pode resultar em prejuízo sério à própria

[7] Em Levítico 5.1, a autoridade é governamental. Por inferência, a família e a igreja também teriam o direito a tal testemunho visto que são autoridades instituídas por Deus de importância maior do que o estado. A família é a unidade básica de autoridade. Deus a criou primeiro e construiu tudo mais ao redor dela (cf. Gn 1-2). O estado é responsável pelos relacionamentos familiares somente quando a autoridade do lar falha ou é ineficaz, conforme exemplificado em Deuteronômio 21.18-21. A igreja é a segunda instituição em questão de autoridade. Ela não governa as questões familiares a menos que ocorra a situação mencionada acima, mas está acima do estado na hierarquia de Deus. Os cristãos julgarão o mundo e os próprios anjos (cf. 1Co 6.1-5). O governo de Deus sobrepuja o dos homens (At 4.18-19; 5.27-29). Portanto, a autoridade de Deus sobrepuja a do estado.

pessoa que a deseja, à sua família, à sua igreja, à estrutura social na qual ela vive, e acima de tudo, à honra de Deus.

Princípios de confidência

Diante do que acabamos de ver, os seguintes princípios gerais de confidência podem ser úteis como diretrizes:

Princípio Nº 1:

A confidência ou lealdade a um aconselhado é a regra geral[8].

Princípio Nº 2:

Quando o conhecimento de um pecado ou pecado em potencial contra Deus e o próximo vem à tona, a(s) pessoa(s) deve(m) ser exortada(s) ao arrependimento para que haja restauração e justiça biblicamente definida[9].

Princípio Nº 3:

Quando a exortação falha, a ação apropriada é contatar as devidas autoridades instituídas por Deus para exortação adicional e disciplina. Essas autoridades são a família, a igreja e a sociedade.

Princípio Nº 4:

Uma promessa ou suposição de confidência total em todas as circunstâncias é inadequada para os conselheiros em geral e os conselheiros cristãos em particular[10].

Aplicação dos princípios

Voltando às questões que incomodavam o diretor do centro de atendimento à gravidez indesejada, faremos aplicações dos princípios gerais que se mostram válidas para uma grande maioria de casos. Em determinadas circunstâncias, pode haver exceções.

Uma gestante menor de idade procura aconselhamento. Ela exige confidência total. Você deve aceitar esta exigência? Não, seus pais devem ser notificados e deve-se buscar a reconciliação. A família é a unidade básica de autoridade divina (cf.

[8] R. I. Rushdooney. "Corroboration", *The Institutes of Biblical Law*. (The Craig Press, 1973), p. 565-569. Este artigo oferece uma contribuição útil tocando de forma resumida na natureza da confidência em geral e tratando em particular da comunicação confidencial.

[9] Ibid. p. 567. "A comunicação confidencial repousa sobre o pressuposto das funções religiosas do pastor e do médico como servos de Deus no ministério de cura. O relacionamento com eles não é portanto domínio do agente humano, mas de Deus. Isso não nega o dever do pastor ou do médico de instar uma pessoa à restituição ou confissão quando devido. É seu dever defender a lei de Deus exigindo conformidade com ela por parte de todos que os procuram".

[10] Sessila Bok, "The Profissional Secret: The Limits of Confidentiality". *The Hasting Center Report*. Fev. 83, p. 24- 31. Este artigo é útil embora não tenha sido escrito de uma perspectiva cristã. Bok defende a confidência com base em quatro premissas: autonomia individual com respeito a informações pessoais, respeito e intimidade nos relacionamentos humanos, a obrigação criada por uma promessa de silêncio, e o benefício da confidência para aqueles que necessitam de conselho, refúgio e ajuda. Ela reconhece que todas são válidas embora não absoluta, visto que todas podem resultar em sérios prejuízos para terceiros. Bok conclui dizendo: "Os pressupostos que dão apoio à confidência são fortes, mas não podem apoiar a prática do sigilo – seja por indivíduos, instituições ou profissionais – que mina ou contradiz o verdadeiro respeito pelas pessoas e pelos laços humanos que a confidência tenciona proteger".

nota de rodapé 6). Deus dá ao pai autoridade sobre a filha. Consentir com seu desejo de sigilo é violar a estrutura familiar. Uma defesa legal do seu direito de privacidade é inadequada. O conselheiro não deve ser desleal à família nem à Palavra de Deus. Deve-se dar a devida importância às questões delicadas e complexas de como envolver a família e conseguir a reconciliação. Entretanto, elas não mudam o princípio básico. Neste caso, entra em cena uma lealdade superior àquela devida ao indivíduo.

Uma mulher grávida chega com um pedido de aborto e não quer que seu marido saiba que ela está grávida. Você deve ocultar do marido esta informação? Não, seu marido precisa saber. Ele é o cabeça da casa e da esposa (Ef 5.22-23). Ocultar dele esta informação seria uma violação de sua liderança. Essa deslealdade poderia impedi-lo de exercer uma pressão bíblica para evitar que a esposa assassine a criança.

Uma mulher casada que congrega em sua igreja local suspeita de que está grávida de um membro da igreja pertencente a um grupo racial diferente do dela e de seu marido. Ela afirma que está sinceramente arrependida de seu pecado e desejosa de se acertar com o Senhor e renovar o compromisso conjugal. Entretanto, ela quer ter um aborto e quer que você não diga nada a ninguém. Todos os seus conselhos sobre os frutos dignos de arrependimento parecem cair em ouvidos surdos. Ela parece querer um novo começo sem encarar os problemas. Ela está determinada a voltar para Deus, mas só depois do aborto, e tenta induzi-lo ao sigilo. Diante da sua hesitação, ela ameaça negar tudo quanto você falar com qualquer outra pessoa. Você mantém a confidência? Não, você deve confirmar os fatos com o outro homem. Se são verdadeiros, precisam ser tratados. O marido precisa ser informado e o casal deve ser aconselhado. Se ela não corresponder, Mateus 18.15-20[11] deve ser seguido. A deslealdade ao marido, à igreja e ao Senhor não pode ficar envolta no silêncio. Conquanto este seja um caso particularmente difícil, visto não haver testemunhas, o processo bíblico de disciplina eclesiástica se faz necessário.

Embora possam surgir elementos secundários com potencial para resultar em exceções, as quatro regras gerais são úteis para trabalhar estes casos. As decisões angustiantes que você terá de tomar tornam-se um pouco mais fáceis de tomar quando você tem a Palavra segura de Deus como guia. Equilibrar a lealdade que devemos a indivíduos, às famílias, ao corpo de Cristo e às autoridades civis não é fácil. Mas ainda temos uma luz para guiar nosso caminho. Louve a Deus por esta lâmpada. Agora você pode ir para o artigo seguinte.

[11] Em Mateus 18.15ss, Jesus ordena que os fatos sejam revelados a um círculo maior quando um irmão não se arrepende e recusa a reconciliação no contexto mais restrito. A reconciliação deve acontecer num contexto restrito sempre que possível.

As Cinco Linguagens do Amor

Gary Chapman (São Paulo: Nexo, 1997. 209 p.)



Resenha por David Powlison[1]

Recentemente, um amigo fez uma pergunta que considero ser do interesse de muitos. Ele escreveu: "Estou perplexo com as ideias apresentadas no livro de Gary Chapman sobre as cinco linguagens do amor. Algumas delas parecem fazer sentido. Descrevem com precisão certas diferenças entre minha esposa e eu. Sou uma pessoa para quem as ações falam mais alto que as palavras; ela é ligada em *compartilhar honesto* e *tempo de qualidade*. Nossos conflitos frequentemente se resumem a colisões entre nossas expectativas, que são muito diferentes. Temos aprendido que parte de amar um ao outro é dar o que realmente abençoa o outro. Mas algo no livro parece não estar certo. Assemelha-se a uma forma santificada de "você coça minhas costas e eu coçarei a suas".

A reação deste homem a *As Cinco Linguagens do Amor* capta em sua essência os pontos fortes que podem nos ser úteis e as fraquezas básicas deste e de outros livros semelhantes. Positivamente, o livro acerta em cheio quando descreve aquilo que costuma normalmente "ligar" as pessoas. Por exemplo,

- O amor pode ser *expresso* de muitas formas diferentes. Descrevê-las como "linguagens" capta de modo vívido esta variedade, e

[1] Tradução e adaptação de *Love Speaks Many Languages*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling,* v. 21, n.1, Fall 2002, p. 2-11.

Chapman e vários coautores escreveram livros complementares mais precisamente dirigidos a crianças e adolescentes. Outros livros populares do mesmo gênero são *His Needs, Her Needs* de Willard Harley ("Tome conhecimento das necessidades emocionais do outro e aprenda a saciá-las... As dez necessidades emocionais são admiração, afeição, conversa, apoio doméstico, compromisso familiar, apoio financeiro, honestidade e abertura, atração física, companheirismo recreativo e satisfação sexual"); e *Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus* de John Gray ("Homens e mulheres dão o tipo de amor de que eles necessitam e não o que o sexo oposto necessita. Os homens necessitam essencialmente de um tipo de amor que expressa confiança, aceitação e apreciação. As mulheres necessitam essencialmente de um tipo de amor que expressa cuidado, compreensão e respeito.")

sugere possíveis dificuldades na comunicação. É uma metáfora excelente.

◆ As pessoas passam pela *experiência* de serem amadas de diferentes maneiras. Com frequência, o seu cuidado por outros ou o cuidado de outros por você comunica ou deixa de fazê-lo, dependendo da linguagem do "comunicador" ser a linguagem do "ouvinte".

◆ As pessoas tendem a demonstrar amor umas às outras assim como querem recebê-lo, independentemente de estarem ou não falando a linguagem da outra pessoa.

◆ Quando as pessoas não recebem o que querem ou não dão o que os outros querem, o resultado tende a ser ira e distanciamento.

Além destas descrições precisas da vivência diária, alguns dos conselhos que Chapman oferece são construtivos:

◆ Aprenda a linguagem da outra pessoa para amá-la de maneira mais atenciosa. Visto que o amor considera os interesses do próximo, faz sentido considerar com atenção o que abençoa *aquele* ser humano em especial.

◆ Tome a iniciativa de amar e persista, independentemente de ver mudanças na vida da outra pessoa. O verdadeiro amor dá sem procurar receber.

Portanto, conforme disse meu amigo, quando ele se dispõe a amar adequadamente sua esposa, ambos sentam-se com regularidade para simplesmente conversar por uma hora ou duas. Ele a coloca a par de suas alegrias e lutas, e procura descobrir as dela. O relacionamento floresce quando eles se comunicam um com o outro. Quando ela o ama adequadamente, ela divide com ele as tarefas e responsabilidades, buscando meios de tirar pesos dos ombros dele. O relacionamento floresce quando eles ajudam um ao outro.

As "linguagens do amor" descrevem maneiras diferentes de afagar pessoas diferentes. Meu amigo sente-se amado (e tende a expressar amor) pela "Linguagem de Amor nº 4: Formas de Servir": ajudar, prover, proteger, e outros meios pelos quais as ações falam mais alto do que as palavras. Por outro lado, sua esposa sente-se amada (e tende a mostrar amor) pela "Linguagem de amor nº 2: Qualidade de Tempo": um compartilhar franco que gera entendimento mútuo e uma atmosfera de confiança.

Cada uma das outras três linguagens de amor discutidas em *As Cinco Linguagens do Amor (5LA)* – palavras de afirmação (nº 1), receber presentes (nº 3) e toque físico (nº 5) – também são faladas com fluência natural por diferentes pessoas. Este conhecimento mútuo pode nos ajudar. Agir de acordo com ele adoça os relacionamentos.

Do ponto de vista teológico, que fenômeno Chapman está observando? As diferenças que ele destaca expressam o resultado do trabalho criativo de Deus e da Sua providência. Deus cria as pessoas com uma variedade ampla de personalidades, interesses e motivações (revestimentos para o âmago comum da natureza humana). Ele provê e governa uma diversidade grande de experiências e oportunidades de vida, socialização e aculturação (que também acrescentam um colorido ao âmago central que temos em comum). Estas variações se expressam em nossas diferenças pessoais que, com frequência, são bem acentuadas. Além do mais, o Senhor de toda a terra parece muitas vezes unir pelo casamento as pessoas que se "ligam" de

maneiras diferentes. Como resultado, temos uma entre duas escolhas: crescermos para completar um ao outro, aprendendo a dar um amor inteligente, ou queimarmos o casamento no campo de batalha de exigências insistentemente diferentes.

5LA também descreve com precisão como costumamos falhar na tentativa de amar aos outros. Nossa tendência é fazer aos outros exatamente as *mesmas* coisas que queremos que eles nos façam, sem considerar verdadeiramente os seus interesses. Por exemplo, certa vez no aniversário de meu pai, meu irmão e eu o presenteamos com um kit para construir um modelo em escala de um *U.S.S. Constitution* repleto de detalhes minuciosos do cordame à pintura. Meu pai gosta de caminhar, acampar, nadar e velejar, mas nunca soube o que foi sentar e fazer um trabalho manual. Você consegue adivinhar quem gostava de montar modelos? Nós amávamos papai, mas não o amávamos tão bem.

Obviamente, as *violações* mais básicas da Regra Áurea ocorrem simplesmente quando tratamos mal outras pessoas, fazendo e dizendo coisas maliciosas que detestaríamos que fossem feitas ou ditas a nós. Mas talvez o *equívoco* mais comum da Regra Áurea é que, mesmo na tentativa de amar aos outros, fazemos o que gostaríamos de receber. Trata-se de uma forma menos má de egocentrismo, caracterizando-se mais pela falta de habilidade e ignorância do que pela má intenção. Esta falta de habilidade e ignorância é o problema a que *5LA* se dirige, na melhor das hipóteses. No entanto, Chapman acrescenta a afirmação de que uma pessoa trata mal as demais – ofende, expressa ira – porque *os outros*, por ignorar a linguagem certa do amor, não a amaram nem encheram seu tanque de necessidades. Voltaremos mais adiante a esta afirmação questionável.

Chapman explora um instinto profundo da natureza humana. Se você der às pessoas aquilo que as faz se sentirem satisfeitas, elas tenderão a retribuir. Se você prestar atenção àquilo que acerta em cheio no seu cônjuge (ou pai, colega de quarto, filhos, chefe ou colegas de trabalho), então você tratará melhor esta pessoa. É provável que ela também o trate melhor. Ao mesmo tempo, se você lhe pedir de maneira clara e simples (menos exigente, menos indireta) o que você deseja receber, é provável que seja melhor atendido. Por outro lado, cônjuges (e pais, professores, chefes, vendedores, pastores e outros conselheiros) que não prestam atenção nenhuma àquilo que faz a outra pessoa ficar feliz – que são hostis ou que não moldam seus esforços para atingir os outros – tratam mal as pessoas e criam distanciamento.

Digamos que eu queira comprar uma minivan. Se o vendedor de carros X me vender um veículo em más condições por um preço exorbitante, eu não gostarei nem um pouco dele. Visto que ele fez uma *maldade*, procurarei recursos legais, buscarei reparação e darei queixa no Procon. Se o vendedor Y tentar me vender um carro esportivo, quando na verdade eu estou procurando uma minivan, eu simplesmente não gostarei dele. Visto que ele *não é habilidoso*, é pouco provável que eu faça negócio com ele ou o recomende para meus amigos. Mas se o vendedor Z me vender por um preço razoável a minivan que eu quero, eu gostarei dele. Ele me deu o que eu estava procurando. Visto que ele foi *útil* à realização dos meus planos, contarei aos meus amigos. Ele satisfez meu desejo de ter uma minivan e eu satisfiz seu desejo de ganhar comissão;

desta forma, nós nos demos bem. *5LA* pretende transformar pessoas *não habilidosas* em pessoas *úteis*. Mas não está falando em vendedores como Mr. X nem compradores que querem adquirir uma nova minivan a cada semana.

Com que ideia Chapman está lidando aqui? Sem querer, ele eleva a observação que "até publicanos, gentios e pecadores amam aqueles que os amam" (cf. Mt 5.46,47; Lc 6.32-33) a um princípio orientador para os relacionamentos humanos. Esta é a mola propulsora do seu modelo. Este é instinto a que ele apela em seus leitores. Se eu coçar as suas costas, você tenderá a coçar as minhas. Se você ficar feliz em me ver, minha tendência será ficar feliz em vê-lo também. Desta forma, *5LA* o ensina a ficar ciente do que os outros querem e, então, recomenda que você os satisfaça. Este é o princípio por trás dos livros *Como fazer Amigos e Influenciar Pessoas* e *O gerente 30 segundos.* É a dinâmica operante em centenas de outros livros sobre "habilidades de relacionamento" ou "habilidades para vender" ou "como encontrar o amor que você procura". Identifique as necessidades que outros sentem, satisfaça-as, e é provável que seus relacionamentos corram razoavelmente bem.

Em geral, aqueles que dão atenção aos outros são queridos. Isso não é necessariamente mau, enquanto funciona. Mas isso não vai muito longe, pode facilmente não dar certo, além de que ignora outros elementos realmente importantes que estão envolvidos na questão. Por exemplo, quando a multidão estava faminta, Jesus a alimentou e foi bem acolhido – mas quando Ele tentou *mudar* a preocupação daquela multidão, tratando da sua obsessão por pão, houve reclamação. Quando Marta e Maria perderam seu irmão, Jesus lhes devolveu Lázaro – mas não sem antes trabalhar para *mudar* o que elas queriam e precisavam realmente. Quando Jesus curou a mulher encurvada e repreendeu os líderes religiosos, estes líderes ficaram enraivecidos e humilhados. Eles não receberam nenhuma palavra de afirmação nem benefício e não gostaram nada disso. Mas a multidão amava Jesus por aquilo que Ele fazia em seu favor. Ele a *convidou*, então, para Seu reino, esquadrinhando corações, expondo sua motivação de vida – e a reação da multidão ficou mais intricada. Quando o servo astuto deu uma mão aos devedores do seu senhor, eles o louvaram e lhe deram as boas-vindas – então Jesus *mudou* o foco: será que o céu lhe dará as boas-vindas?

Poderíamos dizer que Chapman oferece uma pitada de sabedoria prática e moral a respeito de como "você, sendo mau, *pode aprender como* dar boas coisas a seus filhos e cônjuge" (uma adaptação de Lucas 11.13). Até certo ponto, *5LA* pode ser um livro informativo, que corrige a ignorância a respeito de como as pessoas diferem umas das outras e nos conscientiza dos padrões e expectativas que levamos para os relacionamentos. As exortações para que tomemos a iniciativa de dar podem fazer do mundo um lugar melhor, com um tratamento mais atencioso de uns para com os outros: "Posso dizer que vários dos casais que ouviram estes conceitos em meus seminários, disseram que o fato de escolherem amar e expressar carinho na linguagem de amor do seu cônjuge provocou uma enorme diferença em seus casamentos... Cria-se um clima onde o casal consegue lidar com as outras áreas de vida de forma muito mais produtiva" (p. 177-178).

Até aqui, tudo bem. Não coloco em dúvida que os testemunhos a respeito de

casamentos mais felizes sejam honestos (embora um pouco sentimentais). A graça comum, mesmo entre publicanos, faz algum bem neste mundo. Ela eleva o relacionamento humano acima do nível do puro interesse pessoal, manipulação, antagonismo ou intimidação. Os casamentos selvagens tornam-se mais felizes quando os casais aprendem a trabalhar algumas dinâmicas de "dá cá toma lá". Se eu amar alguém com sabedoria, atentarei para aquilo que comunica cuidado e preocupação a *esta* pessoa em particular – não à humanidade em geral, não a mim nem a outra pessoa com quem conversei.

As linguagens do amor são parte da história das relações humanas. Mas falar as linguagens de amor não é certamente a história toda. Na verdade, quando isto passa a ser a história toda, é sabedoria prática *imoral* – manipulação, aproveitamento ou ambos. Fazer algo bom às pessoas, de modo tangível, é parte da prática de considerar os interesses dos outros. Mas para amá-los de verdade, você geralmente precisa ajudá-los a ver sua "coceira" como idólatra, e despertar neles uma "coceira" bem mais séria! Isso é cristianismo básico. *5LA* não o ensina a amar neste nível mais profundo e decisivo. As *razões* de Chapman para dar aos outros um amor adequado, sua *explicação* do resultado de falar a linguagem de amor de outros, seu *alvo* principal para o casamento e sua avaliação do *significado* das linguagens do amor são deploráveis.

As premissas centrais de *5LA* são simplesmente falsas. Elas se desviam do verdadeiro problema que mais precisa de solução. Chapman escreve:

> Será que lá no interior de cada um desses casais machucados existe um indicador invisível de um "tanque" vazio? Será que esses comportamentos inadequados, separações, palavras duras e espírito crítico acontecem devido a esse "tanque" vazio? Se pudermos achar uma forma de enchê-lo, será que o casamento renasceria? O "tanque" cheio possibilitaria que os casais criassem um clima emocional onde seria possível discutir as diferenças e resolver os conflitos? Será que esse "tanque" é a chave para que um casamento perdure? (p. 23-24)

Leia novamente estas sentenças, devagar. Sem dúvida, as pessoas muitas vezes se sentem profundamente feridas e amargas quando não são amadas. Elas cometem adultério, esquivam-se do relacionamento, brigam e julgam quando percebem que seus cônjuges estão em falta para com elas. Mas pense mais a respeito disso. Se você fosse amado, se seu cônjuge, seus pais ou seus amigos agissem melhor, os seus problemas estariam fundamentalmente resolvidos? Será que um tanque de amor vazio é a *causa* de você tratar outros mal? Você retorna mal por mal porque alguém cometeu uma maldade contra você? Se os tanques de amor pudessem ser enchidos por toda parte, se outros pudessem falar a sua linguagem e você, falar a deles, isso realmente produziria um reino de doçura e suavidade nos relacionamentos? Se você pudesse dar aos outros aquilo de que precisam, na medida certa, eles o amariam em troca? O princípio de que "os gentios amam aqueles que os amam" é realmente a *chave* principal para produzir o sucesso e a felicidade matrimonial? A resposta a cada uma das perguntas deste parágrafo é um profundo NÃO.

O modelo das *5LA* está reprovado na matéria mais elementar sobre a natureza humana. Como todas as interpretações seculares da dinâmica psicológica do ser humano (mesmo quando ligeiramente cristianizadas), ele faz algumas boas observações e oferece alguns conselhos, em parte, apropriados (do tipo que o esforço próprio pode de vez em quando seguir). Mas ele não entende verdadeiramente a psicologia humana. Este erro fundamental no entendimento tem efeitos sistemáticos de distorção e engano. A situação do homem caído resultou não apenas em ignorância sobre como melhor amar aos outros, mas também na falta obstinada de disposição e habilidade para amar. Ela traz arraigada a percepção de que nossa cobiça pode ser traduzida por necessidades ou um vazio interior provocado por desapontamentos com outros. O constructo do tanque emocional vazio é próprio dos nossos instintos caídos, mas não promove transformação. Ele faz daquilo que queremos instintivamente um bem inquestionável, que deve ser de alguma forma satisfeito; não apenas deixa de contestar o interesse próprio que está na essência do ser humano, mas atua a favor do interesse próprio. Chapman dá aos publicanos, gentios e pecadores algo que eles podem fazer por si mesmos e que pode funcionar para torná-los mais felizes. Os casos de estudo acabam com "Meu tanque de amor nunca esteve tão cheio e nunca antes estive tão feliz". Parece mais com ópio para o povo do que com a revolução necessária para implantar o reino de alegria genuína e tesouros duradouros. O modelo de Chapman tem por premissa uma economia de dar para receber: "Eu darei para encher seu tanque de amor. Mas por trás estou sempre considerando se e quando eu terei meu próprio tanque cheio".

Por um lado, o modelo cria uma economia de amor que é altamente sentimentalista. Por exemplo, por que uma pessoa comete adultério? "Milhares de esposos e esposas também já enfrentaram isso: o vazio emocional; querem fazer a coisa certa, não desejam machucar alguém, mas, devido às carências emocionais, sentem-se compelidos a buscar o amor fora do matrimônio" (p. 133). Isto retrata o pobre adúltero como uma vítima, tão bem intencionado, tão necessitado, tão desapontado com a falta de capacidade de outros para amá-lo da maneira certa. A autocomiseração e justiça própria do adúltero são nitidamente preservadas pela ideia do tanque vazio de amor. Não há um chamado para que você encare a verdade sobre si mesmo, tema ao Senhor, arrependa-se e mude totalmente a orientação de vida. Não há necessidade de um substituto para receber a sentença de morte pelos crimes que você cometeu. Não há necessidade de águas vivas e ressurreição por você estar morto em pecado e adorando a cobiça com o pseudônimo de "necessidades emocionais".

Por outro lado, este modelo cria uma economia do amor que é cruel e sedutora. Por exemplo, por que nossos filhos agem de uma maneira ou de outra?

> Porém, se a carência emocional não for suprida, podem chegar a violar determinados padrões, ou expressar a ira contra seus pais, por eles não terem suprido suas necessidades. Isso também os levará a procurar amor em lugares inadequados... Acho que grande parte das crianças e adolescentes com comportamento inadequado têm por trás um tanque vazio...

> O número crescente de adolescentes que fogem de suas casas e quebram lei após lei indica que, muitos pais, apesar de bem intencionados e de tentarem sinceramente expressar amor a seus filhos, ainda falam com eles a linguagem do amor errada. (p. 167, 174, 179)

Perceba mais uma vez o sentimentalismo a respeito de ambas as partes: você tinha boas intenções e seus filhos estão simplesmente rodando com o tanque vazio. Na verdade, nem você nem eles fizeram algo que pudesse necessitar do sangue de Cristo a seu favor.

Perceba também a crueldade: a sua ignorância causou o problema de Joãozinho ao esvaziar o tanque emocional dele. Pais, se apenas vocês tivessem enchido seu tanque e se relacionado melhor com ele... Esta lógica é amarga. Mas repare também que ela ainda é extremamente sedutora, devido à mesma dinâmica de causa e efeito. A habilidade para reparar a situação está ao seu alcance. Se Joãozinho faz coisas más porque você deixou de encher o seu tanque, então a possibilidade de restaurá-lo também está significativamente em seu poder. É só começar a falar a linguagem dele. Claro que ninguém pode garantir o resultado, mas podemos chegar bem perto: "Se tudo prosseguir bem e suas necessidades emocionais forem supridas, tudo se encaminhará para que [os filhos] se tornem adultos responsáveis" (p. 167). Este é um sonho de psicólogo, não uma esperança cristã[2].

O mesmo princípio cruelmente sedutor aplica-se para ganhar de volta um cônjuge adúltero ou hostil. Dedique-se a encher o tanque da outra pessoa – por exemplo, usando de elogios e disponibilidade sexual (p. 149-163). Há uma "boa possibilidade" de que o cônjuge que até agora está agindo mal corresponda, pois "nossa necessidade de amor emocional é a carência mais profunda que possuímos, e quando essa necessidade é suprida, a tendência natural é respondermos positivamente à pessoa que nos supriu" (p. 155). Até o chamado de Deus a "amar seus inimigos", a que Chapman se refere extensivamente nesta seção, curva-se diante do paradigma que "os gentios amam aqueles que os amam" e não do chamado bíblico para algo qualitativamente diferente. Chapman motiva uma esposa amargurada a amar o seu esposo também amargurado durante seis meses com a visão de encher gradualmente seu tanque de amor a fim de que ele retribua, finalmente, e encha o tanque dela. Enquanto Jesus diz "Não espere nada em troca" (cf. Lc 6.35) e testa nossa motivação de vida pela maneira de lidarmos com o mal, essa mulher age na esperança de ter seus sonhos satisfeitos.

5LA altera ligeiramente a equação "Você coça as minhas costas, eu coçarei as suas". É uma "versão santificada", que dá um passo pequeno na direção certa ao reverter a ordem "Eu coço as suas costas (e então é provável que você coce as minhas)". A inteira filosofia operacional de Chapman poderia ser resumida desta forma: "Eu descobrirei onde você tem coceira e coçarei suas costas para que você se sinta melhor. Ao longo do caminho, farei com que você saiba de minhas coceiras de maneira não exigente. Você se sentirá bem a meu

[2] Perceba que não estou dizendo que os pais não devem "falar a linguagem de Joãozinho" como parte de seu esforço para amá-lo adequadamente. Estou questionando a interpretação de Chapman do que este amor inteligente significa e o que ele provoca.

respeito porque as suas costas estarão sendo coçadas, portanto é provável que você finalmente coce as minhas costas também". Chapman suaviza a exigência e encoraja a iniciativa unilateral, mas tudo continua preso a um interesse próprio fundamental. *5LA* substitui o interesse próprio declarado por um interesse próprio civilizado. "Eu dou, esperando receber" é um passo além de "Eu só dou se eu tiver recebido", mas não é tão diferente. A música da relação entre dar e receber ainda toca na nota do RECEBER, embora o arranjo seja diferente.

Na mesma semana em que eu li *5LA* li também o livro de Anne Lamott sobre redação, *Bird by Bird*[3]. Lamott é um dos santos mais incivilizados – o tipo de crente excêntrico que faz com que fiquemos maravilhados da bondade de Deus e um pouco desconfortáveis ao mesmo tempo! Ela vê muitas coisas com uma clareza seca e nunca faz elogios. Fiquei pensando qual seria a linguagem de amor de Anne Lamott. Curiosamente, ela trata por alto de cada um dos cinco elementos que Chapman chama de "linguagens do amor". Mas nenhuma delas é sua linguagem real.

Não há dúvida de que Anne Lamott *gosta* de palavras de afirmação e boas resenhas de livros (LA nº 1), mas ela diz que estas podem ser "cocaína para o ego". Ela *gosta* de qualidade de tempo com pessoas amigas (LA nº 2), mas o que vem à tona quando você conhece de perto as pessoas é muitas vezes ambíguo ou até terrível. Ela *gosta* de receber presentes atenciosos, um buquê de flores à porta ou uma refeição pronta quando ela está muito ocupada (LA nº 3), mas estes pequenos favores revelam um abismo de necessidade infinita de que tudo esteja bem neste mundo. Ela *gosta* quando os outros a ajudam, ou quando ela ajuda os outros como professora ou como parte de seu ministério em uma clínica de repouso (LA nº 4), mas no final do dia ela ainda está sozinha diante daquilo que ela mesma deve fazer para viver a vida com integridade. Ela *gosta* de toque físico (LA nº 5), mas ela sabe que há uma grande ambivalência porque o toque muitas vezes é impróprio.

O texto de Lamott visa retratar honestamente as forças escuras e violentas que atuam no vórtice da condição humana. Eu diria que ela quer *realmente* uma coisa – a sua linguagem principal de amor é: "Oh nosso Deus e único Salvador, tenha misericórdia de nós. Remova o pecado e a miséria que nos assediam tão de perto. Destrua o mal e a perversidade de dentro de nós. Destrua a dor e a morte que nos sobrevêm. Senhor, tenha misericórdia de nós". Ela tem um tanque de redenção vazio.

O mundo de Gary Chapman parece tão ensolarado e alegre, tão fácil, tão prosaico em comparação com o de Lamott. Os problemas da vida parecem tão fáceis de resolver. Seu conselho é tão exequível. Um pouco de educação e um pouco de esforço próprio é o suficiente para a vida sorrir. Os casamentos em seu livro não precisam do sangue de Cristo. As pessoas não *necessitam* de ajuda e poder de fora de si mesmas para achar a direção certa. Elas não *necessitam* que Jesus volte, porque consideram o conserto atual adequado. Ora, não faria mal a Anne Lamott ser um pouco mais leve de vez em quando. Mas *5LA* é fácil demais. Tiraria proveito de uma boa dose de realismo e de salvação.

[3] Anne Lamott, *Bird by Bird* (New York: Alfred A. Knopf, 1995). A autora conta a história da sua fé em *Traveling Mercies* (New York: Alfred A. Knopf, 2000).

Chapman trata os desejos como dádivas, como "linguagens do amor" a serem faladas para encher "tanques de amor" que se esvaziam. Ele nunca lida com o fato de que as pessoas possam *desejar* o mal. Imoralidade, violência, vontade obstinada, alcoolismo, obsessão com a carreira, a aparência, o dinheiro, a casa ou a reputação – será que estes desejos vêm de lugares vazios no interior de pessoas essencialmente boas? Creio que não. Tais coisas surgem do mal ativo que há dentro de nós. Chapman nunca lida com o fato de que até mesmo os desejos por coisas boas podem ainda ser *desejos maus* na análise de Deus com base naquilo que nos motiva. A sua "linguagem do amor" (como a minha, como as das pessoas nos casos de estudo de Chapman) é uma mistura singular de criação e queda.

Por exemplo, eu me animo com conversas íntimas, com conhecer honestamente e ser conhecido em um contexto de amor e preocupação mútua. Eu gosto de entender e ser entendido: LA nº 2. É parte da razão por que eu amo o aconselhamento e a oportunidade de conhecer realmente as pessoas em um contexto construtivo. Isto aponta para uma maneira importante dos amigos me abençoarem e nos darmos bem. Mas também descreve um monstro interior capaz de engolir o universo. Uma linguagem do amor tende instintivamente a ver toda a realidade por meio das lentes das "minhas necessidades" (mesmo que eu nunca leia um livro ensinando a chamar isso de necessidade). Pode ser uma linguagem de cobiça, que permite medir o quanto o tanque de cobiça está relativamente vazio ou cheio. Descobri que um teste ardente para o meu coração é lidar com situações em que sou mal-entendido, caricaturado, insultado, humilhado – não quando sou conhecido e amado apropriadamente! É quando alguém não fala a minha "linguagem do amor" que eu descubro do que sou feito e, pela graça de Deus, começo a mudar minhas motivações de vida. Os desejos por coisas boas tornam-se facilmente exigências dominadoras capazes de escravizar as próprias pessoas que fossem falar minha linguagem – ou a sua. A cobiça que perverte tais linguagens coloca uma lei ímpia que comanda e julga o desempenho dos outros aos olhos de um rei ímpio[4].

Os casais de Chapman não chegam ao arrependimento e perdão pelos quais anseiam e vivem, os propósitos de vida em torno dos quais organizam suas experiências. *5LA* amplia o som baixo que bate no mais profundo dos corações caídos. Não muda a música nem oferece razão intrínseca alguma para adorar o Cristo crucificado, viver com um coração grato, arrepender-se de amar apenas aqueles que o amam, de modo que seja possível aprender a amar realmente os inimigos por amor a Cristo.

Em um estudo exaustivo de um caso de adultério, Chapman simplesmente descreve um homem esgotado, que se sente mal quando sua amante para de lhe dar o que ele deseja. Quando seu tanque se esvazia novamente, ele retorna ao aconselhamento onde ele e sua esposa decidem aprender a falar a linguagem do amor apropriada para encher os tanques um do outro (p. 132-139). Ela preenche as necessidades

[4] Novamente, lembre-se que estamos criticando as premissas, as dinâmicas explicativas e os objetivos de *5LA*, não o chamado a tratar os outros com magnanimidade atenciosa.

que a amante deixou de preencher. Ele gosta disto, e retribui. Tudo está restaurado. Esta história em particular é espantosa. Não há uma maneira melhor de se dizer isto. Chapman embeleza nossas cobiças, ao invés de chamá-las pelo que de fato são aos olhos de Deus. Chame-as pelo nome certo e o Senhor da vida nos perdoará, pois Ele pode fazer morrer a natureza carnal obstinada. Coloque à morte a soberania da nossa linguagem do amor, e Ele nos fortalecerá pela graça e pelo poder propulsor de novos afetos que nos farão falar fluentemente uma linguagem nova.

O mais próximo que *5LA* chega da nossa necessidade do evangelho está em um parágrafo na página 178: "A habilidade de amar, especialmente quando o cônjuge não corresponde, parece ser impossível para alguns. Esse tipo de amor pode exigir que utilizemos nossos recursos espirituais". Parece impossível? Para alguns? Pode exigir que utilizemos os nossos recursos espirituais? Isto acaricia o nosso ego e insulta a Deus.

Jesus coloca as coisas sob uma luz diferente. A habilidade para amarmos verdadeiramente os inimigos, sermos perfeitos assim como nosso Pai celestial é perfeito e fazermos o bem generosamente mesmo aos ingratos e malvados exigiu que Cristo aprendesse a obediência por meio do sofrimento e morresse por causa da nossa inimizade natural com Deus. É preciso que o poder do Espírito Santo nos dê uma vida completamente nova. Também é preciso que a mão paciente do Pai faça um trabalho de poda visando um crescimento de que outra forma seria impossível – até mesmo inconcebível. Enfim, exige nada menos que um arrependimento radical, uma fé viva e uma renovação dos nossos corações por inteiro para que nós comecemos a aprender a amar de verdade. Esta fé que opera pelo amor é o produto de uma boa nova pela qual vale a pena viver e morrer.

Os casais de Chapman vivem em um mundo onde eles causam seus problemas e eles mesmos podem consertá-los (talvez com uma pequena ajuda, se necessário, para alguns). Os casais de Jesus vivem em um mundo muito mais desesperador. O derramamento misericordioso de sangue e uma nova criação são necessários para consertar o que está de fato errado em seus casamentos. É necessário que aprendam a se arrepender das suas linguagens de amor e tanques de amor inatos. Eles *precisam* de ajuda externa: os pobres de espírito são abençoados. Aos poucos, eles aprendem a dar uns aos outros algo bom e verdadeiro. Sim, eles falarão generosamente as linguagens do amor dos outros. Meu amigo se sentará e conversará intimamente com sua esposa. A redenção não fica aquém do que Chapman diz às pessoas para fazer. Mas é muito mais. E faz tudo por razões diferentes. Os casais de Jesus fazem muitas outras coisas além de procurar amar um ao outro de maneira apropriada. Eles buscam dar e receber perdão. Eles atribuem o nome certo às coisas. Eles promovem mudança redentora na motivação de vida dos cônjuges, assim como Deus os está transformando. Eles vivem para Deus, e não em função de conseguirem o que querem. Jesus ofereceu a Si mesmo como o pão da vida, embora o povo faminto almejasse nada além de pão para encher seus tanques de pão vazios! Após aquele leve gesto em direção ao evangelho na página 178, Chapman volta à sua defesa ruidosa da linguagem do amor.

O amor de Cristo fala uma "linguagem do amor" – misericórdia para com as pessoas terrivelmente egocêntricas – que ninguém mais a não ser Deus pode ouvir ou entender, a menos que Deus capacite para tanto. É uma linguagem que não podemos falar aos outros a menos que Deus nos faça fluentes, pois é uma linguagem essencialmente estranha a nós. Podemos dizer que a própria coceira (um ouvido para a linguagem de Deus) deve ser criada, pois vivemos em um estupor de coceira egoísta. O modelo apresentado em *5LA* não destaca essas formas extraordinárias de amor que não "falam sua linguagem". Você e eu precisamos aprender uma linguagem nova para nos tornarmos aptos a viver uns com os outros e com Deus. O maior amor já mostrado não fala a linguagem instintivamente egoísta dos que o recebem. O amor de Cristo fala de maneira *fundamentalmente* contrária à sua "linguagem do amor" e "necessidades sentidas". Será que alguém diz naturalmente: "Eu preciso que o Senhor me governe para que eu não seja mais governado por aquilo que quero"? Será que alguém diz naturalmente: "Por causa do teu nome, SENHOR, perdoa a minha iniquidade, que é grande" (Sl 25.11)? Será que alguém diz naturalmente: "Minha maior necessidade é misericórdia e, portanto, sabedoria para ser misericordioso. Eu anseio por redenção. Venha o Teu reino. Livra-nos do mal"?

A graça de Deus tem como propósito destruir o senhorio das cinco linguagens do amor, mesmo quando nos ensina a falar as incontáveis linguagens do amor com grande fluência. Considere a forma que as cinco linguagens de Chapman geralmente assumem na vida real.

- Palavras de afirmação? Eu me sinto amado quando a multidão aplaude e quando você me oferece elogios lisonjeiros do tipo "Espelho, espelho meu, quem é mais belo do que eu"?
- Qualidade de tempo? Eu me sinto amado quando você deixa tudo de lado para focalizar a mim, é inteiramente compreensivo, oferece amor incondicional, concorda com todas as minhas opiniões, nunca discorda de mim, não questiona o que digo nem me interrompe.
- Receber presentes? Eu me sinto amado quando você me paparica, dando dinheiro, comprando muitas coisas encantadoras, levando-me para viagens exóticas e tratando-me com mimo.
- Formas de servir? Eu me sinto amado quando você faz exatamente o que eu quero, não faz exigências e diz: "Sua vontade é uma ordem".
- Toque físico? Eu me sinto amado quando você satisfaz minhas fantasias sexuais excêntricas e me faz sentir a pessoa mais especial do mundo.

Note como cada uma das cinco linguagens do amor geralmente fala com um murmúrio ambíguo e ávido. Repare no buraco negro de exigência insaciável quando as linguagens do amor estão no comando, quando o tanque emocional governa com cetro de ferro ou com um sorriso falso que não resiste a um sorrisinho malicioso ou uma birra geniosa.

Geralmente, reconhecemos quando as "linguagens do amor" de outras pessoas crescem de modo abertamente petulante (Chapman nunca discute este problema). Raramente reconhecemos quando nossa própria linguagem ultrapassa os limites. E temos uma grande dificuldade para reconhecer que as linguagens do amor são

impróprias mesmo quando elas governam "razoavelmente". Elas nunca foram planejadas para que governassem.

No final das contas, um livro como *5LA* faz algumas observações interessantes. Ele pode destacar alguns detalhes que você talvez não tivesse notado antes. Você deve prestar atenção às várias linguagens da experiência humana, inclusive a sua. Ele oferece algumas dicas úteis que podem ajudá-lo a amar alguém melhor. Isso é bom. Mas é melhor que você não compre o raciocínio. *5LA* fala essencialmente "palavras torpes" (Ef 4.29) quando identifica e trata as necessidades reais da condição humana. Como isto é possível? Como as observações perceptivas, uma experiência ampla em casos de aconselhamento e alguns conselhos bons podem casar com uma dinâmica subjacente completamente incorreta? Como pode alguém que conhece as pessoas, e quer ajudá-las, entender a dinâmica real das nossas almas de modo tão errado?

5LA não é um fenômeno isolado neste aspecto, mas um lugar comum. O *tipo* de coisa que este livro faz encontra réplica em todos os textos elementares de psicologia, em cada uma das teorias da personalidade e em cada um dos livros de autoajuda nas estantes das livrarias mais frequentadas (e nas livrarias cristãs também!). Uma torrente de observações é desviada sistematicamente para categorias erradas; parte dos conselhos um tanto razoáveis é dirigida para direções erradas. O mesmo acontece em qualquer conversa em que a condição humana real não é tratada nem enfrentada, seja ela chamada de aconselhamento, terapia, uma boa conversa ou um bate-papo. Quando a análise do que está errado não leva diretamente às nossas necessidades da Pessoa e obra do Messias, então ela é supérflua. A solução torna-se necessariamente uma versão de "Paz, paz, quando não há paz".

Para onde você se volta quando está cego de dor e raiva, cheio de medo e desespero, desapontamentos e desejos? O que você faz se está afundado em fantasias de fuga e pesadelos, se está induzido por paixões sórdidas e padrões de autodestruição? Que ajuda há para você em meio a todo o inferno que existe em relacionamentos já rompidos ou em processo de rompimento? Será de ajuda buscar os padrões pelos quais os publicanos, gentios e pecadores tentam fazer a vida funcionar? É suficiente tentar fazer com que os outros se sintam bem a seu respeito na esperança de que eles o farão sentir-se bem a seu próprio respeito?

Cristo pode alcançar qualquer um de nós – pessoas cegas e indesejáveis, publicanos gentios, pecadores, cônjuges briguentos, todos, até mesmo as pessoas boas – e transformar graciosamente em filhos do Pai. Ele vive para transformar aqueles por quem Ele morreu.

Sim, ame generosamente e de maneira adequada. Minha oração é que o seu amor seja cada vez mais abundante em conhecimento verdadeiro e todo o discernimento. O amor inteligente é um dom de Deus, fruto do Espírito Santo.

Sim, tome uma iniciativa unilateral e não desista. Ame os seus inimigos. O amor que não é retribuído expressa a imagem do seu Pai.

Mas busque muito mais, também, e faça tudo por razões diferentes. "O amor de Cristo nos constrange, visto que um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam

mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou." Cresça fluentemente no amor de Cristo, a linguagem do amor que ninguém fala ou ouve naturalmente, mas que todos necessitam.

Conexão:

o poder restaurador dos relacionamentos humanos - o plano de Deus visando a cura emocional

Larry Crabb (São Paulo: Mundo Cristão, 1999. 285 p.)



Resenha por Winston Smith[1]

A leitura de *Conexão*, de autoria de Larry Crabb, foi uma experiência desafiadora para mim. Alguns pontos resultaram em grande encorajamento. Fiquei contente ao identificar neste livro várias ênfases novas em Crabb: a desilusão com a terapia profissional, uma confiança renovada na habilidade da igreja local para ministrar aos problemas em seus níveis mais profundos e entusiasmo com a identidade do crente em Cristo. Preocupa-me, porém, como Crabb trata estes temas importantes. Não resta dúvida de que *Conexão* é uma obra de cunho profundamente pessoal, em que Crabb expõe a sua alma. Consequentemente, ele busca a verdade a partir de relatos pessoais, fazendo uso de linguagem existencial e até mística, que carrega um potencial de engano e perigo. Além do mais, antigos conceitos errados sobre a natureza básica do homem e do pecado continuam centrais em seu sistema. Mas quer você se sinta encorajado pela leitura de *Conexão*, um tanto incomodado, ou mesmo ambos, fica evidente que *Conexão* representa um ponto crucial na obra de Crabb, que deve incitar novas respostas não apenas por parte dos velhos críticos, mas também dos aliados tradicionais.

A mensagem de *Conexão* é que a igreja evangélica tem entendido mal a tarefa do aconselhamento. Por um lado, a abordagem terapêutica relegou o processo de aconselhamento a profissionais cujo alvo principal é curar por meio de *insight* psicológico; implícita ou explicitamente, ela rotulou a igreja de inadequada para lidar com os problemas da vida e fez de Deus mais um assistente do que o centro do processo de aconselhamento. Por outro lado, os advogados do aconselhamento

[1] Tradução e adaptação de *Connecting: A Radical New Vision*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.17, n. 3, Spring 1999, p. 54-57.

Winston Smith é conselheiro na Christian Counseling and Educational Foundation e professor na área de aconselhamento pastoral no Westminster Theological Seminary em Glenside, Pensilvânia.

mais conservador erram por fazer da identificação do pecado o alvo principal, deixando as pessoas entregues meramente ao esforço de se adequar a um padrão. Crabb argumenta que ambos deixam escapar o lugar crucial da "conexão" no ministério.

De acordo com Crabb, o modelo de Deus para a cura e o crescimento presume o contexto de uma comunidade onde as pessoas estão em conexão umas com as outras, "quando a poderosa vida de Cristo incutida numa pessoa se encontra com a boa vida de Cristo que há na outra" (p.102). O conceito de conexão de Crabb está baseado em seu entendimento de que o pecado nos deixou em um estado de "desconexão". Sem Cristo, estamos desconectados de Deus e uns dos outros, e somos incapazes de satisfazer o "anseio mais profundo em nossa alma": o desejo de estar conectado. Crabb vê este desejo como fundamental na natureza humana, pois somos portadores da imagem do Deus trino que desde a eternidade goza de perfeita "comunhão eterna" consigo mesmo e planejou para que nós igualmente a desfrutássemos. Assim como Deus deleita-se em Si mesmo e em nós, somos chamados a nos deleitarmos em Deus e uns nos outros.

Crabb acredita que nossa identidade em Cristo faz com que este alvo seja atingível. Seu ponto de vista é que embora sejamos ainda pecadores e, portanto, estejamos em um campo de batalha de "impulsos bons e maus", somos fundamentalmente bons porque Deus nos deu uma nova natureza em Cristo. À medida que um cristão ministra à vida de outro, o elemento mais crucial do aconselhamento é o poder de Cristo que está em ação quando uma pessoa se conecta com algo bom de Cristo que há no outro. Devemos ser guiados por uma "visão" entusiasta daquilo que a outra pessoa pode vir a ser à medida que é santificada em Cristo. Quando isso acontece apropriadamente, minimiza-se a necessidade de correção, ou "revelação desconcertante", porque estamos nos dirigindo à pessoa como alguém que verdadeiramente deseja amadurecer em Cristo.

O que há de recomendável no enfoque de Crabb em *Conexão*? Um aspecto que apreciei em *Conexão* é como Crabb procura redefinir o alvo do aconselhamento e os problemas com que o aconselhamento lida. Ele está desapontado com os objetivos da igreja psicologizada e diz: "acabamos elevando os problemas psicológicos e pessoais a uma posição prioritária e, ao fazê-lo, relegamos a batalha pelo bom relacionamento com Deus a uma posição secundária: importante em si e às vezes útil na luta contra os nossos problemas pessoais, mas decerto não a nossa preocupação mais vital e premente" (p. 211). Focalizar "estresse psicológico, feridas emocionais, confusão sexual e autorrejeição" impede-nos de "entrar na verdadeira batalha que se desenrola em nossa alma" (p. 212). Em minha opinião, essa é certamente uma crítica bemvinda, embora Crabb seja igualmente crítico para com aqueles cujo aconselhamento lhe parece "legalista" – categoria na qual ele parece incluir qualquer aconselhamento que de alguma forma lide com o pecado.

Crabb acredita que o relacionamento com Deus está "por trás" de todos os problemas que a terapia procura tratar. Ele está entusiasmado com a verdade de que o alvo de Deus para Seus filhos é conformá-los à imagem de Cristo, uma obra que começa no momento da conversão. Crabb

está começando a pensar mais sobre santificação do que cura psicológica. Ele nos ajuda a lembrar que no ministério de uns para com os outros podemos ficar entusiasmados na certeza de que Deus está operando para produzir bons frutos em Seus filhos. Devemos estar prontos, portanto, para reconhecer e atestar bons frutos em outros e perceber que temos a obrigação de encorajarmo-nos uns aos outros tanto quanto temos a de corrigir o pecado.

Visto que o Espírito de Cristo está operando em nós, segue-se que esta obra deve ser realizada como parte da vida de Seu corpo. Crabb ajuda-nos a lembrar que aquilo que nos qualifica para ministrar uns aos outros é a obra do Espírito em nossas vidas, que se dá por meio das experiências pessoais de provação e crescimento. Nossas lutas bem como as lutas de outros passam a ser oportunidades significativas para um ministério verdadeiro, em lugar de ocasiões para encaminhar aconselhados a alguém que possa tratar de seus problemas "profundos".

Pelo menos três problemas destacam-se em *Conexão*. Primeiro, a antropologia de Crabb baseada em desejos de relacionamento e a doutrina do pecado que disso resulta. Segundo, o que considero um "nivelamento" do primeiro e segundo Grandes Mandamentos. Terceiro, o uso de linguagem mística que confunde a experiência de intimidade com o nosso chamado a amar.

Primeiro, Crabb descreve o problema básico do homem como sendo o fato de estar "desconectado". Descrevendo os efeitos da queda, Crabb diz que "desconectar-se de Deus também não resolveu o problema. Pois isso exige que neguemos tudo em nós que dependa da nossa conexão com Deus. Portanto negamos os desejos mais profundos da nossa alma, desejos de amar um Deus que nos ama, de amar os outros assim como Deus nos ama. Queremos fazê-lo, mas sem Deus não podemos" (p. 115). Aqueles que estão familiarizados com as obras de Crabb sabem que embora ele reconheça certo perigo nos desejos humanos, no fundo ele está comprometido com encontrar neles um aliado. Ou seja, na investigação das motivações básicas do comportamento pecaminoso, Crabb descreve as pessoas como tendo desejos legítimos (destacando os desejos de significado e segurança), mas em busca de satisfazer estes desejos de maneiras pecaminosas. Citando sua obra anterior *De Dentro para Fora*, Crabb escreve que ela "revela que estamos sempre ansiando por algo melhor e constantemente pecando nos nossos esforços para nos manter vivos" (p. 46). De acordo com Crabb, o desejo ou "sede" em si não é o problema; o problema é nossa busca mal orientada de satisfazer nossos anseios independentemente de Cristo. O alvo do aconselhamento, portanto, é orientar as pessoas em direção a Cristo, o Único que pode satisfazer legitimamente seus desejos. A justificação de Crabb para esta antropologia é o seu entendimento da natureza divina. Deus possui uma natureza relacional e Ele nos criou à Sua imagem. Temos, portanto, necessidades relacionais. É esta antropologia que está por trás do uso que Crabb faz de "conexão". A ideia é que por trás de todas as nossas estratégias pecaminosas está um desejo apropriado e inocente de estabelecer relacionamento. Essas pressuposições estão por trás de frases que descrevem as pessoas desconectadas como aquelas que "clamam por aquilo que apenas a comunidade

pode prover" ou por "uma amostra daquilo que seu coração deseja mais profundamente".

Certamente há vários problemas nesta antropologia. Um deles é que ela falha no expor adequadamente a maneira como a Bíblia descreve a natureza do pecado. Biblicamente, pecado não é uma mera busca mal orientada de algo que é bom, mas é inimizade ou aversão para com Deus. O pecado afeta-me não apenas no sentido de que creio em mentiras a respeito de Deus, mas que também estou comprometido em acreditar na mentira mesmo quando ouço a verdade de Deus (Rm 1.18). Crabb descreve o problema de "desconexão" como a nossa crença que "Ele [Deus] não pode ser bom". Inversamente, ele descreve conexão com Deus como a crença de que "Ele é bom". A implicação é que o pecado constitui-se essencialmente em um conceito reduzido da bondade de Deus, uma falha em acreditar que Deus é capaz de satisfazer os nossos desejos. Mas pecado não é apenas um conceito reduzido ou errôneo de Deus; é aversão a Deus. A Bíblia não descreve o homem como alguém que está engajado em uma busca mal orientada, mas como um rebelde cujo verdadeiro desejo é uma vida distante de Deus.

Para ser justo com Crabb, há lugares onde ele dá uma definição precisa de pecado (por exemplo p. 136). Mas embora reconheça que há desejos pecaminosos, ele ainda promove um entendimento fundamental do homem como alguém que quer a coisa certa de modo errado. Ele parece não entender o pecado como uma rebeldia ativa no mais profundo da motivação. O que incomoda particularmente em *Conexão* é que a antropologia de Crabb está agora fortalecida pelo seu entusiasmo com a identidade do crente em Cristo. Considerando que o crente tem um coração regenerado, Crabb está ainda mais inflexível em identificar e validar desejos específicos de relacionamento.

Um efeito prático desta antropologia é que há pouco espaço para arrependimento. Crabb nunca se levanta contra o arrependimento, mas este está visivelmente ausente em seu sistema. Devemos reconhecer os desejos e as estratégias inadequados. Mas nossa tarefa principal, de acordo com Crabb, é reconhecer a bondade de Deus e acolher nossos bons anseios que encontram satisfação nEle. Não deve nos surpreender, portanto, que Crabb faça pouca referência ao pecado em *Conexão* e ainda menos referência ao nosso dever de corrigir uns aos outros em amor. A confrontação amorosa é retratada pelo emprego de eufemismos como "desconcertar as pessoas com a revelação de como elas eram más ou nocivas" ou "quebrantar as pessoas com a revelação do que há de errado" (p.37). Os desejos pecaminosos são chamados de "anseios maus" ou "maldade liberada". As mensagens de conexão são descritas como "eu acredito em você", "você anseia por confiar em Deus", "você está perdoado". Por que arrependimento parece ser uma palavra feia? Por que a palavra pecado é tão cuidadosamente evitada? A Bíblia não reluta em usar a palavra pecado nem Deus reluta em chamar o homem ao arrependimento com graça, amor e firmeza. A novidade de vida em Cristo não diminui a nossa responsabilidade de reconhecer o pecado. Na verdade, o arrependimento deve ser uma de nossas maiores alegrias e privilégios em Cristo. Encorajar mediante o reconhecimento dos frutos bons que Deus está produzindo em uma vida é certamente

parte crucial do ministério, mas enfatizar encorajamento e ao mesmo tempo ignorar nosso dever complementar de corrigir não é melhor do que o contrário.

O segundo grande problema de *Conexão* é o nivelamento dos dois Grandes Mandamentos pelo uso da palavra "conexão". O que estou querendo dizer é que Crabb descreve tanto o nosso relacionamento com Deus como nosso relacionamento uns com outros em termos de conexão. Certamente há muitas semelhanças entre como nos relacionamos com Deus e como o fazemos com outras pessoas. Cristo usou a palavra "amor" para descrever a ambos. Todavia, o fato de que existem um primeiro e um segundo mandamentos nos aponta para a realidade de que há diferenças significativas de prioridade e natureza entre estes relacionamentos. Quando Cristo nos ensina que devemos amar ao Senhor nosso Deus de todo coração, entendimento, alma e força, Ele está nos ordenando que nos relacionemos com Deus de modo exclusivo por definição. Amar a Deus com esta intensidade e compromisso necessariamente faz que os outros relacionamentos passem a ser secundários. É este relacionamento vital e profundo com Deus que me ensina e capacita para amar meu próximo corretamente. Em outras palavras, é minha união vital com Deus que torna possível outros relacionamentos edificantes. Talvez Crabb não fosse discordar daquilo que acabei de dizer, mas o lugar elevado que ele atribui às outras pessoas no processo de conexão comunica que nossa *necessidade* de pessoas e nossa *necessidade* de Deus estão de algum modo niveladas.

Mais uma vez, creio que o problema está diretamente relacionado à antropologia de Crabb. Considere esta afirmação: "A capacidade de dar e receber num relacionamento está bem no centro da personalidade humana, e é essa capacidade ou possibilidade que define o que significa estar vivo na condição de ser humano" (p. 65). Ela pode parecer sedutoramente verdadeira, mas não é. O âmago do ser humano não é uma capacidade básica de se relacionar. Relacionamento por si só é algo muito geral. Nós fomos criados para *adoração*. Embora relacionamento e adoração estejam intimamente ligados, não são a mesma coisa. Se a capacidade de relacionamento está no âmago do meu ser, então um relacionamento com outra pessoa pode igualar de perto o que necessito receber de Deus ou pode até ser considerado indispensável para que eu tenha uma experiência com Deus. Mas se adoração é aquilo de que necessito mais profundamente, então minha necessidade de Deus e de pessoas são de ordem inteiramente diferente. Fundamentalmente e acima de tudo mais, é em Deus que encontro companheirismo, segurança, significado etc. Com frequência, Deus usa instrumentos humanos para me transmitir a Sua graça, mas nunca de modo que eu não tenha outro acesso à Sua graça a não ser por meio de pessoas. Usar "conexão" de modo intercambiável tanto para o relacionamento com Deus como com pessoas, em um contexto onde nossas interações uns com os outros são o foco central, dá a impressão de que a necessidade que temos de pessoas iguala-se de alguma forma à que temos de Deus.

Parece-me que Crabb, sem querer, introduz uma espécie de sacerdócio evangélico – nosso relacionamento com outros na igreja torna-se o canal principal da graça de Deus. Pode parecer algo sutil, mas as

implicações são cruciais. A diferença consiste em se vou amar outros como resultado de minha plenitude em Cristo ou, em lugar disto, olhar para outros como mediadores entre Ele e mim. Em diversos momentos, Crabb destaca que estabelecemos conexão com Deus antes de estabelecermos conexão uns com os outros, mas a força motivadora do livro é o papel crucial que outros têm na conexão. Precisamos ser cuidadosos aqui para que outras pessoas não sejam responsabilizadas pelos nossos fracassos na vida espiritual ("Estou fracassando como cristão porque você não está infundindo Cristo em mim!") ou carreguemos a responsabilidade pelo fracasso de outros ("Eles estão fracassando porque eu não estou infundindo Cristo em suas vidas"). Independentemente de *Conexão*, já ouço com certa frequência aconselhados reagirem indignados a um chamado para amar e ministrar: "Deus não é suficiente. Necessito de outras pessoas". Os meios de graça de Deus são ricos e variados. Meu relacionamento com outros crentes é de tremendo valor para mim, e a Bíblia ensina a mutualidade de "uns aos outros". Mas o valor destes relacionamentos deve ser adequadamente equilibrado com outros meios de graça. Teremos relacionamentos vitais dentro do corpo de Cristo, mas seremos cuidadosos para não operar guiados pela ideia de que podemos experimentar a graça de Cristo apenas quando mediada por instrumentos humanos. Temos o Espírito de Cristo, temos a Palavra de Deus. Mesmo quando outros falham em me amar, o amor de Cristo nunca falha, e Seu propósito para minha vida não depende das ações de outros crentes.

Um terceiro perigo em *Conexão* é a linguagem frequentemente mística ou ligada a experiências. Na introdução, Crabb descreve conexão da seguinte maneira: "A ideia é esta: quando duas pessoas se ligam, quando os seus seres se interceptam como dois corpos no ato sexual, um verte no outro algo que tem poder para curar as feridas mais profundas da alma, restabelecendo-lhes a saúde. Quem recebe vivencia a alegria da cura. Quem dá conhece a alegria ainda maior de ser instrumento de cura. Há algo bom no coração de cada filho de Deus, algo mais poderoso do que tudo o que existe de mau. E esse algo aguarda apenas o momento de ser liberado, de operar o seu prodígio. Mas isso raramente acontece" (p. 11). Este tipo de linguagem é característica do livro. Conexão é algo descrito em termos de uma experiência em que alguma "energia", "substância nutritiva intangível", "algo bom" ou um "recurso de cura" é "liberado" ou "derramado" de uma pessoa para outra. Crabb descreve sua experiência pessoal de momentos poderosos de conexão com seu filho e outros amigos íntimos em horas sombrias de provação. No geral, fica evidente que Crabb atribui esta experiência à atuação do Espírito Santo ou de Cristo no crente. O perigo, todavia, é que aquilo que Crabb está descrevendo é mais do que um simples ato de amor promovido pelo Espírito; ele está descrevendo uma experiência de intimidade. Agir em amor tem frequentemente o efeito de criar intimidade entre pessoas, mas nem sempre. Por exemplo, amar alguém que está agindo como se fosse nosso inimigo, ainda que seja um irmão na fé, é nosso dever. A luta para fazer isto certamente aumentará e expressará nosso crescimento em Cristo. Mas pode não resultar em uma experiência poderosa de intimidade. O maior ato

singular de amor – a cruz de Cristo – não foi uma experiência de intimidade entre Aquele que amou e os que foram amados. Será que a ausência desta experiência significa que algo menos vital do que "conexão" estava acontecendo na cruz? De forma alguma. Eu amo o meu próximo independentemente disto resultar ou não em intimidade entre nós. As descrições vivas de conexão feitas por Crabb colocam perigosamente a experiência de intimidade como alvo, em lugar de centralizar nosso dever, incisivo e geralmente difícil, de amar. Mais uma vez, esta distinção pode parecer insignificante e sutil, mas nela está a diferença entre treinar pessoas para amar e treinar pessoas para buscar uma experiência de intimidade.

Crabb deliberadamente expôs a própria alma neste livro. De fato, ele afirma: "Escrevendo este livro, passo por um período de morte. Já conversei sobre isso com algumas pessoas, abordei a questão em conferências e agora menciono o assunto neste livro" (p. 147). Com isso, penso que ele esteja nos convidando para considerar a relação entre o que aconteceu em sua vida e os conceitos apresentados em *Conexão*. No capítulo 3, "*A Restauração através da Reconexão*", Crabb relata uma história de luta extraída do livro *The Inner Voice of Love: a journey through anguish to freedom* (*A Voz Interior do Amor: uma jornada da angústia para a liberdade*) de Henri Nouwen. Nouwen conta-nos como durante um período de depressão sombria ele foi ajudado por um amigo idoso, um sacerdote, que por vezes apenas "puxava a minha cabeça junto do seu peito e orava por mim sem palavras, mas com um silêncio pleno do Espírito que dissipava meus demônios do desespero e me fazia sair desse abraço com nova vitalidade" (p. 110). Crabb refere-se a este ato várias vezes em *Conexão*, admitindo como, às vezes, ele gostaria de passar pela experiência de ter um ancião simplesmente puxando sua cabeça para junto do peito. Ele descreve vários momentos difíceis de provação e a experiência de conexão com um amigo: "ele ouviu meu choro, imediatamente desligou a televisão, caminhou até onde eu estava e me abraçou, sem dizer nada. Derramei toda a minha dor; ele chorou diante da minha agonia, e orou. Compreendi melhor o que Henri Nouwen sentiu quando Père Thomas puxou a cabeça dele para junto do seu peito" (p. 148).

Isto suscita uma pergunta: "Será que o entendimento que Crabb tem da necessidade de relacionamento entre as pessoas e o seu conceito de conexão derivam primariamente de sua experiência de desejar intimidade com outros?" Somente Crabb pode nos responder, mas creio que seja correto fazer esta pergunta. Ele descreveu com linguagem expressiva alguns aspectos do amor bíblico e da amizade, mas parece ter deixado de lado outros ingredientes cruciais ensinados e modelados na Bíblia.

Resumindo, alegro-me que Crabb esteja entre aqueles que acreditam que o aconselhamento deve ser restaurado como ministério da igreja, mas só quero que ele deixe de fora sua teologia das necessidades interpessoais.